

ESCOLA DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO EM HISTÓRIA

ANDRELISE GAUTERIO SANTORUM

**FASCISMO À BRASILEIRA: JUVENTUDE E IMPRENSA COMO INSTRUMENTOS DE
DOCTRINAÇÃO DA AÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA (1932-1937)**

Porto Alegre

2018

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

ANDRELISE GAUTERIO SANTORUM

**FASCISMO À BRASILEIRA:
JUVENTUDE E IMPRENSA COMO INSTRUMENTOS DE DOUTRINAÇÃO DA
AÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA (1932-1937)**

Porto Alegre
2018

ANDRELISE GAUTERIO SANTORUM

**FASCISMO À BRASILEIRA:
JUVENTUDE E IMPRENSA COMO INSTRUMENTOS DE DOUTRINAÇÃO DA
AÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA (1932-1937)**

Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do título de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em História da Escola de Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Leandro Pereira Gonçalves

Porto Alegre
2018

Ficha Catalográfica

S237f Santorum, Andrelise Gauterio

Fascismo à Brasileira : Juventude e Imprensa como Instrumentos de Doutrinação da Ação Integralista Brasileira (1932-1937) / Andrelise Gauterio Santorum . – 2018.

218 f.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História, PUCRS.

Orientador: Prof. Dr. Leandro Pereira Gonçalves.

1. Juventude. 2. Fascismo. 3. Integralismo. 4. Juventude Integralista. I. Gonçalves, Leandro Pereira. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da PUCRS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Bibliotecário responsável: Marcelo Votto Teixeira CRB-10/1974

ANDRELISE GAUTERIO SANTORUM

**FASCISMO À BRASILEIRA:
JUVENTUDE E IMPRENSA COMO INSTRUMENTOS DE DOCTRINAÇÃO DA
AÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA (1932-1937)**

Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do título de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em História da Escola de Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovada em: _____ de _____ de 2018.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Leandro Pereira Gonçalves – PUCRS (orientador)

Profa. Dra. Renata Duarte Simões – UFES

Prof. Dr. René Ernaini Gertz – PUCRS

Porto Alegre
2018

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pela bolsa concedida durante todo o período de realização deste mestrado. Este auxílio deteve um papel crucial para a realização do presente trabalho dentro dos prazos pré-estabelecidos pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

À Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e ao Programa de Pós-Graduação em História desta instituição pelo apoio e incentivo concedidos a esta pesquisa e pela excelente estrutura interna oferecida aos alunos-pesquisadores que contribuiu significativamente para o sucesso desta investigação.

Agradeço também ao Espaço de Documentação e Memória Cultural da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (DELFOS/PUCRS) que através de seu Acervo Documental Ação Integralista Brasileira/Partido de Representação Popular (AIB/PRP-DELFOS-PUCRS), fundo que representa um dos dois mais relevantes centros de documentação sobre a temática integralista no país, auxiliou de forma expressiva esta pesquisa, considerando-se que a grande maioria de fontes analisadas nesta investigação estão disponíveis neste acervo.

Ao meu orientador e, atualmente, também grande amigo, Prof. Dr. Leandro Pereira Gonçalves por todos estes anos de parceria pessoal e profissional que detiveram um papel fundamental para a realização deste mestrado. Agradeço imensamente por todo o apoio e incentivo a realização deste trabalho; pelo especial cuidado e paciência dedicados ao meu aperfeiçoamento enquanto pesquisadora; por todos os conselhos e ensinamentos transmitidos não só sobre a temática do integralismo mas também sobre a vida na academia; pela constante presença e disponibilidade em acompanhar de forma tão atenciosa cada passo do processo de elaboração desta pesquisa, mesmo durante os seus períodos de descanso. Por fim, agradeço de forma muito especial por toda a confiança depositada na minha capacidade intelectual desde a realização de nossa primeira reunião e por toda a fé que desde o início demonstrou ter sobre o sucesso deste trabalho. Mesmo que nosso vínculo profissional se encerre após a defesa desta dissertação, seguirei minha trajetória na certeza de que a amizade e a relação de confiança mútua construída durante estes dois anos, continuará. Obrigada de coração, por tudo!

Aos demais professores do Programa de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul pelo auxílio na minha formação, em especial aos professores doutores Luis Carlos dos Passos Martins, Marçal de Menezes Paredes, Ruth Maria Chitto Gauer e Luciana Murari.

Deixo aqui um agradecimento muito especial também aos membros da banca de defesa desta dissertação, os professores René Gertz e Renata Simões, por aceitarem participar de um momento tão crucial e significativo para esta pesquisa. Obrigada por todas as sugestões e contribuições em prol do enriquecimento do trabalho. Foi uma grande honra poder contar com dois grandes especialistas no tema no momento da banca.

Aos meus pais, André e Heloisa, por toda a dedicação, atenção, amor e cuidado dedicados a minha formação enquanto pessoa. Obrigada por sempre incentivarem em mim o gosto pelos estudos, por me instigarem a sempre querer mais, por renovarem a cada dia as minhas esperanças na minha própria capacidade e na bondade que ainda existe no mundo. Agradeço com todo o meu amor por todas as energias e orações, por todos os valores transmitidos, por todas as vibrações em cada uma das minhas vitórias e também por toda a força e encorajamento nos momentos de derrota. Devo a vocês a pessoa e, em consequência, a profissional que hoje me tornei. Vocês são o meu porto seguro! Amo vocês!

Obrigada também aos demais familiares, principalmente pela compreensão em relação a minha ausência que por muitas vezes se fez necessária em eventos familiares e datas comemorativas. Agradeço por toda a torcida, apoio e carinho de sempre. O apoio, amor e energia de vocês fazem toda a diferença na minha trajetória.

Ao meu grande amor, melhor amigo e parceiro de vida e de arte, Jéber Costa, por toda a paciência, cuidado, dedicação e carinho demonstrados ao longo destes dois anos de mestrado. Obrigada por dividir lado a lado todo o peso de um processo de escrita como este com tanto amor, incentivo, leveza e bom-humor; por acreditar e torcer pelo meu sucesso de forma tão verdadeira; pelo apoio em todas as minhas escolhas e decisões e, acima de tudo, por me fazer tão feliz diariamente. Obrigada por acreditar em mim, até mesmo quando eu mesma, por vezes, deixei de acreditar; por ser toda a minha fonte de segurança, sustentação e estabilidade nos momentos em que eu mais necessitei de um ombro amigo. Obrigada por se fazer presente em cada um dos estágios deste trabalho e também por ser o primeiro leitor e ouvinte desta pesquisa. Deixo aqui todo o meu amor e toda a minha gratidão por termos nos escolhido como parceiros de todas as horas. Que possamos continuar traçando novos sonhos e metas lado a lado, fazendo com que nós mesmos e o mundo possamos se tornar ainda melhores. Hoje, sempre e cada vez mais! Eu te amo de todo o meu coração. Obrigada por estar sempre ao meu lado! É uma honra e um prazer enorme poder dividir a vida contigo e eu não teria chegado até aqui sem a tua força e apoio.

À minha filha de coração e de alma, Luna, por me transmitir calma, harmonia e tranquilidade sempre quando necessário. Obrigada por fazer parte do meu cotidiano

energizando a minha vida e o meu ambiente de trabalho de forma tão linda e pura, e pelo seu talento em fazer com que não haja espaço no meu dia a dia para tristeza, desânimo ou mau humor. Obrigada por ser fonte de amor, de cuidado e de cura durante esta trajetória por vezes tão árdua.

À minha segunda família, Cleni Costa, Luiz Ferreira, Patricia Lima e Jefferson Costa, pela cumplicidade e auxílio prestado nos momentos bons e ruins; pelo acolhimento seja em Rio Grande ou em Porto Alegre e pelas orações e boas vibrações sempre emitidas em favor do meu sucesso. Deixo aqui um agradecimento muito especial aos cunhados Jeff e Patia por abrirem as portas de sua casa de forma tão carinhosa e acolhedora nas inúmeras vezes que eu precisei de estadia em Porto Alegre durante a realização deste mestrado. Obrigada pelo apoio, amizade e torcida de sempre. E eu não poderia deixar de agradecer com todo o meu amor a Patricia Lima pela gentileza em se dispor a fazer a revisão de todo este trabalho durante as suas férias de forma tão atenciosa e com uma excelência profissional indescritível. Sem ela o resultado desta dissertação certamente não seria esse! Obrigada! Que possamos brindar, todos juntos, a cada término de ciclo e início de outro. Amo vocês!

À todos os amigos tão queridos que conquistei ao longo da minha trajetória enquanto metranda do PPGH da PUCRS, em especial aos também mestrados Vitória Machado e Gabriel Predebon por toda a amizade e parceria dentro e fora das paredes da academia. Obrigada por toda a troca, torcida e apoio em todas as vezes que eu precisei! Vocês foram fundamentais para que esta trajetória pudesse ocorrer de forma mais leve e mais feliz.

Agradeço de forma muito especial aos melhores amigos que a vida artística pôde me proporcionar, Fabrício Ghomes e Eduardo Lucas. Obrigada por terem acompanhado de forma essencialmente presencial cada fase deste trabalho, torcendo e vibrando ao meu lado em cada uma das minhas vitórias, empenhando-se em não permitir que eu deixasse de acreditar nos meus sonhos mesmo diante dos percalços que por vezes se apresentaram. Obrigada por todas as conversas e confidências trocadas; por todos os momentos de desabafo nas horas em que eu precisei de apoio e, especialmente, por todas as noites de bebidas, risadas e filosofias de vida que muito me auxiliaram quando o cansaço provocado pela escrita trazia à tona a necessidade de descanso. Deixo aqui todo o meu amor e uma imensa gratidão por essa amizade tão verdadeira de vocês!

Por fim, agradeço a todas as pessoas que direta ou indiretamente contribuíram de alguma forma para o êxito deste trabalho. Obrigada por todas as energias emitidas ao longo deste período e por sempre estarem ao meu lado. Ao término desta etapa, posso afirmar com toda a minha certeza que o segredo para o sucesso está justamente no amor, amizade e torcida

transmitidos por todos aqueles que nos são tão queridos, sustentando os nossos passos em direção aos sonhos, metas e objetivos que traçamos.

RESUMO

Objetivando a doutrinação das massas para a posterior atração de um número cada vez maior de adeptos as suas fileiras, a Ação Integralista Brasileira (AIB) organizou uma série de mecanismos que, ao serem analisados, contribuem significativamente para a compreensão da natureza orgânica do movimento de caráter fascista. A presente pesquisa, apoiando-se na imprensa periódica enquanto fonte central de análise, tem a pretensão de investigar um dos específicos segmentos do movimento: a Juventude. Busca compreender sua organização enquanto mais um dos instrumentos de doutrinação do partido que visava, a um só tempo, instituir a juventude integralista, mas também formar os futuros quadros do movimento. Para tanto, à luz da cultura política enquanto referencial teórico para a compreensão de tal abordagem, tem-se como perspectiva a realização de uma análise qualitativa abordando de que forma era feita a instrumentalização deste segmento. O presente estudo pretende analisar o discurso veiculado pela imprensa oficialmente ligada ao integralismo a fim de demonstrar os principais mecanismos utilizados pelo movimento em prol da mobilização da categoria juvenil. Optou-se pela análise de quatro periódicos de grande expressão para o movimento: Os jornais A Offensiva e Monitor Integralista, e as revistas Anauê! e Brasil Feminino; além de uma série de documentos que definiram questões importantes sobre a temática da juventude no movimento. Em relação aos aspectos mais conceituais, a investigação propõe uma reflexão pautada na sociologia da juventude que caracteriza este segmento enquanto uma categoria social que ultrapassa um critério etário sendo definida de acordo com uma série de símbolos e representações ressignificados ao longo da história. Tal concepção de juventude auxilia na compreensão do processo de fascistização da juventude sob uma perspectiva mais ampla.

Palavras-Chave: Juventude. Fascismo. Integralismo. Juventude Integralista.

ABSTRACT

For the purpose of mass indoctrination and gaining followers and supporters, the Ação Integralista Brasileira (AIB) engendered a set of control mechanisms. By the analysis of these mechanisms, it is possible to understand the organic nature of the fascist movement in Brazil. This research aims to investigate youth as one of the specific segments of the fascist movement, based on the periodic press. It seeks to understand how the organization of the youngsters was used as an indoctrination instrument by AIB, with the objective of founding the Integralist Youth and, at the same time, molding the future followers of the movement. In order to do so, this dissertation presents a qualitative analysis by sampling, revealing how youth instrumentalization was done. The theoretical reference selected to support this analysis was the political culture. This research intends to examine the discourse delivered by the official Integralist written press, in order to expose the mobilization mechanisms, used by the movement to engage young people. The investigation will explore four periodicals of great expression for the movement: the newspapers *A Offensiva* and *Monitor Integralista* and the magazines *Anauê!* and *Brasil Feminino*. In addition, a series of documents that marked out important issues about youth in the movement were also examined. Regarding to conceptual aspects, the research proposes a reflection based on the youth sociology: youth is defined beyond age range, but based in symbols and representations, which are redefined throughout history. It provides a broader perspective to comprehend the youth engagement in the fascism lines.

Keywords: Youth. Fascism. Integralism. Integralist Youth.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 – Subdivisões da Juventude Integralista – primeira fase.....	114
Quadro 2 – Subdivisões da Juventude Integralista – segunda fase	116
Figura 1 – Plínio Salgado	161
Figura 2 – A lógica juventude x imprensa.....	164
Figura 3 – Camisas e distintivos da Juventude Integralista.....	168
Figura 4 – A mocidade brasileira salvará a Nação	172
Figura 5 – A infância integralista	174
Figura 6 – Uma família Integralista.....	175
Figura 7 – Para uma raça forte.....	176
Figura 8 – A doutrinação lúdica	186
Figura 9 – Um jovem pliniano.....	190
Figura 10 – As gerações integralistas	194
Figura 11 – Concurso de aviação – plinianos.....	198
Figura 12 – Concurso da boneca e do berço – plinianas	199
Gráfico 1 – Os principais mecanismos de doutrinação da juventude na imprensa integralista entre os anos de 1932 e 1934.....	200
Gráfico 2 – Os principais mecanismos de doutrinação da juventude na imprensa integralista entre os anos de 1935 e 1937.....	200

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 A ERA FASCISTA E AS TENTATIVAS DE INSTITUCIONALIZAÇÃO DAS CATEGORIAS JUVENIS	21
2.1 JUVENTUDE E MODERNIDADE	25
2.2 JUVENTUDE E SÉCULO XX	29
2.3 EDUCAÇÃO E AUTORITARISMO	45
2.4 O PROCESSO DE FASCISTIZAÇÃO DA CATEGORIA JUVENIL.....	49
2.5 FASCISMO BRASILEIRO E JUVENTUDE	61
3 JUVENTUDE INTEGRALISTA: ALVO OU INSTRUMENTO?	75
3.1 A MÍSTICA INTEGRALISTA	76
3.2 A EDUCAÇÃO INTEGRAL	97
3.3 UMA JUVENTUDE ALVO.....	111
3.4 A IMAGEM-SÍMBOLO DO JOVEM	122
3.5 OS MECANISMOS DA DOCTRINAÇÃO.....	124
4 A DOCTRINAÇÃO DO JOVEM ATRAVÉS DA IMPRENSA	130
4.1 A IMPRENSA INTEGRALISTA	134
4.2 JUVENTUDE E IMPRENSA	156
4.3 A DOCTRINAÇÃO DA JUVENTUDE ATRAVÉS DA IMPRENSA INTEGRALISTA.....	164
4.3.1 Juventude e imprensa – a primeira fase (1932 a 1934).....	165
4.3.2 Juventude e imprensa – a segunda fase (1935 a 1937).....	177
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	202
REFERÊNCIAS	206
FONTES DOCUMENTAIS	206
FONTES PERIÓDICAS	206
OBRAS INTEGRALISTAS	206
BIBLIOGRAFIA	208

1 INTRODUÇÃO

Agente revitalizador ou ameaça a ser conquistada? Categoria subversiva que incita a revolução ou classe vulnerável a toda e qualquer tipologia de corrupção social? Conjunto de indivíduos submissos a uma constante proteção das instituições estatais ou a um necessário controle e enquadramento regido pela família, igreja, exército, escola ou Estado? A prova de colapso do ocidente ou a única representação esperançosa da possibilidade de um futuro promissor para as nações? Longe de ser uma concepção única e imutável o conceito de jovem foi construído socialmente através de um processo caracterizado por uma série de definições e de abandonos. Paulatinamente, conforme a história não cessa em nos mostrar, a juventude legitima-se enquanto uma categoria social real que consiste, basicamente, em uma fase de transição que leva o indivíduo da infância até a maturidade.

Integrando o conjunto de conceituações fabricadas pela modernidade, as várias noções possíveis que estabelecem definições para o que é ser jovem e o que isso representa em uma dada sociedade, trazem à tona a ideia de que a juventude, definida não só por critérios meramente etários, mas, sobretudo por características emocionais e sociais, seria, basicamente, uma “concepção, representação ou criação simbólica, fabricada pelos grupos sociais ou pelos próprios indivíduos tidos como jovens, para significar uma série de comportamentos e atitudes a ela atribuídos”.¹ Muito mais do que um simples conceito, a ideia de juventude caracteriza-se como um dos principais fundamentos da modernidade e a existência de uma “multiplicidade quase que incontrolável de juventudes é um sinal de que este fundamento, assim como outros fundamentos da modernidade, possui suas contradições”.²

Introduzindo o trabalho que se segue a partir de dois pressupostos fundamentais – o de que a modernidade criou e recria constantemente a própria possibilidade da juventude e da existência inegável de uma “pluralidade de juventudes”³ – torna-se possível compreendermos que ao abordarmos o constructo social juventude, independentemente do contexto histórico em que ela se insere, estamos falando de pessoas, de coletividades e, mais do que tudo, de significados em constante disputa simbólica por legitimidade.

¹ GROppo, Luís Antonio. **Juventude**: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000. p. 07-08.

² *Ibid.*, p. 18.

³ REZENDE, Claudia Barcellos. Identidade: o que é ser jovem? **Revista Tempo e Presença**, n. 240, ano 11, 1989. p. 05.

Sendo a fase de transição que marca o processo não só de maturação social como também de ingresso do indivíduo, pela primeira vez, na esfera pública, as mais diferentes noções atribuídas a categoria juvenil passam, pouco a pouco, a compartilhar a ideia de que a juventude consiste no período em que o jovem torna-se indivíduo em sua totalidade, levando-se em consideração o fato de que, é nesta fase que ele “é exposto a grupos e instituições outras que não a família [...] entrando em contato, portanto, com visões de mundo e definições da realidade diferentes”.⁴

De acordo com esta concepção, desenvolvida posteriormente pela chamada *sociologia do conhecimento*, a juventude seria a fase em que o indivíduo jovem definiria a sua própria identidade enquanto ser social. Mesmo antes de sua moderna categorização mas especialmente a partir dela, a juventude passa a constituir-se, então, enquanto objeto de disputa em todas as sociedades⁵ interessadas na possibilidade de moldagem de identidades a serviço de seus interesses.

A partir desta concepção surge a ideia de que qualquer proposta de transformação social que pretenda atingir resultados satisfatórios precisaria ter como enfoque primordial a preparação das futuras gerações, pois, conforme afirmaria mais tarde Plínio Salgado, líder da Ação Integralista Brasileira (AIB), se o homem é o que a criança foi, é preciso preparar na criança o homem de amanhã e, em consequência disso, o modelo de sociedade almejada. Foi neste sentido que, mais precisamente a partir dos últimos estágios da Revolução Industrial, inaugurava-se o início de um processo de controle e cerceamento da juventude por meio das mais diferentes instâncias de socialização do indivíduo: a família, a escola, a igreja, o meio médico e, a partir de então, também a política.

A juventude, a partir de então, passou a receber um cuidado bastante específico do Estado. Neste contexto, destaca-se que a educação acabou sendo deslocada para o centro dos debates políticos passando a ser entendida como método moderno mais eficaz “de influenciar o comportamento humano de maneira que este se enquadre nos padrões vigentes da interação e organização sociais”.⁶

Ora entendida como agente revitalizador da modernidade, fonte orgânica de energia transformadora e revolucionária; ora tida enquanto categoria naturalmente apta a desordem, a

⁴ REZENDE, Claudia Barcellos. Identidade: o que é ser jovem? **Revista Tempo e Presença**, n. 240, ano 11, 1989. p. 04.

⁵ BOURDIEU, Pierre. A “juventude” é apenas uma palavra In: BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. p. 112-121. p. 112.

⁶ MANNHEIM, Karl. Funções das gerações novas. In: PEREIRA, Luiz; FORACCHI, Marialice M. (Orgs.). **Educação e sociedade. Leituras de sociologia da educação**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1978. p. 89.

destruição e a delinquência, ou seja, enquanto ameaça social a ser suprimida, a ideia que legitimava-se pouco a pouco era a de que, de qualquer forma, seria necessária uma urgente “intervenção da modernidade na vida da criança e do jovem”.⁷ Assim, diversos grupos das mais variadas vertentes políticas passaram a tentar, através de diferentes mecanismos, mobilizar as categorias juvenis a seu favor, elegendo-a, muito frequentemente, “como um dos pontos de partida para a moldagem da sua sociedade ideal do futuro”.⁸

Iniciava-se assim um intenso processo de institucionalização da juventude que, não por acaso, atingira o seu ápice no século XX, mais especificamente a partir da Primeira Grande Guerra. Concomitantemente com o surgimento da chamada *juventude politicamente radical*, composta por uma nova geração de jovens caracterizados pela tendência em desenvolver simpatias por partidos ou grupos situados nos extremos do mapa político⁹, passara a ter destaque no recrutamento e controle de jovens uma sucessão de agremiações direitistas, conservadoras e/ou de cunho autoritário que passaram a desenvolver políticas específicas voltadas a mobilização e a doutrinação de indivíduos jovens a serviço de suas aspirações.

Dentre elas, os que obtiveram maior expressão, tanto na Europa quanto no Brasil, foram os movimentos ou partidos políticos de caráter fascista que colocaram a juventude como alvo principal de sua política doutrinária, visando construir, através da realização de uma intensa obra de educação das parcelas juvenis, o *Novo Homem Fascista*. Este formaria uma nova massa de indivíduos estrategicamente plasmados de acordo com as noções fascistas de homem e de mulher ideal para o Estado-Nação.

O surgimento do *fenômeno fascista* marcou o mundo ocidental constituindo-se enquanto única instância reguladora do cenário de caos instaurado no ocidente após o término da primeira guerra. O período de 1918 até 1945, caracterizado na historiografia como a *era fascista*, foi fortemente marcado, assim, pelo surgimento de um conjunto de movimentos e/ou regimes de caráter fascista que cresciam e aos poucos legitimavam-se politicamente pelos quatro cantos do ocidente. Embora tenha emergido algumas vezes sob disfarces, “o fascismo, como forma exacerbada de nacionalismo autocentralizado, predominou em quase toda parte”¹⁰ tomando múltiplas e variadas formas.

⁷ GROppo, Luís Antonio. **Juventude**: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000. p. 59-60.

⁸ *Ibid.*, p. 204-205.

⁹ FERREIRA, Vitor Sérgio. O “jovem radical” contemporâneo: novos sentidos de um qualificativo juvenil. **Crítica e Sociedade: Revista de Cultura Política**, v. 1, n. 2, jan./jun. 2011, p. 107-127. p. 108.

¹⁰ KOHN, Hans. **A era do nacionalismo**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1963. p. 38.

Constituindo-se como um novo comportamento político marcado por uma preocupação obsessiva com a ideia de colapso das nações, o fenômeno fascista e os movimentos que dele advinham visavam, em suma, a regeneração nacional. Muito embora suas políticas fossem adaptadas a cada contexto em que se inseriam, algumas questões essencialmente fascistas perpassavam a lógica destes movimentos como um todo. A concepção de uma necessária *fascistização* da categoria juvenil destaca-se de forma significativa neste contexto, acabando por caracterizar grande parte destes fascismos que empenharam-se no sentido de arquitetar um conjunto de mecanismos doutrinários voltados especificamente para a arregimentação juvenil.

Assim como na Europa obtiveram destaque na tentativa de controle e regulamentação da categoria juvenil países como Itália, através da Juventude Fascista; Alemanha, com a Juventude Hitlerista e ainda Portugal, no contexto do Estado Novo de Salazar, com a Mocidade Portuguesa, no Brasil a Ação Integralista Brasileira, movimento político de orientação fascista surgido em 1932, alcançara uma significativa expressividade em relação a mobilização das parcelas juvenis.

A nova ambiência intelectual instaurada no Brasil do após-guerra, marcada pela emergência de um nacionalismo de tom cada vez mais extremista, caracterizou-se pelo surgimento de um entusiasmo em torno da questão educacional nunca antes visto. Foi neste contexto que a sociedade brasileira assistiu a irrupção de uma série de novos discursos propagados fundamentalmente pela elite intelectual denunciando uma profunda preocupação com o futuro da realidade brasileira. Assim, apesar de o novo clima de agitação ideológica caracterizar-se por um pluralismo bastante singular, no geral todas as parcelas da intelectualidade compartilhavam de uma mesma concepção: a ideia de que uma educação de cunho patriótico e também autoritário seria a chave para aspiração nacional. “Era preciso “republicanizar a República” e a educação foi novamente apontada como a solução destes e de todos os males do país”.¹¹

Inserido na recém inaugurada cultura política autoritária que regia a intelectualidade brasileira do período, o conjunto dos métodos educacionais que emergia especialmente nas décadas de 1920 e 1930 passara a ser visto enquanto ponto de partida para a construção de uma nova geração de homens modelados pacientemente a partir da concepção de cidadão-soldado. Ao passo que a educação adquiria uma centralidade política e intelectual, o jovem

¹¹ SOUZA, Rosa Fátima de. A militarização da infância: expressões do nacionalismo na cultura brasileira. *Cadernos Cedes*, ano XX, n. 52, p. 104-121, nov. 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v20n52/a08v2052.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2017. p. 109-110.

passava a ser cada vez mais entendido enquanto objeto a ser mobilizado. Foi justamente neste contexto cada vez mais simpático à ideia de educação cívico-militar que surgira o movimento integralista, elegendo justamente a educação e a aculturação das massas brasileiras, e fundamentalmente das parcelas juvenis, enquanto essência de sua doutrina.

Como resultado da cristalização de uma série de novas concepções de cunho autoritário legitimadas pela intelectualidade brasileira da década de 1930, surgira a Ação Integralista Brasileira (AIB) em 1932 através da publicação do primeiro documento oficialmente integralista, o *Manifesto de Outubro*, lido em uma reunião solene no Teatro Municipal de São Paulo no dia 07 de outubro de 1932. Permanecendo em voga no Brasil de 1932 até a instauração da ditadura estado-novista em 1937, o movimento idealizado pelo escritor e jornalista Plínio Salgado, intelectual modernista que defendera ferrenhamente em sua trajetória a necessidade da realização de uma urgente e grandiosa obra de reforma educacional, caracteriza-se enquanto primeiro movimento político de massas com implantação em todo o território brasileiro.

Afirmando-se inicialmente enquanto movimento cívico-cultural e não enquanto partido político, o integralismo visava, basicamente, a instauração de um *Estado Integral* no Brasil que seria alcançado, nota-se, apenas através da realização de uma *Revolução Cultural e Espiritual* regida pela trilogia *Deus, Pátria e Família*. De acordo com a lógica salvacionista difundida pelo integralismo, construída a partir da elaboração da imagem de um Brasil em colapso, a única possibilidade que restauraria a ordem nacional seria a irrupção de um novo mundo espiritualista, onde toda a corrupção materialista seria suprimida e os homens passariam a ser guiados por princípios morais, cívicos e espirituais.

Sendo uma revolução de ideias e não de armas, a Revolução Integralista consistia no apaziguamento da crise através do progresso intelectual, espiritual e moral do indivíduo, considerando-se que de acordo com a concepção providencial de vida defendida pela AIB a grande missão do homem na terra seria a de aperfeiçoar continuamente as suas virtudes de modo que fosse possível a instauração da harmonia social e da solidariedade humana. Esta concepção de revolução na medida em que elege a ordem, a família, a pátria, e Deus enquanto bastiões salvacionistas evoca a força do simbolismo da sacralidade, questão bastante característica da própria mística fascista, atribuindo ao integralismo um patamar de única solução possível para os problemas nacionais.

Operando todo o seu discurso a partir de uma concepção maniqueísta de mundo, o movimento integralista crê na ideia de que as sociedades constituem-se a partir da existência de uma luta simbólica entre duas não só diferentes como também opostas visões de mundo, o

materialismo e o espiritualismo. Neste sentido, a doutrina integralista pregava que uma nova época teria sido inaugurada no mundo: uma época que, tendo sido dominada pelo materialismo, teria promovido a corrupção e o colapso dos pilares mais sagrados da sociedade: a cristandade, a família, a harmonia, o amor pela pátria, além de todos os valores morais que guiam as nações determinando as ideias de certo e de errado. De acordo com o líder integralista, a sociedade brasileira estaria apodrecendo rumo a sua completa ruína em que prevaleceria “a confusão desmoralizadora dos costumes”¹² e predominância de todos os fatores responsáveis pela “desagregação humana (o orgulho, a vaidade, a rebelião, a indisciplina)”¹³.

Diante deste cenário, no Brasil, assim como ocorrera na Europa, o fascismo brasileiro afirmava-se enquanto única instância reguladora do caos. Legitimando o seu discurso a partir da alteridade integralismo *versus* inimigos da pátria – todos os representantes do materialismo: o liberalismo, o capitalismo internacional, as sociedades secretas e, em especial, o comunismo – a AIB apresentava-se como diferente dos demais partidos políticos da época, que visavam apenas a aspiração ao poder e a manipulação da sociedade em prol da conquista de seus interesses.

Em uma direção oposta, o integralismo seria um movimento cultural transcendente que, sendo guiado por uma intelectualidade dotada das mais superiores características morais e intelectuais, cujo povo brasileiro seria desprovido, teria objetivos e preocupações mais nobres. Dentre elas, a principal seria a defesa de uma obra essencialmente doutrinária de educação e aculturação das massas. Este seria o caminho para a Revolução Espiritual e para a posterior instalação de um pretendido Estado Integral no Brasil. Dessa forma, a construção da ideia de um necessário renascimento espiritual surgia como par antitético da imagem de uma avassaladora crise materialista.

Por meio de um notável esforço no sentido de demonstrar uma real preocupação do movimento para com o futuro da pátria, a proposta integralista era a de uma Educação Integral para um Homem Integral. Era preciso reeducar as parcelas sociais moralmente, intelectualmente, fisicamente, espiritualmente e civicamente promovendo uma harmonia completa entre corpo e espírito. Todavia, diante da denúncia de corrupção materialista que atingira especialmente as antigas gerações da sociedade, o enfoque primordial da obra educacional integralista deveria ser a juventude. Sendo a única parcela de esperança na instauração de uma nova era no Brasil, as futuras gerações, ainda não corrompidas pelos

¹² SALGADO, Plínio. **O que é o integralismo**. Rio de Janeiro: Schmidt, 1933. p. 23-24.

¹³ TRINDADE, Helgio. **Integralismo: o fascismo brasileiro da década de 30**. São Paulo: Difel, 1974. p. 211.

vícios do materialismo e do liberalismo, seriam assim, educadas dentro dos princípios integralistas para que futuramente estes jovens estivessem aptos a servir o integralismo e, por consequência, a pátria brasileira de uma forma redentora.

Dando continuidade a lógica fascista de culto a juventude, concebida neste sentido a partir da imagem de jovem forte, enérgico, viril e patriótico, detentor de uma orgânica energia revolucionária, o integralismo estabeleceu toda uma prática discursiva que tinha como enfoque as categorias juvenis. Ora tida como público-alvo ora utilizada enquanto instrumento da doutrinação integralista, a juventude e toda a representação imaginária que ela carrega detiveram um papel protagonista na estrutura interna do integralismo.

Segundo o chefe nacional do integralismo, responsável pela concepção de toda a doutrina do movimento, o integralismo não acreditaria em resultados repentinos mas sim na arquitetura de um plano teórico e prático que deveria ser pacientemente desenvolvido a longo prazo. Para que a Educação Integral e, através dela, a Revolução Espiritual promovida pela AIB obtivesse êxito, no entanto, seriam necessários anos e anos de intensa doutrinação das massas brasileiras.

Apesar de nunca alcançar o seu objetivo político, o de alcançar o poder para instaurar um Estado Integral no Brasil, o integralismo possuía uma estrutura essencialmente estatal que detinha de uma milícia armada, secretarias administrativas, símbolos, rituais, uma imprensa oficial além de toda uma sistematização interna que seguia os preceitos de ordem e de hierarquia. Partindo-se deste pressuposto, destaca-se que, defendendo logo no início de sua instauração legal a necessidade supostamente urgente em dar início a obra de aculturação das massas, o movimento constituiu-se paulatinamente enquanto partido político ao mesmo tempo que operacionalizava um conjunto de mecanismos doutrinários em prol da mobilização da juventude. Dentre eles, obteve destaque o uso instrumental da imprensa oficialmente ligada ao movimento.

No seio do integralismo, a imprensa periódica caracteriza-se enquanto principal arma política do partido. Concebida como um dos mais importantes instrumentos modernos de formação e de controle social, a rede de jornais e revistas editadas pelo integralismo foram amplamente utilizadas com objetivos explicitamente doutrinários. Sendo uma das principais heranças cristalizadas por Plínio Salgado desde a sua atuação, ainda na década de 1920, como jornalista até o estabelecimento estrutural da AIB, a concepção de que a tática da conquista de corações e mentes através da imprensa teria muito mais êxito do que a utilização da violência e da coerção acompanhou todo o processo de surgimento, estabelecimento, ápice e declínio do integralismo no contexto brasileiro de 1930, marcando, assim, o próprio ciclo de vida do

partido. Constituído-se como *campo de produção ideológica*, a imprensa integralista caracterizou-se, assim, enquanto primordial espaço de luta pela conquista de legitimidade política, social e intelectual.

Apesar de ter obtido o seu registro como partido político em 1935, a historiografia sobre o tema demonstra que a transição da AIB de movimento a partido deu-se de forma lenta e gradual ao longo dos anos em que o integralismo manteve-se na legalidade. A história da Ação Integralista Brasileira, assim como a de sua imprensa doutrinária, pode ser dividida em duas fases distintas, sendo a primeira, de 1932 a 1934, marcada pelo viés mais doutrinário do movimento; e a segunda, de 1935 a 1937, caracterizada por um discurso de cunho claramente eleitoral, visando a candidatura de Plínio Salgado as eleições presidenciais que ocorreriam em 1938, frustradas, entretanto, pelo golpe do Estado Novo.

Especialmente no pós-1935, a partir de uma reestruturação interna do movimento, ocasião em que a imprensa fora expandida e em que os antigos departamentos integralistas foram substituídos por novas secretarias, a centralidade da temática juvenil no discurso do partido adquire uma expressividade ainda maior. Neste contexto, é criada a *Secretaria de Arregimentação Feminina e da Juventude*¹⁴, responsável pela coordenação do *Departamento da Juventude*, além de um novo periódico integralista de discurso mais informal que detinha a juventude como um dos alvos principais de sua ação doutrinária. Arquitetava-se, assim, um plano de ação estrategicamente mais elaborado e sistemático no objetivo de atrair categorias sociais até então não atingidas pelo partido como mulheres, operários, camadas populares e, em especial, parcelas juvenis.

A fim de compreender de forma mais clara o conjunto de mecanismos doutrinários instrumentalizados pela imprensa integralista visando a arregimentação de crianças e jovens brasileiros, a presente pesquisa visa realizar uma *análise qualitativa* de quatro dos principais periódicos integralistas: os jornais *Monitor Integralista* e *A Offensiva*, e as revistas *Anauê!* e *Brasil Feminino*, cujos conteúdos foram selecionados a partir de um critério previamente estabelecido que deteve-se a selecionar criteriosamente as fontes que melhor responderiam a problemática desta pesquisa de modo que fosse possível demonstrar ao nosso leitor as diferentes estratégias adotadas pelo integralista em prol da doutrinação da juventude bem

¹⁴ Alguns textos integralistas publicados amplamente na imprensa oficial do movimento, em especial nos periódicos *Monitor Integralista* e *A Offensiva*, referem-se à secretaria como “Secretaria Nacional de Arregimentação Feminina e dos Plinianos”. Têm-se enquanto hipótese que tal nomenclatura era utilizada pelo fato de os jovens inscritos nas fileiras do sigma serem denominados de “Plinianos”. Todavia, a presente pesquisa optou pela utilização da nomenclatura “Secretaria Nacional de Arregimentação Feminina e da Juventude” tendo em vista que o regulamento de fundação da secretaria, documento emitido oficialmente pelo partido em 10 de Agosto de 1936 e assinado por Irene de Freitas Rodrigues, diretora da Secretaria, e pelo próprio chefe nacional, Plínio Salgado, utilizam o termo “Juventude” na titulação deste segmento, e não Plinianos.

como apontar as inúmeras possibilidades de instrumentalização da categoria juvenil através da propaganda integralista. Para além da imprensa integralista, a presente pesquisa utiliza também de um arcabouço significativamente amplo de documentos oficialmente emitidos pelo integralismo em seu período de existência legal, objetivando a realização de uma análise qualitativa mais profunda não só sobre a organização juvenil integralista mas também sobre a própria estrutura interna do movimento¹⁵.

Em suma, tem-se enquanto objetivo investigar a organização juvenil, a luz do referencial teórico da cultura política, na estrutura interna do movimento integralista, através da análise de documentos oficiais, mas principalmente através de periódicos oficialmente vinculados a AIB, buscando compreender tanto a prática de doutrinação da juventude por meio da imprensa e para além dela bem como a estratégia de institucionalização da categoria juvenil como mais uma das imagens-símbolo do movimento instrumentalizadas a serviço da propaganda integralista.

Para tanto, estruturou-se o presente estudo da seguinte forma: o capítulo, intitulado “A Era Fascista e as Tentativas de Institucionalização das Categorias Juvenis” visa contextualizar o leitor acerca do conjunto de fatores motivacionais que teriam levado a juventude brasileira da década de 1930 a constituir-se enquanto geração politicamente radical, tendo-se enquanto hipótese que o discurso integralista foi significado enquanto representativo das parcelas juvenis. Inserindo o processo de institucionalização da juventude em um cenário tanto mais

¹⁵ Os jornais e documentos analisados na pesquisa estão localizados em dois arquivos de fundamental importância para a temática. O primeiro deles, onde encontra-se a maior parte da documentação utilizada enquanto fonte desta pesquisa, é o acervo AIB/PRP que integra o Espaço de Documentação e Memória Cultural da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (DELFO/PUCRS), localizado em Porto Alegre – RS, no interior da biblioteca da PUCRS. Representando um dos dois maiores e mais relevantes centros de documentação sobre a temática integralista no Brasil, o acervo AIB/PRP abriga a maior documentação referente à trajetória do integralismo antes e após a Segunda Guerra Mundial (CHRISTOFOLETTI, Rodrigo. Breves comentários sobre a historiografia do integralismo no pós-guerra e o cinquentenário da publicação da Enciclopédia do Integralismo. In: SILVA, Giselda Brito; GONÇALVES, Leandro Pereira; PARADA, Mauricio B. Alvarez (Orgs.). *Histórias da política autoritária: integralismos, nacional-sindicalismos, nazismo, fascismos*. Recife: Editora da UFRPE, 2010), contando com um somatório de aproximadamente 100 mil documentos ao total. Além de contar com uma coleção bastante completa e diversificada de livros, fotografias, obras integralistas, documentos oficiais, correspondências, folhetos e panfletos eleitorais, o acervo também salvaguarda alguns dos principais periódicos integralistas, como o jornal *Monitor Integralista* e as revistas *Anauê!* e *Brasil Feminino*, contando também com um acervo significativamente rico de objetos tridimensionais como bandeiras e uniformes integralistas (GONÇALVES, Leandro Pereira. A trajetória dos papéis da direita do Rio Grande do Sul: de associação cívico-cultural minuíano a acervo AIB/PRP (DELFO/PUCRS) In: NASCIMENTO, José Antonio Moraes do (Org.). *Centros de Documentação e Arquivos: acervos, experiências e formação*. São Leopoldo: Oikos, 2016). Além disso, alguns documentos integralistas significativamente relevantes para este trabalho, como os regulamentos da Secretaria Nacional de Arregimentação Feminina e da Juventude e do Departamento da Juventude, por exemplo, encontram-se no Arquivo Público e Histórico de Rio Claro, situado em São Paulo – SP, que através do Fundo Plínio Salgado apresenta aos pesquisadores sobre o tema um acervo bastante extenso composto por correspondências, livros, obras e publicações integralistas, documentos e atas oficiais, manifestos, regulamentos, fotografias e periódicos. (<http://aphrioclaro.sp.gov.br/fundos-e-colecoes/#fundo7>).

amplo quanto mais complexo, o da fascistização das categorias juvenis, o capítulo que dá início a esta análise se atém a apresentar ao público leitor a que juventude estaríamos aqui nos referindo quando falamos de jovem brasileiro no contexto do século XX para que, a partir disso, torne-se possível a compreensão dos motivos que levaram a juventude a ocupar, especialmente nas décadas de 1920 e 1930, o centro dos debates políticos e/ou educacionais da Europa ao Brasil.

Já no capítulo *Juventude Integralista: Alvo ou Instrumento?*, damos início a análise mais específica da Ação Integralista Brasileira e da intrínseca relação estabelecida entre o discurso do movimento e a juventude brasileira do período, através da análise interpretativa de uma série de obras integralistas escritas, em sua maioria, por Plínio Salgado. Neste segundo momento de nossa análise, apresentaremos os preceitos fundamentais da mística integralista e das concepções de Revolução Espiritual e de Educação Integral para, a partir disso, compreendermos de forma mais clara a própria concepção integralista acerca de juventude, as formas de doutrinação e/ou de instrumentalização desta categoria na teoria integralista e o papel relegado as parcelas juvenis na estrutura interna do movimento integralista.

Tendo-se compreendido as questões mais contextuais, fundamentais para o embasamento da leitura deste trabalho, o último capítulo da presente análise visa, por fim, analisar os principais periódicos integralistas e a porcentagem de discurso que cada um deles destinava a juventude nas duas fases de vida do movimento, antes e depois de 1935. A partir de uma apresentação mais detalhada em relação ao entendimento da AIB acerca de imprensa a serviço do Estado, buscamos contextualizar os periódicos selecionados para esta análise na estrutura da Sigma – Jornais Reunidos, a rede composta por mais de 100 jornais e revistas oficialmente integralistas para, então, partirmos para a análise essencialmente empírica apresentando ao leitor os principais mecanismos doutrinários do movimento integralista para com a juventude. Visa-se, assim, compreender através de quais dispositivos jornalísticos a juventude era arregimentada/instrumentalizada em cada um destes periódicos primeiramente na fase doutrinária da AIB e, em um segundo momento, na fase eleitoral do movimento, período em que a pretensão destes periódicos passou a ser a de recuperar as parcelas juvenis da sociedade “não nos prélios sangrentos das quarteladas, mas nos comícios pacíficos das urnas”.¹⁶

¹⁶ DELAMARE, Alcebíades. **Aos moços universitários**. Sessão solene do dia 6 de maio de 1937. p. 67.

A luz dos referenciais teórico-metodológicos da cultura política, da análise de conteúdo, e da sociologia da juventude apresentaremos um trabalho que, ao partir da definição de jovem enquanto categoria social historicamente construída, concebe o processo de institucionalização da juventude promovido pela Ação Integralista Brasileira como mais uma das modernas técnicas instituídas pelo contexto autoritário do Brasil do pós-guerra visando a mobilização, o cerceamento e o controle social da sociedade. Levando-se em consideração o número ainda bastante restrito de pesquisas que atenham-se a análise da juventude integralista, acredita-se que o presente trabalho traz à tona contribuições significativas para a historiografia sobre o tema bem como para os futuros pesquisadores que queiram dar continuidade a esta investigação.

2 A ERA FASCISTA E AS TENTATIVAS DE INSTITUCIONALIZAÇÃO DAS CATEGORIAS JUVENIS

Todo discurso é um evento em si. Muito além de uma mera expressão de um pensamento, é um ato compreendido desde o seu princípio como um *processo de significação*¹⁷, tendo em vista que todo texto evoca uma *interação discursiva permanente*¹⁸, um diálogo mútuo e constante entre autor e leitor, ou seja, entre a emissão e a recepção de um discurso.

A Ação Integralista Brasileira (AIB), partido político de orientação fascista que permaneceu ativo no Brasil de 1932 a 1937, se utilizou largamente do papel do discurso no objetivo de estabelecer um diálogo doutrinário com a população. Sendo o primeiro movimento político de massas com implantação em todo o território brasileiro, a AIB obteve no jornal a sua principal arma política. No período de existência legal do integralismo foram editados cento e trinta e oito jornais e revistas (de circulação nacional, regional e nuclear) oficialmente ligados ao partido, com o objetivo não só de atrair um número cada vez maior de adeptos, mas também de atualizar a própria militância acerca da teoria integralista.

A estratégia central do partido em relação à imprensa fundamentava-se na utilização do jornal impresso para constituir uma identidade política através da oposição entre sua doutrina e a de seus inimigos: o liberalismo, as sociedades secretas, o capitalismo internacional e, principalmente, o comunismo. Constituindo-se enquanto um espaço de busca por legitimidade, a imprensa integralista operava através de uma lógica de alteridade entre uma visão fascista de mundo social, defendida pela Ação Integralista Brasileira, e uma visão comunista e/ou liberal-democrática, tríade política em voga no período de pré-estabelecimento da ditadura estadonovista.

A partir de 1935, algumas mudanças no cenário político nacional colocaram o partido diante de uma nova necessidade. A Lei de Segurança Nacional, promovida por Vargas, a conquista do direito ao voto feminino, o registro da própria AIB como partido político (visando às eleições presidenciais que ocorreriam em 1938) e outras mudanças, levaram o discurso do partido a uma transição de uma via revolucionária para uma via, a partir de então, eleitoral.

¹⁷ BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa**: Brasil, 1900-2000. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. p. 51.

¹⁸ BARBOSA, *loc. cit.*

Surgia, assim, a necessidade de ampliação do público alvo da imprensa integralista, com enfoque na conquista das novas camadas sociais que emergiam no período: em especial mulheres e jovens, novos eleitores em potencial a partir de 1935. A imprensa até então caracterizada pela publicação de longos textos teóricos e doutrinários, adaptou sua estratégia para textos menores, para o uso de uma linguagem menos formal e para a utilização de imagens e charges até então praticamente inexistentes nestes periódicos. Isso proporcionou mudanças significativas na própria propaganda política brasileira dos anos 1930, que tornou-se cada vez mais estética, influenciada pela expansão do fotojornalismo e da utilização da iconografia, que vivia o seu ápice no período.¹⁹

Dentre as estratégias de manipulação discursiva da AIB, como o uso exacerbado da simbologia, a tentativa de desconstrução do discurso dos inimigos e a utilização de um argumento apelativo e moralista, destaca-se, especialmente em sua fase eleitoral (1935 a 1937), a larga instrumentalização da imprensa para o alcance das massas e, através dela, a utilização da **juventude** com o objetivo de atrair novos militantes para a ideologia do sigma.

Tendo em vista o significativo número de mulheres e de jovens que aderiram ao partido, especialmente entre 1936 e 1937, período reconhecido como ápice do movimento, a hipótese é que as novas estratégias adotadas pela AIB no período pós-1935 tiveram como consequência uma maior representatividade da imprensa e, através dela, do movimento integralista. Isso ocorre por que a utilização do jovem enquanto instrumento doutrinário visava à doutrinação não só da própria juventude integralista, já adepta do movimento, mas também da própria juventude brasileira ainda não atraída pelo discurso do partido.

A exemplo da abrangência de um novo público de eleitores, verifica-se a criação, em 1936, de uma série de novas secretarias integralistas por conta de um suposto aumento da demanda de adeptos à doutrina. Dentre elas, destaca-se o surgimento da *Secretaria de Arregimentação Feminina e da Juventude (SNAFJ)*, com o papel de “orientar, dirigir, controlar e arregimentar todo o trabalho da Mulher e da Juventude Integralista”.²⁰ A partir daí, a juventude integralista corresponderia a um específico segmento da estrutura interna da AIB, regida pela *SNAFJ*. Este segmento pretendia, através do *Departamento da Juventude*

¹⁹ FIORUCCI, Rodolfo. As capas da revista *Anauê!* (1935-37): ideologia, doutrina e política através das imagens. In: GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte (Orgs.). **Entre tipos e recortes: histórias da imprensa integralista**. Guaíba: Sob Medida, 2012. v. 2. p. 21-42. p. 23.

²⁰ HENRIQUES, Irene de Freitas. **Regulamento do Departamento da Juventude Integralista**. Rio de Janeiro: Secretaria Nacional de Arregimentação Feminina e da Juventude, 1936. Artigos 1º e 2º.

integralista, “reunir, disciplinar e educar, através da escola activa²¹, todos os brasileiros, de ambos os sexos, até 15 anos de idade, de modo à realizar o seu aperfeiçoamento moral, cívico, intellectual e physico”.²² Nota-se, assim, que a categoria juventude era definida pela AIB tendo como base um critério etário previamente definido. Este determinava que os jovens integralistas, também chamados de *plinianos*, eram todos aqueles com idade entre 04 e 15 anos (ou entre 05 e 18 – até 1936).

Antes de prosseguir com uma análise um pouco mais detalhada sobre a Juventude Integralista, bem como sobre o discurso que visava atingi-la, é fundamentalmente necessário que se compreenda o conjunto de fatores motivacionais que teriam levado a juventude da década de 1930 a constituir-se enquanto *uma geração politicamente radical*²³, ou seja, uma geração organizada em torno de partidos que situavam-se nos extremos do mapa político.

Uma análise utilizável da juventude integralista, que faça jus à complexidade de sua natureza, deve levar em conta não só as estratégias doutrinárias que compuseram o arsenal integralista em seu ciclo de desenvolvimento ou o discurso que visava à doutrinação da juventude através da imprensa, mas também os fatores motivacionais que fizeram o discurso fascista ser entendido como representativo das categorias juvenis. Em outras palavras, antes de procurar compreender *como* o jovem foi instrumentalizado pelo discurso integralista ou *por que* a juventude constituiu-se, no seio do integralismo, como um dos principais meios para a construção do Estado Integral, é de fundamental relevância que o leitor se atenha a compreender *quem* era este jovem.

²¹ A pesquisa optou pela utilização da ortografia do período, respeitando a tipologia original de escrita da época em que as obras e periódicos foram publicados, sem qualquer tipo de atualização ou normatização destes escritos para a ortografia atual.

²² HENRIQUES, Irene de Freitas. **Regulamento do Departamento da Juventude Integralista**. Rio de Janeiro: Secretaria Nacional de Arregimentação Feminina e da Juventude, 1936.

²³ O Significado etimológico do termo “radical” surge como relativo à *raiz*, designando o que dela parte ou provém. “Em termos gerais, tende a nomear o que de mais *essencial, profundo e invariável* existe” (FERREIRA, Vitor Sérgio. O “jovem radical” contemporâneo: novos sentidos de um qualificativo juvenil. **Crítica e Sociedade: Revista de Cultura Política**, v. 1, n. 2, jan./jun. 2011, p. 107-127. p. 119-120). “Arreigado a uma tradição antimonárquica e anticlerical, o termo *radical* entra na linguagem política no fim do século XVIII, começando por ser utilizado para designar os *whigs*, partidários do sector mais extremo do partido liberal inglês, opositores a Jorge III” (*Ibidem*, p. 107). Todavia, é relevante ressaltar que, muito embora o epíteto *radical* continue a ser usado na contemporaneidade enquanto categoria classificatória de comportamentos e manifestações políticas reconhecidas socialmente como sendo extremistas, hostis e/ou violentas, o termo não se restringe apenas a esfera política. Atualmente, diversas pesquisas teóricas apontam que o conceito deve ser entendido a partir de “um sentido mais lato e culturalista” (*Ibidem*, p. 108), sendo não “apenas uma matéria relacionada com o que os radicais fazem na arena política formal”, mas uma estrutura subjetiva que opera por entre as várias esferas da sociedade, podendo afetar a forma com que o indivíduo trabalha, socializa, e até a forma como este se veste (*Ibidem*, p. 109). Tal abordagem mais subjetiva do termo, foi denominada pelo sociólogo Nick Crossley como *Habitus Radical*, tendo como base o conceito de *Habitus* de Bourdieu (CROSSLEY, Nick. The phenomenological habitus and its construction. **Theory and society**, v. 30, n. 1, p. 81-120, 2001).

A que juventude refere-se esta pesquisa, tendo em vista que o “o jovem e seu comportamento mudam de acordo com a classe social, o grupo étnico, a nacionalidade, o gênero”²⁴ e, em especial, em relação ao contexto histórico e nacional em que está inserido? E, ainda, o que, no contexto do século XX, teria constituído a prática de institucionalização de categorias juvenis como uma das mais “modernas técnicas de controle social”²⁵? O que teria levado a juventude a ocupar, especialmente nas décadas de 1920 e 1930, o centro dos debates políticos e, principalmente, o que teria feito da prática de controle e normatização da juventude um dos pontos centrais da política fascista, seja nos movimentos europeus ou mesmo no fascismo brasileiro?

Tendo a imprensa como fonte central de análise, o presente trabalho objetiva problematizar a complexa relação entre a imprensa integralista, partidária e oficialmente ligada à Ação Integralista Brasileira (AIB), e uma parcela específica do seu público-alvo, a juventude, entendida e subjetivada aqui como agente significante do discurso propagado pela imprensa.

Desconstruindo a ideia de “caráter todo-poderoso do texto”²⁶, para compreender a leitura enquanto uma prática autônoma, pretende-se, neste primeiro capítulo, analisar o público-alvo juventude à luz da ideia de um leitor ativo, “produtor inventivo de sentidos não pretendidos e singulares”²⁷, e não enquanto um mero receptáculo passivo de informações. Nas palavras de Barbosa, “assim como, no discurso falado, a significação é diretamente dependente da mímica, dos gestos e de outros aspectos não articulados do discurso, na escrita a significação está diretamente vinculada ao receptor da mensagem”²⁸. De acordo com essa perspectiva, mais do que o enfoque nas possíveis intenções no momento de produção de um discurso, o que torna-se relevante é a significação no momento de apreensão do texto.

Parte-se, assim, de dois pressupostos fundamentais: (1) que o processo de fascitização da categoria juventude insere-se em um panorama mais amplo, o do fenômeno fascista²⁹, e

²⁴ GROPPPO, Luís Antonio. **Juventude**: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000. p. 9-10.

²⁵ GROPPPO, Luís Antonio. **Juventude**: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000. p. 115.

²⁶ CHARTIER, Roger. **A história cultural. Entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990. p. 121.

²⁷ *Ibidem*.

²⁸ BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa: Brasil, 1900-2000**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. p. 51.

²⁹ Há uma tendência mais ortodoxa na historiografia, não considerada para esta pesquisa, que compreende o fascismo como um evento histórico exclusivo de uma dada época, contexto e local. Defendendo o “caráter único e não-retomável do fascismo”, essa perspectiva aponta o fenômeno como algo “único, datado e explicável por acontecimentos históricos, por sua vez, também únicos e datados” (SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. Os fascismos. In: FILHO, Daniel Aarão Reis; FERREIRA, Jorge; ZENHA, Celeste (Orgs.). **O século XX – O tempo das crises. Revoluções, fascismos e guerras**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. p. 109-164. p.

por isso não pode ser entendido de forma isolada do seu contexto temporal e local; e (2) que, sendo o fascismo um movimento de massas, entende-se que a eficácia do processo de manipulação da juventude depende, primordialmente, da significação atribuída pela própria juventude que, no momento de leitura e apreensão do discurso, o desloca para a esfera da recepção e, a partir dos elos de identificação contidos no discurso, pode ou não atribuir significado à ideia transmitida.

2.1 JUVENTUDE E MODERNIDADE

Sendo uma criação da modernidade, a juventude consiste em uma fase de transição que leva o indivíduo da infância à maturidade, possuindo “uma função social de “maturação” [...], uma tarefa de socialização do infante ou do jovem, tornando-o um indivíduo autêntico e integrado à sociedade moderna”.³⁰

De acordo com essa perspectiva sociológica, é justamente nesse estágio que os indivíduos vivenciam, pela primeira vez, a absorção consciente de suas experiências sociais³¹, ou seja, é o período em que o sujeito “torna-se indivíduo em toda a sua plenitude”.³² Na juventude, sendo “exposto a grupos e instituições outras que não a família – responsável pela socialização primária”³³, o indivíduo entra então em contato com visões de mundo diferentes das adquiridas até então. É, nesse sentido, uma fase de busca e constituição de identidade, conforme afirma Rezende: é nessa fase de transição “que reinam conflitos com todos – com a família, com a sociedade, com o próprio jovem. Estes conflitos estariam atrelados à problemática da construção e definição de uma identidade”.³⁴

121). Contrariando tal vertente mais reducionista, optou-se pela utilização do termo “fenômeno fascista” com o objetivo de compreendê-lo enquanto um fenômeno plural e a-histórico e, portanto, inserido em uma fenomenologia mais ampla. De acordo com essa perspectiva, entende-se o fascismo como um “fenômeno supranacional que apresentou, nas diversas formas de que historicamente se revestiu, características essencialmente análogas, resumíveis num conjunto de fatores homogêneos” (SACCOMANI, Edda. Fascismo. In: BOBBIO, N.; MATTEUCCI, N.; PASQUINO, G. **Dicionário de política**. Brasília: Editora da UnB, 1992. p. 466-475. p. 467), ou seja, entende-se que os fascismos “possuiriam suas próprias especificidades nacionais, suas histórias específicas, que, por sua vez, não descaracterizariam a universalidade e autonomia do fenômeno ante outras formas de autoritarismo” (SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. Os fascismos. In: FILHO, Daniel Aarão Reis; FERREIRA, Jorge; ZENHA, Celeste (Orgs.). **O século XX – O tempo das crises. Revoluções, fascismos e guerras**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. p. 109-164. p. 118).

³⁰ GROppo, Luís Antonio. **Juventude**: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000. p. 59.

³¹ CAVALCANTE, Maria Juraci Maia. O mito da rebeldia da juventude – uma abordagem sociológica. **Revista Educação em Debate**, v. 13, n. 1, p. 11-23, jan./jun. 1987. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/14043>. Acesso em: 12 dez. 2017.

³² GROppo, *op. cit.*, p. 62.

³³ REZENDE, Claudia Barcellos. Identidade: o que é ser jovem? **Revista Tempo e Presença**, n. 240, ano 11, 1989. p. 04.

³⁴ *Ibid.*

Mais precisamente a partir da Revolução Francesa, marco histórico que inaugurou as concepções de “culto da liberdade, aspiração de nacionalidade una e indivisível, anseio de uma nova coesão e de um novo espírito nacionais, Estado fundamentado na concordância popular e apoiado na participação ativa do povo”³⁵, foi inaugurada também a prática da mobilização de indivíduos jovens para a ação. A partir da fundação da *École de Mars*, em 1794, que “propunha trazer jovens de 16 e 17 anos das províncias a Paris e, durante o curso de algumas semanas, treiná-los militarmente e doutriná-los no amor à Pátria e no ódio contra a tirania”³⁶, emergia, então, “a retórica que considera os jovens seres generosos e, ao mesmo tempo, perigosos para a ordem política e social”.³⁷

Com o término da Revolução, a França passou a ser considerada um conceito e um “modelo de Estado nacional independente pronto a ser pirateado”³⁸, fazendo com que muitas nações vizinhas se organizassem em reações semelhantes, possibilitando o surgimento, pela primeira vez na Europa, de diversos e notórios movimentos populistas e nacionalistas. Seguindo o exemplo francês, estes movimentos caracterizavam-se pelas tentativas de mobilização política da juventude. Dessa forma, a França, precoce em tantos outros experimentos políticos, foi a pioneira também nesse.³⁹

A Revolução de 1789 [...] despertou um entusiasmo apaixonado em todo o mundo ocidental. Foi considerada, e não apenas pelos franceses, como um meio para a regeneração da humanidade. Paris tornou-se a Nova Jerusalém. A revolução “criou uma atmosfera de fervor missionário e, na verdade, assumiu todos os aspectos de um ressurgimento religioso... Essa estranha religião dominou todo o mundo (ocidental) com seus apóstolos, militantes e mártires”.⁴⁰

No recém-formado modelo de identidade nacional ocidental, as nações passaram a ser vistas como “comunidades culturais, cujos membros eram unidos, se não mesmo tornados homogêneos, por recordações históricas comuns, mitos, símbolos e tradições”.⁴¹ Em outros termos, a nação passava a ser entendida como “uma determinada população humana, que partilha um território histórico, mitos e memórias comuns, uma cultura pública de massas, uma economia comum e direitos e deveres legais comuns a todos os membros”.⁴²

³⁵ KOHN, Hans. **A era do nacionalismo**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1963. p. 15.

³⁶ GROppo, Luís Antonio. **Juventude**: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000. p. 80.

³⁷ *Ibid.*

³⁸ ANDERSON, Benedict; BOTTMAN, Denise. **Comunidades imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. p. 117.

³⁹ PAXTON, Robert. **A anatomia do fascismo**. São Paulo: Paz e Terra, 2007. p. 86.

⁴⁰ KOHN, Hans. **A era do nacionalismo**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1963. p. 16.

⁴¹ SMITH, Anthony. **A identidade nacional**. Lisboa: Gradiva, 1997. p. 24-25.

⁴² *Ibid.*, p. 28.

Expandindo sua forte influência por toda a Europa, a Revolução Francesa forneceu um impulso para que grande parte das revoluções, especialmente as ocorridas partir de 1830, fossem organizadas em movimentos de cunho nacionalista.⁴³ Neste cenário, destacam-se, a título de exemplo das tentativas de institucionalização da juventude, os “movimentos ‘jovens’ de Mazzini: Jovem Europa, Jovem Itália, Jovem Polônia, Jovem Suíça, Jovem Alemanha, Jovem França e Jovem Irlanda. [...] Segundo [Giuseppe] Mazzini só esses pretensos jovens seriam capazes de ação política revolucionária”.⁴⁴ Através de organizações que admitiam somente a participação de jovens, estes se mobilizavam contra o sistema político-eleitoral em voga na França no período, o qual determinava que “só poderiam candidatar-se ao cargo de deputado aqueles com idade acima de 40 anos”.⁴⁵

Até meados do século XIX, ao passo em que o Estado privilegiava os inventos econômicos responsáveis por proporcionar alimento, vestimenta e moradia às massas, o desenvolvimento de “outras técnicas igualmente decorrentes do crescimento demográfico”⁴⁶, como as *técnicas sociais* da educação⁴⁷, da guerra e da comunicação, por exemplo, métodos

⁴³ Entende-se o nacionalismo não apenas como uma ideologia ou uma doutrina propriamente política, mas como um “fenômeno cultural”: “Aquilo que chamamos nacionalismo atua em muitos níveis e pode ser considerado uma *forma de cultura*, bem como uma espécie política e de movimento social” (SMITH, Anthony. **A identidade nacional**. Lisboa: Gradiva, 1997. p. 95). De acordo com esta perspectiva culturalista, o nacionalismo vai muito além de uma doutrina, é um modo específico de falar, pensar e agir (CALHOUN, Craig. **Nacionalismo**. Espanha: Libros del Zorzal, 2007. p. 28). Partindo desta perspectiva, destaca-se que o termo nação já era conceituado muito antes da era moderna como “gente unida por lugar de nascimento e cultura” (*Ibid.*, p. 25). O sonho mitológico de um mundo de nações livres há muito vem sendo germinado. Seja por questões étnicas ou mesmo por interesses territoriais, seja de aspiração política, social ou mesmo econômica, o fato a ser considerado é que antes mesmo da existência de nações ou de nacionalismos, nas concepções modernas dos termos, já estavam em gestação ideias independentistas que traziam à tona termos como território, pátria, consciência nacional, gênio nacional e identidade nacional. Contudo, no caso de optar-se por definir o nacionalismo como “ideologias e movimentos que pressupõem um mundo de nações, cada uma das quais com um caráter próprio, e um compromisso de fidelidade básico para com a nação, como única fonte de poder político e base da ordem mundial” (SMITH, *op. cit.*, p. 66), torna-se então possível afirmar que, antes do período que levou à Revolução Francesa, se encontra apenas expressões fugazes das ideias centrais do nacionalismo e que a ideia de uma nação composta por “cidadãos massificados” (*Ibid.*, p. 64), só poderia emergir na era moderna, fortemente marcada pelo desenvolvimento do industrialismo, da democracia e do capitalismo. Dessa forma, conclui-se que, como ideologia e/ou linguagem propriamente política, o nacionalismo emergiu na Europa Ocidental de finais do século XVII e início do século XVIII, afetando de forma drástica toda a estrutura do pensamento moderno para além dos muros europeus.

⁴⁴ GROPPPO, Luís Antonio. **Juventude**: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000. p. 83.

⁴⁵ *Ibid.*

⁴⁶ MANNHEIM, Karl. Funções das gerações novas. In: PEREIRA, Luiz; FORACCHI, Marialice M. (Orgs.). **Educação e sociedade. Leituras de sociologia da educação**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1978. p. 88-89.

⁴⁷ De acordo com Mannheim, a vida civil exige que o indivíduo – especialmente o indivíduo jovem – seja condicionado e educado para ajustar-se aos padrões dominantes da vida social, sejam estes padrões autoritários ou democráticos. Nessa perspectiva, a educação serviria para ambos os sistemas, sendo entendida primordialmente como uma das principais técnicas sociais “destinadas à criação do tipo desejado de cidadão” (*Ibid.*, p. 89). Ainda segundo o autor, a educação jamais “molda o homem em abstrato, mas em uma dada sociedade e para ela” (MANNHEIM, *loc. cit.*), ou seja, a educação só pode ser compreendida de forma adequada

utilizados para “influenciar o comportamento humano de maneira que este se enquadre nos padrões vigentes da interação e organização sociais”⁴⁸, foram praticamente desconsiderados.

Contudo, mais precisamente a partir dos últimos estágios da Revolução Industrial, “paralelamente ao surgimento da concepção de uma “juventude-problema” na cultura europeia e norte-americana”⁴⁹, a educação acabou sendo deslocada para o centro dos debates políticos.

A modernidade inaugurou o início de um processo de “cerceamento político, policial, moral, empírico e científico do indivíduo”.⁵⁰ Neste contexto social específico, em que “os ventos da modernização capitalista operam com o vigor das transformações rápidas, traçadas por um ritmo incessante que galga permanentemente o novo”⁵¹, a juventude passou a ser examinada “sob o adoçante utópico”⁵², fazendo emergir na cultura ocidental *o mito da rebeldia da juventude*.⁵³

Através da modernidade, a infância e a juventude foram consideradas estágios perigosos e frágeis da vida dos indivíduos. Crianças e, por extensão, jovens foram vistos como propícios a contraírem toda espécie de males: doenças do corpo e da mente, perversão sexual, preguiça, delinquência, uso de tóxicos etc. Esta concepção só veio colaborar no incremento do isolamento, vigilância e esquadramento dos indivíduos durante sua infância e juventude.⁵⁴

A juventude, desde então, passou a receber um cuidado bastante específico dos Estados capitalistas, que reforçavam e refinavam seus mecanismos de controle social, na medida em que a juventude evoluía historicamente.⁵⁵ Com o tempo, a educação enquanto técnica central de regulamentação da juventude, passou a ser vista como insuficiente por não atender “a todas as necessidades que surgiam na personalidade das crianças e adolescentes durante esse período de transição”.⁵⁶ Isso incentivou não só as parcelas jovens a formarem grupos etários independentes como possibilitou o surgimento de um extenso número de canais

se for considerada como uma das técnicas que influenciam o comportamento humano, como um meio de controle social formulada para uma dada época e uma dada situação (*Ibid.*, p. 89-90).

⁴⁸ MANNHEIM, Karl. Funções das gerações novas. In: PEREIRA, Luiz; FORACCHI, Marialice M. (Orgs.). **Educação e sociedade. Leituras de sociologia da educação**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1978. p. 88-89.

⁴⁹ GROppo, Luís Antonio. **Juventude: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000. p. 46.

⁵⁰ *Ibid.*, p. 58-59.

⁵¹ CAVALCANTE, Maria Juraci Maia. O mito da rebeldia da juventude – uma abordagem sociológica. **Revista Educação em Debate**, v. 13, n. 1, p. 11-23, jan./jun. 1987. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/14043>. Acesso em: 12 dez. 2017. p. 15-16.

⁵² *Ibid.*

⁵³ *Ibid.*

⁵⁴ GROppo, *op. cit.*, p. 58.

⁵⁵ CAVALCANTE, *op. cit.*, p. 19-20.

⁵⁶ GROppo, *op. cit.*, p. 44.

não-oficiais de institucionalização do jovem, propondo o reconhecimento e a legitimidade das novas necessidades, não supridas pela escola.

A título de exemplo destes novos canais de socialização, destaca-se a emergência de movimentos que visavam direcionar a energia juvenil para atividades culturais, recreativas e até mesmo cívicas, como: “os escoteiros, os bandeirantes, as Brigadas Juvenis da Inglaterra, os *Jousters* da França, organizações comunitárias, centros de orientação vocacional”⁵⁷; além das agências mantidas por organizações religiosas e, as que mais interessam a esta pesquisa, aquelas que a partir de então passaram a ser desenvolvidas no seio político.

O século XIX viu emergir uma série de organizações políticas juvenis marcadas, já neste período, por um tom político-radical, situadas em ambos extremos do mapa político, como as associações juvenis promovidas pelo bonapartismo, saint-simonismo, nacionalismo, blanquismo, populismo, marxismo⁵⁸, além do já mencionado jacobinismo. Destaca-se, assim, que, historicamente, a base juvenil perpassou as mais distintas opções políticas, apresentando diversas e variadas tendências, característica que manteve-se mesmo na transição para o século XX.

2.2 JUVENTUDE E SÉCULO XX

As sociedades modernas desenvolveram, em relação à juventude, uma série de discursos, de práticas e de ideologias⁵⁹ que atingiram o seu ápice, não por acaso, no século XX. Este, mais do que qualquer outro período, marcou de forma bastante singular a história do processo de controle e regulamentação das categorias juvenis através de uma série de políticas modernizantes que surgiram no período, enfocando, primordialmente, a educação como a grande solução para a institucionalização do jovem.

A ideia de uma juventude naturalmente apta a “desordens e explosões destruidoras, ou, então, como fontes poderosas de energias transformadoras”⁶⁰ tornou-se, a partir de então, um dos maiores medos da sociedade burguesa. O mito do jovem organicamente rebelde, construído com o auxílio da extensa publicização da ideia de delinquência juvenil pela imprensa europeia, especialmente na virada do século XIX para o XX, deteve assim um papel

⁵⁷ GROPPPO, Luís Antonio. **Juventude**: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000. p. 45-46.

⁵⁸ *Ibid.*, p. 89.

⁵⁹ MANNHEIM, Karl. O problema da juventude na sociedade moderna. In: MANNHEIM, Karl. **Diagnóstico de nosso tempo**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967.

⁶⁰ GROPPPO, *op. cit.*, p. 59-60.

fundamental para a legitimação da concepção de uma necessária “intervenção da modernidade na vida da criança e do jovem”.⁶¹

A partir daí teve início um processo de “naturalização e objetivação das faixas de idade pelas técnicas sociais e pelas ciências médicas e humanas, que enfatizavam especialmente a infância e a juventude”.⁶² Buscando exaustivamente uma definição mais detalhada das fases de maturação do indivíduo para, a partir disso, propor métodos de acompanhamento apropriados a cada uma dessas fases⁶³, as várias instâncias de socialização do indivíduo – a família, a escola, a igreja, a mídia, o meio médico e, a partir de então, também a política – passaram a considerar o jovem um objeto de “domesticação, controle e regulação social”.⁶⁴

Estando inserido em um período marcado por uma série de mudanças características do avanço capitalista – a ocorrência da revolução bolchevista denunciando a ascensão de uma esquerda madura e em expansão⁶⁵; a crise do sistema liberal; o avanço dos estudos *eugenistas*⁶⁶; as intensas levas de imigração para a Europa; o estabelecimento do voto universal⁶⁷; a emergência da chamada “nova classe média”; além do nacionalismo que tomava proporções inimagináveis neste contexto – o jovem, aqui, é aquele “habitante do meio urbano-

⁶¹ GROPPPO, Luís Antonio. **Juventude**: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000. p. 59-60.

⁶² *Ibid.*, p. 58-59.

⁶³ *Ibid.*

⁶⁴ FERREIRA, Vitor Sérgio. O “jovem radical” contemporâneo: novos sentidos de um qualificativo juvenil. **Crítica e Sociedade: Revista de Cultura Política**, v. 1, n. 2, jan./jun. 2011, p. 107-127. p. 110.

⁶⁵ O alarme de incêndio disparado pelo bolchevismo transformava em emergência as dificuldades que já abalavam a ordem estabelecida com base em valores e instituições liberais desde a Primeira Grande Guerra. O medo suscitado pela ascensão da esquerda facilitava a disseminação de mitos como o da conspiração comunista, estratégia utilizada, posteriormente, pelo discurso fascista (PAXTON, Robert. **A anatomia do fascismo**. São Paulo: Paz e Terra, 2007. p. 82).

⁶⁶ Mais precisamente em 1880, Francis Galton ofereceu um novo significado para o termo *raça*, até então utilizado somente para designar um simples agrupamento animal ou humano. Sugerindo que a ciência teria dado à humanidade o poder de aperfeiçoar a raça, incentivando indivíduos melhores e mais fortes a reproduzirem-se biológica e hereditariamente, o antropólogo inglês cunhou para suas ideias o termo “eugenia”. As ideias de fortalecimento e de pureza racial difundiram-se rapidamente por uma série de países através de discussões intelectuais, especialmente no meio médico, fazendo com que portadores de doenças hereditárias, insanos, criminosos e, mais tarde, também estrangeiros fossem vistos como inimigos nacionais. Foi justamente tendo como base ideias de soberania nacional/racial e de povo eleito, que nações como Estados Unidos, Suécia e Alemanha, por exemplo, se utilizaram de meios médicos como a esterilização forçada e os programas de eutanásia médica com o objetivo de purificar e de regenerar suas raças (*Ibid.*).

⁶⁷ Um grande número de teóricos afirma que o estabelecimento de uma política de massas teria sido uma das precondições fundamentais para a emergência do fascismo. Sendo o primeiro movimento de massas dirigido contra a esquerda, “o fascismo não poderia ter existido antes de os cidadãos comuns terem passado a participar da política”. Antes do surgimento da política de massas, conservadores e liberais limitavam o direito ao voto somente à elite letrada. De acordo com Paxton, os primeiros “desvios nos trilhos” que levaram ao fascismo, na Europa, “foram causados pelas primeiras experiências duradouras de voto universal masculino” (*Ibid.*, p. 79-80).

industrial, com poder de consumo e de escolarização”⁶⁸ entendido como marca peculiar do século XX. Conforme afirma Cavalcante,

[...] configura-se como fenômeno novo, capaz de inspirar a utopia da "revolução estudantil". Insere-se no mesmo quadro de emergência das classes médias, deixando entrever, por um lado, que a propagada socialização burguesa do saber não poderia ser universal mas tarefa especializada de determinados grupos sociais, responsáveis pela operação da racionalidade da sociedade capitalista em expansão e, por outro lado, que o potencial revolucionário do século XX poderia ser deslocado das classes operárias para as classes médias.⁶⁹

Inserida neste cenário e procurando formas de reagir a ele, a juventude forjou-se, ao longo do século XX, através da irrupção de movimentos “no seio de instituições oficiais ou semi-oficiais comandas por adultos”⁷⁰, como “Estado, Igrejas, [...] ciências, instituições disciplinares como escolas, quartéis, orfanatos etc”⁷¹, tendo os partidos políticos um lugar de destaque nas tentativas de institucionalização dos jovens. Foi “a primeira expressão de uma vontade de definir os “jovens” ou a “juventude” como os agentes da modernidade”.⁷²

Ao passo que a juventude era entendida como uma categoria social real e, conseqüentemente, uma ameaça a ser conquistada⁷³, diversos grupos das mais variadas vertentes políticas passaram a tentar “(com resultados diversos) somatizar esta dimensão da vida social ao seu favor, elegendo-a até mesmo como um dos pontos de partida para a moldagem da sua sociedade ideal do futuro”.⁷⁴ A ideia era a de que “as sociedades dinâmicas que desejam tomar uma nova orientação, qualquer que seja a sua filosofia social ou política”⁷⁵, teriam de fazê-la através da mobilização da juventude, percebida como recurso vital de uma sociedade.

Passando a ser vista enquanto “agente revitalizador”⁷⁶ da sociedade, a juventude passa então a ser utilizada para combater o velho, o ultrapassado, assumindo o papel de força desbravadora da nova sociedade que se deseja construir, tendo em vista que o jovem, estando em uma fase de transição, ainda não integra o *status quo* da ordem social.

⁶⁸ CAVALCANTE, Maria Juraci Maia. O mito da rebeldia da juventude – uma abordagem sociológica. **Revista Educação em Debate**, v. 13, n. 1, p. 11-23, jan./jun. 1987. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/14043>. Acesso em: 12 dez. 2017. p. 16.

⁶⁹ *Ibid.*, p. 17.

⁷⁰ GROppo, Luís Antonio. **Juventude**: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000. p. 118.

⁷¹ *Ibid.*

⁷² *Ibid.*, p. 91.

⁷³ MANNHEIM, Karl. Funções das gerações novas. In: PEREIRA, Luiz; FORACCHI, Marialice M. (Orgs.). **Educação e sociedade. Leituras de sociologia da educação**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1978.

⁷⁴ GROppo, *op. cit.*, p. 204-205.

⁷⁵ MANNHEIM, *op. cit.*, p. 92-93.

⁷⁶ *Ibid.*, p. 93.

Neste momento da reflexão, percebe-se o paradoxo “autonomia/heteronomia da juventude”.⁷⁷ Contraditoriamente, ao passo em que a visão sobre a juventude constituiu-se, na modernidade, em torno de uma ideia utópica que crê em uma capacidade naturalmente autônoma dos grupos juvenis para a revolta e a contestação de valores, ao mesmo tempo manteve-se a concepção de um jovem que, ao ser dependente da família, estaria à margem dos processos decisórios. Seria, portanto, um indivíduo submisso ao controle da ordem estabelecida.⁷⁸

É relevante, assim, perceber que o processo de construção da categoria reconhecida pela sociedade moderna como juventude, perpassou uma série de “alterações, abandonos, retornos, supressões e acréscimos ao longo dos dois últimos séculos”.⁷⁹ Nesse sentido, muitas divisões e subdivisões foram “criadas, recriadas e suprimidas ao sabor das mudanças sociais, culturais, e de mentalidade, pelo reconhecimento legal e na prática cotidiana”.⁸⁰ Todavia, reconhecer que “a modernidade criou e recria a própria possibilidade da juventude”⁸¹ nos leva a entendê-la como uma categoria social real e dinâmica.

Compreendendo a juventude enquanto uma categoria “construída socialmente”⁸², entendida e subjetivada, por sua vez, por um critério também sociocultural, destaca-se que o conceito de juventude aqui utilizado ultrapassa todo e qualquer critério que sugira uma ideia de juventude naturalmente rebelde, posicionando-se, assim, entre estes dois extremos conceituais. Buscando desconstruir o paradoxo autonomia x heteronomia, torna-se então possível perceber que “a juventude não se apresenta progressista nem conservadora por natureza, mas [ela] é uma potencialidade que está pronta para qualquer nova orientação da sociedade”⁸³, já que “mesmo as faixas etárias e as categorias sociais delas oriundas são criações sócio-culturais; jamais um dado puro e simples da natureza”.⁸⁴

[...] o fato relevante é que a juventude vem “de fora” para os conflitos de nossa moderna sociedade. E é esse fato que faz da juventude o pioneiro predestinado para

⁷⁷ GROPPPO, Luís Antonio. **Juventude**: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000. p. 116.

⁷⁸ CAVALCANTE, Maria Juraci Maia. O mito da rebeldia da juventude – uma abordagem sociológica. **Revista Educação em Debate**, v. 13, n. 1, p. 11-23, jan./jun. 1987. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/14043>. Acesso em: 12 dez. 2017. p. 13.

⁷⁹ GROPPPO, *op. cit.*, p. 13.

⁸⁰ *Ibid.*

⁸¹ *Ibid.*

⁸² BOURDIEU, Pierre. A “juventude” é apenas uma palavra In: BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. p. 112-121. p. 113.

⁸³ MANNHEIM, Karl. Funções das gerações novas. In: PEREIRA, Luiz; FORACCHI, Marialice M. (Orgs.). **Educação e sociedade. Leituras de sociologia da educação**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1978. p. 95.

⁸⁴ GROPPPO, *op. cit.*, p. 20-21.

qualquer mudança da sociedade. [...] Até a fase da puberdade, o imaturo vive principalmente na família e suas atitudes são, na maior parte, moldadas pelas tradições emocionais e intelectuais aí prevalentes. [...] Essa penetração na sociedade, feita de “fora”, torna, então, a juventude especialmente apta com os movimentos sociais dinâmicos que, por razões muito diferentes da sua, se chocam com o estado de coisas existente.⁸⁵

Verifica-se, assim, que o “o problema da juventude não é a juventude, mas os fenômenos políticos, econômicos e sociais que a condicionam”.⁸⁶ De acordo com tal perspectiva, a culpa pelas “infuncionalidades e desajustes da transição à maturidade”⁸⁷ encontra-se na sociedade e não mais na figura do jovem, tendo em vista que a função pioneira deste emerge somente “através de um movimento de âmbito nacional”.⁸⁸ Ou seja, a juventude enquanto força latente da nação só assume tal função quando mobilizada e integrada, papel que será assumido, posteriormente, pelos movimentos fascistas.

As situações de guerra, contexto em que “a sobrevivência dos países depende da mobilização de seus recursos latentes”⁸⁹, são o mais claro exemplo da necessidade de mobilização do potencial transformador das categorias juvenis, já que a vitória em uma guerra depende “da utilização da reserva psicológica que existe no espírito humano ou na nação; da mobilização da capacidade de sacrifício, coragem, resignação e iniciativa”.⁹⁰ Somado a isso, a tragédia promovida pela guerra acaba por gerar um sentimento coletivo de que a sociedade estaria imersa em uma crise catastrófica, além do alcance de qualquer das soluções tradicionais disponíveis, criando um contexto de ameaça, medo e desesperança, “novas formas de angústia, para as quais o fascismo não tardou a prometer remédios”.⁹¹

Logo após o término da guerra, “uma certa aparência de normalidade de tempos de paz foi retomada na maioria dos países da Europa”.⁹² Porém, longe do que acreditava-se, a guerra de 1914 não provocou a paz ou assegurou a sobrevivência da civilização ocidental, mas ao contrário disso: “a guerra e seus resultados diminuíram e destruíram a fé no futuro da

⁸⁵ MANNHEIM, Karl. Funções das gerações novas. In: PEREIRA, Luiz; FORACCHI, Marialice M. (Orgs.). **Educação e sociedade. Leituras de sociologia da educação**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1978. p. 95.

⁸⁶ GROppo, Luís Antonio. **Juventude**: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000. p. 67-68.

⁸⁷ *Ibid.*

⁸⁸ MANNHEIM, Karl. O problema da juventude na sociedade moderna. In: MANNHEIM, Karl. **Diagnóstico de nosso tempo**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967. p. 65.

⁸⁹ *Ibid.*, p. 49.

⁹⁰ *Ibid.*

⁹¹ PAXTON, Robert. **A anatomia do fascismo**. São Paulo: Paz e Terra, 2007. p. 68.

⁹² *Ibid.*, p. 57.

democracia, não somente nas nações derrotadas e nas novas nações, mas até mesmo nas fileiras dos próprios vencedores”.⁹³

Após 1919, a Europa fervilhava de conflitos não resolvidos. Os tratados de paz acordados, ao contrário do objetivo pretendido, “criaram um mundo dividido entre, de um lado, as potências vitoriosas e seus Estados clientes [...] e, de outro, os Estados derrotados e vingativos (os Estados perdedores, Alemanha, Áustria e Hungria, e a Itália insatisfeita)”⁹⁴, produzindo, assim, “apenas uma trégua armada que levaria a uma guerra ainda mais destrutiva vinte anos mais tarde”.⁹⁵ A consequência foi “uma brutalização da vida política que fez o recurso à violência política parecer natural e até mesmo normal”.⁹⁶

Enquanto a Europa tentava se reestabelecer, curando os ferimentos deixados pela guerra, “os grandes princípios da ordem mundial – o liberalismo, o conservadorismo e o comunismo – disputavam influência”.⁹⁷ Com o término do conflito, os liberais esperavam que a política retornasse às mãos dos governos. Porém, a “desestabilização da síntese cultural liberal do século XIX e o descrédito da liderança associado a ele, já cada vez mais questionada antes da guerra”⁹⁸, haviam fragilizado os pilares da ordem liberal trazendo, especialmente após a guerra, a necessidade de busca por soluções mais extremas diante do caótico cenário de crise instaurado na Europa no período.

A inédita mobilização da sociedade civil em prol da ação deu nascimento a uma nova política de massas, com cidadãos dispostos a participarem ativamente da política. Ao longo dos anos de conflito, quase todos os homens haviam sido convocados a morrer pela pátria. Ao final da Primeira Guerra, já não havia como voltar atrás. A partir de então, todos os políticos seriam obrigados “a aprender como lidar com o novo eleitorado de massas, sob pena de virem a fracassar”.⁹⁹

Dentre as diversas portas abertas pela tragédia da guerra, como a recém-inaugurada política de massas e a emergência de uma nova estética da violência, destaca-se que o pessimismo que abarcara todo o pensamento intelectual europeu após 1919 pode ser considerado como uma das mais drásticas e também mais perigosas consequências trazidas pelo conflito. Abalando todas as crenças até então estabelecidas e marcando o início de uma nova modernidade, a guerra trouxe consigo uma nova geração de homens marcados pelo

⁹³ KOHN, Hans. **A era do nacionalismo**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1963. p. 40.

⁹⁴ PAXTON, Robert. **A anatomia do fascismo**. São Paulo: Paz e Terra, 2007. p. 63.

⁹⁵ PAYNE, Stanley G. **A History of Fascism – 1914-1945**. Madison: The University of Wisconsin Press, 1995. p. 79.

⁹⁶ *Ibid.*, p. 71.

⁹⁷ PAXTON, *op. cit.*, p. 61-62.

⁹⁸ PAYNE, *op. cit.*, p. 78-79.

⁹⁹ PAXTON, *op. cit.*, p. 136.

surgimento de um entusiasmo político de tom não só mais cético e pessimista como também mais extremista e violento. Foi especificamente nesse contexto que “o homem [tornara-se] mais problemático para si próprio do que alguma vez o fora, em toda a história”.¹⁰⁰

Uma série de medos e angústias emergentes no contexto de mudanças do final do século XIX e início do XX intensificaram-se de uma forma nunca antes vista após a guerra. O medo da decadência das nações, a mais conhecida dentre as teorias que profetizavam o declínio da civilização, teve destaque no período pós-guerra a partir da obra de Oswald Spengler, de 1918. Intitulada “O declínio do Ocidente” (*Der Untergang des Abendlandes*), a obra argumentava que as culturas teriam ciclos de vida, “passando de uma idade heroica e criativa, [...] a uma corrupta “Idade da Civilização”, quando as massas desenraizadas e amontoadas em cidades perdem contato com o solo, pensam apenas em dinheiro e tornam-se incapazes de grandes atos”.¹⁰¹

Levando-se em consideração a explosão de significados, vivências e subculturas jovens que emergem no século XX, “influenciando, e se deixando influenciar por instituições recentes da modernização – cultura de massa, indústria cultural, cultura do lazer, cultura do consumismo etc”¹⁰², é possível destacar a emergência de uma juventude típica deste período. O nascimento da chamada “juventude rebelde-sem-causa”¹⁰³ só foi possível “graças à capacidade de assimilação mais rápida pelas camadas novas da sociedade moderna dos valores da ‘cultura de massa’ e da indústria cultural também surgidas neste início do século XX”¹⁰⁴ e, fundamentalmente, graças aos efeitos trazidos pela tragédia da guerra.

A juventude do pós-guerra é formada por um jovem *politicamente mais radical*, que integra uma geração organizada “em torno de partidos ou grupos políticos cuja posição ideológica e acção social se situavam nos extremos do eixo das simpatias partidárias, [...] polarizado entre a direita e a esquerda”.¹⁰⁵ A propósito, a Juventude Integralista, no Brasil, constitui-se justamente como expressão dessa problemática geração do pós-guerra. Conforme afirma Trindade,

Os traços que definem esta geração e que são comuns aos jovens situados politicamente tanto à direita quanto à esquerda, são a *inquietação*, o *ceticismo* e o

¹⁰⁰ BAUMER, Franklin. **O pensamento europeu moderno**. Lisboa: Edições 70, 1990. v. 2: séculos XIX e XX. p. 183.

¹⁰¹ PAXTON, Robert. **A anatomia do fascismo**. São Paulo: Paz e Terra, 2007. p. 70.

¹⁰² GROppo, Luís Antonio. **Juventude**: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000. p. 113-114.

¹⁰³ *Ibid.*, p. 16.

¹⁰⁴ *Ibid.*, p. 54.

¹⁰⁵ FERREIRA, Vitor Sérgio. O “jovem radical” contemporâneo: novos sentidos de um qualificativo juvenil. **Crítica e Sociedade: Revista de Cultura Política**, v. 1, n. 2, jan./jun. 2011, p. 107-127. p. 108.

antiliberalismo. O conteúdo desta inquietação se exprime na revolução estética, na renovação espiritual e nas insurreições tenentistas. Ao mesmo tempo, as transformações do mundo no pós guerra põem em questão os esquemas tradicionais, e a angústia da nova geração brasileira reflete, igualmente, o clima internacional.¹⁰⁶

Embora parte da historiografia ainda defenda que os efeitos da Primeira Guerra na América Latina não tenham sido os mesmos enfrentados pelos países europeus, é possível ressaltar que, devido à ampla rede de relações econômicas, políticas, culturais e étnicas estabelecida entre a Europa e a América Latina, o que ocorria em solo europeu repercutia muito frequentemente nos países latino-americanos, produzindo efeitos diretos principalmente sobre as elites políticas e intelectuais.¹⁰⁷ Não é à toa que a América Latina, conforme afirmou Payne, “dado o caráter freqüentemente autoritário dos governos latino-americanos e o surgimento do nacionalismo entre as guerras, poderia ter parecido o local mais provável para o surgimento de importantes fascismos não-europeus”¹⁰⁸, sendo a Ação Integralista Brasileira (AIB) “a coisa mais próxima a um partido de massas fascista nativo da América Latina”.¹⁰⁹

Especialmente durante a década de 1930, “os Estados latino-americanos enfrentaram um conjunto de problemas que as nações avançadas do mundo ocidental haviam resolvido há muito tempo e que se assemelhavam aos dos Estados preponderantemente agrários do sul e do leste europeu”.¹¹⁰ Apesar do contexto diferenciado, nas nações periféricas da América Latina “também foram criadas condições socioeconômicas e políticas, na conjuntura de radicalização ideológica entre as décadas de 1920 e 1940”¹¹¹, que viabilizariam, mais tarde, a emergência de movimentos de cunho fascista adaptados, obviamente, a cada contexto nacional e local.

No caso brasileiro, por exemplo, “o único que alcançou maior significado e, de fato, se tornou o único grande partido latino-americano que, em muitos aspectos, se aproximou do fascismo europeu, foi a Ação Integralista Brasileira”.¹¹² Verifica-se, assim, que, apesar da participação do Brasil na Primeira Guerra ter ocorrido em uma esfera mais simbólica do que efetiva, o simples processo de entrada na guerra causou impactos drásticos em seu sistema político.¹¹³

¹⁰⁶ TRINDADE, Helgio. **Integralismo: o fascismo brasileiro da década de 30**. São Paulo: Difel, 1974. p. 107.

¹⁰⁷ *Ibid.*, p. 46.

¹⁰⁸ PAYNE, Stanley G. **A History of Fascism – 1914-1945**. Madison: The University of Wisconsin Press, 1995. p. 340.

¹⁰⁹ PAXTON, Robert. **A anatomia do fascismo**. São Paulo: Paz e Terra, 2007. p. 314.

¹¹⁰ TRINDADE, *op. cit.*, p. 47.

¹¹¹ *Ibid.*, p. 46.

¹¹² PAYNE, *op. cit.*, p. 345.

¹¹³ *Ibid.*, p. 75.

Logo após o término da guerra, passaram a ter destaque no recrutamento e no controle de jovens as associações “direitistas”, de cunho “anti-semita, antiliberal, e antidemocrático”¹¹⁴, prenunciando a onda conservadora e radical que predominaria na primeira metade do século XX¹¹⁵, tanto na Europa quanto no Brasil. Com o término do conflito, soldados desmobilizados, “ginasianos, alunos de escolas militares e estudantes universitários em geral”¹¹⁶ passaram a se organizar em uma série de associações juvenis geridas por movimentos de cunho anti-comunista, como a Juventude Fascista, na Itália; a Juventude Hitlerista, na Alemanha; a Mocidade Portuguesa, em Portugal; e a Juventude Integralista, no Brasil.

Antes mesmo do século XX, tornou-se possível fazer uso de sentimentos nacionalistas para promover a hostilidade entre diferentes segmentos políticos.¹¹⁷ Contudo, a ocorrência em si de um ativismo de massas mobilizado em torno da paixão nacionalista era apenas visível de forma vaga em 1914, tornando-se gigantesco somente durante a Primeira Guerra Mundial. Apesar de o fascismo ter se tornado concebível antes mesmo de 1914, “ele ainda não era factível em termos práticos, até que a Grande Guerra jogou a Europa em uma nova era”.¹¹⁸

A experiência da primeira grande guerra foi a mais decisiva das precondições necessárias para a emergência da nova fórmula fascista.¹¹⁹ Essa experiência também foi o estopim do processo de institucionalização da juventude, que após a guerra passou a ser entendida como “alvo principal da política educacional e de propaganda do Fascismo”.¹²⁰ Foi

¹¹⁴ GROPPPO, Luís Antonio. **Juventude**: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000. p. 90.

¹¹⁵ Um dos primeiros rebentos surgiu na pioneira França, a já mencionada *Action Française*, “formada por grupos estudantis criados nos primeiros anos do século XX e que se especializaram na interrupção de aulas de professores progressistas, na promoção de espancamentos de políticos, ações violentas em cerimônias oficiais e o culto a Joana D’Arc” (GROPPPO, *loc. cit.*).

¹¹⁶ *Ibid.*, p. 139.

¹¹⁷ PAXTON, Robert. **A anatomia do fascismo**. São Paulo: Paz e Terra, 2007. p. 85-86.

¹¹⁸ *Ibid.*, p. 63.

¹¹⁹ Mais do que qualquer outro fator, não há como negar o fato de que a Primeira Guerra destaca-se como o mais claro impulso radicalizador do fascismo. Todavia, não se pode afirmar que a Primeira Guerra Mundial simplesmente “causou” o fascismo, tendo em vista que a maioria dos conceitos que criariam o movimento já vinham se construindo desde meados do século XIX. De acordo com essa perspectiva, o surgimento da Era Facista teria sido consequência do contexto pós-guerra, e não da primeira guerra em si (PAYNE, Stanley G. **A History of Fascism – 1914-1945**. Madison: The University of Wisconsin Press, 1995. p. 79). Destaca-se, ainda, que são muitas as linhas teóricas que já tentaram delimitar as supostas principais causas do surgimento e/ou apogeu do fenômeno fascista. Contudo, apesar de admitir que não há pesquisa que contenha em si mesma capacidades físicas para apontar a totalidade de fatores que constituíram o solo fértil para a emergência do fenômeno fascista, é necessário ater-se, aqui, ao fato de que tratar qualquer perspectiva como variável única e absoluta seria novamente limitar o leitor à possibilidade de compreender o fascismo como um complexo de processos temporais, constituído por componentes étnicos, culturais, territoriais, econômicos e também políticos (SMITH, Anthony. **A identidade nacional**. Lisboa: Gradiva, 1997).

¹²⁰ ROSA, Cristina Souza da. Pequenos soldados do fascismo: a educação militar durante o governo de Mussolini. **Antíteses**, v. 2, n. 4, p. 621-648, jul.-dez. 2009. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses/article/viewFile/2704/3929>. Acesso em: 15 dez. 2017. p. 630.

justamente nesse contexto pós-guerra que uma série de organizações políticas, dentre elas os fascismos, assumiram a função de construir um novo homem através de uma educação física e espiritual.

É bastante tênue a linha que divide os períodos de eclosão de grandes crises dos períodos de emergência de novas fórmulas políticas. Sejam elas crises políticas, econômicas ou sociais, a história – e, em especial, a história política – não cessa em mostrar que esses períodos foram, ao longo da história, um solo particularmente fértil para a emergência de novas *fórmulas políticas*, na medida em que estas buscam soluções para os males que assolam as sociedades.

Assim como toda e qualquer transformação estrutural – que, de forma geral, gera mudanças na visão da realidade política de um país –, as mais grandiosas crises, via de regra, tendem, muito facilmente, a condicionar a sociedade ao desmoronamento brutal das crenças pré-estabelecidas. Através da mobilização de sentimentos de desilusão, angústia e pessimismo em relação ao futuro, as piores crises detêm o poder de impulsionar indivíduos e nações a buscarem incessantemente por novas fórmulas que lhes devolvam a fé e a esperança perdidas. É por esse motivo que as mais drásticas crises – em especial, as políticas – constituem-se quase sempre enquanto *crises de crença*.¹²¹

O *poder mobilizador* que as grandes crises detêm está no fato de que estes períodos e as novas angústias trazidas por eles, de forma muito particular, geram novas necessidades. Destaca-se, primeiramente, o surgimento de uma latente necessidade de personificar todos os problemas nacionais na figura de um ou mais inimigos. Em segundo lugar, tendo sido definido um nome e um rosto que incorpore a culpa por todos os males que assolam a sociedade, os infortúnios que ameaçam a nação tornam-se então combatíveis. Surge, a partir daí, a demanda por projetos políticos que proponham soluções emergenciais – por meio da força, se assim for preciso – para que as ameaças trazidas pela crise, finalmente, possam ser extintas.¹²²

Refletindo a situação europeia, o cenário de crise estabelecido no Brasil após a guerra, aos poucos, assumiu proporções inimagináveis: intensificava-se o processo de urbanização em torno das grandes cidades; a pequena indústria e o trabalho artesanal abruptamente transformavam-se na grande indústria brasileira; a legitimidade de um sistema político dominado até então por uma elite agrária exportadora passava, a partir de agora, a ser questionada; emergiam novas camadas urbanas “oriundas da burocracia, do comércio, das

¹²¹ CHAMPAGNE, Patrick. **Formar a opinião**: o novo jogo política. Porto Alegre: Vozes, 1998.

¹²² JANCÓSÓ, István. **Brasil**: formação do Estado e da Nação. São Paulo: Hucitec, 2003. v. 50.

pequenas empresas e do exército”¹²³, incorporando-se à esfera pública através da luta social (a ascensão de uma classe operária organizada, em especial, alardeava os setores mais conservadores da sociedade); a classe feminina, que antes da guerra detinha um papel restrito apenas ao âmbito privado, ascendia de forma cada vez mais unificada e consciente de seus direitos sociais, questionando as definições tradicionais da elite masculina da época e inscrevendo-se na luta através de suas reivindicações “pelo direito ao trabalho, ao voto e à instrução”.¹²⁴ Além destas, uma série de outras mudanças surgidas no Brasil do pós-guerra impactavam a estabilidade vigente sob vários aspectos, agravando o já instaurado contexto de crise.

O clima de tensão diante da velocidade de transformações empreendidas nas primeiras décadas do século XX perturbava muitos setores conservadores.¹²⁵ Nos anos 1920, a crise assume grandes proporções. As reivindicações da classe operária atingem uma nova etapa de organização política com a fundação do Partido Comunista Brasileiro, em março de 1922; as insatisfações da classe média emergente se incorporam às insurreições tenentistas, movimento político-militar “dirigido por jovens oficiais das Forças Armadas”; e as reivindicações das mulheres adquirem maior visibilidade por meio da luta “pela melhoria da educação, pelo direito de atuarem no mercado de trabalho – não apenas como professoras, mas também no comércio, nas repartições públicas, nos hospitais e nas indústrias – e, sobretudo, pelo sufrágio feminino”.¹²⁶ Dessa forma, o conjunto de rebeliões dos anos 20 tinham em comum uma mesma intenção: a de intervir na esfera política provocando mudanças no seio do Estado.

O ano chave do período é 1922. Nele eclodem quatro acontecimentos simbólicos que contêm, em embrião, a mutação da sociedade brasileira entre as duas guerras mundiais. A Semana da Arte Moderna, em fevereiro, desencadeia a revolução estética; uma nova etapa da organização política da classe operária se delineia, em março, com a fundação do Partido Comunista Brasileiro; a criação do Centro D. Vital, ligado à revista *A Ordem*, de orientação católica, prenuncia a renovação espiritual; e, finalmente, a primeira etapa da revolução política tenentista irrompe, em julho, com a rebelião na Fortaleza de Copacabana.¹²⁷

O sofrimento e abnegação comuns provocados pela guerra e intensificados neste cenário de crise acabaram por gerar um novo *ethos militar* nos quatro cantos do ocidente,

¹²³ TRINDADE, Helgio. **Integralismo**: o fascismo brasileiro da década de 30. São Paulo: Difel, 1974. p. 25.

¹²⁴ MANCILHA, Virgínia Maria Netto. **Vozes femininas**: um estudo sobre a *Revista Feminina* e a luta pelo direito ao voto ao trabalho e à instrução. 2012. 152 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012. p. 17-18.

¹²⁵ *Ibid.*

¹²⁶ *Ibid.*, p. 101.

¹²⁷ TRINDADE, *op. cit.*, p. 15.

criando uma nova classe civil-militar mobilizada, especialmente nos anos 1920 e 1930, em torno de um senso de identidade nacionalista nunca antes visto.¹²⁸

A atração provocada pela ideia de um Estado ideal após a guerra, passava a unir em uma ação comum as multidões que buscavam uma cura universal para os males que assolavam as nações. O fatídico contexto instaurado no pós-guerra reunia, assim, os ingredientes fundamentais para a emergência de um nacionalismo marcado por um extremismo nunca antes visto. O cenário de crise devastadora aliado ao surgimento de uma massa sem crenças, identidades ou esperanças fornecia, assim, o estopim da radicalização nacionalista. Emergindo justamente pelo esforço de criar uma nova crença política¹²⁹, o nacionalismo do pós-guerra surgia em resposta às novas aspirações da sociedade.

A simples possibilidade de sentir-se parte de uma nação enquanto uma coletividade familiar oferece “dignidade e renovação pessoal por e através da regeneração nacional”.¹³⁰ A mobilização de um sentimento de auto-sacrifício de interesses individuais em favor de um bem maior, a veneração de heróis antepassados, as cerimônias comemorativas, e a realização da fraternidade por meio de ritos, símbolos e discursos que exaltam o caráter nacional, fazem com que o nacionalismo seja, na vida política, “o que é a fé na religião; estando para os sentimentos domésticos e a saudade da pátria como a fé para o fanatismo e a superstição”.¹³¹

Como essas religiões, as nações e as suas cerimônias comemorativas unem todas aquelas famílias que perderam parentes na guerra e em outros desastres nacionais, e todos aqueles que relembram antepassados comuns, como que a retirar do seu exemplo aquela força de vontade e espírito de auto-sacrifício que inspirará neles um heroísmo semelhante.¹³²

Especialmente após o término da Primeira Grande Guerra, a Europa exportava o seu estado de entusiasmo em torno da questão nacional em um ritmo e intensidade cada vez maiores, conquistando um fervor apaixonado em quase todo o mundo ocidental. No cenário brasileiro, não seria diferente. Mais precisamente a partir das três primeiras décadas do século XX, o clima de agitação ideológica mostrava-se cada vez mais simpático ao nacionalismo de tom mais extremista. Marcando a maior e mais radical inflexão autoritária da história do

¹²⁸ PAYNE, Stanley G. **A History of Fascism – 1914-1945**. Madison: The University of Wisconsin Press, 1995. p. 73.

¹²⁹ CHAMPAGNE, Patrick. **Formar a opinião: o novo jogo política**. Porto Alegre: Vozes, 1998.

¹³⁰ SMITH, Anthony. **A identidade nacional**. Lisboa: Gradiva, 1997. p. 197.

¹³¹ ACTON, Lord. **Nacionalidade. Um mapa da questão nacional**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000. p. 38.

¹³² SMITH, *op. cit.*, p. 199.

Brasil, este período acabou por criar as condições necessárias “para a transformação de todo um quadro de pensamento, formando uma nova ambiência intelectual”¹³³ no Brasil.

Conforme já apontado no início do texto, ao refletir sobre o que entende-se por jovem, torna-se imprescindível perguntar quem é este jovem, tendo em vista que “a juventude também é vivida diferentemente em cada um dos gêneros, mesmo quando se trata de indivíduos de uma mesma classe ou estrato social, do mesmo ambiente urbano ou rural, etnia, etc”.¹³⁴

Partindo desse pressuposto, destaca-se que, apesar das diversas similitudes entre os processos de institucionalização das categorias juvenis ocorridos na Europa e no Brasil, o jovem brasileiro do pós-guerra enfrenta problemas sociais diferentes dos vividos pela juventude dos países mais desenvolvidos. Exemplos são “a miséria, a exclusão, o desemprego e a falta de perspectivas em relação ao futuro de suas vidas”.¹³⁵, diferenças sócio-culturais que levam a “visões de mundo distintas, códigos morais próprios, modos de sentir específicos”.¹³⁶ Nesse sentido, verifica-se que o jovem brasileiro do pós-guerra se situa em uma geração de homens solitários, dotados de um poder de voto, mas sem emprego ou segurança social. “É um ser incapaz de se auto-reconhecer e, portanto, de uma identificação mútua num determinado grupo social ou nacional”.¹³⁷ Integrando por si só uma categoria em processo de construção de identidade¹³⁸, a juventude brasileira da década de 1930 se insere em um processo de busca incessante por identidade, representação e coletividade, questões oferecidas pela nova mística nacionalista.

Estando o nacionalismo e a busca por uma aspiração nacional em diálogo constante e mútuo com a ideia de uma *identidade nacional*¹³⁹, o movimento se constitui enquanto um

¹³³ FREIRE, Silene de Moraes. Pensamento autoritário e modernidade no Brasil. **Revista da Faculdade de Serviço Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro**, v. 6, n. 23, jul. 2009. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistaempauta/article/viewFile/455/563>. Acesso em: 10 dez. 2017. p. 203-204.

¹³⁴ GROppo, Luís Antonio. **Juventude**: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000. p. 16.

¹³⁵ NAZZARI, Rosana Katia. Capital social e socialização política dos jovens no Brasil. **Educação Unisinos**, v. 9, n. 2, p. 145-154, maio/ago. 2005. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/educacao/article/view/6312>. Acesso em: 10 dez. 2017. p. 145.

¹³⁶ REZENDE, Claudia Barcellos. Identidade: o que é ser jovem? **Revista Tempo e Presença**, n. 240, ano 11, 1989. p. 05.

¹³⁷ SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. Os fascismos. In: FILHO, Daniel Aarão Reis; FERREIRA, Jorge; ZENHA, Celeste (Orgs.). **O século XX – O tempo das crises. Revoluções, fascismos e guerras**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. p. 109-164. p. 140.

¹³⁸ REZENDE, *op. cit.*, p. 04.

¹³⁹ Independentemente do que se entender como identidade nacional, é preciso partir do pressuposto que ela sempre consiste em uma “consciência de comunidade política, por mais tênue que seja”. Isso quer dizer que implica na existência de um território demarcado e limitado, de um mesmo código de direitos e deveres, de instituições comuns e, fundamentalmente, de indivíduos que se sentem pertencentes àquele espaço e/ou cultura (SMITH, Anthony. **A identidade nacional**. Lisboa: Gradiva, 1997. p. 22).

significativo dispositivo para a descoberta da própria identidade individual. Nesse sentido, a identidade nacional detém um importante papel para a descoberta e/ou redefinição da identidade individual, permitindo que, ao redescobrir quem se é e de onde se vem, a que território ou comunidade se pertence, o sujeito possa redescobrir a si próprio.

As emoções que liberta são aquelas que a comunidade dirige a si própria, enaltecendo-se a si mesma autoconscientemente. As virtudes que exalta são única e exclusivamente as da individualidade nacional. E os crimes que condena são aqueles que ameaçam dilacerar essa individualidade. [...] Ao articular e ao tornar tangível a ideia de nacionalismo e os conceitos de nação, cerimonial e simbolismo ajudam a garantir a continuidade de uma comunidade abstrata de história e destino.¹⁴⁰

Assim como na Europa, o nacionalismo que emergia no Brasil do pós-guerra ascendia, em primeiro lugar, enquanto instância reguladora do caos, oferecendo “a realização da fraternidade através de símbolos, ritos e cerimônias, que unem os vivos aos mortos e vítimas de guerra da comunidade”.¹⁴¹

O clima de incerteza e o conjunto de mudanças trazidas pela guerra ocasionaram uma intensa reação intelectual não só na Europa, mas também no Brasil. Nesse período, apesar de ser inegável a presença de uma maior organização da sociedade civil em torno do ativismo político, a ideia da sociedade brasileira amorfa era ainda muito cultivada por grande parte da intelectualidade. Em consequência disso, surgia um forte apelo à elite intelectual, para que desenvolvesse um projeto nacional de construção da modernidade brasileira.

Deu-se, a partir de então, uma participação mais ativa dos intelectuais na política, sob o pretexto de que somente os homens de letras, intelectuais que ainda não teriam ocupado a verdadeira posição que lhes caberia na sociedade, poderiam assumir a missão de organizar a moderna sociedade brasileira, “tornando-a civilizada”.¹⁴² Uma das premissas do pensamento político autoritário é a visão do iletrado como um “ser imaturo que precisa ser guiado e controlado”.¹⁴³ Essa perspectiva de sociedade perpassou amplos setores do pensamento brasileiro nas décadas de 1920 e 1930, delegando aos intelectuais o papel de porta-vozes dos

¹⁴⁰ SMITH, Anthony. **A identidade nacional**. Lisboa: Gradiva, 1997. p. 102.

¹⁴¹ *Ibid.*, p. 199.

¹⁴² FREIRE, Silene de Moraes. Pensamento autoritário e modernidade no Brasil. **Revista da Faculdade de Serviço Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro**, v. 6, n. 23, jul. 2009. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistaempauta/article/viewFile/455/563>. Acesso em: 10 dez. 2017. p. 211.

¹⁴³ BULHÕES, Tatiana da Silva. **Integralismo em foco: imagens e propaganda política**. Rio de Janeiro: Imprensa oficial do Estado do Rio de Janeiro, 2012. p. 46.

anseios populares, condutores do processo de mudança social e política e tutores do povo brasileiro.¹⁴⁴

A sociedade assistiu, nesse momento, “ao surgimento de intelectuais profundamente preocupados com a explicação da realidade brasileira”.¹⁴⁵ Enquanto na Europa “o futurismo italiano se identifica com o fascismo e a maior parte dos surrealistas franceses se engaja na extrema-esquerda”¹⁴⁶, as opções políticas dos modernistas tinham caráter múltiplo, abarcando tanto intelectuais simpáticos à esquerda quanto à direita. Contudo, apesar de um certo caráter plural prevalecer nas tendências ideológicas, todas as correntes modernistas apresentavam “um fundo comum: o nacionalismo”.¹⁴⁷ Tanto é verdade que raros foram os intelectuais modernistas “que não se alinharam, logo depois, como militantes no terreno do nacionalismo: seja o nacionalismo conservador ou o progressista, seja o nacionalismo patriótico ou o esclarecido”.¹⁴⁸ Após a Semana de Arte Moderna, em especial, o movimento modernista assume um caráter propriamente nacionalista.

A herança modernista vencedora foi, assim, a do grupo dos “verde-amarelos”, “organizados na década de 20 por Cassiano Ricardo, Menotti Del Pichia e ninguém menos que Plínio Salgado, chefe nacional do integralismo”¹⁴⁹, o que demonstra a forte tendência nacionalista que dragou a intelectualidade do período, lançando as bases culturais e políticas para o Brasil das décadas de 1930 e 1940.

Com os intelectuais da época adeptos da ideia de que “somente um Estado forte e intervencionista seria capaz de construir a modernidade”¹⁵⁰ brasileira, a maior parte dos políticos e ideólogos do período concluíram “que o autoritarismo seria o único regime harmonizado com o Brasil real”.¹⁵¹ Assim, as principais reformas modernizantes, dentre elas a educação, desenvolveram-se tendo como base um viés autoritário.

¹⁴⁴ BULHÕES, Tatiana da Silva. **Integralismo em foco: imagens e propaganda política**. Rio de Janeiro: Imprensa oficial do Estado do Rio de Janeiro, 2012. p. 46.

¹⁴⁵ FREIRE, Silene de Moraes. Pensamento autoritário e modernidade no Brasil. **Revista da Faculdade de Serviço Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro**, v. 6, n. 23, jul. 2009. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistaempauta/article/viewFile/455/563>. Acesso em: 10 dez. 2017. p. 203.

¹⁴⁶ TRINDADE, Helgio. **Integralismo: o fascismo brasileiro da década de 30**. São Paulo: Difel, 1974. p. 36.

¹⁴⁷ TRINDADE, *loc. cit.*

¹⁴⁸ FREIRE, *op. cit.*, p. 209.

¹⁴⁹ BULHÕES, *op. cit.*, p. 46-47.

¹⁵⁰ FREIRE, *op. cit.*, p. 213.

¹⁵¹ CHAUI, Marilena. Apontamentos para uma crítica da Ação Integralista Brasileira. In: CHAUI, Marilena. **Ideologia e mobilização popular**. São Paulo: Paz e Terra, 1978. p. 17-149. p. 64.

Partindo dos pressupostos de que “a educação não molda o homem em abstrato, mas em uma dada sociedade e para ela”¹⁵² e de que “os objetivos educacionais não podem ser adequadamente entendidos quando separados das situações que cada época é obrigada a enfrentar e da ordem social para a qual eles são formulados”¹⁵³, destaca-se que no período pós-guerra a educação ocupou o centro do debate político, passando a ser entendida como principal meio para se obter a purificação da raça brasileira e, através dela, a necessária renovação nacional. A nova intelectualidade política afirmava que “somente por meio da educação o Brasil se constituiria em uma grande nação, dentro dos moldes europeus”.¹⁵⁴ A modernidade brasileira deveria ser arquitetada a partir de então, pela intelectualidade e através da educação.

Verifica-se, assim, que a experiência da Primeira Grande Guerra e a onda de desesperança inaugurada a partir dela, fizeram do nacionalismo uma das mais tentadoras alternativas para a juventude brasileira, oferecendo a essa geração uma nova esperança, um sentimento “de ser parte, peça substituível, de uma imensa engrenagem voltada para um fim maior”.¹⁵⁵ Este nacionalismo também concedeu, especialmente através do fascismo, uma sedutora oportunidade de liberação de “todos os ódios existentes”.¹⁵⁶

A consciência da nação enquanto uma grande massa uniforme de cidadãos que “vestem-se e comem de forma semelhante e falam a mesma língua”¹⁵⁷, suscitou, assim, um sentimento maior de representação e coletividade. Longe de ser uma geração apática, essa juventude desenvolveu, a partir de então, grande interesse para a resolução dos problemas da nação¹⁵⁸, o que explica, de certa forma, a simpatia que o discurso salvacionista promovido pelo fascismo, mais tarde, exerceria sobre estas categorias. As ideias de raça, história e espírito nacional passaram a ser utilizadas, a partir de então, como instrumentos para a construção de uma nova comunidade, “dando condições de identificação mútua entre seus

¹⁵² MANNHEIM, Karl. Funções das gerações novas. In: PEREIRA, Luiz; FORACCHI, Marialice M. (Orgs.). **Educação e sociedade. Leituras de sociologia da educação**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1978. p. 89.

¹⁵³ *Ibid.*, p. 89-90.

¹⁵⁴ MANCILHA, Virgínia Maria Netto. **Vozes femininas: um estudo sobre a Revista Feminina e a luta pelo direito ao voto ao trabalho e à instrução**. 2012. 152 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012. p. 65.

¹⁵⁵ SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. Os fascismos. In: FILHO, Daniel Aarão Reis; FERREIRA, Jorge; ZENHA, Celeste (Orgs.). **O século XX – O tempo das crises. Revoluções, fascismos e guerras**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. p. 109-164. p. 155.

¹⁵⁶ *Ibid.*, p. 138.

¹⁵⁷ SMITH, Anthony. **A identidade nacional**. Lisboa: Gradiva, 1997. p. 98-99.

¹⁵⁸ NAZZARI, Rosana Katia. Capital social e socialização política dos jovens no Brasil. **Educação Unisinos**, v. 9, n. 2, p. 145-154, maio/ago. 2005. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/educacao/article/view/6312>. Acesso em: 10 dez. 2017. p. 146.

membros”.¹⁵⁹ Conforme afirma Silva, “é neste sentido que o fascismo se oferece como uma possibilidade de restauração de identidades perdidas. Eis aí, também, todo o seu poder de sedução e encantamento”.¹⁶⁰

2.3 EDUCAÇÃO E AUTORITARISMO

Em dias de nacionalismo efervescente, “vários movimentos e campanhas nacionalistas eclodiram, tendo como finalidade a elevação moral e política do país”¹⁶¹ dando à questão da construção da nacionalidade brasileira um papel protagonista no meio intelectual. “Era preciso “republicanizar a República” e a educação foi novamente apontada como a solução destes e de todos os males do país”.¹⁶²

No Brasil, desde fins do século XIX, a educação já havia adquirido certa centralidade política, sendo considerada o elemento de regeneração da nação. Constituindo-se enquanto um “amplo projeto político-social e uma bandeira de luta para monarquistas e conservadores e, especialmente, para liberais e republicanos”¹⁶³, ao mesmo tempo em que a educação adquiria um papel protagonista no cenário político-intelectual, o jovem passava a ser cada vez mais considerado um “objeto de cooptação e mobilização”.¹⁶⁴

No século XX, diante do cenário de crise, “um entusiasmo pedagógico tomou conta dos círculos letrados, contaminando-os com a crença da redenção nacional pela escola”¹⁶⁵ elevando a educação “à solução por excelência para o atraso do povo brasileiro”.¹⁶⁶ A partir de então, a educação passava a ser vista como “agência de civilização das massas”¹⁶⁷, instância responsável por incutir na sociedade os ideais de civismo, patriotismo e nacionalização. Aos poucos, esse contexto possibilitava o surgimento das principais políticas

¹⁵⁹ SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. Os fascismos. In: FILHO, Daniel Aarão Reis; FERREIRA, Jorge; ZENHA, Celeste (Orgs.). **O século XX – O tempo das crises. Revoluções, fascismos e guerras**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. p. 109-164. p. 142.

¹⁶⁰ *Ibid.*, p. 142.

¹⁶¹ SOUZA, Rosa Fátima de. A militarização da infância: expressões do nacionalismo na cultura brasileira. **Cadernos Cedes**, ano XX, n. 52, p. 104-121, nov. 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v20n52/a08v2052.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2017. p. 109-110.

¹⁶² *Ibid.*

¹⁶³ *Ibid.*, p. 105-106.

¹⁶⁴ SANTANA, Márcio Santos de. A categoria juventude na pesquisa histórica: notas metodológicas. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – ANPUH, XXVI, São Paulo, 2011. **Anais...** São Paulo, 2011. p. 06-07.

¹⁶⁵ VIANA, Giovanni Noceti. **Orientar e disciplinar a liberdade: um estudo sobre a educação nas milícias juvenis integralistas – 1934/1937**. 2008. 134 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008. p. 52.

¹⁶⁶ VIANA, *loc. cit.*

¹⁶⁷ SOUZA, *op. cit.*

públicas educacionais dos anos 1930, expressando um profundo interesse da intelectualidade em construir o novo homem brasileiro através da educação e da cultura.

Inserido na recém-inaugurada cultura política autoritária que regia a intelectualidade brasileira do período, “o conjunto dos métodos educacionais dos anos 20 e 30, no lar e na escola, ou nas práticas didático-repressivas dos exércitos e polícias civis contemporâneos”¹⁶⁸, passou a ser visto como ponto de partida para a construção não só de um novo homem brasileiro, mas para a construção de uma nova personalidade autoritária. “Com esta intenção, aspectos de exaltação da tradição brasileira, seus “heróis” e símbolos foram selecionados para educar a “massa”, fixando as bases míticas do Estado forte”¹⁶⁹. Iniciava-se assim um processo de militarização da infância e juventude.

Um conjunto de variadas práticas cívico-militares passou a integrar o currículo escolar com amplos propósitos: “a perpetuação da memória histórica nacional, a exibição das virtudes morais e cívicas inscritas na obra formativa escolar, a ação educadora da escola para o conjunto da sociedade ou a expressão do imaginário sociopolítico da República”¹⁷⁰. Neste contexto, destaca-se, a título de exemplo, “a introdução da disciplina “Ginástica e exercícios militares” nos programas de ensino”¹⁷¹, visando uma série de finalidades que incluíam o sentimento de patriotismo, o desenvolvimento das virtudes cívicas, a moralização dos hábitos, a eugenia e a disciplina corporal”¹⁷². A educação, baseada na disciplina rígida, na organização, na obediência e no autocontrole, constituía-se, assim, enquanto “uma das técnicas sociais destinadas à criação do tipo desejado de cidadão”¹⁷³ que, neste cenário, deveria ser uma espécie de *cidadão-soldado*.¹⁷⁴

Logo após o término da guerra, muitos países do ocidente condenaram toda e qualquer prática educativa de natureza militar antes dos 19 anos de idade, “fosse do pondo de vista

¹⁶⁸ SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. Os fascismos. In: FILHO, Daniel Aarão Reis; FERREIRA, Jorge; ZENHA, Celeste (Orgs.). **O século XX – O tempo das crises. Revoluções, fascismos e guerras**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. p. 109-164. p. 154.

¹⁶⁹ BULHÕES, Tatiana da Silva. **Integralismo em foco: imagens e propaganda política**. Rio de Janeiro: Imprensa oficial do Estado do Rio de Janeiro, 2012. p. 46-47.

¹⁷⁰ SOUZA, Rosa Fátima de. A militarização da infância: expressões do nacionalismo na cultura brasileira. **Cadernos Cedes**, ano XX, n. 52, p. 104-121, nov. 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v20n52/a08v2052.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2017. p. 116.

¹⁷¹ *Ibid.*, p. 105.

¹⁷² *Ibid.*, p. 109.

¹⁷³ MANNHEIM, Karl. Funções das gerações novas. In: PEREIRA, Luiz; FORACCHI, Marialice M. (Orgs.). **Educação e sociedade. Leituras de sociologia da educação**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1978. p. 89.

¹⁷⁴ ROSA, Cristina Souza da. Pequenos soldados do fascismo: a educação militar durante o governo de Mussolini. **Antíteses**, v. 2, n. 4, p. 621-648, jul.-dez. 2009. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses/article/viewFile/2704/3929>. Acesso em: 15 dez. 2017. p. 621.

higiênico, quanto da cultura física e moral”.¹⁷⁵ Sugeriu-se, ao invés de uma educação militar, uma educação cívica. “É nesse contexto que surge e se intensifica nos meios educacionais e políticos a defesa do escotismo como fator de educação do caráter e de defesa da pátria”.¹⁷⁶ A partir de então, vários intelectuais abraçaram a doutrina de Baden-Powell, criador do movimento escoteiro, “como forma de inculcar nas novas gerações sentimentos nacionalistas e de civismo”.¹⁷⁷

Sendo um “movimento educacional cívico-patriótico” desenvolvido originalmente na Inglaterra, em 1907, “a doutrinação escoteira objetivava formar crianças e jovens num ideário que valorizava, de forma acentuada, o sentimento de pertencimento à Nação [...], o enaltecimento de símbolos nacionais, e o respeito à ordem e à disciplina social”.¹⁷⁸ Conquistando a simpatia da intelectualidade brasileira, o escotismo foi caracterizado, nesse período, como “um dos métodos mais eficazes de ensino e consolidação do civismo e do patriotismo nas novas gerações”.¹⁷⁹ A prova disso é que, na década de 1920, ocorreu a introdução obrigatória nos currículos escolares do escotismo e da linha de tiro”.¹⁸⁰

De acordo com o Decreto 3.355, de 27/5/1921, que regulamentou a Reforma da Instrução Pública, todos os alunos matriculados nas escolas públicas seriam considerados aspirantes a escoteiros. Para ser inscrito escoteiro eram necessários a idade mínima de 10 anos, a deliberação pessoal espontânea para a instrução e o consentimento dos pais por escrito. Os professores de ginástica das escolas normais e das escolas complementares seriam os instrutores do escotismo.¹⁸¹

A mobilização e enquadramento institucional das categorias juvenis teve no escotismo o seu modelo ideal. Mais tarde, sua estrutura doutrinária foi copiada por uma série de outras organizações¹⁸², incluindo a Juventude Integralista.

A educação cívico-militar restaurada pelo escotismo fazia parte de toda uma estrutura de ensino que visava formar um “novo homem” “através de uma educação integral que

¹⁷⁵ SOUZA, Rosa Fátima de. A militarização da infância: expressões do nacionalismo na cultura brasileira. **Cadernos Cedex**, ano XX, n. 52, p. 104-121, nov. 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v20n52/a08v2052.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2017. p. 109.

¹⁷⁶ *Ibid.*, p. 110.

¹⁷⁷ VIANA, Giovanni Noceti. **Orientar e disciplinar a liberdade**: um estudo sobre a educação nas milícias juvenis integralistas – 1934/1937. 2008. 134 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008. p. 51.

¹⁷⁸ NASCIMENTO, Adailson de Oliveira. Movimento escoteiro e cultura política nacionalista no Brasil na primeira metade do século XX. In: MOTTA, Rodrigo Patto Sá (Org.). **Culturas políticas na história**: novos estudos. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2009. p. 39-58. p. 46.

¹⁷⁹ VIANA, *op. cit.*, p. 53-54.

¹⁸⁰ SOUZA, *op. cit.*, p. 112.

¹⁸¹ SOUZA, *loc. cit.*

¹⁸² SANTANA, Márcio Santos de. A categoria juventude na pesquisa histórica: notas metodológicas. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – ANPUH, XXVI, São Paulo, 2011. **Anais...** São Paulo, 2011. 06.

envolvia o lado psicológico, físico e social”¹⁸³ do indivíduo. Surgia assim uma nova ideia de jovem enquanto “um corpo-objeto, coisificado, capitalizado e colocado a render na cena do consumo e da moda”.¹⁸⁴ Nesse contexto, foi conferido grande destaque à disciplina da Educação Física como “meio principal na construção da juventude forte e bela”.¹⁸⁵

No Brasil, desde os anos que sucederam a Revolução de 1930, “a educação funcionaria como um dos instrumentos para a valorização do homem e a melhora da condição de vida dos brasileiros moral, intelectual e economicamente”.¹⁸⁶ Em um período conturbado de disputa por autonomia e legitimidade, a educação obteve um papel central passando a ser “permeada e “disputada” por diferentes forças da sociedade civil e do Estado”.¹⁸⁷

De acordo com essa perspectiva, a educação física proporcionaria “um controle sobre o próprio corpo, estimulando o domínio dos centros nervosos e melhorando o uso da energia”¹⁸⁸, questão fundamental “para a formação de um soldado, que, com isto, teria ciência dos seus limites e da sua capacidade física e mental”.¹⁸⁹ Atuando de forma eugênica, a educação do corpo funcionaria no sentido de criar um “corpo fortalecido, higienizado e preparado para o combate”.¹⁹⁰

Em consequência disso, a família adquiria um papel cada vez mais preponderante no novo projeto de reeducação da sociedade brasileira, “passando a ser importante elemento para o aprimoramento da “raça” como meio de forjar uma nova nação”.¹⁹¹ Adquirindo evidência crescente no debate intelectual por ser a primeira instituição a transmitir ao indivíduo “valores, comportamentos e relações sociais como noções e relações de autoridade, hierarquia, disciplina, valores morais e religiosos”¹⁹², a família passava a ser então considerada a “célula-mater da sociedade”.¹⁹³

¹⁸³ ROSA, Cristina Souza da. Pequenos soldados do fascismo: a educação militar durante o governo de Mussolini. **Antíteses**, v. 2, n. 4, p. 621-648, jul.-dez. 2009. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses/article/viewFile/2704/3929>. Acesso em: 15 dez. 2017. p. 622-623.

¹⁸⁴ FERREIRA, Vitor Sérgio. O “jovem radical” contemporâneo: novos sentidos de um qualificativo juvenil. **Crítica e Sociedade: Revista de Cultura Política**, v. 1, n. 2, jan./jun. 2011, p. 107-127. p. 115.

¹⁸⁵ STEIN, Cristiane Antunes. **Por Deus e pelo Brasil: a juventude brasileira em Curitiba (1938-1945)**. 2008. 172 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2008. p. 38.

¹⁸⁶ *Ibid.*, p. 39.

¹⁸⁷ *Ibid.*

¹⁸⁸ ROSA, *op. cit.*, p. 629.

¹⁸⁹ *Ibid.*

¹⁹⁰ *Ibid.*

¹⁹¹ ENDRICA, Geraldo. **Entre a raça e a nação: a família como alvo dos projetos eugenista e integralista de Nação brasileira nas décadas de 1920 e 1930**. 2001. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001. p. 02-03.

¹⁹² *Ibid.*, p. 02.

¹⁹³ *Ibid.*

A intelectualidade médica, cujo discurso científico era aparentemente desprovido de qualquer conotação política no Brasil do século XIX, começou a conquistar amplo espaço no debate através do desenvolvimento de propostas educacionais eugênicas, já em voga em alguns países na Europa nesse período. Visando o aprimoramento da raça brasileira, os projetos eugenistas tinham como objetivo estimular a reprodução dos indivíduos desejáveis e restringir a dos portadores de doenças consideradas transmissíveis, dos criminosos, dos pobres e “dos considerados racialmente inferiores, como negros, asiáticos e mestiços”.¹⁹⁴

Mas o que se quer salientar aqui, independente do fato de que muitas das ideias discutidas não passaram de propostas e projetos, é a noção presente nessas publicações de que a vida privada dos indivíduos e a instituição familiar foram crescentemente consideradas alvos necessários de intervenção de especialistas como médicos, sanitaristas, pedagogos, psiquiatras, entre outros.¹⁹⁵

A família passava, a partir de então, a ser entendida como peça-chave da saúde da nação e da constituição de uma “raça” brasileira forte. O projeto de aperfeiçoamento eugênico, assim, alicerçava-se também no aprimoramento do físico que, agindo no sentido de afastar os vícios da raça, promoveria “corpos saudáveis que iriam salvar o Brasil”.¹⁹⁶

Gradativamente, a atenção de “médicos, educadores, professores e instituições como o exército, a Igreja e a escola”¹⁹⁷, assim como o próprio debate educacional, voltavam-se para a questão do corpo e da higiene. Dessa forma, a construção de uma identidade brasileira moderna por meio da educação ocorria através das teorias eugênicas, do incentivo à higiene e do desenvolvimento da educação física, a fim de que as futuras gerações brasileiras pudessem herdar uma nova raça – forte, educada, aculturada e patriótica.

2.4 O PROCESSO DE FASCISTIZAÇÃO DA CATEGORIA JUVENIL

Em um cenário simpático apenas ao extremismo, o surgimento do fenômeno fascista enquanto única instância reguladora do caos do pós-guerra, marcou o mundo ocidental, tendo grande sucesso entre os intelectuais de um modo geral. Não foi à toa que o período de 1918 até 1945 foi caracterizado na historiografia como “a era dos extremos” ou a “era dos

¹⁹⁴ ENDRICA, Geraldo. **Entre a raça e a nação**: a família como alvo dos projetos eugenista e integralista de Nação brasileira nas décadas de 1920 e 1930. 2001. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001. p. 11.

¹⁹⁵ *Ibid.*, p. 25.

¹⁹⁶ SIMÕES, Renata Duarte; GOELLNER, Silvana Vilodre. Educação Física e esportes na Ação Integralista Brasileira: Hollanda Loyola e a educação do corpo. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 26, p. 263-272, 2012. p. 268.

¹⁹⁷ *Ibid.*, p. 263.

fascismos”¹⁹⁸, considerando-se “o conjunto de movimentos e regimes de extrema direita que dominou um grande número de países europeus desde o início dos anos 20 até 1945”.¹⁹⁹

Sendo um “amalgama poderoso” de “ingredientes distintos, mas combináveis, do conservadorismo, do nacional-socialismo e da direita radical, unidos por inimigos em comum e pela mesma paixão pela regeneração, energização e purificação da Nação”²⁰⁰, o fascismo²⁰¹ constituiu-se enquanto um novo comportamento político, marcado por uma preocupação obsessiva com a decadência e a humilhação das nações. Esse novo comportamento visava a renovação da unidade e da pureza nacionais por meio de uma violência redentora livre de qualquer restrição legal.

Ao término da guerra, o nascimento de uma série de movimentos de base fascista denunciava o surgimento de algo mais duradouro do que um simples “espasmo nacionalista momentâneo acompanhando o paroxismo final da guerra”.²⁰² Tanto é verdade que, na perspectiva de um número significativo de autores, a Primeira Grande Guerra, em si, basta para explicar a emergência fascista.

Especialmente entre as fileiras de países derrotados e insatisfeitos, a guerra havia disseminado legiões de veteranos de guerra inquietos, “que buscavam maneiras de expressar sua raiva e seu desapontamento sem levar em conta leis ou regras morais”.²⁰³ Após o exemplo da assustadora aceitação das massas italiana e alemã, não demoraria muito para que não só a Europa mas também as demais regiões do mundo fervilhassem com movimentos inspirados nas propostas defendidas por Mussolini²⁰⁴ e Hitler.

¹⁹⁸ BAUMER, Franklin. **O pensamento europeu moderno**. Lisboa: Edições 70, 1990. v. 2: séculos XIX e XX. p. 257.

¹⁹⁹ SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. Os fascismos. In: FILHO, Daniel Aarão Reis; FERREIRA, Jorge; ZENHA, Celeste (Orgs.). **O século XX – O tempo das crises. Revoluções, fascismos e guerras**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. p. 109-164. p. 112.

²⁰⁰ PAXTON, Robert. **A anatomia do fascismo**. São Paulo: Paz e Terra, 2007. p. 336.

²⁰¹ O termo fascismo tem origem em “uma antiga expressão latina, *fascio*, que denominava o feixe de varas carregado pelos litores, na antiga Roma, e com os quais se aplicava a justiça”, remetendo às ideias de liberdade, autoridade e unidade do Estado (SILVA, *op. cit.*, p. 112). Tendo sido utilizado na Revolução Francesa e na Itália, como representação de liberdade, e no *Risorgimento*, já no século XIX, como símbolo de unidade nacional, o termo acabou por assumir, ao longo do século XIX, “o caráter de símbolo de ação política, valorizando a justiça e a igualdade” (SILVA, *loc. cit.*). Em fins de 1914, um grupo de nacionalistas de esquerda, juntamente de Benito Mussolini, tentou levar a Itália a participar da Primeira Guerra Mundial do lado dos Aliados, necessitando escolher um nome que simbolizaria o fervor de sua campanha. Ao fim da Primeira Guerra Mundial, Mussolini então apropriou-se do termo fascismo “para descrever o estado de ânimo do pequeno bando de ex-soldados nacionalistas e de revolucionários sindicalistas pró-guerra que vinha reunindo ao seu redor” (PAXTON, *op. cit.*, p. 15). Assim, consumava-se “uma ampla migração de um símbolo até então típico da esquerda e dos movimentos trabalhistas para o campo da direita ultranacionalista” (SILVA, *op. cit.*, p. 112-113).

²⁰² PAXTON, *op. cit.*, p. 57.

²⁰³ PAXTON, Robert. **A anatomia do fascismo**. São Paulo: Paz e Terra, 2007. p. 58.

²⁰⁴ Apesar de o fascismo italiano ter sido, por muito tempo, reconhecido na historiografia como o grande pioneiro que popularizou o ideal fascista ao restante do mundo, já existem estudos que admitem ter sido a França a grande pioneira fascista, e não a Itália. Em 1896, por exemplo, reuniram-se na França ingredientes semelhantes

Propostas de base fascista passaram então a ganhar cada vez mais espaço no cenário europeu. Inaugurada a estética da violência, a série de movimentos que passaram a surgir na Europa expressava “a mesma mistura de nacionalismo, anticapitalismo, voluntarismo e violência ativa contra seus inimigos, tanto burgueses quanto socialistas”.²⁰⁵ Em menos de 12 anos após o término da guerra, regimes fascistas e ditaduras autoritárias cobriram os quatro cantos da Europa.²⁰⁶ Embora tenha emergido algumas vezes sob disfarces, “o fascismo, como forma exacerbada de nacionalismo autocentralizado, predominou em quase toda parte”²⁰⁷ tomando múltiplas e variadas formas.

Exaltando “o ódio e a violência em nome da superioridade nacional”²⁰⁸, o fenômeno fascista conseguiu atrair a simpatia de “estadistas, empresários, profissionais, artistas e intelectuais de prestígio e cultura”.²⁰⁹ Em suas primeiras fileiras, predominava a participação de três grupos de seguidores: veteranos de guerra desmobilizados, cujo próprio Mussolini era um ex-soldado que visava liderar os veteranos na luta pelo direito de governar o país que eles haviam salvo; sindicalistas pró-guerra mobilizados especialmente pelo caráter anticapitalista do movimento; e ainda um terceiro grupo de futuristas composto por jovens intelectuais e estetas antiburgueses.²¹⁰ Guiados por sentimento comum de injustiça em relação às condições em que a guerra teria deixado a Europa, a sociedade viu na proposta fascista um meio de recuperar a fé em um futuro promissor para a nação.

Enquanto evento histórico concreto, o fascismo situa-se em uma “fenomenologia mais ampla, a do autoritarismo na sociedade moderna”.²¹¹ A série de movimentos que irrompem nesse período de ascensão de uma nova cultura política autoritária – movimentos fascistas,

ao fascismo misturados às emoções populares despertadas na época contra o capitão Alfred Dreyfuss, “um oficial da ativa injustamente acusado de espionar para os alemães”. Inserido nesse contexto, o antidreyfusista, poeta e monarquista francês Charles Maurras, passava a afirmar que a nação teria precedência sobre qualquer valor universal. Seu movimento, denominado *Action Française*, é por muitas vezes considerado como o primeiro exemplo de fascismo autêntico (*Ibid.*, p. 87). De acordo com Gonçalves, “o maurrasianismo é definido como o discurso original do pensamento autoritário. Foi na *Action Française* que as doutrinas revolucionárias, em torno de um pensamento nacionalista de cunho conservador, buscaram elementos de inspiração em diversos movimentos políticos do século XX” (GONÇALVES, Leandro Pereira. **Entre Brasil e Portugal: trajetória e pensamento de Plínio Salgado e a influência do conservadorismo português**. 2012. 668 f. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012. p. 177-178). Assim, apesar de ser “meramente impossível qualquer tipo de mostra comparativa de um movimento do fim do século XIX com um grupo de força e massa do século XX, [...] é impossível não observar a existência de elementos de influência entre um e outro” (*Ibid.*, p. 179-180).

²⁰⁵ PAXTON, *op. cit.*, p. 19-20.

²⁰⁶ KOHN, Hans. **A era do nacionalismo**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1963. p. 38.

²⁰⁷ *Ibid.*

²⁰⁸ PAXTON, *op. cit.*, p. 22.

²⁰⁹ *Ibid.*

²¹⁰ PAXTON, Robert. **A anatomia do fascismo**. São Paulo: Paz e Terra, 2007. p. 17.

²¹¹ SACCOMANI, Edda. Fascismo. In: BOBBIO, N.; MATTEUCCI, N.; PASQUINO, G. **Dicionário de política**. Brasília: Editora da UnB, 1992. p. 466-475. p. 467.

conservadores, autoritários e também os vinculados à chamada direita-radical – possuem diversas semelhanças. Grande parte dos movimentos que emergiam deste período “propunham um mesmo programa, partilhavam a mesma concepção de mundo, criavam mecanismos similares de manipulação de massas, votavam o mesmo ódio e desprezo pelo liberalismo e pelo socialismo e perseguiam da mesma forma minorias identificadas com a alteridade”²¹², como liberais, judeus²¹³, homossexuais e, em especial, comunistas.

Todavia, apesar de serem notáveis as diversas similitudes, é preciso se ater ao fato de que tais movimentos não podem ser considerados sinônimos. Diferindo entre si em uma variedade de maneiras, os movimentos considerados conservadores ou de extrema-direita afastavam-se da teoria fascista na medida em que baseavam-se na religião enquanto um dos pontos centrais de sua ideologia, adotavam uma política significativamente mais moderada ou seguiam uma vertente simplesmente mais direitista, não aceitando a plena mobilização das massas e defendendo o papel das elites enquanto partes estruturantes da nova sociedade.²¹⁴ Além disso, destaca-se que cada movimento fascista defendia a ideia de uma originalidade plena. Objetivando ser uma espécie de marco zero na história política, todos os fascismos foram marcados por um notável historicismo, buscando nele uma autenticidade legítima para o seu movimento.²¹⁵

Inserido no caótico contexto inaugurado pela guerra – com o surgimento da política de massas, o colapso do Estado Liberal, a ideia de uma violência redentora, a crise de crenças e a onda de pessimismo instaurada após o término do conflito –, o fascismo irrompe no mundo ocidental como “a mais extrema expressão do moderno nacionalismo”²¹⁶, apresentando-se como a nova fórmula política que salvaria a sociedade da ameaça de colapso. Refletindo fortemente a preocupação com a decadência da sociedade, ameaça crescente para a intelectualidade europeia desde o século XIX, acreditava-se que este risco “só poderia ser

²¹² SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. Os fascismos. In: FILHO, Daniel Aarão Reis; FERREIRA, Jorge; ZENHA, Celeste (Orgs.). **O século XX – O tempo das crises. Revoluções, fascismos e guerras**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. p. 109-164. p. 124.

²¹³ É relevante destacar que, em sua essência, o fascismo não era anti-semita ou mesmo racista, no sentido nazista dessas concepções. Ao invés disso, o fascismo era altamente étnico, adaptando o seu discurso, de acordo com cada especificidade nacional, hora contra os judeus, hora contra negros, não-europeus, deficientes, homossexuais, etc. (PAYNE, Stanley G. **A History of Fascism – 1914-1945**. Madison: The University of Wisconsin Press, 1995. p. 11).

²¹⁴ *Ibid.*, p. 19.

²¹⁵ SILVA, *op. cit.*, p. 123.

²¹⁶ PAYNE, Stanley G. **A History of Fascism – 1914-1945**. Madison: The University of Wisconsin Press, 1995. p. 14.

superado através de uma nova cultura revolucionária liderada por novas elites, que substituiriam as antigas elites do liberalismo, do conservadorismo e da esquerda”.²¹⁷

Já que a ordem liberal desprezava a política de massas sob o pretexto de que a grande maioria dos cidadãos não seria dotado das capacidades necessárias para participar ativamente da esfera política, era uma questão de tempo para que os emergentes movimentos fascistas tirassem proveito “da falta de habilidade dos centristas e conservadores”²¹⁸ para lidar com o novo público. Em um contexto político cada vez mais favorável ao extremismo, os fascistas passaram a fazer uso da nova política de massas a seu favor. Diferentemente dos conservadores e liberais, o fascismo surgia como “uma forma de ação total, envolvente e explicativa de toda a vida, [...] resistindo à transcendência no mundo moderno, sendo assim uma forma de proteção perante o desconhecido”.²¹⁹

Acusando o sistema liberal de ser o grande causador da crise contemporânea e defendendo a ideia de um “caráter geneticamente desagregador do liberalismo”²²⁰, o fascismo propunha-se “a interpretar, melhor do que ninguém, os anseios das massas”²²¹, visando uma grande coesão social construída sob a égide do Estado. Inaugurava-se, assim, uma nova religião social, mantida e operada pelo Estado.²²² O esforço para criar uma nova religião cívica constituiu-se enquanto um dos pontos mais característicos do fascismo que, através de sua mística, acabou por criar uma nova concepção de Estado “unido em uma fé e lealdade comuns”.²²³

A proposta de construção de um novo Estado (como o Estado Integral, no Integralismo) apresentava-se como a única solução adequada para a regeneração nacional. A alteridade social fascismo x liberalismo surge como um dos grandes pilares da lógica maniqueísta defendida pelo fascismo, em que “não há espaço para o outro, mesmo o outro hierarquizado e subordinado [...]. Assim, armado com um sistema ideológico e mental adequado, o fascismo identifica em si mesmo valores absolutos e qualquer diferença tornar-

²¹⁷ PAYNE, Stanley G. **A History of Fascism – 1914-1945**. Madison: The University of Wisconsin Press, 1995. p. 09.

²¹⁸ PAXTON, Robert. **A anatomia do fascismo**. São Paulo: Paz e Terra, 2007. p. 137.

²¹⁹ SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. Os fascismos. In: FILHO, Daniel Aarão Reis; FERREIRA, Jorge; ZENHA, Celeste (Orgs.). **O século XX – O tempo das crises. Revoluções, fascismos e guerras**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. p. 109-164. p. 127.

²²⁰ *Ibid.*, p. 128.

²²¹ *Ibid.*, p. 109-164.

²²² *Ibid.*, p. 131.

²²³ PAYNE, *op. cit.*, p. 09.

se-á objeto de eliminação violenta”.²²⁴ O Estado constituía-se, portanto, enquanto principal instrumento garantidor da existência da própria comunidade nacional. No caso alemão, por exemplo, tem-se “a conquista do *Lebensraum*, do espaço vital capaz de garantir a existência da raça superior e, simultaneamente, remover o maior obstáculo para a conquista de tal espaço, com a execução do Holocausto”.²²⁵

Apesar de a presente pesquisa não ter o objetivo de realizar qualquer espécie de análise comparativa entre a juventude integralista e as demais juventudes fascistas organizadas no contexto europeu, acredita-se que seja de fundamental importância compreender a arregimentação juvenil integralista inserida em um contexto mais amplo, em que a tentativa de institucionalização das categorias juvenis foi um dos pontos mais característicos da era fascista. Tem-se, então, a pretensão de olhar a relação juventude e fenômeno fascista em um sentido mais generalista e, portanto, metodologicamente mais prático. Assim, quando se utilizar aqui o termo juventude fascista, estarão sendo referidas todas as organizações juvenis que emergiram no seio da política fascista, seja ela alemã, italiana ou mesmo brasileira.

Com o término da Primeira Grande Guerra e a conseqüente irrupção de movimentos fascistas dentro e fora da Europa, estabelece-se “uma confluência entre partidos nacionalistas/racistas e organizações paramilitares de juventude”²²⁶, todos desejosos de mobilizar a força das novas gerações ao seu favor. Verifica-se, mesmo nos partidos considerados politicamente mais moderados, um empenho notável na formação de seções de arregimentação de categorias juvenis. Contudo, as tentativas de institucionalização da juventude feitas pelo fascismo recebem um significativo destaque, sendo este o único movimento a entender a juventude enquanto força vital na construção de um novo Estado.²²⁷ Conforme afirma Payne, “a exaltação fascista da juventude foi única, na medida em que não só fez um apelo especial a ela, como também a exaltou sobre todas as outras gerações, sem exceção, e em maior grau do que qualquer outra força baseada em conflito geracional”.²²⁸

Sendo “uma das formas político institucionais através das quais se operou historicamente a transição de uma sociedade agrária de tipo tradicional à moderna sociedade

²²⁴ SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. Os fascismos. In: FILHO, Daniel Aarão Reis; FERREIRA, Jorge; ZENHA, Celeste (Orgs.). **O século XX – O tempo das crises. Revoluções, fascismos e guerras**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. p. 109-164. p. 149.

²²⁵ *Ibid.*, p. 137.

²²⁶ GROppo, Luís Antonio. **Juventude**: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000. p. 138.

²²⁷ PAYNE, Stanley G. **A History of Fascism – 1914-1945**. Madison: The University of Wisconsin Press, 1995.

²²⁸ *Ibid.*, p. 13-14.

industrial”²²⁹, tem-se o fascismo e suas propostas de construção de um novo Estado como uma das vias, apontadas no período pós-guerra, para a modernização da sociedade. E, assim como os demais movimentos políticos em voga nesse período, o fascismo também apontava a educação como principal via para a modernização e regeneração de nações. Era preciso construir um novo homem “que tenha em mente, acima de tudo, a Pátria, a fé fascista, e a obediência incondicional ao Estado”²³⁰ para, através dele, construir uma nova Nação.

Assim, a juventude surgia como “alvo principal da política educacional e de propaganda do Fascismo, pois através dela poderiam entrar na vida privada e pública da população”.²³¹ Para tanto, “as escolas, as universidades, as associações de trabalhadores [...], o cinema e as organizações da juventude assumiram a função de educar o “novo homem” e de divulgar a cultura política do novo regime”.²³² A estratégia fascista consistia em construir “um novo homem que fosse um cidadão integrado no sistema, que assumisse os papéis sociais destinados a ele e que, acima de tudo, idolatrasse o Fascismo e seu líder”.²³³

De acordo com a lógica fascista, a criação de um novo homem dotado de excelência física e artística, coragem e ousadia, estabeleceria as bases para a criação de uma nova cultura superior²³⁴, formadora de um novo Estado garantidor da sobrevivência de uma comunidade/raça/povo organicamente fortes. Para tanto, o “novo homem fascista” deveria ser educado intelectualmente, moralmente e espiritualmente, a fim de internalizar qualidades como “coragem, virilidade, respeito à hierarquia, disciplina, força, vontade”²³⁵, ou seja, “qualidades militares e masculinas, que ao serem absorvidas fariam dos jovens e das crianças bons soldados, bons pais de família, bons maridos, bons trabalhadores e seguidores fieis do Fascismo”.²³⁶

Foi nesse contexto de construção de um novo homem forte, atlético e vigoroso²³⁷, que “a educação militar passou a fazer parte do sistema formativo das crianças e dos jovens” fascistas, fazendo com que o Estado fosse visto como autoritário e, ao mesmo tempo,

²²⁹ SACCOMANI, Edda. Fascismo. In: BOBBIO, N.; MATTEUCCI, N.; PASQUINO, G. **Dicionário de política**. Brasília: Editora da UnB, 1992. p. 466-475. p. 471.

²³⁰ ROSA, Cristina Souza da. Pequenos soldados do fascismo: a educação militar durante o governo de Mussolini. **Antíteses**, v. 2, n. 4, p. 621-648, jul.-dez. 2009. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses/article/viewFile/2704/3929>. Acesso em: 15 dez. 2017. p. 632.

²³¹ *Ibid.*, p. 622.

²³² *Ibid.*

²³³ *Ibid.*, p. 621-622.

²³⁴ PAYNE, Stanley G. **A History of Fascism – 1914-1945**. Madison: The University of Wisconsin Press, 1995. p. 08.

²³⁵ ROSA, *op. cit.*, p. 627.

²³⁶ *Ibid.*

²³⁷ GROPPPO, Luís Antonio. **Juventude**: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000. p. 127-128.

educador. Este Estado, “que imbuído do objetivo de formar bons cidadãos passa a controlar todos os setores formadores da personalidade”²³⁸, seria uma extensão da família e, principalmente, da escola, compreendida a partir de então como importante centro de difusão dos ideais fascistas.²³⁹ Verifica-se que até mesmo o “controle dos espaços de lazer pelo governo era muito importante no processo de introjeção de valores, pois estes se configuravam como um lugar a mais de ascensão do Fascismo sobre a formação juvenil”.²⁴⁰

No cotidiano do jovem, responsável por levar a ideologia fascista às gerações futuras²⁴¹, os valores defendidos por cada movimento deveriam estar presentes em todas as instâncias que, a partir de agora, tinham que ser vistas como espaços “de formação social e militar do novo homem”.²⁴² O culto fascista da ousadia, da ação e da vontade de um novo ideal foi, assim, inerentemente sintonizado com a energia juvenil, de modo que a organização e doutrinação dessa categoria constituiria-se em um “viveiro onde a Milícia e o Partido se renovam constantemente”.²⁴³

A retórica fascista apelava para a força da categoria juvenil²⁴⁴, que se devidamente mobilizada e doutrinada, propagaria os “modelos ideais de “homem” e “mulher” desejados”²⁴⁵ pelo fascismo. A juventude receberia, assim, uma educação voltada para a vida fascista “onde aprenderia que valores internalizar, como se comportar no dia a dia, a quem idolatrar e que papéis assumir”.²⁴⁶

Para que o jovem contribuísse para a construção do novo Estado fascista, os meninos deveriam ser educados para serem “bons pais de família, bons trabalhadores e bons soldados, enquanto as meninas aprendiam que a função da mulher era cuidar do lar, do marido, da prole, além de reproduzir o maior número de filhos para que compusessem os exércitos de trabalhadores e soldados do Fascismo”.²⁴⁷ Foi justamente nesse sentido que Adolf Hitler

²³⁸ ROSA, Cristina Souza da. Pequenos soldados do fascismo: a educação militar durante o governo de Mussolini. *Antíteses*, v. 2, n. 4, p. 621-648, jul.-dez. 2009. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses/article/viewFile/2704/3929>. Acesso em: 15 dez. 2017. p. 632.

²³⁹ DIETRICH, Ana Maria. Narrativas orais da juventude hitlerista e neonazista no Brasil: breve análise comparativa In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA (ANPUH), XXVI, São Paulo, 2011. *Anais...*, São Paulo, 2011. p. 03.

²⁴⁰ ROSA, *op. cit.*, p. 630.

²⁴¹ DIETRICH, *op. cit.*, p. 05-06.

²⁴² ROSA, *op. cit.*, p. 630.

²⁴³ Relatório sobre a *Opera Nazionale Balilla*. CPDOC, FGV: GC1938.08.09 *apud* STEIN, Cristiane Antunes. **Por Deus e pelo Brasil: a juventude brasileira em Curitiba (1938-1945)**. 2008. 172 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2008. p. 49.

²⁴⁴ *Ibid.*, p. 110.

²⁴⁵ GROPPPO, *op. cit.*, p. 130-131.

²⁴⁶ ROSA, *op. cit.*, p. 622.

²⁴⁷ ROSA, Cristina Souza da. Pequenos soldados do fascismo: a educação militar durante o governo de Mussolini. *Antíteses*, v. 2, n. 4, p. 621-648, jul.-dez. 2009. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses/article/viewFile/2704/3929>. Acesso em: 15 dez. 2017.

afirmou: “É por meio da juventude que começarei minha grande obra educacional. Nós, os velhos, estamos gastos. Não temos mais instintos selvagens. Mas minha esplêndida juventude! Nós temos uma das mais belas do mundo. Com eles, poderei construir um mundo novo!”²⁴⁸

O material de moldagem do novo homem fascista deveria ser, em suma, a educação autoritária e o treino de guerra. Por meio desses dois elementos, a juventude seria educada moralmente e fisicamente, desenvolvendo obediência, respeito à hierarquia, “boa postura para a marcha militar, precisão no manejo das armas, coordenação motora e força”.²⁴⁹ A formação desse novo cidadão-soldado, portanto, reuniria atividades físicas e também psicológicas como: palestras, viagens, acampamentos, cerimônia de culto aos mortos, educação física, exercícios militares e práticas desportivas”.²⁵⁰

Pessoas exigentes consigo mesmas, capazes de grandes sacrifícios, de uma frugalidade permanente ou de abstinência em nome de determinada moral; uma virilidade baseada na capacidade de suportar o esforço extenuante e a dor; a lógica de acumulação para usufruto futuro ou medo de exposição ao desencanto no presente marcariam a sublimação em masoquismo das pulsões originariamente voltadas para o prazer; em seu conjunto tais práticas garantiriam, para si e seus filhos, uma educação autoritária; masoquistas consigo mesmos, apresentariam uma face sádica ante o outro; em suma, ser duro consigo abriria o caminho para ser cruel com o outro.²⁵¹

Seguindo a lógica fascista da alteridade, o novo homem deveria distinguir-se “em face do burguês acomodado, associado na imaginação fascista com passividade, cinismo e decadência”.²⁵² A educação fascista produziria, ao contrário disso, “um eu regressivo, incapaz para o amor com o outro [...] e pronto para identificações salvadoras de aniquilação total do eu através da entrega a um outro indivíduo, o pai grande, o chefe, o líder que substitui o amante, o amigo ou tudo isso junto”.²⁵³

Nesse contexto, o esporte e a educação física aparecem como atividades essenciais dentro da política fascista. “Pregava-se que o jovem devia endurecer e fortalecer o corpo com

²⁴⁸ DIETRICH, Ana Maria. Narrativas orais da juventude hitlerista e neonazista no Brasil: breve análise comparativa In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA (ANPUH), XXVI, São Paulo, 2011. *Anais...*, São Paulo, 2011. p. 01.

²⁴⁹ ROSA, *op. cit.*, p. 628.

²⁵⁰ *Ibid.*, p. 627.

²⁵¹ SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. Os fascismos. In: FILHO, Daniel Aarão Reis; FERREIRA, Jorge; ZENHA, Celeste (Orgs.). **O século XX – O tempo das crises. Revoluções, fascismos e guerras**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. p. 109-164. p. 154.

²⁵² *Ibid.*, p. 155.

²⁵³ SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. Os fascismos. In: FILHO, Daniel Aarão Reis; FERREIRA, Jorge; ZENHA, Celeste (Orgs.). **O século XX – O tempo das crises. Revoluções, fascismos e guerras**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. p. 109-164.p. 153.

exercícios obrigatórios para resistência e competição”.²⁵⁴ Os jovens receberiam suas primeiras lições militares fortalecendo, ao mesmo tempo, seus corpos e espíritos, tendo em vista que “além de fortalecerem o corpo, os esportes serviam como formadores de personalidade, pois estimulavam a coletividade, o espírito de grupo e a disciplina”.²⁵⁵ De maneira geral, os exercícios executados consistiam em corridas, caminhadas, “agachamentos, polichinelos, apoios e abdominais”.²⁵⁶

Inspirados pela doutrina do escotismo, tais movimentos também organizavam passeios e acampamentos visitando, muito frequentemente, lugares que haviam sido importantes palcos de batalha para suas nações, estimulando novamente o espírito militar e guerreiro. Os jovens, com isso, deveriam internalizar o que seriam os princípios fundamentais de um “verdadeiro fascista”.²⁵⁷

A própria estrutura interna das organizações juvenis dividia-se conforme a dos escoteiros: por um critério etário e de gênero. O fascismo italiano, por exemplo, dividia a juventude em: Filhos da Loba (4 a 6 anos), Ballila (6 a 9 anos), Avanguardistas (10 a 12 anos), e Juventude Fascista (13 a 15 anos).²⁵⁸ Já no Nacional-socialismo alemão, a juventude possuía a seguinte composição geral para os meninos: Pimpf (6 a 10 anos), Jungvolk (10 a 14 anos) e Juventude Hitlerista (14 aos 18 anos).²⁵⁹ Em Portugal, no contexto do Estado Novo de António de Oliveira Salazar, algo semelhante ocorreu com a Mocidade Portuguesa: Lusitos, dos 7 aos 10 anos, Infantes, dos 10 aos 14 anos, Vanguardistas, dos 14 aos 17 anos e Cadetes, dos 17 aos 25 anos.²⁶⁰

Verifica-se que as organizações europeias, diferentemente do integralismo, “em um primeiro momento não pensaram a arregimentação de meninas. Os meninos eram o “público alvo” destas e as meninas só foram lembradas algum tempo depois, como aconteceu com a organização portuguesa”.²⁶¹ A divisão de atividades por gênero, apesar de utilizar como argumento uma explicação biológica, “estava relacionada a uma característica misógina e

²⁵⁴ GROPPPO, Luís Antonio. **Juventude**: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000. p. 167.

²⁵⁵ ROSA, Cristina Souza da. Pequenos soldados do fascismo: a educação militar durante o governo de Mussolini. **Antíteses**, v. 2, n. 4, p. 621-648, jul.-dez. 2009. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses/article/viewFile/2704/3929>. Acesso em: 15 dez. 2017. p. 633

²⁵⁶ *Ibid.*, p. 628

²⁵⁷ *Ibid.*, p. 630

²⁵⁸ PASSERINI, Luisa. A juventude: metáfora da mudança social. Dois debates sobre os jovens: a Itália fascista e os Estados Unidos da década de 1950. In: LEVI, Giovanni; SCHMITT, Jean-Claude (Orgs.). **História dos jovens 2**: da época contemporânea. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 320-382; ROSA, *op. cit.*

²⁵⁹ BARTOLETTI, Susan Campbell. **Juventude hitlerista**: a história dos meninos e meninas nazistas. Rio de Janeiro: Relume Sumará, 2006.

²⁶⁰ VIEIRA, Joaquim. **Mocidade portuguesa**. Lisboa: A Esfera dos Livros, 2008.

²⁶¹ STEIN, Cristiane Antunes. **Por Deus e pelo Brasil**: a juventude brasileira em Curitiba (1938-1945). 2008. 172 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2008. p. 54.

puritana do Fascismo, que considerava as mulheres como seres inferiores, cuja única função era procriar e cuidar da família”.²⁶² Nas palavras de Griffin e Payne, tal concepção integrava um típico “chauvinismo masculino”²⁶³ defendido pelo fascismo, uma “misoginia ou fuga radical do feminino, [...] um completo horror à menor sugestão de androginia”²⁶⁴, tendo em vista que o fascismo “via o corpo feminino com receio e afirmava serem as mulheres que desviavam os homens de sua função social, através do prazer e da perdição refletida em seus corpos”.²⁶⁵

Na lógica fascista, às meninas “restaria a missão de zelar pela boa educação dos filhos, dando-lhes uma formação consoante com os ideais patrióticos e religiosos dos regimes”.²⁶⁶ Mesmo quando a arregimentação feminina foi integrada aos objetivos do fascismo, as mulheres eram “excluídas do universo masculino de aventura e ação. Para o gênero feminino, cultivam-se o símbolo e o papel da “mulher mãe”, em que está ausente qualquer responsabilidade política”.²⁶⁷

Essa separação entre os papéis de homens e mulheres torna-se significativamente mais notável na doutrinação prática da juventude fascista. Ao passo em que os meninos aprendiam “técnicas de marceneiro, ferreiro, eletricista, telegrafista [...], as meninas aprendiam a bordar, costurar, cozinhar”²⁶⁸, estudando temas como “economia doméstica, puericultura, ginástica rítmica, decoração e floricultura”.²⁶⁹ Até mesmo o esporte, por exemplo, quando destinado à mulher, voltava-se mais às instruções para a “pedagogia e higiene familiar”²⁷⁰ cultuando, especialmente através da imprensa, a imagem de “moças fortes que não perdem a vocação doméstica”.²⁷¹

A imagem de um jovem forte, viril, saudável e apaixonado pela sua pátria tornava-se o principal símbolo a ser instrumentalizado por diversos movimentos fascistas que, por estarem interligados por todo um contexto comum após a guerra, compartilharam da mesma visão de

²⁶² ROSA, Cristina Souza da. Pequenos soldados do fascismo: a educação militar durante o governo de Mussolini. *Antíteses*, v. 2, n. 4, p. 621-648, jul.-dez. 2009. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses/article/viewFile/2704/3929>. Acesso em: 15 dez. 2017. p. 625.

²⁶³ PAYNE, Stanley G. *A History of Fascism – 1914-1945*. Madison: The University of Wisconsin Press, 1995. p. 13.

²⁶⁴ *Ibid.*

²⁶⁵ ROSA, *op. cit.*, p. 625.

²⁶⁶ STEIN, *op. cit.*, p. 55.

²⁶⁷ GROppo, Luís Antonio. *Juventude: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000. p. 130.

²⁶⁸ ROSA, *op. cit.*, p. 636.

²⁶⁹ STEIN, *op. cit.*, p. 51.

²⁷⁰ GROppo, *op. cit.*, p. 128-129.

²⁷¹ GROppo, Luís Antonio. *Juventude: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000.

que a mobilização da juventude seria um grande instrumento político, seja para a construção de um novo homem, seja para a construção da própria imagem pública do fascismo.

Utilizando-se amplamente da relação simbólica entre juventude e virilidade, a imagem do jovem fascista na Itália, a título de exemplo, fundia-se “na própria imagem propagada do *Duce*: jovem, macho e guerreiro”.²⁷² Havia ainda “a tentativa de mostrar ao povo italiano um estereótipo de juventude vinculado aos ideais de saúde, beleza, força e obediência.”²⁷³ Essa tendência em exagerar o princípio masculino aparecia em quase todos os aspectos teóricos e práticos da política fascista. Conforme afirma Payne, “somente os fascistas fizeram um fetiche perpétuo da virilidade de seu movimento e de seu programa e estilo”²⁷⁴, reforçando o já mencionado caráter misógino destes movimentos. Destaca-se que “todas as forças políticas na era do fascismo eram, de modo esmagador, lideradas por homens [...]. Como a de muitos grupos de direita e também a de alguns de esquerda, a noção fascista de sociedade era orgânica e sempre fazia um lugar para a mulher, mas nessa relação os direitos dos homens gozavam de predominância”.²⁷⁵

Na tentativa de instrumentalizar o jovem enquanto símbolo-modelo de homem fascista a ser seguido, o fascismo lançava mão de uma série de imagens: “fotos da “bela família italiana” incentivando a insistente campanha demográfica do Estado; fotos de “ninhadas de crianças”, muitas vezes fardadas; ou de alegres famílias saindo da Itália para o “além-mar”, o que tem relação, também, com ideias expansionistas”.²⁷⁶ Por conta disso, o fascismo utilizava-se amplamente da imagem do jovem não só na imprensa mas também em suas manifestações coletivas e em seus rituais, nos quais os jovens uniformizados muito frequentemente estavam presentes, participando ativamente²⁷⁷ e, por vezes, sendo peça-chave das cerimônias.²⁷⁸ Dessa forma, conclui-se que:

Vários símbolos – da juventude ideal – são suscitados pelo regime fascista, procurando dar conta deste enquadramento da juventude real. Na verdade, [...] os símbolos juvenis buscavam não apenas “domesticar” os jovens reais, mas, em vários

²⁷² GROPPPO, Luís Antonio. **Juventude**: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000, p. 125-126.

²⁷³ STEIN, Cristiane Antunes. **Por Deus e pelo Brasil**: a juventude brasileira em Curitiba (1938-1945). 2008. 172 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2008. p. 51.

²⁷⁴ PAYNE, Stanley G. **A History of Fascism – 1914-1945**. Madison: The University of Wisconsin Press, 1995. p. 13.

²⁷⁵ *Ibid.*, p. 13.

²⁷⁶ GROPPPO, *op. cit.*, p. 129.

²⁷⁷ GROPPPO, Luís Antonio. **Juventude**: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000. p. 136-137.

²⁷⁸ ROSA, Cristina Souza da. Pequenos soldados do fascismo: a educação militar durante o governo de Mussolini. **Antíteses**, v. 2, n. 4, p. 621-648, jul.-dez. 2009. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses/article/viewFile/2704/3929>. Acesso em: 15 dez. 2017. p. 630.

casos, serviriam a outras funções: a jovem guerreira identificando a nação “em armas”, o jovem prolífico incentivando o povo italiano a ter mais filhos etc. Ou seja, a própria juventude era transformada em símbolo a serviço de uma série de outras necessidades políticas e sociais.²⁷⁹

Por fim, verifica-se que o componente juvenil mostrou-se significativamente relevante em um aspecto geral dos quadros fascistas. No fascismo italiano, por exemplo, 25% do movimento era formado por jovens com menos de 21 anos de idade. Os líderes fascistas, assim como ocorreu no integralismo, “são parte da geração que, durante a Primeira Guerra Mundial, tinha entre 18 e 40 anos. Em 1924, 146 dos 220 deputados fascistas tinham menos de 40 anos”²⁸⁰, o que explica o porquê do jovem ter sido escolhido enquanto imagem símbolo do movimento.

2.5 FASCISMO BRASILEIRO E JUVENTUDE

Neste ponto do presente capítulo, após compreender tanto a categoria juventude quanto o processo de institucionalização da mesma enquanto constructos sociais arquitetados ao longo da história, entendendo, a partir disso, quem era a juventude politicamente radical da década de 1930 e em que contexto estaria inserida, torna-se então possível voltar o olhar para a relação estabelecida entre a Ação Integralista Brasileira e a Juventude ao longo do período de legalidade do movimento, 1932 a 1937.

Após a irrupção de uma série de movimentos fascistas no continente europeu, a posição ainda hegemônica da Europa em relação ao restante do mundo e a ampla capacidade de exportação do ideal fascista²⁸¹ provocaram uma simpatia geral à centralização política, não só na Europa mas também em nações como Japão, China, Estados Unidos, Oriente Médio, África do Sul e, o que mais nos interessa, América Latina.²⁸²

Existe uma perspectiva mais restritiva na historiografia que acentua a singularidade do fascismo italiano, negando a possibilidade de um fascismo extra-europeu, especialmente os que emergiram na América Latina. Afirmando que o contexto latino não contaria com “as condições históricas comparáveis às da Europa”²⁸³, especialmente em comparação ao impacto produzido sobre a Itália e a Alemanha pela Primeira Guerra Mundial, essa perspectiva

²⁷⁹ GROPPPO, *op. cit.*, p. 127.

²⁸⁰ *Ibid.*, p. 125.

²⁸¹ PAYNE, Stanley G. **A History of Fascism – 1914-1945**. Madison: The University of Wisconsin Press, 1995.

²⁸² PAYNE, Stanley G. **A History of Fascism – 1914-1945**. Madison: The University of Wisconsin Press, 1995. p. 328.

²⁸³ TRINDADE, Helgio. **A tentação fascista no Brasil: imaginário de dirigentes e militantes**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016. p. 45.

considerou durante muito tempo os fascismos latinos meras imitações malsucedidas do regime de Mussolini.

Contudo, mais precisamente a partir da década de 1930, com o surgimento de movimentos políticos de tipo fascista em países como Argentina, Chile, México e Brasil, passou a surgir uma série de novas pesquisas “rediscutindo as interpretações tradicionais e introduzindo enfoques originais sobre os regimes e os movimentos de extrema direita, católicos, monarquistas e fascistas europeus”.²⁸⁴ Com essa nova geração de pesquisas, um setor significativamente mais amplo da historiografia passou a admitir a existência de um fascismo extra-europeu, trazendo um novo enfoque de pesquisas que reconheciam “a possibilidade histórica de reprodução do fascismo na América Latina”.²⁸⁵

Territórios colonizados por europeus, em especial, constituíam-se em ambientes férteis para uma ascensão fascista fora da Europa²⁸⁶, tendo em vista que os estados fundados como colônias de potências europeias exteriores tendem a desenvolver mais facilmente não só um patriotismo territorial, como também um característico desprezo pela figura do estrangeiro.²⁸⁷ Sendo a região do mundo onde a política continental europeia foi mais copiada, estima-se que a América Latina, inserida na nova moda radical dos anos 1930, “chegou mais perto que qualquer outro continente que não a Europa do estabelecimento de algo próximo a regimes genuinamente fascistas”²⁸⁸, sendo a Ação Integralista Brasileira (AIB) “o único que alcançou maior significado e, de fato, se tornou o único grande partido latino-americano que, em muitos aspectos, se aproximou do fascismo europeu”.²⁸⁹

Como resultado da cristalização de ideias radicais no Brasil dos anos 1930, destaca-se a fundação da Ação Integralista Brasileira (AIB) em 1932, um movimento político de orientação fascista que permaneceu em voga no Brasil até a instauração do Estado Novo de Vargas em 1937, quando os partidos políticos foram decretados ilegais.

Embora o discurso da Ação Integralista Brasileira tenha apresentado o integralismo, desde a sua fundação, sempre como um movimento cívico-cultural e não enquanto partido político, tornou-se notório ao longo dos anos de pesquisas sobre o tema que a AIB foi o primeiro movimento político de massas com implantação em todo o território brasileiro. Foi fundado no ano de 1932 pelo escritor e jornalista Plínio Salgado, que defendia um

²⁸⁴ TRINDADE, Helgio. **A tentação fascista no Brasil**: imaginário de dirigentes e militantes. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016, p. 39.

²⁸⁵ *Ibid.*, p. 44.

²⁸⁶ PAXTON, Robert. **A anatomia do fascismo**. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

²⁸⁷ SMITH, Anthony. **A identidade nacional**. Lisboa: Gradiva, 1997. p. 135.

²⁸⁸ PAXTON, *op. cit.*, p. 314.

²⁸⁹ PAYNE, *op. cit.*, p. 345.

nacionalismo extremado e a construção de um “Estado Integral”.²⁹⁰ Seguindo a lógica de alteridade fascista, a base de definição do movimento perpassava a constituição de uma identidade política através da oposição entre o seu ideal e o de seus inimigos: o liberalismo, o judaísmo, as sociedades secretas, o capitalismo internacional e, fundamentalmente, o comunismo.

Incorporando à ação política os temas nacionalistas vinculados à sua experiência modernista e refletindo a intelectualidade da época, Plínio Salgado mostrava-se profundamente preocupado com os rumos da política brasileira. Não manifestando simpatias nem pelo movimento tenentista nem pela Aliança Liberal, movimentos em voga nos anos 1920, sua concepção política se inspirava, “em última análise, na efervescência ideológica das elites intelectuais no pós-guerra, que resulta da confluência entre o despertar nacionalista, a revolução literária e a renovação espiritual”.²⁹¹ A base do integralismo, assim, “foi sendo estruturada a partir da atuação de Plínio Salgado ao longo da década de 1920, através de três esferas: suas ações literária, jornalística e política”.²⁹²

A AIB surgiu oficialmente com o *Manifesto de Outubro*, elaborado por Plínio Salgado e lido em uma reunião solene no Teatro Municipal de São Paulo, no dia 07 de outubro de 1932. Com inspiração nos ideais do fascismo europeu, o manifesto foi considerado pelo autor como “a primeira manifestação da doutrina integralista”.²⁹³

Em maio de 1932, propus que se criasse uma seção subordinada e paralela à Sociedade de Estudos Políticos, a qual teria por tarefa uma obra educativa de mais larga amplitude, destinada a formar a consciência popular no trato dos problemas brasileiros e sob a inspiração dos princípios filosóficos e programa político da nossa

²⁹⁰ O “Estado Integral” refere-se à proposta central do movimento integralista, de transformar o Brasil em uma nação forte, unida e de poder centralizado. Essa tendência nacionalista é característica do período pós-guerra, e pretendia “criar um pensamento nacional autônomo para solucionar os problemas brasileiros, sem recorrer aos modelos estrangeiros” (TRINDADE, Helgio. **Integralismo**: o fascismo brasileiro da década de 30. São Paulo: Difel, 1974. p. 227). Dessa forma, ainda segundo Trindade, a noção de integralidade que permeava toda a estrutura ideológica do movimento foi concebida tendo como base duas divergentes concepções: um Estado forte (concepção do fascismo italiano) e um Estado espiritualista (concepção totalitária espanhola que fazia alusão à inspiração católica do movimento) (*Ibid.*, p. 226). Nesse sentido, é possível exemplificar as propostas práticas do Estado Integralista por um dos principais objetivos do movimento: o de integrar todas as forças sociais do país em uma única expressão de Nacionalidade, suprimindo os partidos políticos, tendo em vista que, nessa concepção, “o Brasil não poderia realizar a união íntima e perfeita de seus filhos enquanto existirem Estados dentro do Estado; partidos políticos fracionando a Nação; classes lutando contra classes, indivíduos exercendo ação pessoal nas decisões do governo” (SALGADO *apud ibid.*, p. 219).

²⁹¹ *Ibid.*, p. 56.

²⁹² OLIVEIRA, Rodrigo Santos de. A imprensa da Ação Integralista Brasileira em perspectiva. In: GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte (Orgs.). **Entre tipos e recortes**: histórias da imprensa integralista. Guaíba: Sob Medida, 2011. p. 19-46. p. 19.

²⁹³ MANIFESTO de outubro de 1932. Rio de Janeiro: Secretaria Nacional de Propaganda, 1932.

agremiação. Esta seção foi criada pelos votos da assembleia, com o nome de Ação Integralista Brasileira.²⁹⁴

A formação da AIB enquanto um partido político propriamente dito ocorreu de forma gradual, ao longo dos anos em que o movimento manteve-se na legalidade (1932-1937). Primeiramente deu-se o período de construção da ideologia integralista e organização do movimento enquanto uma instituição política (com setores internos, normas e padrões a serem seguidos), período que durou de 1932 até meados de 1934. Na sequência, ocorreu então a consolidação do movimento em níveis nacional, regional e municipal, permitindo sua expansão. Somente em 1937 o integralismo obteve seu registro como partido político junto ao Superior Tribunal de Justiça Eleitoral, estando apto a concorrer às eleições que deveriam ocorrer naquele ano, frustradas, entretanto, pelo golpe que instituiu o Estado Novo.

Entre outubro de 1932 e o início de 1934, o movimento passou por um período de consolidação. Em fevereiro de 1934, a AIB realizou o Congresso de Vitória no estado do Espírito Santo, quando os integralistas organizaram a sua estrutura diretiva. Nesta ocasião, aprovaram-se os seus estatutos, estabeleceram-se as diretrizes básicas dos “camisas-verdes”, criou-se a milícia partidária e definiu-se a posição sobre a religião. Foram elaborados, naquele congresso, os departamentos de Doutrina, de Propaganda, de Milícia, de Cultura Artística, de Finanças e de Organização Política.²⁹⁵

Apesar de ter conquistado uma ampla aceitação da intelectualidade no Brasil dos anos 1930, sabe-se que a AIB jamais alcançou a sua mais pretendida expectativa: a de implantar um verdadeiro regime integralista no Brasil. Porém, embora haja uma tendência na historiografia “de só considerar os fascismos que efetivamente se constituíram em regimes políticos”²⁹⁶, é relevante ressaltar que muito frequentemente os movimentos fascistas que não chegaram ao poder, assim como o Integralismo, “apresentam um perfil fascista mais bem desenhado do que regimes estabelecidos. Regimes fascistas, na maioria das vezes, chegaram ao poder por meio de pactos e alianças com outras forças conservadoras, sendo obrigados a abrir mão de parte do seu ideário inicial”.²⁹⁷

²⁹⁴ SALGADO, Plínio. **Enciclopédia do integralismo**. Rio de Janeiro: Clássica Brasileira, 1958. v. 1: O integralismo na vida brasileira. p. 143.

²⁹⁵ OLIVEIRA, Rodrigo Santos de. A imprensa da Ação Integralista Brasileira em perspectiva. In: GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte (Orgs.). **Entre tipos e recortes: histórias da imprensa integralista**. Guaíba: Sob Medida, 2011. p. 19-46. p. 27.

²⁹⁶ SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. Os fascismos. In: FILHO, Daniel Aarão Reis; FERREIRA, Jorge; ZENHA, Celeste (Orgs.). **O século XX – O tempo das crises. Revoluções, fascismos e guerras**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. p. 109-164. p. 125.

²⁹⁷ *Ibid.*

Existia, ainda, uma relação intrínseca entre a teoria integralista e a organização estrutural do movimento que, juntas, estabeleciam as bases de uma estrutura estatal. Exercendo um papel que ultrapassava os limites de uma função meramente instrumental, a organização integralista incorporou uma dimensão capaz de transformar o movimento “na pré-figuração do Estado integral”²⁹⁸ na medida em que se utilizava de uma série de aspectos estatais, “um aparelho burocrático interno, Forças Armadas paralelas (a Milícia), uma política de socialização e de reeducação dos militantes e uma legislação própria (resoluções, regulamentos, medidas de censura, etc.)”.²⁹⁹ Assim, conclui-se que, mesmo sem exercer plenamente o poder, o fascismo enquanto movimento deteve a capacidade de alterar profundamente o cenário político de uma nação.³⁰⁰

Assim como no discurso fascista (italiano), a lógica da alteridade está sempre presente no integralismo. Produzindo um efeito de espelhamento, a dualidade “exclui a reflexão e, simultaneamente, cria a ilusão de conhecimento”.³⁰¹ Na tentativa de construção de uma imagem pública do integralismo, “a visão do “outro” é tão fundamental quanto a imagem de si mesmo, seja do amigo ou do inimigo, do rival ou do aliado”.³⁰² O discurso integralista era arquitetado “através da operação com “pares antitéticos”, ou melhor, com uma série de oposições”.³⁰³ Entre elas, a oposição bem/mal, comunismo/integralismo, liberalismo/comunismo e, uma das principais: a dualidade materialismo/espiritualismo.

Inserida no debate já em voga na Europa de que o mundo ocidental estaria em declínio, a perspectiva integralista utilizava-se da imagem de uma crise devastadora e onipresente. De acordo com Salgado: “[...] nunca houve desespero maior, nunca o ser humano mergulhou numa confusão tão grande e desnorteadora”.³⁰⁴ Neste contexto, a sociedade brasileira estaria imersa no reino do materialismo, em que “toda a iniciativa de espírito desapareceu”³⁰⁵, deixando prevalecer “os fatores de desagregação humana (o orgulho, a vaidade, a rebelião, a indisciplina)”³⁰⁶, os reais responsáveis pelo caos do mundo moderno.

Dando sequência à lógica da alteridade, verifica-se que a única alternativa para que a iminente ameaça de colapso do mundo moderno fosse suprimida seria a irrupção de um novo

²⁹⁸ TRINDADE, Helgio. **Integralismo**: o fascismo brasileiro da década de 30. São Paulo: Difel, 1974. p. 169.

²⁹⁹ *Ibid.*, p. 184.

³⁰⁰ SILVA, *op. cit.*, p. 161.

³⁰¹ CHAUÍ, Marilena. Apontamentos para uma crítica da Ação Integralista Brasileira. In: CHAUÍ, Marilena. **Ideologia e mobilização popular**. São Paulo: Paz e Terra, 1978. p. 17-149. p. 46.

³⁰² DUTRA, Eliana Regina de Freitas. **O ardil totalitário**: imaginário político no Brasil dos anos 30. Belo Horizonte; Rio de Janeiro: UFMG; UFRJ, 1997. p. 35.

³⁰³ *Ibid.*

³⁰⁴ SALGADO, Plínio. **O sofrimento universal**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1934. p. 17.

³⁰⁵ *Ibid.*

³⁰⁶ TRINDADE, Helgio. **Integralismo**: o fascismo brasileiro da década de 30. São Paulo: Difel, 1974. p. 211.

mundo espiritualista³⁰⁷, no qual os homens seriam então guiados pela “bondade, a solidariedade humana e o senso estético e religioso”.³⁰⁸ Este novo mundo, obviamente, só viria à tona através da Revolução Integralista e da posterior implantação do Estado Integral.

O integralismo afirmava distinguir-se dos demais partidos políticos de sua época por ser mais do que um simples partido interessado apenas no poder: era “um movimento cultural” que elevaria o nível educacional, intelectual e cultural do povo brasileiro, visto “como o inapto, o despreparado, o imaturo, o incapaz, o inconsciente, o mal-educado, o ingênuo”.³⁰⁹ De acordo com Plínio Salgado, a massa popular era “o monstro inconsciente e estúpido. Transformar o monstro em cidadão para o Estado Integral era tarefa do Integralismo”.³¹⁰ De acordo com essa concepção de povo rudimentar, o Brasil seria um país mas ainda não uma Nação.³¹¹

Encontramos no iletrado, nesta concepção da sociedade, como um ser imaturo que precisa ser guiado e controlado, uma das premissas do pensamento político autoritário, que delega aos intelectuais os papéis de porta-voz dos anseios populares e de propor formas de ação e condutas ao povo. Esta característica elitista, de defesa do papel exclusivo das elites como condutoras do processo de mudança social e

³⁰⁷ Apesar de o integralismo herdar do fascismo italiano o conteúdo “revolucionário, o nacionalismo, a orientação superior do Estado, a base sindical-corporativa, o princípio da solidariedade social” (*Id. A tentação fascista no Brasil*: imaginário de dirigentes e militantes. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016. p. 67-68), ele diferencia-se do mesmo fundamentalmente por conta de sua inspiração missionária. Conforme afirma Gonçalves, ao passo em que Salgado enxergava o fascismo italiano “como fonte inspiratória para a praticidade” (GONÇALVES, Leandro Pereira. **Plínio Salgado**: um católico integralista entre Portugal e o Brasil (1895-1975). Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2017. p. 86) o fato de os integralistas definirem-se como os detentores de uma verdade única a ser transmitida para a sociedade aproxima o movimento muito mais do integralismo lusitano (IL) – e, consequentemente, da *Action Française*, que foi a principal inspiração do movimento português – do que do regime italiano. São muitas as possibilidades comparativas entre os integralismos, uma vez que ambos têm como base um nacionalismo estético-literário e a influência católica/cristã, defendendo amplamente a necessidade de um discurso de vanguarda, bem como a elevação do papel do intelectual como guia da nação. Além disso, assim como ocorreu no Brasil, o Integralismo Lusitano surgiu em Portugal “em um contexto de reações às doutrinas emergentes, e representava uma reação conservadora aos avanços de modernização pelos quais o mundo passava naquele momento” (*Id. Entre Brasil e Portugal*: trajetória e pensamento de Plínio Salgado e a influência do conservadorismo português. 2012. 668 f. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012. p. 227). Ainda assim, destaca-se que o principal ponto de aproximação entre os dois movimentos é o fato de ambos terem a questão do espiritualismo como elemento central do discurso (GONÇALVES, *op. cit.*): a proposta defendida tanto pela AIB quanto pelo IL era a de que a construção de um novo Estado seria feita através de uma obra de educação e de orientação física, moral, cívica e espiritual, ou seja, através de um trabalho específico de doutrinação das massas. Nas palavras de Gonçalves: “o pensamento de Plínio Salgado nasceu da influência do IL, que é oriundo no maurasianismo, da doutrina social da Igreja, bem como de alguns aspectos da doutrina e prática do fascismo italiano, [...]. Dentro destas concepções, aliadas ao autodidatismo nacionalista-cristão, além da influência familiar e da necessidade de um discurso de vanguarda, nasceu a AIB” (*Ibid.*, p. 75).

³⁰⁸ TRINDADE, **A tentação fascista no Brasil**: imaginário de dirigentes e militantes, *op. cit.*, p. 211.

³⁰⁹ CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. **Integralismo**: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937). Bauru: EDUSP, 1999. p. 42.

³¹⁰ SALGADO *apud* CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. **Integralismo**: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937). Bauru: EDUSP, 1999. p. 42.

³¹¹ SALGADO, Plínio. **Despertemos a nação**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1935. p. 132.

política e tutoras do povo brasileiro, ignorante e despreparado, perpassa amplos setores do pensamento brasileiro na década de 1930.³¹²

É devido a essa perspectiva de um “Brasil Criança”, que precisa ser educado e doutrinado dentro das concepções integralistas, que novamente a educação é apontada como grande solução. Assim, o caminho para a eficácia de uma revolução espiritual seria “anos e anos de doutrinação, de propaganda, de educação constante, paciente, das massas populares”.³¹³ Verifica-se, a partir disso, que “a educação está intimamente ligada ao sentido de doutrinação para a AIB”.³¹⁴

Na medida em que empenhava-se na preparação dos futuros cidadãos do Estado Integralista, o movimento exercia também o papel de “instrumento político-ideológico dos militantes”.³¹⁵ Todo seu aparato ideológico-estatal, assim, previa “uma série de mecanismos e atividades destinadas à transmissão de valores, símbolos e estilos de comportamento compatíveis com a concepção de sociedade e Estado integralistas”³¹⁶, denunciando o objetivo central da AIB: o de formar moralmente, fisicamente e espiritualmente o novo homem brasileiro, ou seja, o homem integral.

Mais precisamente a partir de 1935, uma série de agentes de socialização ideológica passam a ser articulados com o objetivo de assegurar “o aprendizado político-ideológico dos militantes, desde o nascimento do futuro integralista até a idade adulta, através de um conjunto de rituais e instrumentos de formação intelectual, moral, cívica e física”³¹⁷, visando também atrair novos adeptos para o movimento.

No seio do integralismo, a imprensa periódica ocupou um lugar de destaque como responsável pela popularização da ideologia, sendo essencialmente por meio dela que os ideais do “fascismo brasileiro” chegavam até a população. O uso estratégico da mesma enquanto instrumento de dominação foi responsável pela significativa expansão da AIB no Brasil dos anos 1930, estabelecendo um diálogo doutrinário com a população.

Em virtude dessa busca por um número cada vez maior de adeptos, a AIB teve um papel crucial para a estetização da política brasileira não só por conta da ampla instrumentalização da imprensa mas, fundamentalmente, em virtude da utilização da simbologia em toda a estrutura política do partido, que buscava inserir a grande massa

³¹² BULHÕES, Tatiana da Silva. **Integralismo em foco: imagens e propaganda política**. Rio de Janeiro: Imprensa oficial do Estado do Rio de Janeiro, 2012. p. 46.

³¹³ CAVALARI, *op. cit.*, p. 155.

³¹⁴ BULHÕES, *op. cit.*, p. 45.

³¹⁵ TRINDADE, Helgio. **Integralismo: o fascismo brasileiro da década de 30**. São Paulo: Difel, 1974. p. 196.

³¹⁶ *Ibid.*

³¹⁷ *Ibid.*, p. 196.

brasileira em uma espécie de ritual estético. Refletindo o clima do pós-guerra, no qual o colapso da ordem liberal no cenário europeu fazia emergir “a necessidade de substituição das velhas formas de dominação por outras que legitimassem melhor o poder e suas políticas”³¹⁸, o integralismo inaugurava uma nova forma de fazer política: “a rede criada pela AIB constituída pelo impresso, pelas sessões doutrinárias e pelo rádio completava-se com os símbolos e ritos integralistas. Aquele que se queria atingir era submetido a um processo de ritualização constante e massiva pelo movimento”.³¹⁹

Como exemplos desse intenso uso da simbologia, tem-se o fato de que os principais integralistas usavam camisas verdes, tinham como símbolo a letra grega sigma (Σ que significa somatória)³²⁰ e o lema, *Deus, Pátria, Família*, que remete ao caráter conservador da AIB e, especialmente, à questão do espiritualismo e do forte apelo religioso, características bastante específicas da ideologia integralista. Além disso, o culto à imagem de Plínio Salgado, a utilização de uniformes e de distintivos, o hino integralista, a saudação *Anauê*³²¹ e o juramento integralista eram outras das simbologias largamente utilizadas pelos militantes do movimento.

O emprego de símbolos se tornou, a partir de então, “um dos estratagemas eficazes preferidos pelos líderes para dirigir as massas, para aspirar e inspirar as emoções das multidões”.³²² Visando doutrinar seus quadros e, ao mesmo tempo, arregimentar novos adeptos, a AIB desenvolveu uma rede de propaganda doutrinária na qual não só a ritualização e a simbologia eram instrumentalizadas, mas também “a palavra impressa, através do livro e do jornal, e a palavra falada, através das sessões doutrinárias e do rádio”.³²³

O fenômeno do uso da propaganda por regimes políticos no início do século XX, em meio ao avanço tecnológico e científico, foi incontestavelmente dominante neste período. Não é à toa que Hitler afirmou: “A propaganda permitiu-nos conservar o

³¹⁸ BERTONHA, João Fábio. A máquina simbólica do integralismo: propaganda e controle político no Brasil dos anos 30. *História e Perspectivas*, Uberlândia, n. 7, p. 87-110, jul./dez. 1992. p. 95.

³¹⁹ CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. **Integralismo**: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937). Bauru: EDUSP, 1999. p. 163.

³²⁰ Em um dos regulamentos da AIB, o *Protocolos e Rituais*, foram determinadas todas as normas de comportamentos esperadas de um militante integralista, além de outros fatores como: o porquê da escolha de cada símbolo, como deveriam funcionar as sessões integralistas e até mesmo quais deveriam ser os rituais de casamento ou morte de um integralista. Segundo este documento, o Sigma, por exemplo, havia sido escolhido como principal símbolo do movimento por ser a *letra com qual os primeiros cristãos da Grécia indicaram a palavra “Deus”*, e serviria para lembrar o objetivo principal da AIB: *integrar todas as forças sociais do País na suprema expressão da Nacionalidade* (PROTOCOLLOS e Rituais: regulamento. Niterói: Edição do núcleo municipal de Niterói, 1937).

³²¹ O significado da palavra *Anauê*, segundo o regulamento, é *você é meu parente*, fazendo alusão à questão dos integralistas considerarem-se como a *Grande Família dos Camisas-Verdes* (*Ibid.*).

³²² CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. **Integralismo**: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937). Bauru: EDUSP, 1999. p. 163.

³²³ *Ibid.*, p. 33.

poder, a propaganda nos possibilitará conquistar o mundo”. Através de vários veículos de comunicação, tais como o rádio, o cinema e a imprensa, governos e ditaduras, de esquerda ou direita, buscaram o convencimento e apoio de um raio cada vez maior de pessoas e grupos sociais. A AIB, em sua luta pelo poder político, utilizou largamente estratégias de propaganda política, onde as imagens desempenharam papel importante.³²⁴

Dessa forma, pensar os meios de comunicação sob um viés autoritário havia se tornado uma estratégia vista cada vez mais como o melhor meio de elevar a população a uma cultura propriamente nacional. No integralismo, ao passo em que “o livro veiculava as ideias produzidas pelos teóricos do partido”³²⁵, o jornal as popularizava em uma linguagem acessível à massa brasileira. Através disso, “o Integralismo – como a maioria dos movimentos fascistas – pretendia realizar uma verdadeira “revolução espiritual”, com a educação e a cultura colaborando para a criação de um novo tipo de homem, apropriado à nova sociedade que deveria surgir”.³²⁶

Iniciava-se, então, um processo de “educação integral para o homem integral”, em que o discurso amplamente educacional/doutrinador visava “educar o homem todo, ou seja, o conjunto do homem físico, intelectual, cívico e espiritual”.³²⁷ O jovem passou a ser entendido como principal meio para o estabelecimento do Estado pretendido, sendo predestinado a levar a doutrina integralista às gerações futuras. Mais uma vez, o potencial revitalizador da juventude é mobilizado pois ela, e somente ela, teria “força, optimismo e energia creadora”³²⁸ para construir o novo Estado Integral.

A juventude havia se transformado na grande esperança do futuro da nação brasileira, tornando-se um dos principais símbolos instrumentalizados pela AIB para a construção da imagem do homem integralista ideal. Ao fazer apologia à juventude, “o Integralismo procurava marcar sua distância com relação aos partidos políticos da época. Estes eram descritos pelo movimento com decrepitude, senilidade, decadência”.³²⁹ Distanciando-se desta concepção, Salgado afirmava:

³²⁴ BULHÕES, Tatiana da Silva. **Integralismo em foco: imagens e propaganda política**. Rio de Janeiro: Imprensa oficial do Estado do Rio de Janeiro, 2012. p. 37.

³²⁵ CAVALARI, *op. cit.*, p. 79.

³²⁶ BERTONHA, João Fábio. A máquina simbólica do integralismo: propaganda e controle político no Brasil dos anos 30. **História e Perspectivas**, Uberlândia, n. 7, p. 87-110, jul./dez. 1992. p. 89.

³²⁷ SIMÕES, Renata Duarte; GOELLNER, Silvana Vilodre. Educação Física e esportes na Ação Integralista Brasileira: Hollanda Loyola e a educação do corpo. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 26, p. 263-272, 2012. p. 266.

³²⁸ SALGADO, Plínio. **Despertemos a nação**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1935. p. 09.

³²⁹ CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. **Integralismo: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937)**. Bauru: EDUSP, 1999. p. 158.

Ser moço não é apenas ter vinte anos, ou pretender attitude de vinte anos. Ser moço é ser livre. É ser tão livre ao ponto de guerrear a licença e criar a disciplina. [...] Ser moço é evitar que as algemas dos preconceitos nos immobilizem e que o despotismo da moda nos escravize. É romper com o costumeiro, com os hábitos dos morigerados, com a prudência dos covardes.³³⁰

A institucionalização das categorias juvenis detinha amplos objetivos, que iam desde a atração de novos adeptos para o movimento e a construção do que seria o novo homem integral, até a própria formação de novos comandantes para o futuro Estado Integralista, por exemplo. Nesse sentido, a exigência da obediência nas práticas voltadas às categorias juvenis “justifica-se na medida em que se afirmava que, quem não sabia obedecer, jamais saberia comandar. Era fundamental, pois, que o integralista aprendesse a obedecer, visto que o Integralismo era, também, *uma escola de comandantes*”.³³¹

Além disso, a juventude era entendida como uma porta de entrada, a primeira célula do organismo social. Penetrar aos jovens seria estabelecer a possibilidade de mobilização e transformação de toda essa organicidade familiar.

É pertinente observar que, antes de 1934, não há indícios da existência de ações direcionadas especificamente para a juventude, pois somente a partir do Congresso de Vitória, com o estabelecimento estrutural da AIB, é que a organização juvenil ganhou a atenção do movimento. Assim, torna-se possível dividir a arregimentação da juventude promovida pelo movimento integralista em três fases distintas: (1) uma primeira fase, de 1932 a 1934, em que não há ações, segmentos internos ou discursos visando especificamente a mobilização da juventude; (2) uma segunda fase, que iria de 1934 a 1936, em que o jovem passa a fazer parte do público alvo da AIB, sendo regido pela Secretaria de Organização Política - SOP³³² (sendo subdivididos em Infantis – 5 a 8 anos, Vanguardeiros – 8 a 14 anos, e Pioneiros – 14 a 18 anos); (3) e, por último, a terceira fase que iria de 1936 até 1937, em que é criada a Secretaria de Arregimentação Feminina e da Juventude e o Departamento da Juventude Integralista (sendo agora subdivida em Infantis – 4 a 6 anos, Lobinhos – 7 a 9 anos, Vanguardeiros – 10 a 12 anos, e Pioneiros – 13 a 15 anos).

O interesse educacional da AIB para com os *plinianos* tinha como base a doutrina de Baden-Powell, criador do escotismo enquanto “movimento educacional cívico patriótico” na Inglaterra, em 1907. Tendo em vista que “a doutrinação escoteira objetivava formar crianças e

³³⁰ SALGADO, Plínio. **Despertemos a nação**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1935. p. 09.

³³¹ CAVALARI, *op. cit.*, p. 55.

³³² VIANA, Giovanni Noceti. **Orientar e disciplinar a liberdade**: um estudo sobre a educação nas milícias juvenis integralistas – 1934/1937. 2008. 134 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008. p. 87.

jovens num ideário que valorizava, de forma acentuada, o sentimento de pertencimento à Nação [...], o enaltecimento de símbolos nacionais, e o respeito à ordem e à disciplina social”³³³, torna-se evidente a simpatia da AIB com o escotismo. Contudo, apesar da aproximação ideológica, na prática o mútuo apoio entre a União dos Escoteiros do Brasil (UEB) e a AIB perdurou apenas até o ano de 1936, pois após uma reorganização da estrutura da UEB, a tentativa de uma real incorporação dos plinianos à UEB não foi aceita. A justificativa foi que discussões políticas e religiosas não eram admitidas no escotismo.³³⁴ Verifica-se que, além de uma formação moral e espiritual, a educação cívica também estava presente nos objetivos do Departamento da Juventude, que pretendia

Desenvolver entre os jovens e as crianças integralistas o sentimento de civismo, aprimorando-lhes o caráter, promover o seu desenvolvimento físico, pela prática de jogos desportivos, excursões e passeios, e o desenvolvimento intelectual moral e profissional, ensinando-lhes todos os serviços úteis à coletividade, trabalhos domésticos, além da instrução primária e da educação moral e profissional [...].³³⁵

Mais precisamente a partir de 1935, diante de um crescente interesse de Plínio Salgado em concorrer às eleições presidenciais que ocorreriam em 1937, a posição oficial do movimento começava a se modificar e o ideal integralista, assim como o seu discurso, sofrem uma drástica mutação. O abandono do viés revolucionário em favor de um viés, a partir de então, eleitoral, provocou uma virada ideológica no movimento, elevando a educação/doutrinação da juventude ao posto de principal estratégia política do integralismo.

Assuntos como o projeto de alfabetização e o trabalho de assistência social desenvolvido pelo movimento adquirem um lugar de destaque no discurso da imprensa, visando a conquista de um número cada vez maior de eleitores. O próprio enfoque educacional da AIB, nesse período, deixa de ter a pretensão de apenas alfabetizar os brasileiros iletrados, assumindo toda uma campanha em prol do exercício da cidadania, para que, através da alfabetização, o povo “pudesse obter seu título de eleitor”.³³⁶

Além do interesse nas eleições presidenciais de 1937, o estabelecimento de algumas mudanças na conjuntura nacional na década de 1930, como a conquista do direito ao voto feminino, em 1932, e a Lei de Segurança Nacional promovida por Vargas, em 1935,

³³³ NASCIMENTO, Adailson de Oliveira. Movimento escoteiro e cultura política nacionalista no Brasil na primeira metade do século XX. In: MOTTA, Rodrigo Patto Sá (Org.). **Culturas políticas na história: novos estudos**. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2009. p. 39-58. p. 46.

³³⁴ *Ibid.*

³³⁵ CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. **Integralismo: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937)**. Bauru: EDUSP, 1999. p. 69.

³³⁶ CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. **Integralismo: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937)**. Bauru: EDUSP, 1999. p. 65.

obrigavam o movimento a adaptar-se ao novo cenário. Assim, a partir de 1935, o movimento integralista sofre uma transformação estrutural expressa especialmente através da imprensa.

O ano de 1936 exemplifica a nova via eleitoral, com uma reorganização na estrutura do movimento. Os antigos departamentos foram transformados em novas secretarias, tendo suas funções ampliadas. Marcando “o início de uma mutação estratégica do integralismo e o desencadeamento do processo de negociação com o poder estabelecido”³³⁷, a reorganização de 1936 implantou uma série de novas secretarias, tais como: a Secretaria de Imprensa, a Secretaria de Assistência Social, a Secretaria de Relações Exteriores, a Secretaria de Arregimentação Feminina e da Juventude, além de uma Secretaria de Educação (moral, cívica e física) que substituía o antigo Departamento da Milícia.³³⁸

A criação das novas secretarias, como a Secretaria de Arregimentação Feminina e da Juventude, visava oferecer novos espaços para mulheres, jovens e crianças nas fileiras do movimento, já que estes setores eram novos possíveis eleitores no contexto brasileiro da época. Assim, o movimento abandonava suas pretensões “revolucionárias” assumindo, a partir de então, um interesse mais educacional.

Em 1937, com o estabelecimento do Estado Novo de Vargas, todos os partidos políticos foram dissolvidos e a AIB transformada, novamente, em entidade da sociedade civil “com a denominação de Associação Brasileira de Cultura (A.B.C.)”.³³⁹ Ainda que de forma velada, a estrutura da nova associação permitia que a AIB continuasse sua campanha doutrinária. Entretanto, essa campanha continua somente até maio do ano seguinte, quando um atentado a Vargas no Palácio da Guanabara denuncia uma nova mudança de tática, baseada na “revolução violenta para a tomada do poder”.³⁴⁰ Em maio de 1938, a realização da chamada intentona integralista, sob o comando de um pequeno grupo de militantes acabou por desencadear “uma intensa campanha contra o integralismo, com prisão e exílio de seus líderes”. Em consequência disso, “Plínio Salgado foi preso e, no ano seguinte, exilado para Portugal, regressando ao país em 1945, com o fim do Estado Novo”.³⁴¹

A temática era central nas ações políticas. Sabendo disso, Vargas passava a defender a ideia de uma educação “civilizadora da sociedade”³⁴², ou seja, uma educação entendida

³³⁷ TRINDADE, Helgio. **Integralismo**: o fascismo brasileiro da década de 30. São Paulo: Difel, 1974. p. 185-186.

³³⁸ *Ibid.*

³³⁹ CAVALARI, *op. cit.*, p. 18.

³⁴⁰ CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. **Integralismo**: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937). Bauru: EDUSP, 1999. p. 19.

³⁴¹ *Ibid.*, p. 19-20.

³⁴² STEIN, Cristiane Antunes. **Por Deus e pelo Brasil**: a juventude brasileira em Curitiba (1938-1945). 2008. 172 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2008. p. 43-44.

“como principal instância da construção da civilidade”³⁴³ brasileira. A partir de um emergente interesse de Vargas em institucionalizar a juventude em uma organização, uma série de intelectuais como Francisco Campos, Eurico Gaspar Dutra, Leonem Franca, Osvaldo Cordeiro de Farias e, a propósito, Gustavo Barroso, passaram a disputar a organização juvenil, encaminhando propostas ao governo.

Na Constituição de 1937, Francisco Campos, no capítulo destino à educação, “previa a fundação de instituições destinadas a “organizar para a juventude períodos de trabalho anual nos campos e oficinas, assim como promover-lhe a disciplina moral e o adestramento físico”³⁴⁴, preparando-a para a defesa da Nação. De acordo com tal proposta, a organização deveria arregimentar toda a juventude brasileira compreendida entre 8 e 18 anos de idade, oferecendo-lhe instrução pré-militar, educação esportiva, instrução profissional, técnica no campo, assistência social e educação religiosa, ministradas aos jovens segundo os princípios da doutrina e da moral católica.³⁴⁵ Verifica-se portanto, um reflexo de ações orgânicas do integralismo no Estado Novo brasileiro.

A proposta de Francisco Campos não teve boa aceitação, especialmente por ter buscado inspiração nas organizações da juventude dos países europeus, como a Juventude Fascista, a Juventude Hitlerista e a Mocidade Portuguesa.³⁴⁶ O Ministro de Guerra Eurico Gaspar Dutra apontava a necessidade de organização da juventude, mas que essa “deveria acontecer no interior do Sistema Educacional já existente, ficando a cargo, portanto, do Ministério da Educação, modificando o caráter pré-militar e desvencilhando o ensino religioso católico, que aparecia no projeto”.³⁴⁷ Por conta disso, Getúlio Vargas decide consultar alguns intelectuais influentes do período, dentre eles Gustavo Barroso, um dos líderes do movimento integralista mais vinculado com o contingente antisemita da doutrina fascista. Propondo algumas alterações no projeto original, como a ênfase no amor a Deus, o integralista encaminha um documento de sete páginas a Vargas, em julho de 1939, influenciando de forma significativa o decreto-lei definitivo da criação da Juventude Brasileira.³⁴⁸

³⁴³ STEIN, Cristiane Antunes. **Por Deus e pelo Brasil: a juventude brasileira em Curitiba (1938-1945)**. 2008. 172 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2008. p. 44.

³⁴⁴ CONSTITUIÇÃO DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL, 1997 *apud ibid.*, p. 120.

³⁴⁵ HORTA, José Silvério Baia. A mobilização da juventude na Itália (1922-1945), em Portugal (1936-1974) e no Brasil (1937-1945). In: ARAÚJO, Marta Maria de (Org.). **História(s) comparada(s) da Educação**. Brasília; Natal: Liber Livros; UFRN, 2009. p. 53-98.

³⁴⁶ STEIN, *op. cit.*, p. 121.

³⁴⁷ STEIN, Cristiane Antunes. **Por Deus e pelo Brasil: a juventude brasileira em Curitiba (1938-1945)**. 2008. 172 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2008. p. 124.

³⁴⁸ *Ibid.*, p. 141.

Nesse contexto, a arregimentação da juventude constituiu-se enquanto um dos principais meios para a manutenção do Estado Novo de Getúlio Vargas. Além disso, a chamada educação para a vida, instaurada no Brasil dos anos 1930, aos poucos estabeleceria as bases para uma “recepção positivada de concepções de mundo baseadas na fórmula “só os fortes vencerão”, tão típica de um Estado sado-autoritário, como o fascismo”.³⁴⁹ A educação aliada à atividade militar, a educação física e as propostas eugênicas formavam, assim, “um tripé básico de sustentação da ação fascista entre a juventude”.³⁵⁰

³⁴⁹ SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. Os fascismos. In: FILHO, Daniel Aarão Reis; FERREIRA, Jorge; ZENHA, Celeste (Orgs.). **O século XX – O tempo das crises. Revoluções, fascismos e guerras**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. p. 109-164. p. 154.

³⁵⁰ SANTANA, Márcio Santos de. A categoria juventude na pesquisa histórica: notas metodológicas. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – ANPUH, XXVI, São Paulo, 2011. **Anais...** São Paulo, 2011. p. 07-08.

3 JUVENTUDE INTEGRALISTA: ALVO OU INSTRUMENTO?

À medida em que se entende a fascistização das categorias juvenis como apenas uma das fases de um processo de caráter tanto mais amplo quanto mais complexo – o enquadramento juvenil como uma das mais modernas técnicas de controle social – torna-se possível a realização de uma análise um pouco mais detalhada acerca da juventude integralista.

Partindo-se dos pressupostos de que o conceito juventude possui um caráter polimorfo, ou seja, detém uma ampla variação semântica de acordo com cada época e contexto, e que uma das principais características da modernidade é o fato de cada geração ter a sua definição de juventude, o presente capítulo pretende compreender o que a Ação Integralista Brasileira entendia por jovem. A partir disso, o objetivo é analisar: o que teria levado a juventude a ocupar, mais precisamente a partir de 1935, o centro da política integralista; na estrutura interna do movimento, que papéis eram atribuídos às categorias juvenis; e, sobretudo, porque razão a juventude era compreendida como o principal caminho para a instituição do pretendido Estado Integral no Brasil e através de quais estratégias se daria tal finalidade.

No seio da Ação Integralista Brasileira (AIB), especialmente a partir de 1935 – fase em que o movimento abandona suas pretensões revolucionárias e assume um caráter mais eleitoral –, foi instituído todo um aparato de estratégias propagandísticas através das quais a doutrina integralista era popularizada. O objetivo era propagar um discurso mais agregador e representativo para uma série de novos segmentos sociais em ascensão no período, inicialmente não abarcados pelo discurso do partido (como mulheres, operários e jovens).

A ampla utilização da imprensa como arma política, a organização de festas e ritos integralistas, a instrumentalização do rádio, a promoção de sessões doutrinárias marcadas por uma significativa teatralização política e a publicação de livros voltados não só para as elites já inscritas nas fileiras do sigma mas também às massas brasileiras ainda não adeptas ao movimento constituem-se como alguns dos principais mecanismos doutrinários do integralismo. Ressalta-se que tais estratégias, integrando um mesmo aparato propagandístico (leia-se doutrinário), tinham, como ponto em comum, o fato de contarem, em sua totalidade, com uma extensa gama de simbolismos que inseriam o público-alvo a ser atingido em uma espécie de *mística*, capaz de dialogar com os pontos mais sensíveis do indivíduo, nos quais resguardam-se as suas mais íntimas tendências, medos e paixões.

A “máquina simbólica do integralismo”³⁵¹ constituía-se, assim, como motor fundamental da engrenagem doutrinária do movimento, ou seja, o símbolo operacionalizou-se enquanto o cerne a reger toda a construção discursiva do movimento. Não é à toa que simbologia foi considerada, por uma série de pesquisadores, a marca registrada do integralismo.

3.1 A MÍSTICA INTEGRALISTA

“Governar é fazer crer”. Essa famosa frase dita por Maquiavel denunciava, ainda no século XVI, a intrínseca relação que há muito permeia os universos político e simbólico. Tanto é verdade que algumas das grandes construções políticas discursivas dos últimos séculos foram marcadas pelo uso de uma extensa gama de aparatos simbólicos, o que atribuiu progressivamente ao símbolo o papel de instrumento legitimador do poder.

Mais precisamente a partir da Revolução Francesa, que exportou em ritmo e impacto avassaladores um primeiro “modelo de Estado Nacional independente”³⁵², os combates ultrapassaram o plano dos discursos políticos tradicionais, fazendo surgir a necessidade da ocorrência de uma batalha também no plano simbólico. A partir de então, a política transforma-se em um espaço “de deliberação e confronto de rivais que visam tanto o poder efectivo como o controlo dos símbolos”.³⁵³

Passando a ser visto como peça efetiva e eficaz “do dispositivo de controlo da vida colectiva e, em especial, do exercício da autoridade e do poder”³⁵⁴, o símbolo passa a ser amplamente instrumentalizado pelos “pontos mais opostos do horizonte político”³⁵⁵, tendo em vista que o apelo ao universo simbólico, ao atingir a sociedade em seu ponto mais sensível – o do imaginário – “suscita a adesão a um sistema de valores e intervém eficazmente nos processos da sua interiorização pelos indivíduos, modelando os comportamentos, capturando as energias e [...] arrastando os indivíduos para uma acção comum”.³⁵⁶

No século XX, especialmente após a primeira guerra – quando a política assume feições mais estéticas e o nacionalismo apropria-se de um tom mais exacerbado, ocupando o

³⁵¹ BERTONHA, João Fábio. A máquina simbólica do integralismo: propaganda e controle político no Brasil dos anos 30. **História e Perspectivas**, Uberlândia, n. 7, p. 87-110, jul./dez. 1992.

³⁵² ANDERSON, Benedict; BOTTMAN, Denise. **Comunidades imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. p. 117.

³⁵³ BACZKO, Bronislaw. A imaginação social. In: LEACH, Edmund *et al.* **Anthropos-homem**. Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 1985. p. 296-332. p. 300.

³⁵⁴ *Ibid.*, p. 310.

³⁵⁵ GIRARDET, Raoul. **Mitos e mitologias políticas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 12.

³⁵⁶ BACZKO, *op. cit.*, p. 311.

patamar de mais nova crença política³⁵⁷ do pós-1919 –, o interesse no controle de imaginários torna-se ainda mais significativo. A percepção de que uma política de caráter mais simbólico e ritualístico abarcaria “as dimensões cognitiva e expressiva”³⁵⁸ do indivíduo alargou a possibilidade de eficácia de um discurso doutrinário, já que “o homem, na sua qualidade de ser sensível, é muito menos guiado por princípios generosos do que por objetos imponentes, imagens chamativas, grandes espetáculos, emoções fortes”.³⁵⁹

No modelo de identidade nacional ocidental, as nações passam a ser entendidas enquanto *comunidades culturais* compostas por membros unidos pelas mesmas recordações históricas, mitos, símbolos e tradições; por um mesmo código de direitos, deveres e valores e por um sentimento comum de pertença.³⁶⁰ Sendo assim, o domínio do imaginário e do simbólico passa a compor o cerne dos discursos nacionalistas, buscando promover a socialização dos indivíduos em uma fraternidade una e homogênea que incutiria no imaginário social um sentimento coletivo de devoção à pátria. Conforme afirma Smith,

À nação é também exigido que estabeleça um elo social entre indivíduos e classes, através do fornecimento de todo um repertório de tradições, símbolos e valores partilhados. Através da utilização dos símbolos – bandeiras, moeda, hinos, uniformes, monumentos e cerimônias – os membros recordam a sua herança comum e as suas características culturais, sentindo-se fortalecidos e exaltados pela sensação de identidade e pertença comuns. A nação torna-se um grupo de obra de fé, capaz de ultrapassar obstáculos e adversidades.³⁶¹

A simbologia nacionalista, na visão de um grande número de autores, constitui o aspecto mais poderoso e duradouro do nacionalismo na medida em que o símbolo, quando instrumentalizado, encarna os conceitos básicos do nacionalismo, “tornando-os visíveis e distintos para todos os membros, transmitindo os princípios de uma ideologia abstrata em termos palpáveis e concretos, que suscitam reações emocionais instantâneas de todos os estratos da comunidade”.³⁶²

Após o término da guerra, a recém-inaugurada política de massas trouxe à tona uma emergente necessidade de “substituição das velhas formas de dominação por outras que legitimassem melhor o poder e suas políticas, dando a este poder uma eficiência maior”.³⁶³

³⁵⁷ CHAMPAGNE, Patrick. **Formar a opinião**: o novo jogo política. Porto Alegre: Vozes, 1998.

³⁵⁸ SMITH, Anthony. **A identidade nacional**. Lisboa: Gradiva, 1997. p. 96-97.

³⁵⁹ BACZKO, Bronislaw. A imaginação social. In: LEACH, Edmund *et al.* **Anthropos-homem**. Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 1985. p. 296-332. p. 302.

³⁶⁰ SMITH, *op. cit.*

³⁶¹ *Ibid.*, p. 31.

³⁶² *Ibid.*, p. 101-102.

³⁶³ BERTONHA, João Fábio. A máquina simbólica do integralismo: propaganda e controle político no Brasil dos anos 30. **História e Perspectivas**, Uberlândia, n. 7, p. 87-110, jul./dez. 1992. p. 95.

Começa aí um processo de estetização da política através da invenção de novas técnicas de dominação, que “implicavam na passagem de um simples manejo dos imaginários sociais à sua manipulação cada vez mais sofisticada e especializada”.³⁶⁴ Nesse novo aparato político-simbólico, destaca-se, a título de exemplo, o papel fundamental da sacralização da política³⁶⁵, confundindo as esferas política e religiosa através da utilização de simbolismos sagrados, que têm uma peculiar força simbólica de tradução e legitimação da ordem política.

As primeiras décadas do século XX são fortemente marcadas pelo reconhecimento de que o domínio do simbólico e, por meio dele, do imaginário, constitui-se enquanto um dos mais importantes instrumentos políticos da modernidade. Pouco a pouco, “os antropólogos e os sociólogos, os historiadores e os psicólogos começaram a reconhecer, senão a descobrir, as funções múltiplas e complexas que competem ao imaginário na vida colectiva e, em especial, no exercício do poder”.³⁶⁶

O imaginário, em períodos anteriores, era considerado terreno privilegiado do campo das belas-artes. Nesse novo momento, no entanto, passa a compor um espaço central também na esfera política³⁶⁷, assumindo múltiplas funções na vida coletiva através de uma rede de significações diversificadas, podendo “legitimar/invalidar; justificar/acusar; tranquilizar/perturbar; mobilizar/desencorajar; incluir/excluir (relativamente ao grupo em causa), etc.”.³⁶⁸

Especialmente no período pós-guerra, a invenção de novas técnicas de combate visando o controle do imaginário tornou-se um requisito crucial para os interessados na conquista do poder. A simbologia, ora utilizada para invalidar a legitimidade do discurso inimigo, ora instrumentalizada para promover a visão de sua própria doutrina ou líder enquanto única solução possível para a salvação nacional, tornou-se instrumento político crucial não só para a conquista do poder ou legitimação de discursos. A partir de então, “nenhuma relação social e, por maioria de razão, nenhuma instituição política são possíveis sem que o homem prolongue a sua existência através das imagens que tem de si próprio e de outrem”.³⁶⁹

³⁶⁴ BACZKO, Bronislaw. A imaginação social. In: LEACH, Edmund *et al.* **Anthropos-homem**. Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 1985. p. 296-332. p. 300.

³⁶⁵ BERTONHA, João Fábio. A máquina simbólica do integralismo: propaganda e controle político no Brasil dos anos 30. **História e Perspectivas**, Uberlândia, n. 7, p. 87-110, jul./dez. 1992.

³⁶⁶ BACZKO, *op. cit.*, p. 297.

³⁶⁷ *Ibid.*

³⁶⁸ *Ibid.*, p. 312.

³⁶⁹ *Ibid.*, p. 301.

Diante dessa nova “atitude instrumental e utilitária perante os imaginários sociais”³⁷⁰, é pertinente lembrar que o fascismo, tendendo naturalmente a uma estetização da vida política, foi o pioneiro na utilização extensiva da simbologia enquanto instrumento de doutrinação. Armandando-se de todo um universo místico e ritualístico, o movimento socializou um grande aparato de símbolos por meio de novos e modernos instrumentos de propaganda de massa como o teatro, “cinema, rádio, livros, panfletos, jornais, etc.”³⁷¹, visando a mobilização das energias coletivas e, conseqüentemente, a conquista de corações e mentes.

Através do apelo ao imaginário social o fascismo edificou sua identidade política, se utilizando amplamente da simbologia para elaborar representações de si e de seus adversários e para delimitar uma espécie de código do certo e errado³⁷², do permitido e do condenável. Verifica-se, nesse sentido, a forte presença de um discurso operado por uma série de “pares antitéticos”³⁷³, ou seja, por meio de uma extensa gama de oposições (maldade x bondade, inimigo x herói, ameaça x salvação), regidas pela lógica de alteridade do movimento, tendo a oposição bem/mal um papel de destaque no discurso fascista.

A extensa utilização da linguagem enérgica do símbolo perpassou o fenômeno fascista como um todo, estando presente em quase todos os movimentos de cunho fascista surgidos no período subsequentes à primeira guerra. No Brasil, destaca-se a Ação Integralista Brasileira (AIB), que utilizou-se amplamente do símbolo, elegendo-o como o seu principal instrumento político de doutrinação.

A base de definição do integralismo estava fincada sobre a constituição de uma identidade política através da oposição entre sua ideologia e a de seus inimigos: o liberalismo, as sociedades secretas, o capitalismo internacional e, fundamentalmente, o comunismo. Legitimando o discurso salvacionista pela reprodução de todo um imaginário, fundamentalmente anticomunista, o movimento doutrinava seus quadros e conquistava novos adeptos motivado, especialmente, pela crença compartilhada de uma real necessidade de combate a uma ameaça que, supostamente, estaria assombrando a nação.³⁷⁴

³⁷⁰ BACZKO, Bronislaw. A imaginação social. In: LEACH, Edmund *et al.* **Anthropos-homem**. Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 1985. p. 296-332. p. 300.

³⁷¹ BERTONHA, João Fábio. A máquina simbólica do integralismo: propaganda e controle político no Brasil dos anos 30. **História e Perspectivas**, Uberlândia, n. 7, p. 87-110, jul./dez. 1992. p. 98.

³⁷² BACZKO, *op. cit.*

³⁷³ DUTRA, Eliana Regina de Freitas. **O ardil totalitário: imaginário político no Brasil dos anos 30**. Belo Horizonte; Rio de Janeiro: UFMG; UFRJ, 1997. p. 35.

³⁷⁴ Conforme afirma Trindade, “A “motivação” principal que ocasionou a adesão de cerca de dois terços dos integralistas é o *anticomunismo*” (TRINDADE, Helgio. **Integralismo: o fascismo brasileiro da década de 30**. São Paulo: Difel, 1974. p. 160).

No Brasil, o medo coletivo gerado em torno da possibilidade de uma revolução comunista “é o grande tema mobilizador dos desejos, das aspirações, das energias e também dos temores e dos rancores que envolvem as vivências da sociedade na passagem para a segunda metade dos anos 30”³⁷⁵, fazendo do simbolismo anticomunista o instrumento central da maior parte dos movimentos políticos do período.

O embate ideológico entre grupos sociais antagonistas é responsável, nesses anos, pela intensificação da produção de imaginários sociais concorrentes, onde, em torno da ideia de revolução, proliferaram representações – umas, legitimando relações de força; outras, postulando uma nova legitimidade no campo político. Toda essa produção imaginária, que tem a revolução como centro da sua representação política, será o objeto e o lugar dos conflitos sociais que marcam o país nesses anos.³⁷⁶

Tanto o discurso textual quanto o imagético traziam a expectativa de atrair novos militantes, de doutrinar os integralistas para o movimento e de construir uma imagem perfeita e homogênea da AIB. Partindo desse pressuposto, o símbolo foi instrumentalizado enquanto estratégia central do movimento, estando presente no cerne da doutrina como um todo. Conforme afirma Cavalari, “a rede criada pela AIB, constituída pelo impresso, pelas sessões doutrinárias e pelo rádio, completava-se com os símbolos e ritos integralistas. Aquele que se queria atingir era submetido a um processo de ritualização constante e massiva pelo movimento”.³⁷⁷

O culto à imagem de Plínio Salgado, a utilização de distintivos, o hino integralista, a saudação *Anauê*³⁷⁸, e o juramento integralista são algumas das simbologias largamente utilizadas pelo movimento.

No processo de ordenação dos militantes, com a finalidade de educar, disciplinar e preparar seus membros tornando-os “soldados obstinados a defender a Nação”, a AIB estruturou um conjunto de dispositivos ditando regras, normas e rituais a serem seguidos “fielmente”. Essa ordenação instituiu moral e corporalmente o integralista no movimento e na sociedade, e a ela os integralistas estavam submetidos e deviam obediência incontestável.³⁷⁹

³⁷⁵ DUTRA, Eliana Regina de Freitas. **O ardil totalitário**: imaginário político no Brasil dos anos 30. Belo Horizonte; Rio de Janeiro: UFMG; UFRJ, 1997. p. 34-35.

³⁷⁶ *Ibid.*, p. 33.

³⁷⁷ CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. **Integralismo**: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937). Bauru: EDUSP, 1999. p. 163.

³⁷⁸ Em relação ao significado da palavra *Anauê*, o regulamento o traz como *youê é meu parente*, fazendo alusão à questão dos integralistas considerarem-se como a *Grande Família dos Camisas-Verdes* (PROTOCOLLOS e Rituais: regulamento. Niterói: Edição do núcleo municipal de Niterói, 1937).

³⁷⁹ SIMÕES, Renata Duarte; SOUZA, J. E. Simbologia e ritualização na Ação Integralista Brasileira. In: SOUZA, Josefa Eliana; JUNIOR, Hamilcar Silveira Dantas (Orgs.). **Instituições e práticas educativas no Brasil**: teoria e História. Sergipe: Editora UFS, 2012. v. 1. p. 169-214. p. 170.

Sendo um movimento de caráter fascista, o integralismo não mediu esforços no apelo à sacralidade para legitimar a doutrina, dando a ela um tom divino. Através de uma série de simbolismos como o sigma; o lema *Deus, Pátria e Família* e a imagem de um chefe messiânico³⁸⁰, a representação dos integralistas enquanto anunciadores de uma nova era (remetendo à ideia de povo escolhido, eleito, predestinado por Deus a salvar a nação), além do papel central atribuído à família como sendo uma espécie de entidade sacra da nação, parece “apontar para a hipótese de que o arquétipo de tal discurso era o universo do catolicismo tradicional”.³⁸¹

Elegendo a família, a pátria, Deus, a sociedade e a ordem enquanto bastiões salvacionistas, evocava-se a força do simbolismo da sacralidade, atribuindo ao integralismo um patamar de realidade inquestionável.³⁸² Assim como nas estratégicas representações atribuídas ao comunismo, os mitos do bestiário do complô detêm o poder de evocar “os velhos terrores infantis e sua persistência tenaz nos pesadelos da idade adulta”.³⁸³ Em contrapartida, os símbolos da “pátria, família, religião e ordem são postos como valores-chave, miragens do bem a prenunciar um oásis onde proteção e segurança são promessas incessantes e amuletos contra o mal para aqueles que nele se abrigam”.³⁸⁴

A ampla utilização da simbologia cerca o indivíduo a quem se queria atingir, do nascimento até a morte. A partir da imposição de uma espécie de “legislação”³⁸⁵ a ser seguida, todas as ações dos militantes eram vigiadas e regulamentadas, do âmbito público ao privado, da infância à maturidade, a fim de criar “a uniformidade e padronização de pensamento e de comportamento, entendida como essencial para a consolidação e propagação do movimento”.³⁸⁶

³⁸⁰ Em uma série de textos e artigos integralistas, Plínio Salgado critica fervorosamente a predisposição do povo brasileiro a aguardar passivamente a chegada de um salvador, apontando inclusive que “só os povos sem nenhum sentimento de unidade e sem nenhum senso político de coletividade nacional conseguem fazer projetar-se, no rebojo das angústias das massas, a figura fantástica do herói desejado” (SALGADO *apud* TRINDADE, Helgio. **Integralismo**: o fascismo brasileiro da década de 30. São Paulo: Difel, 1974. p. 71). Porém, contraditoriamente, o discurso oficial do movimento denuncia em diversos momentos a utilização do messianismo enquanto uma estratégia para legitimar a figura de Plínio Salgado como único salvador da pátria e do povo brasileiro. Conforme afirma Trindade, “o nacionalismo realista de Plínio leva-o a aceitar este fenômeno como um dado da realidade psico-sociológica do povo. Considera que não se pode rejeitar o messianismo, mas utilizá-lo como uma fonte de energia política a ser transformada” (*Ibid.*, p. 71).

³⁸¹ CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. **Integralismo**: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937). Bauru: EDUSP, 1999. p. 158-159.

³⁸² DUTRA, Eliana Regina de Freitas. **O ardil totalitário**: imaginário político no Brasil dos anos 30. Belo Horizonte; Rio de Janeiro: UFMG; UFRJ, 1997.

³⁸³ GIRARDET, Raoul. **Mitos e mitologias políticas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 57.

³⁸⁴ DUTRA, *op. cit.*, p. 67.

³⁸⁵ CAVALARI, *op. cit.*

³⁸⁶ *Ibid.*, p. 164.

Nesse esforço para a construção de um discurso homogêneo, o partido armou uma rede de difusão dos principais símbolos do Integralismo, constituída pelo uso de livros, sessões doutrinárias e programas de rádio, além da extensa utilização da imprensa, principal meio de propaganda política integralista. Isso ocorreu por que “a influência dos imaginários sociais sobre as mentalidades depende em larga medida da difusão destes e, por conseguinte, dos meios que asseguram tal difusão”.³⁸⁷ Dessa forma, a imprensa foi operacionalizada enquanto um instrumento de “persuasão, pressão e inculcação de valores e crenças”.³⁸⁸

Como exemplo, vale citar que uma das estratégias centrais utilizadas pelo movimento em seus discursos oficiais, especialmente aqueles propagados através da imprensa, foi a utilização de *imagens discursivas*, técnica comumente empregada por movimentos de cunho autoritário, visando a simplificação de suas ideias centrais. Essas imagens “dão aquele tom “bombástico” ao discurso, economizam reflexões, dando ao destinatário um conhecimento que convence e gerando um sentimento de necessidade de agir”.³⁸⁹

Operacionalizando toda uma dinâmica de imagens discursivas, tornou-se possível traduzir o cerne da doutrina integralista com um universo de expressões simbólicas³⁹⁰ que “falariam mostrando”³⁹¹, aumentando consideravelmente as possibilidades de controle dos imaginários. Ao considerar a imaginação como a faculdade específica em cujo lume as paixões se acendem, pode-se dizer que é a ela, precisamente, que se dirige a linguagem “enérgica” dos símbolos e dos emblemas”.³⁹²

A estratégia integralista, operada por meio de imagens-símbolos em lugar de elencar conceitos, pretendia “criar no destinatário não só o sentimento da necessidade de agir, e de agir de maneira determinada, mas ainda convencê-lo de que aqueles que proferem o discurso podem ser os condutores da ação”.³⁹³ Dessa forma, uma série de imagens opostas eram evocadas: a do inimigo da nação x a do herói necessário; a do cidadão ideal x a do cidadão corrompido; a da mulher ideal x a da mulher perversa; a do colapso da nação x a da época vindoura (a idade de ouro); e, a que mais interessa para a compreensão da Juventude Integralista, a imagem da crise x a imagem da revolução/salvação.

³⁸⁷ BACZKO, Bronislaw. A imaginação social. In: LEACH, Edmund *et al.* **Anthropos-homem**. Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 1985. p. 296-332. p. 313.

³⁸⁸ *Ibid.*, p. 313.

³⁸⁹ BERTONHA, João Fábio. A máquina simbólica do integralismo: propaganda e controle político no Brasil dos anos 30. **História e Perspectivas**, Uberlândia, n. 7, p. 87-110, jul./dez. 1992. p. 101.

³⁹⁰ GIRARDET, Raoul. **Mitos e mitologias políticas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 57.

³⁹¹ BACZKO, *op. cit.*, p. 301.

³⁹² *Ibid.*, p. 301.

³⁹³ CHAUI, Marilena. Apontamentos para uma crítica da Ação Integralista Brasileira. In: CHAUI, Marilena. **Ideologia e mobilização popular**. São Paulo: Paz e Terra, 1978. p. 17-149. p. 47.

Fica então evidente a presença de um forte maniqueísmo na lógica integralista, que construía um discurso imagético e simbólico carregado de alteridades e dicotomias. Conforme afirma Dutra, “nessa tentativa de construção de uma identidade coletiva, a visão do “outro” é tão fundamental quanto a imagem de si mesmo, seja do amigo ou do inimigo, do rival ou do aliado”³⁹⁴, haja vista que, “na medida em que constrói uma força maléfica, o discurso maniqueísta evidencia a necessidade da existência de forças do bem, cuja ação é indispensável para anular o mal”.³⁹⁵

Agindo num terreno cultural já preparado pelo cristianismo – que utiliza sem cessar símbolos e imagens – a dramaturgia fascista também trabalha de forma a manipular o imaginário das pessoas, fazendo surgir diante delas o fantasma da desagregação social. Tal dramaturgia acena com os riscos de um perigo iminente, uma ameaça comum a todos e que é impossível ignorar. Ela mobiliza a sociedade e conclama para a absoluta necessidade de restauração da ordem e de implantação de certos valores, através da submissão aos agentes redentores fascistas.³⁹⁶

Neste ponto da análise, nota-se que – sendo a institucionalização do jovem o principal caminho apontado para a instauração do pretendido Estado Integral e, conseqüentemente, para a salvação nacional – toda a construção discursiva acerca da ideia de revolução legitimava-se justamente através da utilização da imagem da crise, retratada enquanto a grande ameaça de colapso da nação. Entretanto, só haveria a necessidade de salvação diante de uma ameaça perturbadora, ou seja, só seria legitimada a figura de um herói salvador diante da figura oposta de um inimigo maligno a ser combatido. Reside aí a necessidade de compreender a relação antitética tensionada entre as imagens discursivas da crise e de sua ameaça de colapso/desagregação social x a imagem da revolução/salvação nacional através do jovem.

Uma série de medos e angústias emergentes no contexto de mudanças de fins do século XIX e início do XX intensificaram-se de forma nunca antes vista após a guerra. Um clima de instabilidade e incerteza se instaurou pelo Ocidente em função do impacto causado pelas transformações ocasionadas pelo avanço da modernização, como a progressiva supressão da política liberal, a emergência de novas camadas sociais e o surgimento de uma esquerda mais madura e em expansão depois de 1920.

³⁹⁴ DUTRA, Eliana Regina de Freitas. **O ardil totalitário**: imaginário político no Brasil dos anos 30. Belo Horizonte; Rio de Janeiro: UFMG; UFRJ, 1997. p. 35.

³⁹⁵ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. O mito da conspiração judaico-comunista. **Revista de História**, n. 138, p. 93-105, 1998. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/viewFile/18845/20908>. Acesso em: 10 dez. 2017. p. 98.

³⁹⁶ BERTONHA, João Fábio. A máquina simbólica do integralismo: propaganda e controle político no Brasil dos anos 30. **História e Perspectivas**, Uberlândia, n. 7, p. 87-110, jul./dez. 1992. p. 100.

Conforme já mencionado, o *poder mobilizador* que as grandes crises detêm está no fato de que esses períodos e as novas angústias trazidas por eles, de forma muito particular, trazem uma série de novas tendências, desejos e inseguranças: a necessidade de uma ordem de explicação aos males enfrentados; o apelo ao surgimento de novas fórmulas políticas; a tendência à espera de um herói que irá salvar a nação; além de uma latente necessidade de personificar os problemas nacionais na figura de um ou mais inimigos combatíveis.

Os grandes medos coletivos “aparecem como historicamente inseparáveis das crises maiores de uma época marcada, ao mesmo tempo, pela amplitude das discórdias espirituais, pela violência dos confrontos políticos e pela rapidez das mutações econômicas”.³⁹⁷ Diante da presença de uma ameaça à ordem tradicional, a sociedade é deslocada de seu conforto, sentindo-se vulnerável diante da possibilidade de mudança, vista como algo destrutivo e maléfico.³⁹⁸

Não por acaso, uma das principais tendências que emergem especificamente dos mais drásticos cenários de crise é a inclinação ao que Raoul Girardet chama de “efervescência mitológica”, que é a inclinação a uma intensa “produção de imaginários sociais concorrentes e antagonistas”.³⁹⁹ “Quando uma colectividade se sente agredida pelo exterior [...], ela põe em marcha, como meio de autodefesa, todo o seu dispositivo imaginário, a fim de mobilizar as energias dos seus membros, unindo e guiando as suas acções”.⁴⁰⁰

A mística que envolve os universos simbólico e imaginário exerce seu poder de atração, especialmente em cenários de crise, na medida em que estes oferecem especificamente o que uma sociedade ameaçada mais necessita: primeiramente, a elaboração de teorias lógicas que expliquem a situação de crise; em segundo lugar, a construção de inimigos nefastos em quem imputar a culpa pelos males gerados pela crise; e, em terceiro e último lugar, a esperança no retorno da ordem por meio do combate ao inimigo, quando a segurança da nação será novamente assegurada pela figura de um herói restaurador.

Tantos relatos, no entanto, tantos apelos, tantos anúncios proféticos que escapam a toda racionalidade aparente, mas dos quais nossa cultura política carrega ainda tão profundamente a marca... Parece claro, e com irredutível evidência, que é de uma notável efervescência mitológica que não cessaram de ser acompanhadas as perturbações políticas dos dois últimos séculos da história europeia. Denúncia de

³⁹⁷ GIRARDET, Raoul. **Mitos e mitologias políticas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 54.

³⁹⁸ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. O mito da conspiração judaico-comunista. **Revista de História**, n. 138, p. 93-105, 1998. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/viewFile/18845/20908>. Acesso em: 10 dez. 2017. p. 95.

³⁹⁹ BACZKO, Bronislaw. A imaginação social. In: LEACH, Edmund *et al.* **Anthropos-homem**. Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 1985. p. 296-332. p. 310.

⁴⁰⁰ BACZKO, *loc. cit.*

uma conspiração maléfica tendendo a submeter os povos à dominação de forças obscuras e perversas. Imagens de uma Idade de Ouro da qual convém redescobrir a felicidade ou de Revolução redentora que permite à humanidade entrar na fase final de sua história e assegura para sempre o reino da justiça. Apelo ao chefe salvador, restaurador da ordem ou conquistador de uma nova grandeza coletiva. A lista recapitulativa está de longe de encerrar-se.⁴⁰¹

Tendo-se compreendido que “o imaginário social elaborado e consolidado por uma colectividade é uma das respostas que esta dá aos seus conflitos, divisões e violências reais ou potenciais”⁴⁰², é necessário ressaltar que as construções imaginárias não podem ser criadas no vazio.⁴⁰³ A possibilidade de sua existência e de sua posterior aceitação depende, fundamentalmente, não só de algum resquício de realidade, mas também de algum indício de receptividade para tornar-se legítima. Conforme afirma Girardet, “a mensagem a ser transmitida deve, para ter alguma possibilidade de eficácia, corresponder a um certo código já inscrito nas normas do imaginário. Aqueles mesmos que quisessem jogar com o imaginário se veriam obrigados, assim, a submeter-se às suas exigências”.⁴⁰⁴

Um exemplo aplicável é a teoria da decadência das nações, a mais conhecida dentre as teorias que profetizavam o declínio da civilização, que teve destaque no período pós-guerra enquanto principal construção mitológica, cuja função era oferecer à sociedade uma ordem de explicação ao recém-instaurado cenário de crise, poupando a coletividade da “menos suportável das ansiedades, a do incompreensível”.⁴⁰⁵ Nesse sentido, “todos os fatos, qualquer que seja a ordem a que pertençam, acham-se reduzidos, por uma lógica aparentemente inflexível, a uma mesma e única causalidade”⁴⁰⁶, a uma única explicação: todos os males enfrentados pelo ocidente no período pós-guerra decorreriam do fato de que a civilização estaria em declínio.

No Brasil, o mito do declínio do ocidente cristaliza-se na imagem da “crise da civilização ocidental”⁴⁰⁷, instrumentalizada especialmente pelo movimento integralista que, através do apelo ao universo imaginário e simbólico, se esforçou para convencer a sociedade

⁴⁰¹ GIRARDET, Raoul. **Mitos e mitologias políticas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 11.

⁴⁰² BACZKO, Bronislaw. A imaginação social. In: LEACH, Edmund *et al.* **Anthropos-homem**. Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 1985. p. 296-332. p. 309.

⁴⁰³ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. O mito da conspiração judaico-comunista. **Revista de História**, n. 138, p. 93-105, 1998. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/viewFile/18845/20908>. Acesso em: 10 dez. 2017. p. 103.

⁴⁰⁴ GIRARDET, *op. cit.*, p. 51.

⁴⁰⁵ *Ibid.*, p. 56.

⁴⁰⁶ *Ibid.*, p. 55.

⁴⁰⁷ CHAUI, Marilena. Apontamentos para uma crítica da Ação Integralista Brasileira. In: CHAUI, Marilena. **Ideologia e mobilização popular**. São Paulo: Paz e Terra, 1978. p. 17-149. p. 132-133.

de que ela estaria desmoronando e, obviamente, de que a única solução possível para impedir o colapso total estaria no integralismo.⁴⁰⁸

O controlo do imaginário social, da sua reprodução, difusão e manejo, assegura em graus variáveis uma real influência sobre os comportamentos e as atividades individuais e colectivas, permitindo obter os resultados práticos desejados, canalizar as energias e orientar as esperanças. Sendo todas as escolhas sociais resultantes de experiências e expectativas, de saberes e normas, de informações e valores, os agentes sociais procuram, sobretudo em situações de crise e conflito graves, apagar as incertezas que essas escolhas necessariamente comportam. É assim que estas escolhas são muitas vezes imaginadas como as únicas possíveis e mesmo como impostas por um destino inelutável.⁴⁰⁹

A geração intelectual do pós-guerra, mobilizada em torno da ideia de declínio e decadência do ocidente, marcou de forma muito particular as décadas de 1920 e 1930 por expressarem uma angústia nunca antes vista na Europa. O pessimismo desse período, chamado de “a doença histórica que acometeu os europeus do século XX”⁴¹⁰, foi expresso em uma série de obras não só teórico-científicas, mas também literárias e artísticas, denunciando o surgimento de toda uma geração de homens desacreditados.

Progressivamente, o número de teorias profetizando que a tragédia da guerra teria levado o ocidente a um fatídico estágio de degradação ultrapassou os muros europeus. No Brasil, Plínio Salgado foi um dos principais representantes da angústia que abalou a sociedade de sua época, expressando-a através de um dos componentes centrais do universo fascista, *a visão pessimista da história*. “O fascismo, ao contrário do liberalismo, não está impregnado de um otimismo histórico fundado na ideia da felicidade e de progresso indefinidos. Suas posições baseiam-se numa concepção heroica e, ao mesmo tempo, trágica da história”.⁴¹¹

Verifica-se que a própria fundação da Ação Integralista Brasileira, em 1932, constituiu-se enquanto uma reação à angústia e ao pessimismo do escritor. Ainda em 1930, após estar efetivamente desligado do P.R.P e a caminho de sua viagem para a Europa, Salgado expressa sua profunda desilusão para com os homens e a política, afirmando ser impossível impedir o colapso da civilização dentro dos mesmos velhos quadros partidários do país. Dito isso, ele

⁴⁰⁸ BERTONHA, João Fábio. A máquina simbólica do integralismo: propaganda e controle político no Brasil dos anos 30. **História e Perspectivas**, Uberlândia, n. 7, p. 87-110, jul./dez. 1992. p. 100.

⁴⁰⁹ BACZKO, Bronislaw. A imaginação social. In: LEACH, Edmund *et al.* **Anthropos-homem**. Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 1985. p. 296-332. p. 312.

⁴¹⁰ BAUMER, Franklin. **O pensamento europeu moderno**. Lisboa: Edições 70, 1990. v. 2: séculos XIX e XX. p. 282.

⁴¹¹ TRINDADE, Helgio. **Integralismo: o fascismo brasileiro da década de 30**. São Paulo: Difel, 1974. p. 277.

afirma: “Tenho estudado muito o fascismo; não é exatamente esse regime que precisamos aí, mas é coisa semelhante”.⁴¹²

O conjunto de obras escritas por Plínio Salgado entre os anos de 1931 e 1935 revelam a inquietação do intelectual em relação às situações política, econômica e social enfrentadas pelo Brasil no período pós-guerra. Afirmando que o país estaria diante da “mais terrível das crises que a República já assistiu”⁴¹³, o chefe integralista constrói não só a imagem de uma crise apocalíptica como também a ideia de que o Brasil necessitaria de uma nova e emergencial solução. Em uma de suas obras, intitulada “Despertemos a Nação”, ele afirma: “Está cahindo angustiosamente uma noite sobre o mundo. Creio que da América Latina e, sobretudo, do Brasil sahirá o Dia Novo. Cada dia, novas escolas, novos conceitos estéticos, crise de assumptos e, o que é peor, crise de sensibilidade”.⁴¹⁴

Seguindo uma tradicional lógica maniqueísta, o integralismo defendia que “o processo histórico resulta de uma luta permanente contra os elementos de desagregação que retornam constantemente porque são inerentes à natureza humana”.⁴¹⁵ Assim, acreditava-se que “a existência de uma realidade ruim, má, só poderia ser obra das forças maléficas, na sua eterna luta para a conquista do mundo e para a destruição do bem”.⁴¹⁶

Na visão integralista, a luta entre o bem e o mal explica-se “pela oposição entre duas concepções de vida e de finalidade: o materialismo e o espiritualismo”.⁴¹⁷ De acordo com essa lógica, a concepção materialista seria aquela que “encara a vida humana como um fenômeno que começa e termina sobre a Terra. Para os que adoptam esse conceito, não existe Deus, não existe a Alma, e, como consequência natural, tudo o que se relaciona com essas duas ideias puramente espirituais”.⁴¹⁸ Assim, quando reina o materialismo “prevalecem os fatores de desagregação humana (o orgulho, a vaidade, a rebelião, a indisciplina) que são as causas do desaparecimento das nações e das civilizações”.⁴¹⁹

Remetendo a toda uma herança cristã que criticava ferrenhamente a secularização da cultura, iniciada ainda no século XIX, Salgado afirmava que a grande guerra teria inaugurado uma nova época dominada pelo materialismo, a grande razão “pela qual as civilizações

⁴¹² SALGADO *apud* TRINDADE, Helgio. **Integralismo**: o fascismo brasileiro da década de 30. São Paulo: Difel, 1974. p. 83.

⁴¹³ SALGADO, Plínio. **Despertemos a nação**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1935. p. 151-152.

⁴¹⁴ *Ibid.*, p. 34.

⁴¹⁵ TRINDADE, *op. cit.*, p. 277.

⁴¹⁶ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. O mito da conspiração judaico-comunista. **Revista de História**, n. 138, p. 93-105, 1998. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/viewFile/18845/20908>. Acesso em: 10 dez. 2017. p. 95.

⁴¹⁷ TRINDADE, *op. cit.*, p. 211.

⁴¹⁸ SALGADO, Plínio. **O que é o integralismo**. Rio de Janeiro: Schmidt, 1933. p. 20.

⁴¹⁹ TRINDADE, *op. cit.*, p. 211.

desabam, as Pátrias succumbem, a sociedade apodrece na confusão desmoralizadora dos costumes”.⁴²⁰ Em suma, de acordo com o integralismo, a civilização ocidental estaria em perigo e o motivo seria a predominância materialista sobre a sociedade.

Tendo “a religiosidade espiritual como elemento central do discurso e ação do movimento”⁴²¹, Salgado defendia uma concepção espiritualista de mundo, “o que considera a vida humana como um fenômeno transitório, condicionando uma aspiração eterna, superior”.⁴²² Em contraponto ao caos suscitado pelo materialismo, o espiritualismo representa o apaziguamento da crise através da predominância da bondade, solidariedade humana e senso estético e religioso.⁴²³ O Manifesto de Outubro, primeiro documento oficial da AIB, traz logo em sua primeira frase a ideia de que “Deus dirige os destinos dos povos”. Essa concepção providencial da história relaciona-se com a crença no progresso moral do ser humano: “o homem deve praticar sobre a terra as virtudes que o elevam e o aperfeiçoam”.⁴²⁴

Assim, a construção da ideia de um necessário renascimento espiritual surgia como o par antitético da imagem da crise provocada pelo materialismo, como estratégia para “promover um processo de maior aceitação na sociedade conservadora brasileira, temerosa com o “ateísmo comunista”.⁴²⁵ Em outra de suas obras, Salgado afirma: “Alguma coisa está ausente no mundo... Uma treva desceu sobre o gênero humano... Que remédio poderemos dar para que estas trevas se transformem na rutila aurora dos tempos novos? Como podemos invocar a Luz Ausente?”.⁴²⁶

Em sua maioria, as obras de Salgado expressam a imagem de uma sociedade enferma, de uma massa “exibicionista, fútil e preocupada exclusivamente com as coisas materiais”.⁴²⁷ Estando inserido em uma crise de sensibilidade e de moral, o Brasil do pós-guerra estaria decaindo dia após dia, levando consigo toda e qualquer dignidade da pessoa humana, guiada, neste cenário, somente por seu orgulho, vaidade e individualidade. Assim, a imagem da crise é pintada:

Uma Nação que se deixou dominar pelo materialismo deixa de ser uma Nação, para se tornar um agglomerado de vaidosos, de incapazes de disciplina, de individualistas

⁴²⁰ SALGADO, Plínio. **O que é o integralismo**. Rio de Janeiro: Schmidt, 1933. p. 23-24.

⁴²¹ GONÇALVES, Leandro Pereira. **Entre Brasil e Portugal: trajetória e pensamento de Plínio Salgado e a influência do conservadorismo português**. 2012. 668 f. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012. p. 160.

⁴²² *Ibid.*, p. 21.

⁴²³ TRINDADE, Helgio. **Integralismo: o fascismo brasileiro da década de 30**. São Paulo: Difel, 1974. p. 211.

⁴²⁴ *Ibid.*, p. 209.

⁴²⁵ GONÇALVES, *op. cit.*, p. 172.

⁴²⁶ SALGADO, Plínio. **Palavra nova dos tempos novos**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1936. p. 144.

⁴²⁷ *Ibid.*, p. 142.

ridículos, de egoístas ferozes, de scepticos amarelos como leprosos, de usuários sem coração, de funcionários sem pudor, de negociantes sem escrúpulos, de soldados sem hierarchia, de pensadores desordenados, de escriptores vendidos ou despeitados, de mães e esposas animalizadas, no luxo e na ostentação, de doutores incultos e oportunistas, de charlatões a se acotovelarem com fumaças de talentos, e finalmente de uma massa trabalhadora, oprimida, angustiada, mas sem consciência de sua dignidade moral, oscillando aos ventos da demagogia soprados por todos os revoltados e vencidos.⁴²⁸

Nesta lógica integralista, os homens, em sua concepção integral e humana, estariam sendo suprimidos pelo materialismo, tornando-se seres miseráveis e “sem capacidade para respeitar cousa alguma a não ser o seu próprio orgulho ridículo, a sua vaidade fútil e aos impulsos de seus instintos dissociativos”.⁴²⁹

Com base nessas amostragens, é possível observar que, na medida em que a crise era construída no discurso integralista como um cenário caótico, simultaneamente a sociedade também era arquitetada sobre uma imagem de povo inapto – “o despreparado, o imaturo, o incapaz, o inconsciente, o mal-educado, o ingênuo”⁴³⁰ – ou seja, a imagem de um povo que necessita de proteção. A massa popular, segundo Salgado, “é o monstro inconsciente e estúpido. Transformar o monstro em cidadão para o Estado Integral era tarefa do Integralismo”⁴³¹, considerando-se que “a formação católica de Salgado leva-o a valorizar mais a reforma do homem do que a do Estado”.⁴³² Para solucionar o problema da crise, era preciso reeducar o homem, obviamente, dentro dos preceitos integralistas.

A imagem da crise era então construída para mobilizar, no imaginário social, “o sentimento de um perigo que ameaça igualmente a todos”⁴³³: a sociedade estaria em colapso e o homem seria a grande vítima a ser salva, a fim de que a ordem fosse restaurada. A salvação seria necessária pelo fato de a sociedade ser “um povo que não lucha, [...] que perdeu o sentido da vida, que perdeu a consciência de si mesmo. E já não sabe par aonde vai. E nem deseja saber para onde o conduzem”.⁴³⁴ De acordo com Salgado,

O Homem desapareceu. As multidões que vemos são de indivíduos, ou apenas partes do Homem, sombras, espectros do Homem. Acima desses fantasmas delirantes domina a Economia sem finalidade ética, a Ciência sem alma, a Arte sem

⁴²⁸ SALGADO, Plínio. **O que é o integralismo**. Rio de Janeiro: Schmidt, 1933. p. 25.

⁴²⁹ *Ibid.*, p. 24.

⁴³⁰ CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. **Integralismo**: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937). Bauru: EDUSP, 1999. p. 42.

⁴³¹ *Ibid.*

⁴³² TRINDADE, Helgio. **Integralismo**: o fascismo brasileiro da década de 30. São Paulo: Difel, 1974. p. 227.

⁴³³ CHAUÍ, Marilena. Apontamentos para uma crítica da Ação Integralista Brasileira. In: CHAUÍ, Marilena. **Ideologia e mobilização popular**. São Paulo: Paz e Terra, 1978. p. 17-149. p. 129.

⁴³⁴ SALGADO, Plínio. **Despertemos a nação**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1935. p. 90.

beleza, a Política sem deveres, a Liberdade sem limites, o Prazer sem freios, o Dinheiro sem contraste, a Sociedade sem ordem.⁴³⁵

A construção de um perigo eminente e onipresente, através da imagem de uma crise “que pode estar em qualquer parte e manifestar-se a qualquer hora”⁴³⁶, assume então a função de mola propulsora do discurso salvacionista do integralismo, aumentando consideravelmente a possibilidade de aceitação de sua doutrina enquanto única solução possível. A mobilização de medos coletivos “oferece à sociedade fundada na divisão e na contradição uma imagem capaz de anular a existência efetiva da luta, da divisão e da contradição, graças à construção de uma imagem onde a sociedade surja como idêntica, homogênea e harmônica”.⁴³⁷

No projeto Integralista, a solução da “crise” exige que classes, sociedades civil e Estado se consubstancializem na organização nacional onde o poder atravessa todas as esferas do social como um poder único e unívoco, em uma pirâmide hierárquica que figura em toda parte da mesma autoridade. [...] A divisão entre dominantes e dominados se esfuma; a sociedade identifica-se com o Estado, os cidadãos identificam-se com o partido, os funcionários, com as instituições e os trabalhadores, com as corporações. A crise serve, assim, para dissolver todas as diferenças e contradições, empenhando todos os agentes sociais na tarefa da reorganização da Nação.⁴³⁸

No entanto, para que da imagem da crise da civilização ocidental surgisse o contraponto da solução, situada na Revolução Integralista, fez-se necessária a personificação dos problemas enfrentados pela nação na figura de inimigos combatíveis. Estando inserida em um contexto de medo e ameaça, a sociedade “sente necessidade de encontrar alguém a quem possa imputar seu mal, sobre quem possa vingar-se de suas decepções”.⁴³⁹ Para tanto, “mais importante do que desvendar o inimigo é tê-lo enquanto um mal para onde se pode direcionar as energias da nação e, em seu nome, assegurar-se um domínio no plano social, reagrupando princípios, ideias e pessoas”.⁴⁴⁰

A imagem do inimigo torna-se fundamental na legitimação do discurso integralista na medida em que “quanto mais terrível este for, maior vigor devem possuir os “cavaleiros da

⁴³⁵ SALGADO, Plínio. Panorama do Mundo Ocidental. In: SALGADO, Plínio *et al.* **Enciclopédia do integralismo**. Rio de Janeiro: Clássica Brasileira, 1959. p. 97-107. v. IX: O integralismo e a educação. p. 105.

⁴³⁶ CHAUÍ, Marilena. Apontamentos para uma crítica da Ação Integralista Brasileira. In: CHAUÍ, Marilena. **Ideologia e mobilização popular**. São Paulo: Paz e Terra, 1978. p. 17-149. p. 149.

⁴³⁷ *Ibid.*, p. 121.

⁴³⁸ *Ibid.*, p. 130.

⁴³⁹ GIRARDET, Raoul. **Mitos e mitologias políticas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 55.

⁴⁴⁰ DUTRA, Eliana Regina de Freitas. **O ardil totalitário: imaginário político no Brasil dos anos 30**. Belo Horizonte; Rio de Janeiro: UFMG; UFRJ, 1997. p. 39.

luz”, mais dura deverá ser a atuação dos defensores do bem”.⁴⁴¹ Legitima-se, assim, não só a necessidade de salvação e o apelo à figura de um herói, mas também efetiva-se na sociedade um clamor para que a salvação ocorra a qualquer custo, inclusive através de medidas autoritárias.

O postulado inicial é simples: o único meio de combater o Mal é voltar contra ele as próprias armas de que se serve. O inimigo opera subterraneamente, clandestinamente; versátil, inapreensível, capaz de infiltrar-se em todos os meios, sua habilidade suprema é a da manipulação; suas tropas, invisíveis mas presentes em toda parte, são submetidas a uma obediência sem protestos. Apenas uma organização que corresponda as mesmas características, secreta, disciplinada, hierarquizada, treinada para manobrar na sombra, é capaz, portanto, de lhe ser vitoriosamente oposta.⁴⁴²

Seja para validar a necessidade de salvação ou para operacionalizar uma ideia de povo unido e homogêneo, seja para promover uma teoria explicativa do cenário de crise ou para atestar a ideia de uma sociedade vítima, “a figura do inimigo é essencial. Ela serve para fornecer ao povo a consciência de sua unidade e, ao poder que conduz o combate, a legitimidade. Afinal, a “campanha contra o inimigo é febril: a febre é boa, é o sinal, na sociedade, do mal a combater”.⁴⁴³

Ao considerar que o integralismo “propõe-se a combater o liberalismo, o socialismo, o capitalismo internacional e as sociedades secretas vinculadas ao judaísmo e à maçonaria”⁴⁴⁴, a culpa pelo cenário de crise catastrófica que estaria levando o Brasil ao colapso é depositada nas figuras inimigas do comunista, do capitalista, do estrangeiro, da mulher emancipada e, fundamentalmente, do liberalismo. Nesses casos, “o enredo é basicamente o mesmo, embora mudem as personagens e o cenário: tratar-se-ia de conspirações secretas, conduzidas por um grupo reduzido de pessoas misteriosas e assustadoras, inspiradas por maus desígnios”.⁴⁴⁵ A eles era assim atribuída “a responsabilidade pela condução dos destinos do homem moderno, encarado como mera vítima frente à atuação de formidáveis forças secretas”.⁴⁴⁶

Sendo a dicotomia materialismo *versus* espiritualismo a lógica que representa o cerne da doutrina integralista, verifica-se que, de acordo com Salgado, não só o liberalismo e o individualismo gerado por ele, mas também “o Capitalismo e o Comunismo, não passam de

⁴⁴¹ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. O mito da conspiração judaico-comunista. **Revista de História**, n. 138, p. 93-105, 1998. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/viewFile/18845/20908>. Acesso em: 10 dez. 2017. p. 98.

⁴⁴² GIRARDET, Raoul. **Mitos e mitologias políticas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 59.

⁴⁴³ DUTRA, Eliana Regina de Freitas. **O ardil totalitário**: imaginário político no Brasil dos anos 30. Belo Horizonte; Rio de Janeiro: UFMG; UFRJ, 1997. p. 41.

⁴⁴⁴ TRINDADE, Helgio. **Integralismo**: o fascismo brasileiro da década de 30. São Paulo: Difel, 1974. p. 237.

⁴⁴⁵ MOTTA, *op. cit.*, p. 94-95.

⁴⁴⁶ *Ibid.*

palavras diferentes para designar a mesma coisa: a brutalidade da violência, o materialismo grosseiro”.⁴⁴⁷ Na visão do movimento, “só o Espírito une. A matéria, divide. Por isso o Individualismo e o Liberalismo, filhos do Materialismo, lançaram as mais tremendas lutas sobre a terra”⁴⁴⁸, sendo os responsáveis pelo pior cenário de crise da história do Brasil. Assim, de acordo com a doutrina, os considerados inimigos do Sigma e, portanto, da nação, eram, na verdade, somente frutos de um vilão maior: o materialismo.

Expressando a febre antiliberal da época, Salgado afirmava que o mundo estaria em desordem “porque o Estado Liberal é fraco, é anêmico, é gelatinoso. E’ o Estado inerme, que assiste, de braços cruzados, à angústia das multidões esfaimadas [...]”.⁴⁴⁹ Visto como “adversário mais imediato a combater”⁴⁵⁰, o liberalismo era apontado como o grande responsável pelo colapso em que a nação se encontraria. Um dos principais motivos seria consequência da negação integralista ao pluralismo: “O Brasil não pode realizar a união íntima e perfeita de seus filhos enquanto existirem Estados dentro do Estado; partidos políticos fracionando a Nação [...]”.⁴⁵¹

Além da ideologia, o integralismo rejeita as instituições liberais. Salgado incorpora ao discurso sua antiga hostilidade à democracia liberal. Indigna-se diante da neutralidade do Estado liberal, reduzindo o homem à sua dimensão física; denuncia a hipocrisia do voto e o mito da soberania popular. [...] O Estado Integral não admite nem o pluralismo sindical, nem o pluralismo partidário, na medida em que se organiza conforme o princípio do partido único e do sindicato único.⁴⁵²

A figura feminina foi outro segmento apontado pelo integralismo como causador da crise. De acordo com Salgado, “grande, senão a maior culpa da desorientação mental que vai pelo mundo, do materialismo sórdido e da amoralidade em que se chafurda a humanidade cabe à mulher pelo seu alheamento do lar [...]”.⁴⁵³ Reagindo à fase de ascensão vivida pela classe feminina no período – com uma nova imagem de mulher moderna, independente, trabalhadora e cidadã efetiva, por conta do seu recém-conquistado direito ao voto – o movimento esforçava-se no sentido de reiterar a visão de uma mulher esposa, mãe e dona de

⁴⁴⁷ SALGADO, Plínio. **A doutrina do sigma**. São Paulo: Verde Amarelo, 1935. p. 111-112.

⁴⁴⁸ *Ibid.*, p. 109.

⁴⁴⁹ *Id.* **O que é o integralismo**. Rio de Janeiro: Schmidt, 1933. p. 51.

⁴⁵⁰ TRINDADE, Helgio. **A tentação fascista no Brasil**: imaginário de dirigentes e militantes. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016. p. 72.

⁴⁵¹ SALGADO *apud* *ibid.*, p. 219.

⁴⁵² *Ibid.*, p. 72.

⁴⁵³ PENNA, Belisário. A mulher e a família, o lar e a escola. In: SALGADO, Plínio *et al.* **Enciclopédia do integralismo**. Rio de Janeiro: Clássica Brasileira, 1959. p. 41-59. v. IX: O integralismo e a educação. p. 44.

casa, tomando a frente de um “combate à tendência perniciosa da mulher para o materialismo corruptor, acarretando o descuido dos filhos e do lar”.⁴⁵⁴

De acordo com Salgado, “o trabalho feminino fora do lar; a transposição, para o recesso da casa, [...]; as vaidades sempre crescentes; a busca desvairada da satisfação dos desejos materiais, estão solapando a estrutura da família. Com ela, desmoronará a Pátria”.⁴⁵⁵ É nesse sentido que até mesmo as profissões tidas como permitidas às mulheres na estrutura interna integralista (como a enfermagem, por exemplo) eram aquelas consideradas extensões do papel da mulher no lar, que resguardariam a feminilidade, o dom à maternidade, a sensibilidade feminina e a função da mulher para com o Estado: a de preparar/educar as futuras gerações da pátria. O integralismo queria, assim, “a mulher feminil, tendo sempre um carinho para o velho pai, um sorriso incentivante para o esposo, um afago para o filhinho”.

A mulher integralista, ao contrário da mulher já corrompida pelo materialismo, não compactuaria com “a loucura da mulher de querer igualar-se ao homem em tudo e por tudo, em contraposição às leis biológicas, quando o que lhe compete é procurar corrigi-los dos seus vícios e desregramentos”.⁴⁵⁶ Ao invés disso, ela teria cérebro de homem, físico de mulher, coração de criança⁴⁵⁷, dedicando-se exclusivamente ao cuidado do lar e da prole, tendo em vista que, conforme aponta Salgado: o progresso material de um povo depende fundamentalmente “da fortaleza e vitalidade da célula ou unidade fundamental da sociedade – a Família. Do que depende a fortaleza e vitalidade da Família? Do lar próprio e higiênico e da ação e vigilância permanente da mulher”.⁴⁵⁸

O integralismo se apropria da percepção de que “o lar e a família atravessam tremenda crise de relaxamento e dissolução”⁴⁵⁹, para tomar como missão a institucionalização e a posterior educação do jovem, que deverá compor o futuro Estado Integral como o tipo de homem ideal, de acordo com os valores morais vigentes no movimento. Em resumo, a imagem a ser transmitida é a de que o integralismo deveria cumprir o papel que a mulher e o Estado liberal (apoiador de uma educação materialista e corruptora) haviam deixado de cumprir.

⁴⁵⁴ PENNA, Belisário. A mulher e a família, o lar e a escola. In: SALGADO, Plínio *et al.* **Enciclopédia do integralismo**. Rio de Janeiro: Clássica Brasileira, 1959. p. 41-59. v. IX: O integralismo e a educação. p. 41.

⁴⁵⁵ DIAS, Carmen Pinheiro. A mulher e o integralismo. In: SALGADO, Plínio *et al.* **Enciclopédia do integralismo**. Rio de Janeiro: Clássica Brasileira, 1959. p. 81-93. v. IX: O integralismo e a educação. p. 86.

⁴⁵⁶ PENNA, *op. cit.*, p. 43.

⁴⁵⁷ POSSAS, Lídia Maria Vianna. Integralismo e a Mulher. In: DOTTA, Renato Alencar; POSSAS, Lídia Maria Vianna; CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. **Integralismo: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937)**. Bauru: EDUSP, 1999. p. 108.

⁴⁵⁸ PENNA, *op. cit.*, p. 46.

⁴⁵⁹ *Ibid.*, p. 43.

Era necessária e urgente a intervenção e o controle da vida do jovem, que estaria enfrentando a “idade perigosa da curiosidade e da malícia”⁴⁶⁰, a fim de que pudesse ser sanada a ameaça de dissolução da família. Outra das soluções apresentadas pelo movimento foi a arregimentação do público feminino “como forma de conter o seu incipiente processo de emancipação”⁴⁶¹, pois enquanto a mulher “se manteve adstrita aos deveres naturais de senhora do lar, de zeladora da sua economia, de educadora dos filhos, os homens eram bem melhores do que hoje”.⁴⁶²

Os textos que elegem a mulher como uma das grandes culpadas pelo esfacelamento da família e, por consequência, da nação, são construídos com base na profunda concepção anti-materialista que rege a doutrina: a mulher vilã era a fútil, a perdida, a que abandona a família, pois está cega com a possibilidade de riqueza e luxúria materialistas. É ao materialismo “que caberá a tarefa de destruir os lares, de dilacerar as famílias. Também dela [da mulher] é o trabalho de conduzi-los à ruína por seus caprichos, suas fantasias e suas exigências”.⁴⁶³

Cabe em grande parte a culpa disso ao industrialismo, ao funcionalismo excessivo, ao êxodo das populações rurais para as cidades, ao gosto pelo luxo, as múltiplas instituições de caráter mais comercial do que social – associações recreativas, clubes, cassinos, cabarés, cinemas, empresas de viagens, salões de chás dançantes, institutos de desportos, que brotam como cogumelos em toda parte e monopolizam o tempo e o pensamento, acarretando o descuido dos filhos e do lar [...].⁴⁶⁴

O Brasil do pós-guerra seria, na concepção integralista, “um país constituído de pessoas desse feitio, de homens e mulheres disponíveis inteiramente ao sabor dos acontecimentos e das seduções da fortuna, é um país sem unidade moral, onde todos os planos de realização coletiva são precários [...]”.⁴⁶⁵ Aqui, novamente o grande vilão é o materialismo corruptor de indivíduos e de nações, e a grande vítima é o homem brasileiro, especialmente aquele pertencente aos setores mais frágeis da sociedade: operários, mulheres, pobres e, o que mais interessa a essa pesquisa, jovens.

⁴⁶⁰ DIAS, Carmen Pinheiro. A mulher e o integralismo. In: SALGADO, Plínio *et al.* **Enciclopédia do integralismo**. Rio de Janeiro: Clássica Brasileira, 1959. p. 81-93. v. IX: O integralismo e a educação. p. 85-86.

⁴⁶¹ MANCILHA, Virgínia Maria Netto. Nas páginas da imprensa feminina: uma análise da revista *Brasil Feminino* e da participação feminina no movimento do Sigma (1932-1937). In: GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte (Orgs.). **Entre tipos e recortes: histórias da imprensa integralista**. Guaíba: Sob Medida, 2011. p. 183.

⁴⁶² PENNA, Belisário. A mulher e a família, o lar e a escola. In: SALGADO, Plínio *et al.* **Enciclopédia do integralismo**. Rio de Janeiro: Clássica Brasileira, 1959. p. 41-59. v. IX: O integralismo e a educação. p. 43.

⁴⁶³ GIRARDET, Raoul. **Mitos e mitologias políticas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 41.

⁴⁶⁴ PENNA, *op. cit.*, p. 44.

⁴⁶⁵ SALGADO, Plínio. Educação. In: SALGADO, Plínio *et al.* **Enciclopédia do integralismo**. Rio de Janeiro: Clássica Brasileira 1959. p. 119-127. v. IX: O integralismo e a educação. p. 122.

A figura do homem moderno é construída, na concepção integralista, enquanto mera vítima, deturpada frente aos prazeres e luxos materialistas. Essa, de acordo com Girardet, constitui-se enquanto “uma última estratégia, de múltiplas combinações e que todos os homens do Complô aprenderam a manejar: a da corrupção, do aviltamento dos costumes, da desagregação sistemática das tradições sociais e dos valores morais”.⁴⁶⁶

Da construção da figura de um inimigo invisível e onipresente cercando a nação, “aquele que fez das trevas seu reino, aquele que se apodera das crianças na noite, que carrega consigo o veneno e a corrupção”⁴⁶⁷, surge a elaboração imaginária do homem vítima ou, se for mais adequado ao argumento, a imagem de uma sociedade composta por “seres frágeis, portanto, facilmente tentáveis e iludidos”.⁴⁶⁸

A sociedade brasileira, nas palavras de Plínio Salgado, seria “um povo em franca disponibilidade, tanto para o Bem como para o Mal”⁴⁶⁹; “A massa popular é, então, o monstro incoerente, angustiado, sofredor [...]”⁴⁷⁰; “É êsse um povo sem defesa orgânica, sujeito a infecções letais que o destroem”.⁴⁷¹ Contudo, Salgado faz um apelo: “Não lancemos a nossa condenação sobre esse povo, fundamentalmente bom, mas sem nenhuma capacidade de realização, porque é ainda um povo-criança, que espera pelo seu Messias, como um menino confia na guarda e na protecção de um adulto”.⁴⁷²

Refletindo a antiga crença cultivada pela intelectualidade – a de uma sociedade brasileira ainda amorfa e rudimentar, sem cultura e educação – Salgado expressa em várias de suas obras a ideia de um Brasil Criança, de “um povo que ainda não se definiu; que não atingiu a maturidade; que não crystalizou ainda uma consciência política, nem um sentimento de nacionalidade”.⁴⁷³ Ele afirma: “o brasileiro tem o temor de que o julguem um homem sem personalidade. E’ que a sua personalidade não é bastante profunda para discernir. E’ uma personalidade superficial, infantil, caprichosa, cheia de arestas”.⁴⁷⁴

Tal concepção, na medida em que constrói a imagem de uma sociedade infantil, frágil e incapaz para a luta, legitima ainda mais a necessidade de um movimento heroico e superior,

⁴⁶⁶ GIRARDET, Raoul. **Mitos e mitologias políticas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 40.

⁴⁶⁷ *Ibid.*, p. 46-47.

⁴⁶⁸ DUTRA, Eliana Regina de Freitas. **O ardil totalitário: imaginário político no Brasil dos anos 30**. Belo Horizonte: Rio de Janeiro: UFMG; UFRJ, 1997. p. 61.

⁴⁶⁹ SALGADO, Plínio. As causas da irresponsabilidade. In: SALGADO, Plínio *et al.* **Enciclopédia do integralismo**. Rio de Janeiro: Clássica Brasileira, 1959. p. 129-134. v. IX: O integralismo e a educação. p. 134.

⁴⁷⁰ *Id.* **Palavra nova dos tempos novos**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1936. p. 18.

⁴⁷¹ *Id.* Educação. In: SALGADO, Plínio *et al.* **Enciclopédia do integralismo**. Rio de Janeiro: Clássica Brasileira 1959. p. 119-127. v. IX: O integralismo e a educação. p. 120.

⁴⁷² *Id.* **Despertemos a nação**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1935. p. 135-136.

⁴⁷³ *Ibid.*, p. 135.

⁴⁷⁴ *Ibid.*, p. 134.

moralmente e intelectualmente. Em consequência também disso, as décadas de 1920 e 1930 foram marcadas pelo surgimento de um forte apelo às elites intelectuais do Brasil, para que os homens de letras assumissem a função de condutores da nação. “Caberia às elites intelectuais do país um papel fundamental nesta nova proposta de “regeneração” da sociedade brasileira, em que a Ação Integralista assumiria a tarefa como o movimento regenerador responsável por sua condução e execução”.⁴⁷⁵ Foi nesse sentido que o movimento afirmou que seu objetivo era “ser um “centro de estudos de cultura sociológica e política”, com a finalidade de promover o desenvolvimento “moral e cívico do povo brasileiro” e de implantar no Brasil o Estado Integral”.⁴⁷⁶

Partindo da concepção integralista de sociedade, verifica-se que, de acordo com a doutrina, as maiores vítimas frente ao perigo materialista seriam justamente as mulheres, os pobres e necessitados e, fundamentalmente, as crianças e jovens, sendo estes considerados como os setores mais vulneráveis da sociedade. Em razão disso, é justamente sobre as categorias juvenis que a política integralista se centrará, elegendo-os como o último resquício de fé em um futuro promissor para a nação e, ao mesmo tempo, como a grande vítima da crise brasileira. Assim, tanto os discursos emitidos através da imprensa quanto aqueles contidos nas obras integralistas alertam a população sobre a ameaça de perversão de jovens e crianças, construídos como objetos de desejo da ação corruptora de liberais e comunistas, um notável esforço de apelar novamente à mobilização de medos coletivos.

A criança, sobretudo quando pertence às categorias dominantes do corpo social, constitui com toda evidência seu objetivo privilegiado. Não se tentará apenas agir sobre sua inteligência, suas leituras, seus hábitos de pensar e de sentir. Para melhor assegurar sua fidelidade ou sua docilidade, não se recuará, em certos casos, diante de uma empresa deliberada de dissolução moral. Os “agentes” colocados junto dela, empregados domésticos, governantes, preceptores, a incitarão pouco a pouco a repudiar as concepções habituais de bem e mal; cultivarão seus vícios, lhe inculcarão outros, a estimularão a essa “libertinagem precoce” [...].⁴⁷⁷

Reunidos todos os componentes necessários para o constructo simbólico/imaginário da imagem da crise e para a posterior legitimação do mito do declínio da civilização, que sejam: 1) o cenário de crise; 2) o esboço de uma ordem de explicação para o caos; 3) a presença de realidade; 4) a personificação dos grandes males enfrentados em inimigos combatíveis, reais

⁴⁷⁵ POSSAS, Lídia Maria Vianna. Integralismo e a Mulher. In: DOTTA, Renato Alencar; POSSAS, Lidia Maria Vianna; CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. **Integralismo**: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937). Bauru: EDUSP, 1999. p. 108.

⁴⁷⁶ TRINDADE, Helgio. **Integralismo**: o fascismo brasileiro da década de 30. São Paulo: Difel, 1974. p. 170-171.

⁴⁷⁷ GIRARDET, Raoul. **Mitos e mitologias políticas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 40.

ou imaginados; 5) por último, a construção da imagem de uma sociedade vítima a ser protegida, torna-se então possível a instauração de um quadro de medo e ameaça sobre a sociedade, criando o cenário perfeitamente adequado para a legitimação de discursos salvacionistas e para a efervescência da figura mitológica do herói salvador que irá livrar a nação de todo o mal.

3.2 A EDUCAÇÃO INTEGRAL

Tendo obtido somente em 1937 seu registro como partido político junto ao Superior Tribunal de Justiça Eleitoral, estando apto a concorrer às eleições que deveriam ocorrer naquele ano – frustradas, entretanto, pelo golpe do Estado Novo –, o integralismo considerava-se diferente dos demais partidos políticos de sua época por ser, de acordo com Plínio Salgado, um *movimento cultural*, muito mais do que apenas um partido político. De acordo com os Estatutos Integralistas, seria conceituado como:

[...] o regime fundado, na ordem política, sobre a “doutrina integralista ou nacional corporativa”; na ordem econômica, sobre uma economia “dirigida”, onde o interesse social predomina sobre o individual; na ordem moral, sobre a “cooperação espiritual” de todas as forças que querem defender Deus, a Pátria e a Família; e, finalmente, na ordem intelectual, sobre a participação do conjunto das forças culturais e artísticas na vida do Estado.⁴⁷⁸

Muito embora o movimento não especifique o que compreende por cultura, “tudo a leva a crer que o Integralismo identificava cultura como a posse de determinados conhecimentos, tais como os ligados à arte, à literatura, à filosofia e à ciência. Cultura era, por conseguinte, um bem que podia ser transmitido por aqueles que o possuíam”.⁴⁷⁹ Sendo adquirida através de uma educação considerada como mais erudita em comparação a tradicional instrução formal, a cultura, na visão integralista, deveria ser adquirida “pelo estudo das artes, da literatura, da poesia, do conhecimento científico”.⁴⁸⁰ Salgado afirma:

[...] um dos motivos determinantes da ausência de idéas e de programas políticos entre nós é, incontestavelmente, a falta de cultura. O nosso mal não é o analfabetismo, como costumam afirmar os homens da oposição systemativa a todos

⁴⁷⁸ TRINDADE, Helgio. **Integralismo**: o fascismo brasileiro da década de 30. São Paulo: Difel, 1974. p. 170-171.

⁴⁷⁹ CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. **Integralismo**: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937). Bauru: EDUSP, 1999. p. 42.

⁴⁸⁰ POSSAS, Lídia Maria Vianna. Integralismo e a Mulher. In: DOTTA, Renato Alencar; POSSAS, Lidia Maria Vianna; CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. **Integralismo**: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937). Bauru: EDUSP, 1999. p. 108.

os governos [...] O nosso grande mal é o semi-analfabetismo, essas massas de homens incapazes de raciocinar, avessos á leitura, reprisadores de duas ou três idéas que se lhe metteram na cabeça, opinadores superficiaes em todas as oportunidades, vaidosos e ôcos, de gravata e collarinho, enxameando as cidades, parasitariamente.⁴⁸¹

Nessa perspectiva, a imagem do chefe integralista era concebida como “o homem das letras”, dotado de uma elevação moral e intelectual não encontrada na massa brasileira. Sendo ele um jornalista, poeta e literário, antes de apenas um político, a imagem a ser transmitida era a de que, se era preciso fazer uma Revolução Cultural no Brasil, ninguém melhor do que Plínio Salgado para assumir tala missão. Assim, a legitimidade de Salgado “decorre do fato de que ele é a síntese dos anseios de todos os integralistas, o intérprete e o defensor supremo da doutrina. Portanto, mais do que uma pessoa, ele é a encarnação da “ideia” integralista”.⁴⁸²

A alteridade ocorre no sentido de que “se a massa popular era imatura, incapaz, inconsciente e estúpida, ela não tinha condições de, sozinha, conduzir-se na vida. Havia necessidade de que alguém, que possuísse todas as virtudes que lhe faltavam, interpretasse suas aspirações, a conduzisse e guiasse”.⁴⁸³ Refletindo a ideia já vigente no Brasil das décadas de 1920 e 1930 – da concepção de uma intelectualidade guia da nação – Salgado afirma: “somente através da mobilização das forças intelectuais e morais da nacionalidade poderemos impor unidade moral, unidade econômica e unidade política a esta triste sociedade do nosso país”.⁴⁸⁴

Nesses termos, é possível perceber uma sobreposição de imagens na pessoa do Chefe; imagens estas que se interpenetram e se sobrepõem umas às outras; ora destacam-se suas qualidades ímpares e sua modéstia, pois a personalidade maior não se sente superior – exceto em responsabilidades e em sacrifícios – aos seus iguais do povo, de onde podemos compreender o porque de diversas cerimônias integralistas especificarem que o Chefe Nacional deve ser representado pelo militante mais humilde do núcleo; ora recorda-se a sua vida de ex-combatente e miserável que venceu todos os perigos e dificuldades para redimir a coletividade em perigo (no caso de Hitler e Mussolini); finalmente, valoriza-se a imagem de pai enérgico, que vela e protege os seus filhos.⁴⁸⁵

Assumindo uma postura pessimista quanto à possibilidade de uma transformação instantânea do Estado, o integralismo repousa a sua esperança “na transformação do regime,

⁴⁸¹ SALGADO, Plínio. **Despertemos a nação**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1935. p. 175.

⁴⁸² TRINDADE, Helgio. **Integralismo: o fascismo brasileiro da década de 30**. São Paulo: Difel, 1974. p. 173.

⁴⁸³ CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. **Integralismo: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937)**. Bauru: EDUSP, 1999. p. 44.

⁴⁸⁴ SALGADO *apud ibid.*, p. 44-45.

⁴⁸⁵ BERTONHA, João Fábio. A máquina simbólica do integralismo: propaganda e controle político no Brasil dos anos 30. **História e Perspectivas**, Uberlândia, n. 7, p. 87-110, jul./dez. 1992. p. 95.

de modo a policiar as tendências más que uma educação materialista agravou no paiz”⁴⁸⁶, através de uma doutrinação a longo prazo da sociedade brasileira. De acordo com Salgado, diferentemente dos demais partidos políticos, o integralismo não estava interessado “na conquista imediata, efêmera do poder; pelo contrário, acreditava ser sua ação muito mais duradoura. Apresentava-se como o anunciador de uma nova era”.⁴⁸⁷

Ainda em 1932, através do Manifesto de Outubro, Salgado já afirmava ter, como grande missão, não uma conquista imediata do poder, mas “uma obra educativa de mais larga amplitude, destinada a formar a consciência popular no trato dos problemas brasileiros e sob a inspiração dos princípios filosóficos e programa político da nossa agremiação”.⁴⁸⁸ Refletindo a euforia pedagógica vivida no período, por uma intelectualidade dotada de discursos saudosistas pela promessa de solução através da educação, “o integralismo empresta uma importância capital à educação encarada sob o tríplice aspecto de moral, cívico e físico. Isto constitui um dos traços mais expressivos de sua identificação com a época em que vivemos, caracterizada pelo progresso acelerado da civilização hodierna”.⁴⁸⁹

Afirmando que o problema do Brasil seria não um problema de polícia mas sim “um problema de cultura”⁴⁹⁰, Salgado alega que a sociedade estaria em colapso por tratar-se de um povo culturalmente analfabeto, composto por cidadãos que, corrompidos pelo materialismo, seriam desprovidos do gosto pela arte e pela literatura, do hábito da leitura, da consciência política e do interesse pelo destino da nação. Nesse sentido, a solução necessária para o Brasil seria uma obra de educação e aculturação das massas.

Na doutrina integralista, o mito da transformação social é simbolizado pela ideia de “revolução fascista” ou Revolução Cultural e Espiritual. Sendo um dos paradoxos presentes em movimentos de cunho fascista, o fato destes simbolizarem uma tentativa de renovação ao mesmo tempo em que defendem um retorno ao passado⁴⁹¹, verifica-se que o integralismo, apesar de ser um movimento essencialmente conservador, não defendia “o imobilismo, mas [...] o reformismo social”.⁴⁹² Ao passo em que o movimento demonstrava certa nostalgia dos valores mais tradicionais da sociedade, detinha uma postura revolucionária ao assumir a ideia de uma necessária transformação da sociedade. Conforme afirma Trindade, o que ocorre,

⁴⁸⁶ SALGADO, Plínio. **A doutrina do sigma**. São Paulo: Verde Amarelo, 1935. p. 15.

⁴⁸⁷ CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. **Integralismo**: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937). Bauru: EDUSP, 1999. p. 41.

⁴⁸⁸ SALGADO, Plínio. **Enciclopédia do integralismo**. Rio de Janeiro: Clássica Brasileira, 1958. v. 1: O integralismo na vida brasileira. p. 143.

⁴⁸⁹ LOYOLA *apud* CAVALARI, *op. cit.*, p. 45.

⁴⁹⁰ SALGADO, **Enciclopédia do integralismo**, *op. cit.*, p. 09.

⁴⁹¹ TRINDADE, Helgio. **Integralismo**: o fascismo brasileiro da década de 30. São Paulo: Difel, 1974. p. 279.

⁴⁹² *Ibid.*, p. 271.

neste aspecto da doutrina, “é uma simbiose entre um elemento tradicional, o corporativismo medieval, e um elemento moderno, o Estado nacional intervencionista”.⁴⁹³

De acordo com o chefe, a Ação Integralista Brasileira seria “um movimento revolucionário, não no sentido comum que se empresta a esta expressão, mas num sentido mais alto e profundo”.⁴⁹⁴ Dando sequência à sua característica tendência de operar um discurso dotado de alteridades que se opõem, o movimento demonstrou um significativo empenho em construir uma imagem negativa das revoluções já ocorridas no Brasil, a fim de elaborar, primeiramente, “o que não é revolução e, desta maneira, definir o lugar da revolução integralista, espiritual e civilizadora”.⁴⁹⁵ Conforme aponta Salgado,

Revolução não é masorca de soldados amotinados; não é rebelião de camponeses e proletários; não é movimento armado de burguesias oligárquicas; não é movimento de tropas de governos provinciais; não é golpe de militares; não é conspirata de partidos; não é guerra civil generalizada. Revolução é movimento de cultura e de espírito.⁴⁹⁶

A principal referência utilizada pelo movimento na tentativa de legitimar o que seria uma verdadeira revolução ocorreu através de uma forte reprodução de uma imagem negativa atrelada à Revolução de 1930. Para Salgado, esta “não satisfaz a angustia brasileira. Ella não chegou mesmo a ser uma revolução. Trouxe, no seu bojo, alguns idealistas, alguns políticos, em luta pelos interesses hegemônicos, e teve, na História, a projecção medíocre de um simples movimento armado”.⁴⁹⁷ A consequência disso seria o fato de termos, após a revolução, “um Brasil paralizado, sem discussão dos problemas fundamentaes”.⁴⁹⁸

Em contrapartida, a imagem da Revolução Integralista é edificada como um movimento de cultura de espírito que objetiva abalar os antigos alicerces da sociedade, “destruindo tudo, para construir de novo, porque destruir apenas, não é Revolução”.⁴⁹⁹ De acordo com a concepção integralista, uma verdadeira revolução deve ter como consequência, obrigatoriamente, a instauração de uma nova atitude espiritual na sociedade. Afinal, conforme cita Salgado, revolução “é transformação de consciências, é novo rythmo social, é mudança

⁴⁹³ TRINDADE, Helgio. **Integralismo**: o fascismo brasileiro da década de 30. São Paulo: Difel, 1974. p. 279.

⁴⁹⁴ SALGADO, Plínio. **Despertemos a nação**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1935. p. 13.

⁴⁹⁵ CHAUI, Marilena. Apontamentos para uma crítica da Ação Integralista Brasileira. In: CHAUI, Marilena. **Ideologia e mobilização popular**. São Paulo: Paz e Terra, 1978. p. 17-149. p. 42.

⁴⁹⁶ *Ibid.*

⁴⁹⁷ SALGADO, Plínio. **Palavra nova dos tempos novos**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1936. p. 43.

⁴⁹⁸ *Ibid.*, p. 92.

⁴⁹⁹ *Ibid.*, p. 43.

de mentalidade, é formação de mentalidade nova, é recomposição de energias, é palavra que fala com nexos firme, é gesto que se anima de harmonias e se exprime em eloquência”.⁵⁰⁰

Não só Salgado, mas os demais teóricos integralistas “estão de acordo com a ideia de que a evolução social se faz por rupturas e pelo conseqüente reestabelecimento do equilíbrio”.⁵⁰¹ Mais do que isso, domina a crença de que a revolução seria, ao mesmo tempo, um instrumento para a destruição de uma sociedade em crise e a fonte de um novo equilíbrio⁵⁰² que reestabeleceria uma ordem até então perdida no Brasil. Considerando a luta como uma atmosfera em que circulam as ideias, o movimento afirmava ser absolutamente necessário que seu principal objetivo – a implantação de um Estado Integral no Brasil – fosse alcançado através da revolução. Assim, “torna-se obrigatório que uma atmosfera de luta envolva a ideia: a hora da ação soa para o homem quando a ideia aceita toda sua força, “irradiando o magnetismo de sua energia”.⁵⁰³

A Revolução Integralista processaria-se simultaneamente em dois planos: “o plano espiritual *mediato* e o plano cultural, *immediato*”.⁵⁰⁴ O movimento determinava que, inicialmente, deveria ser feita a chamada Revolução Cultural, tendo em vista que “o Brasil necessita, desde logo, de uma transformação do Estado”.⁵⁰⁵ Esta consistiria em um emergencial ensinamento do amor à Pátria, do respeito à Família e do culto a Deus; do combate aos vícios, ao individualismo e ao comodismo; do ensino da ordem, do respeito, da disciplina e da hierarquia; e do ensino do gosto pelas artes, pela leitura e pelo estudo.

Tal revolução, de acordo com Salgado, já estaria em andamento no Brasil pelo fato de o integralismo promover cursos visando o ensinamento destas e de outras questões: “o Integralismo mantém esses cursos em cada um de seus núcleos, arrancando a massa popular dos erros com que a envenenam aqueles que recebem dinheiro do capitalismo internacional”.⁵⁰⁶ Acreditava-se, assim, que através destes cursos doutrinários seria resolvido o problema da falta de ordem que tomava conta do Brasil.

O “camisa-verde” aprende a ser modesto, diligente, respeitoso; adquire um exacto conceito da Autoridade; aprende a amar a sua Pátria e a tudo sacrificar por ella, inclusive seus interesses e vaidades pessoais; aprende a sofrer, a calar, a trabalhar sem alarde; aprende a amar seus companheiros, que constituem hoje uma família de

⁵⁰⁰ SALGADO, Plínio. **Palavra nova dos tempos novos**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1936.

⁵⁰¹ TRINDADE, Helgio. **Integralismo: o fascismo brasileiro da década de 30**. São Paulo: Difel, 1974. p. 214.

⁵⁰² *Ibid.*

⁵⁰³ *Ibid.*, p. 215.

⁵⁰⁴ SALGADO, Plínio. **Despertemos a nação**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1935. p. 14.

⁵⁰⁵ *Ibid.*

⁵⁰⁶ *Ibid.*, p. 36.

400.000 irmãos. No dia em que todos os brasileiros forem “camisas-verdes”, estará resolvida a primeira questão desse complexo problema da Ordem.⁵⁰⁷

Já a Revolução espiritual, de objetivo mediato, só seria atingida através de “muitos anos de doutrinação, de educação constante das massas, de esforço individual de cada um”.⁵⁰⁸ Salgado dizia que o triunfo completo de tal revolução só ocorreria no futuro, sendo este o motivo de, paralelamente à pretendida transformação do espírito nacional, o movimento ter iniciado sua obra através da Revolução Cultural, nas Secretarias Nacionais, Provinciais e Municipais de Estudos. Nesses órgãos, a elite intelectual do movimento estaria “operando a revolução da cultura, tornando cada vez mais nítida uma doutrina de Estado, criando futuros estadistas pelo recrutamento de valores novos que surgem de uma mocidade inquieta”.⁵⁰⁹

Ao afirmar que todos os problemas do Brasil estariam reduzidos à questão da Educação – “tudo tem por única origem a ausência de uma obra sistemática de formação da consciência popular no sentido da compreensão das responsabilidades de cada qual”⁵¹⁰, nas palavras de Salgado – o movimento defendia a necessidade de uma obra não só de aculturação das massas, mas de educação.

Pela lógica integralista, uma obra sistemática de educação das massas elevaria “a média das virtudes Moraes e cívicas do povo brasileiro”⁵¹¹ formando um Brasil assentado nos valores tidos como fundamentais na doutrina: “a mística do sofrimento; a obediência, exacerbada até à submissão; a disciplina e a hierarquia”.⁵¹² Isso formaria, futuramente, uma sociedade educada, espiritualizada, aculturada e consciente de seu papel para com a nação. Contudo, tal feito só poderia ser obtido “com sacrifício e com dôr. Sacrifício de toda a vaidade e de toda a pressa de conquistar o Poder”.⁵¹³ Sob essa perspectiva, a educação integralista seria aquela “que se propõe a educar o homem todo. E o homem todo é o conjunto do homem físico, do homem intelectual, do homem cívico e do homem espiritual”.⁵¹⁴

Essa paciente obra de educação da sociedade seria, de acordo com o movimento, a chamada “Revolução Espiritual”.⁵¹⁵ Salgado lança o questionamento e propõe a resposta:

⁵⁰⁷ SALGADO, Plínio. **Despertemos a nação**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1935. p. 38.

⁵⁰⁸ *Ibid.*, p. 14.

⁵⁰⁹ *Ibid.*, p. 27.

⁵¹⁰ *Id.* Educação. In: SALGADO, Plínio *et al.* **Enciclopédia do integralismo**. Rio de Janeiro: Clássica Brasileira 1959. p. 119-127. v. IX: O integralismo e a educação. p. 119.

⁵¹¹ *Id.* **A doutrina do sigma**. São Paulo: Verde Amarelo, 1935. p. 16

⁵¹² COELHO, Ligia Martha Coimbra da Costa. Educação integral e integralismo nos anos 30: a vez (e a voz) dos periódicos. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, XIII, 2005, Londrina. **Anais...** Londrina, 2005. p. 02.

⁵¹³ SALGADO, **Despertemos a nação**, *op. cit.*, p. 197.

⁵¹⁴ AIRES *apud* CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. **Integralismo**: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937). Bauru: EDUSP, 1999. p. 46.

⁵¹⁵ SALGADO, **A doutrina do sigma**, *op. cit.*, p. 16.

“como se pode obter a “ordem espiritual”? Pela doutrinação, pela propaganda, pela educação constante, paciente, das massas populares”.⁵¹⁶ De acordo com a concepção integralista, “o povo é um monstro que se doma com a mesma paciência com que se domam os leões e os tigres”.⁵¹⁷ Assim, o grande plano a ser executado no Brasil pelo integralismo seria o da elevação do nível cultural das massas”.⁵¹⁸ Nesse sentido, o integralismo não seria apenas “o remédio para os doentes do confucionismo e da anarquia mental, mas [...], acima de tudo, a obra de preservação dos filhos de uma geração já completamente corroída pela terrível enfermidade do Século”.⁵¹⁹

Observando a compreensão integralista da revolução, percebe-se que a figura do jovem constitui-se enquanto público alvo principal dessa obra educacional. Conforme afirma Salgado, “são as gerações, que estão nascendo e às quaes teremos de entregar um Brasil. Que Brasil?”.⁵²⁰ Seguindo esse raciocínio, a Revolução Espiritual promovida pelo integralismo deveria ocorrer sob dois aspectos: **pela** juventude (através da arregimentação e educação dos jovens) e **para** a juventude, pois pertencendo ela à futura geração, caberia a ela a colheita futura da obra integralista, bem como o aproveitamento de um Brasil melhor, quando a Revolução Espiritual alcançasse o seu êxito.

Solidificando sua identidade sempre através da oposição entre a sua doutrina e a de seus inimigos, o movimento reforçava a ideia de que o grande culpado pelo problema da falta de educação e de cultura do povo brasileiro seria o Estado liberal (e sua educação de essência materialista). “A filosofia da história integralista apoia-se [...] numa interpretação maniqueísta da evolução da humanidade, em que se defrontam continuamente o homem contra o homem, o bem contra o mal, o materialismo contra o espiritualismo”.⁵²¹

O modelo político liberal era construído, nesse sentido, enquanto principal responsável pela crise brasileira, por oferecer instrução e não educação ao povo, por oferecer uma educação materialista às futuras gerações, objetivando a simples alfabetização da sociedade, quando deveria oferecer uma formação moral, cívica e espiritual. Sobre isso, Salgado ressalta: “Nós, integralistas [...] condenamos todas as formas de liberalismo, porque atentam contra a dignidade humana e conduzem as massas para a degradação, como conduz o homem á animalização completa”.⁵²² O aparelhamento educacional promovido pelo liberalismo, de

⁵¹⁶ SALGADO, Plínio. **A doutrina do sigma**. São Paulo: Verde Amarelo, 1935. p. 35.

⁵¹⁷ *Id.* **Palavra nova dos tempos novos**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1936. p. 15-16.

⁵¹⁸ *Ibid.*, p. 179-180.

⁵¹⁹ *Ibid.*, p. 39-40.

⁵²⁰ *Ibid.*, p. 10.

⁵²¹ TRINDADE, Helgio. **Integralismo**: o fascismo brasileiro da década de 30. São Paulo: Difel, 1974. p. 210.

⁵²² SALGADO, Plínio. **O que é o integralismo**. Rio de Janeiro: Schmidt, 1933. p. 61-62.

acordo com o movimento, não passaria de um meio de instrução da sociedade, “e Instrução é coisa muito diferente de Educação. Aquela tem por fim enriquecer a inteligência, esta objetiva formar o caráter”.⁵²³

Um povo pode ser instruído e não ser culto, isto é, não possuir a consciência do que representa, nem de onde veio e para onde vai. [...] Está sempre a mercê de ideias, muitas vezes oriundas do estrangeiro e contrárias aos seus interesses vitais, mas cujo fascínio se exerça pelo poder da propaganda mais poderosa. É êsse um povo sem defesa orgânica, sujeito a infecções letais que o destroem.⁵²⁴

Assim, enquanto a educação liberal teria “sido a machina em permanente funcionamento na fabricação de semi-analfabetos, de homens que odeiam os livros, que detestam as conversações sobre temas de ordem geral, que só visam os seus mesquinhos interesses”⁵²⁵, a educação espiritual promovida pelo integralismo operaria uma verdadeira “obra sistemática de educação espiritual e de caráter das massas. Nota-se, assim, que de acordo com a lógica integralista, “na escola se forma, assim, o cidadão! E não apenas o cidadão, mas o cidadão útil, o cidadão prestante [...]”⁵²⁶

O conceito de educação era moldado, no discurso integralista, como o grande problema do Brasil e, ao mesmo tempo, a única solução para uma real transformação da sociedade, haja vista que o movimento defendia “o tema do “renascimento” da nação através das novas gerações”.⁵²⁷

O problema, pois, do Brasil de hoje é inegavelmente educacional. Sem se lançar uma larga campanha nesse sentido, para reativarmos as poucas energias ainda presentes em hora tão desfavorável, iremos ao léu dos acontecimentos internos e externos e não podemos prever se terminaremos uma colônia russa ou americana, ou qualquer coisa informe e indefinida como as Índias ou o mundo árabe.⁵²⁸

Em consequência de uma educação materialista, o caráter do povo brasileiro “exprimiam-se por um conjunto de traços viciosos: egoísmo, [...] submissão absoluta ao poder mais próximo, preguiça, incapacidade de conceber ideias gerais, sentimentalismo mórbido,

⁵²³ SALGADO, Plínio. Educação. In: SALGADO, Plínio *et al.* **Enciclopédia do integralismo**. Rio de Janeiro: Clássica Brasileira 1959. p. 119-127. v. IX: O integralismo e a educação. p. 119.

⁵²⁴ *Ibid.*, p. 120.

⁵²⁵ *Id.* **Despertemos a nação**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1935. p. 176.

⁵²⁶ BACKEUSER, Everardo. Integralismo da educação. In: SALGADO, Plínio *et al.* **Enciclopédia do integralismo**. Rio de Janeiro: Clássica Brasileira, 1959. p. 17-26. v. IX: O integralismo e a educação. p. 19.

⁵²⁷ LORIGA, Sabina. A experiência militar. In: LEVI, Giovanni; SCHMITT, Jean-Claude. **História dos jovens 2 – a época contemporânea**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 17-47. p. 36.

⁵²⁸ SALGADO, Plínio. As causas da irresponsabilidade. In: SALGADO, Plínio *et al.* **Enciclopédia do integralismo**. Rio de Janeiro: Clássica Brasileira, 1959. p. 129-134. v. IX: O integralismo e a educação. p. 133.

indisciplina, verbalismo jactancioso, insinceridade, desconfiança”.⁵²⁹ Por conta disso é que “muito mais do que educado, esse povo precisava ser vigiado: Em 30, a minha palavra foi a mesma de 32: é preciso educar, educar, educar. Hoje, acrescento outra palavra: educar e vigiar (...)”⁵³⁰, alerta Salgado. Verifica-se que, na visão integralista, “o liberalismo jamais cuidou da formação da criança. Finge dar-lhe uma educação que apregôa se destinar à democracia, mas o que lhe dá é uma educação perigosa, pois, sendo ela de finalidade neutra, acarreta resultados destrutivos”.⁵³¹

A educação integral, por outro lado, precisaria “evitar a unilateralidade dos sistemas educacionais predominantemente esportivos, científicos, etc. Ela não pode ser despreocupada de nenhuma de suas facetas; deve ser física, científica, artística, econômica, social, política e religiosa”⁵³², cumprindo, assim, o objetivo de fornecer uma real transformação da sociedade por meio da reforma do indivíduo. Em consonância com essa concepção, a educação integral liberaria o homem, “pela disciplina espiritual e física, da tirania dos instintos. O apostolado inicial e fundamental da educação integralista é a reforma do indivíduo, porque sem essa reforma seria inútil e contraproducente qualquer ensaio de reforma social”.⁵³³ A educação integral ofereceria, ainda, uma formação específica a cada uma das facetas do indivíduo.

A cada uma destas faces o Integralismo dá sua importância merecida. Ao homem espiritual, ensina os deveres para com Deus, para consigo e para com o próximo; ao homem cívico os deveres com a Pátria; ao homem intelectual dá-lhe escolas e cultura; ao homem físico oferece-lhe meios adequados aos cuidados da saúde, à conservação da robustez, à higienização, à valorização nacional da força muscular; afinal o Integralismo propicia ao homem integral tudo aquilo com que ele possa eficientemente contribuir para a glória de Deus, para a honra da Pátria e para a necessidade dos seus filhos.⁵³⁴

Em função disso, é possível perceber que o movimento tinha uma concepção bastante específica não só de educação, mas também de indivíduo, entendido pelo integralismo enquanto um conjunto de aspectos diferenciados e complementares. Afirmava-se que o objetivo real do homem no mundo seria “a realização plena da sua personalidade segundo sua

⁵²⁹ CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. **Integralismo**: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937). Bauru: EDUSP, 1999. p. 43.

⁵³⁰ *Ibid.*, p. 45.

⁵³¹ AIRES, L. O sentido da formação pliniana. In: SALGADO, Plínio *et al.* **Enciclopédia do integralismo**. Rio de Janeiro: Clássica Brasileira, 1959. p. 73-77. v. IX: O integralismo e a educação. p. 74.

⁵³² PAUPÉRIO; MOREIRA *apud* CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. **Integralismo**: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937). Bauru: EDUSP, 1999. p. 47.

⁵³³ AIRES, *op. cit.*, p. 75.

⁵³⁴ *Ibid.*, p. 75.

natureza e seu destino. O papel, por conseguinte, da Educação, é dar ao homem os meios para que essa realização se efetive”.⁵³⁵

Após compreender os preceitos integralistas acerca do homem e da educação, torna-se relevante atentar para o destinatário dessa educação integral e para os meios operacionalizados pelo movimento para efetuar-la. Destaca-se que os objetivos educacionais da AIB tinham um duplo destinatário: a massa brasileira (tanto a integralista quanto a ainda não adepta do movimento) e, ao mesmo tempo, a própria elite integralista. Em síntese, o que se pretendia era “arregimentar novos adeptos, trazendo os indecisos e os recalcitrantes, e preparar a elite, aqueles que iriam exercer funções de comando dentro do Movimento. Buscava, ao mesmo tempo, a consolidação e a expansão do Movimento”.⁵³⁶

Assim, o movimento “se processa num duplo sentido: o da arregimentação disciplinar das suas legiões e o da formação das suas elites”.⁵³⁷ Essa questão aparece de forma bastante clara no documento *Estatutos da Ação Integralista Brasileira*, aprovado em março de 1934, em decorrência do Congresso de Vitória, no qual são delimitadas as finalidades do movimento:

Art. 2.º) A Ação Integralista Brasileira tem a finalidade de: “a) – funcionar como **centro de estudos e cultura sociológica e política**; b) – desenvolver **uma grande propaganda de elevação moral e cívica do povo brasileiro**; c) – implantar no Brasil o Estado Integral.”⁵³⁸

Para tanto, um Departamento Nacional de Doutrina foi instituído, promovendo: para as massas, a fundação de escolas de alfabetização⁵³⁹ e a operacionalização de uma imprensa doutrinária; e para as elites integralistas, a organização de dois cursos intitulados *Estudos*

⁵³⁵ CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. **Integralismo**: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937). Bauru: EDUSP, 1999. p. 46.

⁵³⁶ *Ibid.*, p. 49.

⁵³⁷ *Ibid.*, p. 47.

⁵³⁸ SALGADO, Plínio. Estatutos da Ação Integralista Brasileira: 1º Congresso Integralista Brasileiro. In: SALGADO, Plínio. **O integralismo perante a nação**. 2. ed. Rio de Janeiro: Livraria Clássica Brasileira, 1950. Art. 2º.

⁵³⁹ O número de escolas integralistas fundadas no período de legalidade do movimento foi bastante expressivo. Na imprensa oficial do movimento, especialmente nos jornais A Offensiva e Monitor Integralista, é significativo o número de matérias que noticiam a fundação de novas escolas integralistas (COELHO, Lúcia Martha Coimbra da Costa. Educação integral e integralismo nos anos 30: a vez (e a voz) dos periódicos. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, XIII, 2005, Londrina. **Anais...** Londrina, 2005. p. 03). Sendo destinadas a ambos os sexos, as escolas de alfabetização integralistas funcionavam nos períodos diurno e noturno, “sendo que, em alguns Núcleos, este último horário era destinado apenas à alfabetização de adultos” (CAVALARI, *op. cit.*, p. 73). Grande parte destas escolas “funcionava nas próprias Sedes e se resumia a uma sala de aula. No entanto, existiam casos em que funcionava fora dos Núcleos em sede própria, ou até junto a escolas regulares, como foi o caso do Núcleo Municipal de Presidente Prudente-SP, que funcionava junto a uma escola particular, o Ginásio São Paulo” (*Ibid.*, p. 73). Contudo, verifica-se que apesar de organizar-se tanto em espaços formais quanto em espaços não-formais a fundação de escolas integralista dependia “da estrutura organizacional de cada Núcleo Municipal” (COELHO, *op. cit.*, p. 07).

Integralistas e Altos Estudos Integralistas. Verifica-se, todavia, que tanto as escolas de alfabetização quanto a imprensa integralista detinham objetivos propriamente doutrinários e eleitorais. As unidades educacionais, especialmente no pós-1935, visavam popularizar a doutrina integralista em uma linguagem simples e clara, a fim de atrair um número maior de adeptos ao movimento.

Os Estudos Integralistas e Altos Estudos Integralistas, em contrapartida, visavam habilitar os quadros da AIB, formando doutrinadores que propagariam a filosofia do sigma, assumiriam cargos de chefia no interior do movimento e, acima de tudo, estudariam a realidade brasileira “à luz da doutrina integralista, pondo em equação todos os grandes problemas da Pátria. Pretendia-se, portanto, de forma ambiciosa, que esses Departamentos não apenas transmitissem a doutrina, mas sobretudo, que a ampliassem”.⁵⁴⁰ O integralismo constituía-se, assim, como “uma escola de formação de chefes e, ao mesmo tempo, de indivíduos predispostos à submissão da autoridade”.⁵⁴¹

Os cursos de Estudos Integralistas, com duração de oito meses, eram compostos por seis disciplinas: História Social Brasileira, Introdução à Sociologia Geral, Noções de Direito Corporativo, História das Doutrinas Econômicas, Noções Gerais de Organizações Políticas e História Militar Brasileira. [...] Nos cursos de Altos Estudos, com duração de dez meses, compostos por cinco disciplinas, estudava-se Teoria do Estado, Organização nacional Corporativa, História do Estado, Filosofia Social e Filosofia da Pedagogia.⁵⁴²

Existiam, ainda, as escolas integralistas voltadas ao ensino profissional que, sendo “destinadas geralmente às senhoras e senhoritas, funcionavam, em alguns Núcleos” promovendo cursos “de Corte e Costura, Enfermagem, Datilografia, Taquigrafia e outras”.⁵⁴³ A educação feminina deveria “processar-se em um sentido de análise cuidadosa de toda a realidade feminina, psicológica: e de canalização fecunda de todas as particularidades encontradas, em vista do fim temporal a que se destinam e de suas repercussões eternas. Deverá ser obra de ciência e obra de arte”.⁵⁴⁴

Com base nessa exposição, percebe-se que a educação promovida pelo integralismo “confundia-se com os objetivos políticos do movimento”⁵⁴⁵, haja vista que, em realidade, a

⁵⁴⁰ CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. **Integralismo**: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937). Bauru: EDUSP, 1999. p. 48.

⁵⁴¹ TRINDADE, Helgio. **Integralismo**: o fascismo brasileiro da década de 30. São Paulo: Difel, 1974. p. 278.

⁵⁴² CAVALARI, *op. cit.*, p. 48-49.

⁵⁴³ *Ibid.*, p. 74.

⁵⁴⁴ CORBISIER, M. C. A. Integralismo e educação feminina. In: SALGADO, Plínio *et al.* **Enciclopédia do integralismo**. Rio de Janeiro: Clássica Brasileira, 1959. p. 63-69. v. IX: O integralismo e a educação. p. 68.

⁵⁴⁵ COELHO, Ligia Martha Coimbra da Costa. Educação integral e integralismo nos anos 30: a vez (e a voz) dos periódicos. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, XIII, 2005, Londrina. **Anais...** Londrina, 2005. p. 07.

chamada educação integral objetivava nada mais do que a doutrinação de indivíduos – sejam eles pertencentes às massas ou às elites – dentro dos preceitos integralistas. Em suma, a educação integral era apenas um caminho para a edificação do homem integral, ou seja, para a formação do que seria o modelo de cidadão ideal para o movimento. Assim como os demais movimentos fascistas, o integralismo buscava “construir um “novo homem”, que fosse um cidadão integrado no sistema, que assumisse os papéis sociais destinados a ele e que, acima de tudo, idolatrasse o Fascismo e seu líder”.⁵⁴⁶

Como exemplo dessa busca, é possível trazer à discussão os tipos ideais de homem e de mulher, de acordo com a concepção integralista. Afirmando ser a mulher nem pior nem melhor, apenas biologicamente e psicologicamente diferente do homem, o movimento atribui papéis diferenciados a ambos os sexos, ressaltando que “as duas naturezas são capazes de colaboração e enriquecimento mútuo pela união. Dessa colaboração harmoniosa, em diversidade de atribuições e unidade de fins, depende a plenitude da vida social”.⁵⁴⁷ Na questão educacional, tal diferenciação denuncia de forma ainda mais clara os objetivos doutrinários do movimento que concebia uma educação destinada “à transmissão de valores, símbolos e estilos de comportamento compatíveis com a concepção de sociedade e Estado integralistas”⁵⁴⁸, assegurando “o aprendizado político-ideológico dos militantes, desde o nascimento do futuro integralista até a idade adulta”.⁵⁴⁹

Nas instituições do Fascismo, meninos e meninas recebiam uma educação voltada para a vida fascista, onde aprendiam que valores internalizar, como se comportar no dia a dia, a quem idolatrar e que papéis assumir. Os meninos eram educados para serem bons pais de família, bons trabalhadores e bons soldados, enquanto as meninas aprendiam que a função da mulher era cuidar do lar, do marido, da prole, além de reproduzir o maior número de filhos para que compusessem os exércitos de trabalhadores e soldados do Fascismo.⁵⁵⁰

Apesar de o movimento demonstrar um significativo esforço ao negar, em grande parte de seus escritos, o uso da educação como uma arma doutrinária – afirmando que as escolas integralistas aceitariam alunos de qualquer credo político ou religioso e que obra de alfabetização promovida pelo integralismo não faria qualquer tipo de pregação doutrinária, promovendo ao invés disso uma formação espiritualizada rumo à internalização dos preceitos

⁵⁴⁶ ROSA, Cristina Souza da. Pequenos soldados do fascismo: a educação militar durante o governo de Mussolini. *Antíteses*, v. 2, n. 4, p. 621-648, jul.-dez. 2009. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses/article/viewFile/2704/3929>. Acesso em: 15 dez. 2017. p. 621.

⁵⁴⁷ CORBISIER, M. C. A. Integralismo e educação feminina. In: SALGADO, Plínio *et al.* **Enciclopédia do integralismo**. Rio de Janeiro: Clássica Brasileira, 1959. p. 63-69. v. IX: O integralismo e a educação. p. 67.

⁵⁴⁸ TRINDADE, Helgio. **Integralismo**: o fascismo brasileiro da década de 30. São Paulo: Difel, 1974. p. 196.

⁵⁴⁹ *Ibid.*, p. 196.

⁵⁵⁰ ROSA, *op. cit.*, p. 621.

de Deus, Pátria e Família⁵⁵¹ – tornou-se notável, ao longo desta pesquisa que, para o integralismo, de fato, educação significava doutrinação.

Uma hipótese é que o movimento integralista estaria de acordo com uma moderna concepção de educação surgida do cenário de febre autoritária do pós-guerra. De acordo com tal princípio, a educação era considerada técnica social de controle de indivíduos, ou seja, um método “de influenciar o comportamento humano de maneira que este se enquadre nos padrões vigentes da interação e organização sociais”.⁵⁵² Nessa perspectiva, a educação, em sua essência mais orgânica, moldaria o homem sempre “em uma dada sociedade e para ela”.⁵⁵³ Contudo, na percepção integralista, a educação integral

[...] não implica – como pensam os adversários dela – uma adaptação forçada a ideais pré-estabelecidos, que produziria assim uma obediência tóda passiva. **Em verdade, não há educação sem ideal.** Em educação, pretender não ter nenhum, já é ter um, e, dentre todos, êsse é dos mais funestos.⁵⁵⁴

Além disso, a partir de 1935, a educação constitui-se também enquanto um dos principais estratagemas eleitorais integralistas, no sentido não só de atrair um número maior de adeptos ao movimento, tendo em vista que o tema da alfabetização foi um dos assuntos centrais da política na década de 1930, mas também com o objetivo de formar cidadãos alfabetizados e, portanto, aptos a votar. Seria preparada assim “a organização das eleições através da inscrição eleitoral de militantes e simpatizantes com vistas à candidatura de Plínio Salgado a Presidência da República em 1937”.⁵⁵⁵

No entanto, nota-se que a educação foi instrumentalizada pela AIB sob os aspectos doutrinário e eleitoral. Conforme afirma Trindade, na segunda fase do integralismo “a mensagem ideológica não se dirige somente a militantes consagrados à “revolução integral”, mas a eleitores potenciais”.⁵⁵⁶ Especialmente nesse novo momento, a juventude era o principal alvo deste estilo de ensino doutrinário, voltado à formação ideológica dos jovens desde o seu letramento inicial. O futuro estado integral a ser implantado no Brasil encontrava, assim, o seu principal caminho na juventude. Além disso, a educação das categorias juvenis

⁵⁵¹ COELHO, Ligia Martha Coimbra da Costa. Educação integral e integralismo nos anos 30: a vez (e a voz) dos periódicos. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, XIII, 2005, Londrina. **Anais...** Londrina, 2005. p. 04.

⁵⁵² MANNHEIM, Karl. Funções das gerações novas. In: PEREIRA, Luiz; FORACCHI, Marialice M. (Orgs.). **Educação e sociedade. Leituras de sociologia da educação.** São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1978. p. 89.

⁵⁵³ MANNHEIM, *loc. cit.*

⁵⁵⁴ AIRES, L. O sentido da formação pliniana. In: SALGADO, Plínio *et al.* **Enciclopédia do integralismo.** Rio de Janeiro: Clássica Brasileira, 1959. p. 73-77. v. IX: O integralismo e a educação. p. 74.

⁵⁵⁵ TRINDADE, Helgio. **Integralismo:** o fascismo brasileiro da década de 30. São Paulo: Difel, 1974. p. 184.

⁵⁵⁶ *Ibid.*, p. 171.

era tida como fundamental em função da percepção integralista acerca do jovem. Este era visto não só como caminho para o futuro da nação, mas também como vítima principal da corrupção materialista a que se queria evitar. Nesse sentido, o jovem configurava-se, ao mesmo tempo, como problema e solução da nação. De acordo com Penna,

As crianças são as vítimas preferidas da miséria e das más condições dos lares. A mortalidade infantil atinge nêles cifras atterradoras. As infecções entéricas, as verminoses, a tuberculose, a sífilis e os males venéreos produzem grandes devastações; a prostituição colhe as suas vítimas desde antes da puberdade; o alcoolismo, a demência e o crime encontram nêles o seu valhacouto.⁵⁵⁷

Nota-se, na percepção integralista acerca da criança, a presença do já mencionado mito da juventude-problema, que concebe o jovem enquanto uma ameaça em potencial a ser institucionalizada e, posteriormente, controlada. Entendido sob essa perspectiva utópica, o jovem é tido como uma categoria organicamente rebelde, apto a comportamentos socialmente reconhecidos como radicais e detentor de uma forte tendência à indisciplina, a contração de todo e qualquer tipo de doenças (especialmente as sexualmente transmissíveis), e aos males das drogas e do alcoolismo. Tais tendências seriam as responsáveis pelo fato de a juventude ser vulnerável à ação do grande mal da sociedade, o materialismo.

Dessa forma, o integralismo, ao passo em que vê a figura jovem de uma forma negativa, do ponto de vista moral, afirmando ser ele um risco para a manutenção da ordem na sociedade, justifica a tendência juvenil à rebeldia pela ação, novamente, do materialismo corruptor. A construção dessa imagem da categoria juvenil – seja o jovem visto como vítima, ameaça ou solução – visa legitimar, perante a sociedade, a necessidade de intervenção e regulação da vida do jovem como forma de proteção e, ao mesmo tempo, de controle.

Sendo a obediência e a disciplina dois dos principais valores difundidos pelo integralismo, considerados “condição *sine qua non* para a obtenção da *ordem espiritual e moral*, indispensáveis ao Movimento”⁵⁵⁸, destaca-se que o objetivo central da educação para com a juventude era o de construir, justamente, uma “escola de orientação e de disciplina. Orientar e disciplinar a liberdade, eis a substância da formação pliniana”.⁵⁵⁹

Em contrapartida, vê-se que a concepção integralista da juventude se apresenta de forma paradoxal, na medida em que o jovem também era visto como agente em potencial para

⁵⁵⁷ PENNA, Belisário. A mulher e a família, o lar e a escola. In: SALGADO, Plínio *et al.* **Enciclopédia do integralismo**. Rio de Janeiro: Clássica Brasileira, 1959. p. 41-59. v. IX: O integralismo e a educação. p. 50.

⁵⁵⁸ CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. **Integralismo**: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937). Bauru: EDUSP, 1999. p. 52.

⁵⁵⁹ AIRES, L. O sentido da formação pliniana. In: SALGADO, Plínio *et al.* **Enciclopédia do integralismo**. Rio de Janeiro: Clássica Brasileira, 1959. p. 73-77. v. IX: O integralismo e a educação. p. 76.

a transformação da realidade – a favor dos integralistas. A figura do jovem é então representada como principal agente revitalizador da sociedade, na medida em que, de acordo com o movimento, as futuras gerações tinham a função de plasmadoras do futuro da nação.

Tem-se, como hipótese, que essa visão acerca do jovem advém de uma perspectiva surgida na sociedade moderna, que afirma que o sujeito, atravessando uma fase de transição, ainda não teria adentrado completamente a esfera pública, não tendo sido exposto, assim, aos problemas da sociedade. Este jovem, na concepção integralista, ainda não teria sido inteiramente corrompido pelo materialismo supostamente hegemônico na sociedade brasileira do pós-guerra. Esta categoria, portanto, ainda seria passível de resgate.

Em suma, sendo forjado como vítima ou como depositário de uma esperança no futuro da nação, a ideia a ser transmitida era a de que o jovem precisava ser institucionalizado pelo movimento: “se o homem é o que a criança foi – é preciso na criança preparar o homem. O sentido dessa preparação está subordinada, não a valores relativos e transitórios, mas a um ideal absoluto”.⁵⁶⁰

3.3 UMA JUVENTUDE ALVO

Institucionalizar e controlar o desenvolvimento intelectual dos jovens. Esse era o maior objetivo do movimento, que via nos indivíduos em formação o futuro do arcabouço ideológico e político que professava. Em função disso, o jovem tornou-se não apenas o alvo, mas o caminho pelo qual as lideranças buscavam a instauração do Estado Integral. A Revolução a ser realizada pelo movimento era construída como heroica justamente por ter, enquanto símbolo, a força e energia juvenis: “a Revolução é um ato de força, pois, de juventude. O movimento revolucionário é um movimento de juventude, de eterna juventude de heróis”.⁵⁶¹

Uma opinião só é digna quando se transforma em ação. Ser contra ou a favor inactivamente é confessar a própria debilidade. Por isso, nós concitamos aos moços que nos aggridam physicamente, se forem contra, e que venham formar em nossas legiões intemeratas, se forem a favor. E quem não assumir uma ou outra attitude, é indigno de pretender lutar comnosco. **Porque esta luta é de mocidade.**⁵⁶²

⁵⁶⁰ AIRES, L. O sentido da formação pliniana. In: SALGADO, Plínio *et al.* **Enciclopédia do integralismo**. Rio de Janeiro: Clássica Brasileira, 1959. p. 73-77. v. IX: O integralismo e a educação. p. 73.

⁵⁶¹ TRINDADE, Helgio. **Integralismo**: o fascismo brasileiro da década de 30. São Paulo: Difel, 1974. p. 218.

⁵⁶² SALGADO, Plínio. **Palavra nova dos tempos novos**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1936. p. 13.

A solução integralista para o problema da crise brasileira era, assim, fundamentalmente a reconstrução do indivíduo através do jovem, lançando ao mundo o homem novo dos tempos novos.⁵⁶³ A obra educacional voltada essencialmente à formação pliniana visava educar a criança “absolutamente integrada na plenitude dos ideais do Sigma, para que seja um brasileiro consciente de suas energias vitais, energia que êle desde muito cedo alimentou e orientou para o sentido de construir uma Pátria consciente, também, dos seus destinos magníficos”.⁵⁶⁴ Assim, conforme aponta Salgado, tinha-se enquanto objetivo:

[...] arrancar a mocidade da Pátria das conspirações, que ainda hoje lavram numa parte da burguezia liberal; arrebatal-a á influência deletéria dos políticos mashorqueiros; afastal-a dos vícios elegantes, dos prazeres nocturnos, que a desfibravam; levantal-a do desanimo, da apathia, do scepticismo; erguel-a do materialismo, da futilidade; libertal-a dos domínios dos instinctos; desmagnetizal-a, sacudindo-a da attitude de adoração ao cosmopolitismo; destruir nella [na juventude] o lamentável complexo de inferioridade racial e nacional.⁵⁶⁵

A ideia de salvação nacional através da juventude encontra-se presente, inclusive, no interior das construções discursivas acerca da crise, no sentido de propagar o princípio de que o colapso da civilização só chegaria ao fim “quando a Nação fosse despertada por uma juventude cuja consciência deveria ser longamente preparada”, obviamente, pelas fileiras do sigma.⁵⁶⁶ Por conta disso, um apelo à mobilização das categorias juvenis em prol da ação salvacionista ocorre ainda em 1932, juntamente do lançamento oficial da AIB. O Manifesto de Outubro foi direcionado, justamente, “à mocidade das escolas e das trincheiras”⁵⁶⁷, ao novo homem do Brasil: conforme comenta Salgado, “depois de percorrer 14 paízes, [...] terminei em Paris “O Esperado” e esbocei o manifesto que pretendia lançar ás novas gerações brasileiras”.⁵⁶⁸

A obra educacional operacionalizada pelo movimento pretendia, desde o seu princípio, garantir, por meio da juventude, a subsistência da doutrina integralista no Brasil futuro. Para tanto, apresentava-se como fundamental a realização de uma obra de rejuvenescimento da nação. Pretendia-se, assim:

⁵⁶³ SALGADO, Plínio. Panorama do Mundo Ocidental. In: SALGADO, Plínio *et al.* **Enciclopédia do integralismo**. Rio de Janeiro: Clássica Brasileira, 1959. p. 97-107. v. IX: O integralismo e a educação. p. 107.

⁵⁶⁴ AIRES, L. O sentido da formação pliniana. In: SALGADO, Plínio *et al.* **Enciclopédia do integralismo**. Rio de Janeiro: Clássica Brasileira, 1959. p. 73-77. v. IX: O integralismo e a educação. p. 74.

⁵⁶⁵ SALGADO, Plínio. **A doutrina do sigma**. São Paulo: Verde Amarelo, 1935. p. 180.

⁵⁶⁶ *Id.* **Despertemos a nação**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1935. p. 12.

⁵⁶⁷ MANIFESTO de outubro de 1932. Rio de Janeiro: Secretaria Nacional de Propaganda, 1932. p. 02.

⁵⁶⁸ SALGADO, **Despertemos a nação**, *op. cit.*, p. 16.

[...] insuflar a energia aos moços, arrancar-os da descrença, da apathia, do scepticismo, da tristeza em que vivem; ensinar-lhes a licção da coragem, inculcando-lhes a certeza do valor que cada um tem dentro de si, como filho do Brasil e da América Latina. Movimentas as massas populares numa grande affirmação de rejuvenescimento.⁵⁶⁹

A Revolução Integralista se daria fundamentalmente através da próxima geração que, tendo sido reeducada em sua mocidade pelo movimento, futuramente, “saberá derrubar ídolos, como derrubará velhos preconceitos e realizará a Nação no Estado, como realizará o Estado numa superior finalidade humana”.⁵⁷⁰ Sobre isso, Salgado ressalta: “Quando pretende o Integralismo attingir o poder? Eis ahi uma coisa que nunca preocupou os camisas-verdes. Se não forem elles, serão seus filhos, porque o essencial é salvar o Brasil, transformal-o numa potência respeitada”.⁵⁷¹ De acordo com tal concepção, a juventude constituía-se na terra fecunda na qual a semente integralista seria plantada, tendo em vista que este jovem, ao escutar a doutrina do sigma, “transmitirá para diante a palavra ouvida e ella será como um rastilho que prosseguirá irrevogavelmente para fazer explodir um dia a dynamite que deverá extinguir o immenso formigueiro dos erros e dos dólors, que estão solapando o organismo do paiz”.⁵⁷²

As estratégias de comunicação de massa voltadas à doutrinação das categorias juvenis eram elaboradas sobre a imagem de um jovem viril, austero e enérgico, que seria o cerne da nova sociedade, regida pelo ideário integrador. Para forjar este jovem com os contornos desejados pelo movimento, o principal instrumento formador era a “educação integral”, visando formar o indivíduo por completo: seu caráter, sua moral, seu desempenho físico e a sua orientação política, que viria a professar e concretizar a doutrina integralista quando atingisse a idade adulta.

Ao longo do amadurecimento do movimento, a definição de jovem sofre transformações. Na primeira fase, posicionada entre os anos de 1934 e 1936⁵⁷³, era considerado jovem a criança de cinco a 18 anos de idade. Neste período inicial, em que o arcabouço ideológico do movimento estava ainda em construção, o conceito de jovem abarcava o período de 13 anos da vida do indivíduo, abraçando-o como sujeito em formação até a chegada da sua maioridade (considerados os padrões etários atuais). Os assuntos

⁵⁶⁹ MANIFESTO de outubro de 1932. Rio de Janeiro: Secretaria Nacional de Propaganda, 1932. p. 08.

⁵⁷⁰ SALGADO, Plínio. **Despertemos a nação**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1935. p. 155.

⁵⁷¹ *Id.* **A doutrina do sigma**. São Paulo: Verde Amarelo, 1935. p. 185.

⁵⁷² *Ibid.*, p. 160-161.

⁵⁷³ Apesar de o movimento voltar o seu discurso às categorias juvenis já em 1932 e ao longo dos primeiros anos de existência legal do movimento, destaca-se que, antes de 1934, não há indícios da existência de ações direcionadas especificamente para a juventude, pois somente a partir do Congresso de Vitória, com o estabelecimento estrutural da AIB, é que a organização juvenil ganhou uma maior atenção do movimento.

relacionados à formação da juventude, nesse momento, eram administrados pela Secretaria de Organização Política (SOP), que tinha um escopo mais amplo de atuação – a fixação da doutrina, por exemplo, era uma das responsabilidades desta pasta.

De acordo com a normatização criada pelo Departamento da Juventude, setor ligado à SOP, os jovens eram divididos em três subcategorias, determinadas por um critério essencialmente etário, conforme amostragem no Quadro 1, a seguir.

Quadro 1 – Subdivisões da Juventude Integralista – primeira fase

JUVENTUDE INTEGRALISTA	PERÍODO: De 1934 a 1936
	DEPARTAMENTO REGULADOR: Secretaria de Organização Política - SOP ⁵⁷⁴
SUBDIVISÕES⁵⁷⁵	FAIXA ETÁRIA
Infantis	05 a 08 Anos
Vanguardeiros	08 a 14 Anos
Pioneiros	14 a 18 Anos

Fonte: A autora (2018), adaptado de Viana.⁵⁷⁶

Apesar desta segmentação, o departamento não atuava significativamente na doutrinação de cada uma das faixas etárias no período. As divisões existiam muito mais por questões formais, para a organização das cerimônias e eventos públicos, do que para a formulação consistente de um projeto educacional e formador. Ainda assim, é possível observar que o objetivo de utilizar o jovem para conquistar o núcleo familiar tradicional como um todo era perseguido pelo movimento já nessa época. A organização familiar era vista pelo integralismo como uma espécie de reprodução, em minúscula escala, do modelo de Estado pretendido. Interpretada como “a base da felicidade na terra, das únicas venturas possíveis”⁵⁷⁷ a família, de acordo com o movimento, seria o “conforto de todos os instantes, estímulos de

⁵⁷⁴ VIANA, Giovanni Noceti. **Orientar e disciplinar a liberdade**: um estudo sobre a educação nas milícias juvenis integralistas – 1934/1937. 2008. 134 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008. p. 87.

⁵⁷⁵ Verifica-se que até o momento, poucos estudos historiográficos trazem reflexões sobre a juventude integralista, sendo que algumas referências não apresentam consistência ou sustentação documental. João Fábio Bertonha, por exemplo, apresenta uma divisão incompatível com os registros oficiais da AIB, sendo, necessário estabelecer um aprofundamento teórico e arquivístico. Segundo o historiador, a subdivisão foi a mesma durante todo o período da legalidade do integralismo e apresenta nomenclaturas que não estão registradas nas secretarias do movimento.

⁵⁷⁶ VIANA, *op. cit.*

⁵⁷⁷ MANIFESTO de outubro de 1932. Rio de Janeiro: Secretaria Nacional de Propaganda, 1932. p. 06.

todos os dias, esperança de perpetuidade no sangue e na lembrança affectuosa, eis o que é família, fonte de perpétua de espiritualidade e de renovação, ao mesmo tempo projecção da personalidade humana”.⁵⁷⁸

O que deveria ser o Estado Integralista começaria, obrigatoriamente, dentro dos lares, no seio das famílias brasileiras. E, para chegar ao coração desta família, as energias dos doutrinadores estavam voltadas para o jovem, tido como primeira célula do organismo familiar, cujo dever era propagar o ideal integralista inclusive em seu seio familiar. A *Cartilha do Pliniano*, documento voltado especificamente à doutrinação da juventude integralista, assinala que é dever da juventude “cumprir todos os seus compromissos, frequentar o seu Núcleo, obedecer, sem discutir, os seus superiores, não vacillar deante de nada quando se trata do seu ideal e propagar onde estiver, corajosamente, a doutrina integralista”.⁵⁷⁹

Fica evidente, com isso, a busca por uma espécie de “cercamento” do organismo familiar em sua totalidade. Buscava-se inicialmente o homem, o chefe da casa. Ao mesmo tempo, o movimento contava com mecanismos específicos voltados para a conquista da mulher. E, com especial atenção e afinco, o movimento se dedicava a angariar jovens, para que deles partisse a concretização do ideal integralista nos âmbitos público e também privado. Constata-se que a estratégia estava centrada no fato de que, caso o movimento não alcançasse êxito no alistamento de homens e mulheres como adeptos às fileiras do movimento, a arregimentação de jovens poderia conquistar a família.

A partir de 1936, o movimento evolui e ganha um novo viés, dessa vez com os olhos voltados às eleições que aconteceriam em 1937. A mudança no perfil do partido para agregar o maior número possível de apoiadores começou pela criação de novas secretarias no âmbito burocrático. Entre as muitas novas divisões, uma em especial teve papel preponderante: a Secretaria de Arregimentação Feminina e da Juventude (SAFJ), fundada para engordar os quadros do partido com mulheres e jovens, além de desenvolver o poder de controle sobre estes dois grandes grupos. Nessa fase, o movimento abandona o viés essencialmente revolucionário para voltar-se ao convencimento das massas, necessário para enfrentar o pleito eleitoral que se aproximava.

É significativo o fato de que a classificação etária da juventude sofre uma mudança relevante neste momento. Passam a ser do interesse do partido crianças de quatro a 15 anos (e não mais de 05 a 18, como anteriormente) e o Departamento da Juventude, que antes

⁵⁷⁸ MANIFESTO de outubro de 1932. Rio de Janeiro: Secretaria Nacional de Propaganda, 1932.

⁵⁷⁹ CARTILHA do pliniano. Rio Claro: Edição do núcleo municipal de Rio Claro, 1934.

englobava três grupos etários, agora ganha uma quarta subdivisão, compartimentando ainda mais a identidade dos jovens enquadrados na idade de interesse do partido. A essa altura, as crianças eram divididas em infantis, lobinhos, vanguardeiros e pioneiros. Além disso, a juventude passa a ser vista como uma fase de transição entre a infância e a maturidade, período em que o indivíduo edificaria sua identidade, sua personalidade e seu caráter por completo. Segundo as regras da doutrina, “ao completarem 16 anos, todos se inscreviam nas Forças Integralistas: milícia, decúria, terço, bandeira ou legião”.⁵⁸⁰ Verifica-se, no Quadro 2, na sequência, essa nova organização da juventude.

Quadro 2 – Subdivisões da Juventude Integralista – segunda fase

JUVENTUDE INTEGRALISTA	PERÍODO: De 1936 a 1937
	DEPARTAMENTO REGULADOR: Secretaria de Arregimentação Feminina e da Juventude (SAFJ)
SUBDIVISÕES	FAIXA ETÁRIA
Infantis	04 a 06 Anos
Lobinhos	07 a 09 Anos
Vanguardeiros	10 a 12 Anos
Pioneiros	13 a 15 Anos

Fonte: A autora (2018).

Não foi encontrado, nas fontes analisadas na presente pesquisa, qualquer registro formal que comprove alguma classificação por gênero entre os jovens e suas atividades e atribuições. Apesar disso, é possível observar diferenças importantes no tratamento e no direcionamento educacional para meninos e meninas. Conforme aponta Salgado,

Educar é guiar alguém para o seu fim próprio. Ora, de início, afirmamos a absoluta igualdade do homem e da mulher como seres humanos, dotados de personalidades e destinados a um fim sobrenatural. Afirmamos também, a sua comum natureza social, dependente do convívio humano, material, intelectual e moralmente. Reconhecemos entre o homem e a mulher um complexo de espírito e corpo em unidade substancial, entre ambos uma profunda diversidade psicológica. Essa diversidade se reflete no terreno social indicando-lhes atribuições diferentes.

⁵⁸⁰ THOMÉ, Nilson. Movimento escoteiro: projeto educativo extraescolar. **Revista HISTEDBR**, Campinas, n. 23, p. 171-194, set. 2006. Disponível em: http://www.escoteiros.org.br/wp-content/uploads/2016/02/movimento_escoteiro_projeto_educativo_extra_escolar-1.pdf. Acesso em: 15 dez. 2017. p. 181.

Notamos que as duas naturezas são capazes de colaboração e enriquecimento mútuo pela união. Dessa colaboração harmoniosa, em diversidade de atribuições e unidade de fins, depende a plenitude da vida social.⁵⁸¹

Considerada nem inferior nem superior, mas diferente do homem⁵⁸², a mulher é entendida pelo integralismo a partir de uma concepção romantizada, que tem a figura feminina como entidade essencialmente “altruísta, ou mais exatamente “alterocentrista”, no sentido de que situa o centro de seu prazer e de sua ambição não nela mesma, senão nas pessoas que ama, e por quem deseja ser amada: espôso, filho, pai, amigo”.⁵⁸³ A mulher se diferenciava do homem psicologicamente e também moralmente, especialmente pela tendência organicamente feminina “de dar-se, de sacrificar-se”⁵⁸⁴ em prol do próximo.

No esporte, por exemplo, considerado pelo movimento ferramenta fundamental para o desenvolvimento sadio do corpo e do intelecto, os meninos eram estimulados, desde cedo, a praticar exercícios militares, realizados por meio de jogos, competições, e acampamentos. Enquanto isso, as meninas, por serem consideradas frágeis e menos capazes fisicamente, eram levadas apenas às práticas mais amenas como alongamentos e exercícios mais leves, pois, conforme apresenta Simões:

Aos homens interessava a “combatividade, a força, a disciplina, necessárias para o amoldamento a certos conceitos de conduta, a certas normas de disciplina social, mais rígidas em sua apreensão” (Loyola, 1935f, p. 5). Às mulheres eram recomendadas apenas as práticas esportivas que não viessem a comprometer a sua feminilidade e lhe preservassem a fertilidade.⁵⁸⁵

Verifica-se, assim, que de acordo com o movimento, a função física que distinguiria o homem da mulher manifesta-se, em primeira instância, na maternidade⁵⁸⁶, pois “se o homem representa um momento da história, a mulher representa a sucessão das gerações”; se “o homem encarna o valor eterno do tempo, a mulher encarna o infinito da raça”.⁵⁸⁷ Ao considerar a maternidade a função primordial da mulher para com a nação, o incentivo da prática do esporte e da educação física tinha por pressuposto a ideia de que “os fortes

⁵⁸¹ CORBISIER, M. C. A. Integralismo e educação feminina. In: SALGADO, Plínio *et al.* **Enciclopédia do integralismo**. Rio de Janeiro: Clássica Brasileira, 1959. p. 63-69. v. IX: O integralismo e a educação. p. 67.

⁵⁸² DIAS, Carmen Pinheiro. A mulher e o integralismo. In: SALGADO, Plínio *et al.* **Enciclopédia do integralismo**. Rio de Janeiro: Clássica Brasileira, 1959. p. 81-93. v. IX: O integralismo e a educação. p. 83.

⁵⁸³ *Ibid.*, p. 83-84.

⁵⁸⁴ *Ibid.*

⁵⁸⁵ SIMÕES, Renata Duarte; GOELLNER, Silvana Vilodre. Educação Física e esportes na Ação Integralista Brasileira: Hollanda Loyola e a educação do corpo. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 26, p. 263-272, 2012. p. 268.

⁵⁸⁶ DIAS, *op. cit.*

⁵⁸⁷ *Ibid.*, p. 87.

descendem dos fortes”.⁵⁸⁸ O esporte era assim tido como meio privilegiado para a regeneração da raça, pois através dele o movimento cultivaria corpos e mentes saudáveis à nação. “O aperfeiçoamento eugênico, alicerçando-se no aprimoramento do físico, era compreendido como o promotor do afastamento dos vícios da raça e o aprimoramento higiênico o promotor dos corpos saudáveis que iriam salvar o Brasil”.⁵⁸⁹

Sendo uma das práticas centrais do controle e aprimoramento das categorias juvenis, a prática de esportes e a ideia de uma educação física assumem, na concepção integralista, uma série de funções. Ao citar Hollanda Loyola, mestre de campo da Milícia Integralista (No Distrito Federal – RJ), diretor da Escola Técnica de Instrutores de Educação Física Integralista e um dos principais colunistas do jornal integralista *A Offensiva*, Simões destaca:

Nos seus escritos, Loyola elenca vários fins para a Educação Física nacional, sendo o primeiro deles considerado como corretivo, pois, por meio de exercícios específicos, esperava-se que a Educação Física corrigisse deficiências dos aparelhos respiratório, circulatório e digestivo, da coluna tais como cifose, lordose e escoliose. Como segunda finalidade, o autor destaca a atuação da Educação Física na adaptação do organismo de modo a prepará-lo para vida, de trabalhá-lo para a obtenção de saúde, da força e da resistência. Por fim, indica a ação da Educação Física na formação moral do indivíduo, por meio da associação da aptidão física ao desenvolvimento físico, agindo para a aquisição das qualidades morais superiores.⁵⁹⁰

Assim, a obra voltada às categorias juvenis pretendia preparar as gerações futuras por meio de uma educação física e esportiva, visando “a formação completa do homem, desde o cuidado com a sua constituição física até a formação do seu caráter, sem descuidar o aperfeiçoamento de sua inteligência e da capacidade efetiva de “ganhar a vida”.⁵⁹¹ Visando a transmissão de valores como “a autoridade, a disciplina, a obediência, o trabalho, a recreação e o respeito mútuo, princípios indispensáveis à paz e prosperidade coletivas”⁵⁹², a escola de formação pliniana pretendia educar o jovem especialmente “para os revezes e para as vicissitudes”⁵⁹³ da vida, pois só “triumfa na vida aquele que sabe arrastar uma desilusão. E é

⁵⁸⁸ SIMÕES, Renata Duarte; GOELLNER, Silvana Vilodre. Educação Física e esportes na Ação Integralista Brasileira: Hollanda Loyola e a educação do corpo. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, v. 26, p. 263-272, 2012. p. 268.

⁵⁸⁹ *Ibid.*

⁵⁹⁰ *Ibid.*, p. 267.

⁵⁹¹ BACKEUSER, Everardo. Integralismo da educação. In: SALGADO, Plínio *et al.* **Enciclopédia do integralismo**. Rio de Janeiro: Clássica Brasileira, 1959. p. 17-26. v. IX: O integralismo e a educação. p. 26.

⁵⁹² PENNA, Belisário. A mulher e a família, o lar e a escola. In: SALGADO, Plínio *et al.* **Enciclopédia do integralismo**. Rio de Janeiro: Clássica Brasileira, 1959. p. 41-59. v. IX: O integralismo e a educação. p. 52.

⁵⁹³ AIRES, L. O sentido da formação pliniana. In: SALGADO, Plínio *et al.* **Enciclopédia do integralismo**. Rio de Janeiro: Clássica Brasileira, 1959. p. 73-77. v. IX: O integralismo e a educação. p. 76.

um derrotado aquêlo que sonha sempre melhores quinhões”.⁵⁹⁴ Formaria-se, nesse sentido, “a inquebrantabilidade necessária para o legítimo êxito da vida”.⁵⁹⁵ Por esse motivo, o integralismo constituía-se em uma escola, em primeiro lugar, de orientação e de disciplina, de formação de meninos e de meninas dentro dos modelos de homem e de mulher integral.

Masculino ou feminino, o fato é que a juventude era o troféu mais cobiçado pelas lideranças do movimento. Considerados como os “pequeninos soldados do Sigma, a grande Legião invensível de amanhã”, os jovens eram tidos como o caminho mais rápido para a realização da pretendida Revolução Espiritual, especialmente por serem compreendidos como entidades ainda imunes à degradação moral e espiritual provocada pela influência materialista. O caráter cristalino ainda não submetido aos malefícios da sociedade moderna tornava a juventude a única esperança para um futuro promissor para a nação, o pliniano, a grande esperança “das nossas labutas e das nossas porfias”.⁵⁹⁶

Ao mesmo tempo, a pureza de alma que representava a esperança também configurava-se em uma espécie de ameaça, na visão do movimento. Suscetíveis aos estímulos externos e com a personalidade ainda em construção, os jovens seriam organicamente vulneráveis a todo e qualquer tipo de corrupção, especialmente por estarem no Brasil, tendo em vista que, na concepção integralista, “em nenhum paiz do mundo é mais fácil a introdução de qualquer doutrina, de qualquer ordem de idéas”.⁵⁹⁷ A explosão de energia e vitalidade, que poderia gerar transformações positivas no âmbito social, também poderia voltar-se para os aspectos negativos, resultando em um indivíduo maduro adulterado em sua essência pelos estímulos negativos do pensamento moderno. Daí a importância de exercer o controle sobre o desenvolvimento deste jovem já nos primeiros anos de sua infância, minimizando o risco de perdê-lo.

A crença integralista era de que os valores que seriam transmitidos para as crianças na fase inicial tornariam-se perenes na personalidade do indivíduo. Era preciso ganhar a criança o mais rápido possível para, assim, transmutá-la no ideal integralista. Sendo o homem o que a criança foi, o jovem doutrinado nas fileiras do sigma engrossaria os futuros quadros da Ação Integralista Brasileira (AIB), compondo o Estado Integral a ser implantado, no qual este jovem estaria entre os membros mais ativos do governo. Mais do que isso: nos momentos decisivos para a implantação do regime, este adulto (que no passado foi um jovem formado

⁵⁹⁴ AIRES, L. O sentido da formação pliniana. In: SALGADO, Plínio *et al.* **Enciclopédia do integralismo**. Rio de Janeiro: Clássica Brasileira, 1959. p. 73-77. v. IX: O integralismo e a educação.

⁵⁹⁵ *Ibid.*

⁵⁹⁶ DELAMARE, Alcebiades. **Aos moços universitários**. Sessão solene do dia 6 de maio de 1937. p. 74.

⁵⁹⁷ SALGADO, Plínio. **Despertemos a nação**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1935. p. 102.

dentro do ideário) teria participação definitiva em favor da instalação da nova ordem nacional. A Cartilha do Pliniano postulava que o preenchimento das posições estratégicas dentro da estrutura estatal integralista deveria ser a maior ambição de um jovem. Nesse sentido, o movimento pretendia ser, também, “uma escola de commandantes”.⁵⁹⁸

– *Deve ser motivo de orgulho pertencer a Juventude Integralista?* – Sim. Deve constituir motivo de orgulho vestir a camisa-verde dos soldados de Deus e do Brasil e ser um dos obreiros da Pátria Nova. [...] – *Qual deve ser a mais bela ambição de um Jovem Integralista?* – Morrer pela sua Pátria, pelo seu Deus, pelo ideal e pelo Chefe Nacional.⁵⁹⁹

Este seria um indivíduo imbuído dos mais rígidos valores morais, capaz de elevação espiritual e adepto dos preceitos da hierarquia e da disciplina, disposto a dedicar os mais elevados sentimentos à pátria e ao civismo, minimizando o peso do individualismo liberal e exaltando a virtude da coletividade agregadora. Era o homem integral almejado para o futuro do país. Em busca deste ser idealizado e sacralizado foi empreendido todo o esforço de educação. O “cidadão-soldado”, aquele redimido pelo sofrimento em favor de seu povo e consciente da integralidade da nação, era quem representava à perfeição o ideal do movimento. Quando esse homem se concretizasse enquanto ser social viável, o movimento integralista teria o caminho livre para implantar-se definitivamente. Estaria concretizado e seguro, por meio de seu protagonista, o homem sem egoísmos e capaz de todo o altruísmo em nome do seu país e de sua família. Os jovens seriam, assim, “os arautos do advento da Idade Nova, que breve será instaurada no Brasil sob o signo sagrado do Cristo e a flâmula bendita do Sigma”.⁶⁰⁰ Seria o integralismo um movimento de juventude. Um movimento pertencente, fundamentalmente, às futuras gerações.⁶⁰¹

Duvidas por ventura que a hora que estamos vivendo, entre as apreensões alarmantes da guerra civil e as soturnas perspectivas das subversões sociais, pertence mais às novas gerações, de que sois formosa expressão de varonilidade, coragem, idealismo, do que a nós outros que carregamos sôbre os ombros o fardo de dois séculos de embuste filosófico, de sofismas científicos, de sociologismos empíricos, de economismos desumanos?

Morava dentro de cada jovem o embrião para este ser quase mitológico, que detinha o poder de mudar os destinos da nação, segundo o ideário do movimento. Uma nova sociedade guiada pela virtude só seria possível quando esses indivíduos fossem a maioria entre o povo.

⁵⁹⁸ SALGADO, Plínio. **Despertemos a nação**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1935. p. 29.

⁵⁹⁹ CARTILHA do pliniano. Rio Claro: Edição do núcleo municipal de Rio Claro, 1934.

⁶⁰⁰ DELAMARE, Alcebiades. **Aos moços universitários**. Sessão solene do dia 6 de maio de 1937. p. 66.

⁶⁰¹ *Ibid.*, p. 65.

Entende-se, então, o porquê do insistente foco na formação da nova geração. Dela dependia a concretização do ideal integralista. Salgado afirma que “a geração nova precisa estar convencida de que o “homem” que ella deverá engendrar não poderá ser uma só cousa: um caudilho, um cabo eleitoral, um santo, um cientista, um philosopho, um agitador, mas um pouco de tudo isso”.⁶⁰²

Para além do objetivo político de tomar o poder por meio da disputa das eleições, o movimento enxergava a presença do jovem ultrapassando as aspirações palacianas. Mesmo que o Estado Integral nunca chegasse a ser implantado, a presença do jovem doutrinado ainda seria determinante para o desenvolvimento positivo da sociedade. Ao atuar para a evolução moral da coletividade, este homem estaria contribuindo para o crescimento cívico e espiritual do povo brasileiro – argumento que justificaria a importância da formação dos jovens, mesmo em caso de arrefecimento da atuação política do partido.

Personificar a semente do integralismo para germiná-la nas futuras gerações. Essa era a função instrumental do jovem e o objetivo maior dos doutrinadores. Moldar o pensamento e o caráter dos jovens era a mais importante missão do movimento integralista que, melhorando a sociedade por meio de seus padrões de conduta e comportamento, considerava a preparação das crianças e sua transformação nos futuros homens integrais como sua mais sublime tarefa. “Reerguer nossa Pátria pela educação do nosso povo: eis o que exige a tradição do nosso passado e os deveres que nos ocorrem perante o futuro”⁶⁰³, afirma Salgado.

Arma política, peça publicitária, alvo e instrumento. Isso era o jovem para o movimento. Ainda criança, era visto ao mesmo tempo como um objetivo a ser alcançado e uma peça bruta a ser lapidada. Enquanto atuava, mesmo sem plena consciência, como difusor das virtudes da ideologia, também era preparado sob rígidos padrões para concretizar a revolução social e política pretendida pelas lideranças. Assim, os princípios integralistas deveriam “ser implantados não só para eficiência da escola, como por sua benéfica influência sôbre os educandos, em cujos cérebros receptíveis se gravarão, para despertar em todo tempo e serem praticados nos respectivos futuros lares”.⁶⁰⁴ Era necessário, no entanto, “apontar com mão forte e decidida o caminho que toda uma juventude deve seguir, se quisermos salvar o Brasil”.⁶⁰⁵

⁶⁰² SALGADO, Plínio. **Despertemos a nação**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1935. p. 105.

⁶⁰³ *Id.* Educação. In: SALGADO, Plínio *et al.* **Enciclopédia do integralismo**. Rio de Janeiro: Clássica Brasileira 1959. p. 119-127. v. IX: O integralismo e a educação. p. 127.

⁶⁰⁴ PENNA, Belisário. A mulher e a família, o lar e a escola. In: SALGADO, Plínio *et al.* **Enciclopédia do integralismo**. Rio de Janeiro: Clássica Brasileira, 1959. p. 41-59. v. IX: O integralismo e a educação. p. 52.

⁶⁰⁵ SALGADO, Plínio. **A doutrina do sigma**. São Paulo: Verde Amarelo, 1935. p. 41.

3.4 A IMAGEM-SÍMBOLO DO JOVEM

Adepto do mito fascista de uma “esplendorosa juventude”⁶⁰⁶, o integralismo imputou ao jovem uma dimensão exclusivamente simbólica, representando o futuro a ser construído na coletividade idealizada. Ao carregar o cerne dos valores do altruísmo, da coragem e da abnegação em nome da pátria, plasmava-se a sociedade virtuosa em construção através da imagem de cidadão ideal a ser seguido.

Afirmando ser o integralismo um movimento de mocidade, Salgado lembrava que os homens mais velhos não teriam a capacidade de compreender a doutrina do sigma em sua totalidade, pois a ideia de revolução seria para estes “homens de idade avançada, tão incommodo como se vos faltassem as mil pequenas cousas de vossos hábitos pacatos, cultivados em quarenta anos de vida material, sem finalidade, sem inquietações”.⁶⁰⁷ É nesse viés que o líder integralista acrescenta:

As mentalidades crepusculares não entenderão estas palavras. Mas eu não falo aos gastos, ao que já não governam os próprios movimentos, aos que acompanham a onda e já se conformaram com todas as monotonias. Falo aos que são moços e aos que se rejuveneceram pela libertação da inteligência e pelo milagre da palavra nova.⁶⁰⁸

Ao eleger a mocidade como símbolo doutrinário do integralismo, o movimento operou através da oposição juventude *versus* senilidade ou, se for mais adequado ao argumento, energia para a ação x acomodação. Mobilizando a sociedade para que esta “rejuvenesça”⁶⁰⁹, o movimento constrói a imagem como simbolismo de “força, optimismo e energia creadora”⁶¹⁰, em alteridade à imagem de uma sociedade que, sendo senil, simbolizaria a acomodação, a preguiça, a falta de energia e a aceitação passiva dos problemas da nação. Sobre isso, Salgado afirma: “mocidade é anti-materialismo, é anti-scepticismo, é anti-commodismo, é anti-melancolia”.⁶¹¹ A noção integralista de juventude recobria, assim, a “uma vasta gama de valores, ao mesmo tempo cívicos, morais e estéticos: O vil não pode ser jovem: [...] ele é

⁶⁰⁶ MALVANO, Laura. O mito da juventude transmitido pela imagem: o fascismo italiano. In: LEVI, Giovanni; SCHMITT, Jean-Claude. **História dos jovens 2 – a época contemporânea**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 259-290. p. 278.

⁶⁰⁷ SALGADO, Plínio. **A doutrina do sigma**. São Paulo: Verde Amarelo, 1935. p. 146.

⁶⁰⁸ *Id.* **Palavra nova dos tempos novos**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1936. p. 07-08.

⁶⁰⁹ *Id.* **A doutrina do sigma**, *op. cit.*, p. 195.

⁶¹⁰ *Id.* **Palavra nova dos tempos novos**, *op. cit.*, p. 09.

⁶¹¹ *Ibid.*

velho, decadente. O ‘jovem’ implica uma alma de herói”.⁶¹² Imbuído dessas crenças, Salgado lança um apelo à militância integralista: “Que os “camisas-verdes” de todas as idades não envelheçam. Essa é uma palavra de ordem!”.⁶¹³

Longe de ser atribuída a um critério meramente etário, a construção simbólica da juventude traz à tona a ideia de que “ser moço é evitar que as algemas dos preconceitos nos immobilizem e que o despotismo da moda nos escravize. E’ romper com o costumeiro, com os hábitos dos morigerados, com a prudência dos covardes”.⁶¹⁴ Juventude significava força, coragem e ação, signos estéticos que denunciavam o tipo de cidadão que se pretendia construir para o Brasil. Conforme aponta Malvano, “será, evidentemente, a imagem do efebo atlético e vigoroso, harmoniosamente dotado, todo beleza e juventude, a quem tocará simbolizar o *homo novus* do fascismo ou, mais precisamente, o próprio fascismo”.⁶¹⁵ Esse homem novo representado pela figura do jovem simbolizava, sobretudo, a energia necessária para a realização de uma real transformação social, opondo-se, assim, ao medo e à apatia pintados como característicos dos indivíduos de idade avançada.

Este movimento de renovação espiritual que proponho, comquanto aspire a harmonia e solidariedade humanas, é de energia. Qualquer homem, de qualquer idade, tendo de entrar para elle, que se rejuvenesça primeiro. A Nicodemos, Christo affirmou: é preciso nascer de novo para encontrar a salvação. E nós gritamos: é preciso illuminar-se de perpetua juventude, para formar em nossas fileiras.⁶¹⁶

Outro exemplo da utilização da juventude como símbolo doutrinário encontra-se na tentativa de atribuir ao jovem o papel de representante da ideia de redenção de toda e qualquer individualidade em prol do bem da nação. Nesse sentido, ser jovem significaria não só força, coragem e liberdade, mas também ampla capacidade de renúncia “a tudo, a começar de si próprio, para accommetter a perigosa face do desconhecido futuro”.⁶¹⁷ herdando o tradicional simbolismo da conexão juventude e guerra, “com suas decorrências – generosidade, sensibilidade inquieta e antecipadora e, enfim, a morte heroica pela pátria”⁶¹⁸, o integralismo atribuiu à imagem do jovem os simbolismos da violência e do belicismo em prol dos interesses do movimento. Tanto que Salgado costumava afirmar com frequência: “é preciso

⁶¹² MALVANO, Laura. O mito da juventude transmitido pela imagem: o fascismo italiano. In: LEVI, Giovanni; SCHMITT, Jean-Claude. **História dos jovens 2 – a época contemporânea**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 259-290. p. 259.

⁶¹³ SALGADO, Plínio. **Palavra nova dos tempos novos**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1936. p. 07.

⁶¹⁴ *Ibid.*, p. 10-11.

⁶¹⁵ MALVANO, *op. cit.*, p. 261.

⁶¹⁶ SALGADO, *op. cit.*, p. 11-12.

⁶¹⁷ *Ibid.*, p. 13.

⁶¹⁸ MALVANO, *op. cit.*, p. 259.

que todos os “camisas-verdes” recebam a palavra de ordem: perseverae na perenne juventude!”.⁶¹⁹

Todavia, para que a mocidade assumisse a nobre missão de plasmadora do futuro da nação, era necessário que dignificasse “a sua Pátria no trabalho, no estudo, no aperfeiçoamento moral, intellectual e physico”⁶²⁰ através do integralismo. Para tanto, todo um aparato de mecanismos doutrinários foi instituído pelo movimento.

3.5 OS MECANISMOS DA DOCTRINAÇÃO

Contrário aos estrangeirismos e à importação de culturas, o integralismo assinalava posições fortemente anti-cosmopolitas, marcando sua doutrina pela hipervalorização do localismo, da cultura nacional e da necessidade de uma originalidade política. Embora marcassem de forma contundente essa busca por valores e conceitos autóctones, os líderes caíam em contradição na elaboração do programa educacional para a formação pliniana, baseado inteiramente na doutrina escotista, “movimento educacional cívico-patriótico criado em 1907 por Baden-Powell, na Inglaterra”⁶²¹, que visava a formação de crianças e jovens “num ideário que valorizava, de forma acentuada, o sentimento de pertencimento à Nação [...], o enaltecimento de símbolos nacionais, e o respeito à ordem e à disciplina social”.⁶²²

Sendo o escotismo destinado essencialmente à formação moral e cívica da juventude, torna-se evidente a simpatia da AIB com a doutrina. Contudo, apesar da aproximação ideológica, na prática o mútuo apoio entre a União dos Escoteiros do Brasil (UEB) e a AIB perdurou apenas até o ano de 1936, pois após uma reorganização da estrutura da UEB, a tentativa de uma real incorporação dos plinianos ao movimento não foi aceita, pela justificativa de que discussões políticas e religiosas não eram admitidas no escotismo.⁶²³ Apesar disso, o regulamento do Departamento da Juventude demonstra que o movimento contava com uma *Divisão de Escotismo*, “compreendendo uma secção technica e uma secção de serviço”.⁶²⁴

⁶¹⁹ SALGADO, Plínio. **Palavra nova dos tempos novos**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1936. p. 10-11. p. 14.

⁶²⁰ *Id.* **O que é o integralismo**. Rio de Janeiro: Schmidt, 1933. p. 128.

⁶²¹ NASCIMENTO, Adailson de Oliveira. **Sempre Alerta! O movimento escoteiro no Brasil e os projetos nacionalistas de educação juvenil, 1910-1945**. 2004. 149 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004. p. 09.

⁶²² *Id.* Movimento escoteiro e cultura política nacionalista no Brasil na primeira metade do século XX. In: MOTTA, Rodrigo Patto Sá (Org.). **Culturas políticas na história: novos estudos**. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2009. p. 39-58. p. 46.

⁶²³ *Ibid.*

⁶²⁴ HENRIQUES, Irene de Freitas. **Regulamento do Departamento da Juventude Integralista**. Rio de Janeiro: Secretaria Nacional de Arregimentação Feminina e da Juventude, 1936.

A primeira abrangia os serviços de Organizações, Operações e Instrução; e a segunda compreendia os de Intendência, Saúde e Disciplina e Justiça [...]. Segundo Héglio Trindade, a Divisão de Escotismo compreendia “Instrução paramilitar, com uma seção técnica para elaboração dos planos de operações e um acampamento-escola com o objetivo de ensinar como se tornar chefe [...]”.⁶²⁵

A formação pliniana também se aproximava significativamente da doutrina escotista por atribuir às excursões e acampamentos um papel central na doutrinação das categorias juvenis. Visando desenvolver o sentimento de civismo nos jovens e crianças que compunham as fileiras do movimento, o integralismo buscava o aprimoramento físico, moral e intelectual da juventude através da “prática de jogos desportivos, excursões e passeios, [...] ensinando-lhes todos os serviços úteis à coletividade, trabalhos domésticos, além da instrução primária e da educação moral e profissional”.⁶²⁶ Inserido em um contexto de supervalorização da educação militarizada pelos meios pedagógicos, o integralismo defendia, assim, a natureza “como o principal lócus de procura do perfil humano necessário àquele contexto, em detrimento da usual busca por esse homem voltada aos campos de batalha”.⁶²⁷ Assim, no escotismo, “excursões e acampamentos opõem-se à vida urbana moderna e combatem a impessoalidade e a *decadência urbana*”.⁶²⁸ Conforme aponta o regulamento, as excursões voltadas a juventude integralista compreendiam:

[...] passeios hebdomadários ao campo, á montanha ou ás praias durante os quais serão ministrados as creanças conhecimentos sobre a natureza, fazendo-se estudos sobre as plantas, flôres, fructos, pedras, animaes, sendo que dessas excursões as creanças farão uma pequena descripção não só para desenvolvimento de sua inteligência, como servirão de tosts de observação, de memória e outros.⁶²⁹

Por estar edificada sobre valores como disciplina, ordem, hierarquia, patriotismo e coletividade, a doutrina escotista tornou-se inspiração e modelo para o projeto educacional integralista. Devido ao seu caráter militar e à valorização do civismo, foi possível adaptar

⁶²⁵ THOMÉ, Nilson. Movimento escoteiro: projeto educativo extraescolar. **Revista HISTEDBR**, Campinas, n. 23, p. 171-194, set. 2006. Disponível em: http://www.escoteiros.org.br/wp-content/uploads/2016/02/movimento_escoteiro_projeto_educativo_extra_escolar-1.pdf. Acesso em: 15 dez. 2017. p. 182.

⁶²⁶ CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. **Integralismo**: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937). Bauru: EDUSP, 1999. p. 69.

⁶²⁷ HEROLD JR., Carlos; VAZ, Alexandre Fernandez. Educação corporal, escotismo e militarismo (1908-1941). **Movimento – Revista de Educação Física da UFRGS**, Porto Alegre, v. 21, n. 4, p. 1011-1023, out./dez. de 2015. doi: <http://dx.doi.org/10.22456/1982-8918.53323>. p. 1014.

⁶²⁸ NASCIMENTO, Adailson de Oliveira. **Sempre Alerta! O movimento escoteiro no Brasil e os projetos nacionalistas de educação juvenil, 1910-1945**. 2004. 149 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004. p. 65-66.

⁶²⁹ HENRIQUES, Irene de Freitas. **Regulamento do Departamento da Juventude Integralista**. Rio de Janeiro: Secretaria Nacional de Arregimentação Feminina e da Juventude, 1936.

praticamente todo o esqueleto da formação escotista para aplicação imediata no cenário brasileiro, na medida em que a doutrina de Baden-Powell previa “o desenvolvimento do caráter e da saúde dos cidadãos e, conseqüentemente, da nação [...], por meio de virtudes não contempladas no sistema escolar”.⁶³⁰ Acreditava-se, acima de tudo, que “a prática controlada de exercícios ao ar livre e a criação de um senso de responsabilidade com o autodesenvolvimento da saúde corporal levariam a uma queda nos índices de mortalidade infantil e de deficiência mental e física”.⁶³¹

Além dos semelhantes objetivos e de uma mesma valorização da prática de atividades ao ar livre, destaca-se que até mesmo as subdivisões da juventude integralista encontram ressonância nos ramos de divisão escoteiras. No escotismo, foram instituídas quatro subdivisões: Lobinhos, para meninos e meninas de 07 a 10 anos; Escoteiros, para rapazes e moças de 11 a 14 anos; Sênior, para rapazes e moças de 15 a 17 anos; e Pioneiros, para rapazes e moças de 18 a 21 anos incompletos.⁶³² A partir dessa organização, vê-se que duas das subdivisões integralistas instituídas pelo movimento após 1936 tinham a mesma nomenclatura escotista: Os lobinhos e os pioneiros. Além disso, *Anauê!* era, inicialmente, uma das saudações da União dos Escoteiros do Brasil (UEB). Sendo utilizada pelos escoteiros durante um largo período de tempo, “foi abandonada após sua adoção pela Ação Integralista Brasileira, na década de 1930”.⁶³³ Em suma, destaca-se que: “a relação entre o Movimento Escoteiro e a Ação Integralista Brasileira é um bom exemplo da apropriação do escotismo por parte de grupos nacionalistas conservadores”.⁶³⁴

Com base nesse arcabouço educacional baseado no escotismo, o movimento integralista encontrou duas maneiras de formar o jovem: através de uma doutrinação prática e através de uma doutrinação teórica. Educação física, esportes, acampamentos, ginástica, concursos e rituais eram os principais pilares da parte prática da educação integralista. Por meio do aprimoramento do corpo e das atividades coletivas que elevavam o espírito para socialização saudável dos indivíduos, o movimento buscava fomentar as virtudes mais almejadas no homem integral do futuro. Este homem ideal, além de promover a revolução

⁶³⁰ NASCIMENTO, Adailson de Oliveira. **Sempre Alerta! O movimento escoteiro no Brasil e os projetos nacionalistas de educação juvenil, 1910-1945**. 2004. 149 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004. p. 09.

⁶³¹ *Ibid.*, p. 28.

⁶³² THOMÉ, Nilson. Movimento escoteiro: projeto educativo extraescolar. **Revista HISTEDBR**, Campinas, n. 23, p. 171-194, set. 2006. Disponível em: http://www.escoteiros.org.br/wp-content/uploads/2016/02/movimento_escoteiro_projeto_educativo_extra_escolar-1.pdf. Acesso em: 15 dez. 2017. p. 177.

⁶³³ NASCIMENTO, *op. cit.*, p. 46.

⁶³⁴ *Ibid.*, p. 93.

política nacional, também contribuiria para o aprimoramento da raça brasileira por meio da higiene, das atividades físicas, da prática de esportes e da sanidade do corpo. A Educação Sanitária promovida pelo Departamento da Juventude previa, assim, “a disseminação dos preceitos de hygiene individual e collectiva, extensivos as famílias, as quaes serão também ministrados rápidos conhecimentos de Eugenia, puericultura, necessidade do exame pré-nupcial, vantagens da Holiotherapia, etc.”⁶³⁵

Seis Divisões compõem o Departamento da Juventude, sendo elas: 1) Divisão de Expediente; 2) Divisão de Estudos; 3) Divisão de Educação; 4) Divisão de Escola de Férias; 5) Divisão de Divertimentos e 6) Divisão de Escotismo. Dentre estas, as Divisões de Educação e de Escola de Férias representam, de forma bastante significativa, os dois aspectos da doutrina integralista, o teórico e o prático. Assumindo um papel central na estrutura interna do Departamento, a Divisão de Educação contava com as seções de: Educação Integralista (através da Cartilha do Pliniano e do ensino de noções de Direito Integralista, sociologia e economia); Educação Esportiva (visando difundir a prática do esporte como meio eugênico de preparação física da criança); Educação Moral e Cívica (visando despertar o amor à pátria nos jovens integralistas); Educação Sanitária (visando a propagação de preceitos de higiene individual e coletiva) e, por último, Boas Maneiras (para ensinar aos jovens integralistas hábitos educados como a forma de se conduzir em público e o cuidado que deveriam ter no trato de mulheres e de senhoras de idade, por exemplo).⁶³⁶

Tal ensino essencialmente teórico completava-se com a formação prática fornecida pela Divisão de Escola de Férias, bem como pela Divisão de Divertimentos. A Divisão de Escola de Férias previa a operacionalização de escolas de campo, de montanha e a beira-mar para as crianças fracas, debilitadas e anêmicas, pelo trabalho escolar. Já a Divisão de Divertimentos contava com as seções de Parques Infantis; Cinemas, Teatros e Circos; Feiras e Exposições; Excursões; Visitas a Estabelecimentos, Fábricas e Museus (para desenvolver na criança não só o amor ao trabalho, mas também o gosto artístico); além da seção de Jogos Esportivos, Recreativos e Educativos (visando o “desenvolvimento da memória, acuidade visual e auditiva, olfacto, tacto, jogos de pistas e demais jogos escoteiros”⁶³⁷).

Outro mecanismo de doutrinação era a orientação teórica, em variadas esferas, para a construção do pensamento integralista no jovem em formação. Uma das estratégias de doutrinação teórica era a própria escola integralista, fundada especialmente para disseminar os

⁶³⁵ HENRIQUES, Irene de Freitas. **Regulamento do Departamento da Juventude Integralista**. Rio de Janeiro: Secretaria Nacional de Arregimentação Feminina e da Juventude, 1936.

⁶³⁶ *Ibid.*

⁶³⁷ *Ibid.*

conceitos do movimento. Ao todo, foram criadas mais de três mil escolas em todo o país para a educação de crianças e adultos.

Fora do ambiente escolar também eram oferecidos cursos direcionados aos públicos masculino e feminino, focados em temas variados, sempre com o objetivo de forjar o indivíduo ideal para ocupar um papel na sociedade integral. Para os homens, por exemplo, eram propostos temas como aviação, marinha, exército e outras atividades militares e bélicas. Já para as meninas, organizavam-se cursos como corte e costura, culinária e etiqueta, “além da instrução primária e da educação moral e profissional, fazendo da menina uma futura mãe de família, consciente de sua nobre função de preparar a creança”.⁶³⁸

As atividades educacionais/doutrinárias promovidas pelo integralismo eram diferenciadas para cada uma das categorias etárias que compunham a Juventude Integralista. Aos Infantis, por exemplo, seria ministrada “a instrução em jardim de infância, por meio de jogos e de diversões, além da educação física de 2º grau elementar”.⁶³⁹ Já a instrução dos Lobinhos seria feita essencialmente de acordo com “os preceitos do Guia Escoteiro, incluída a educação física do 2º grau elementar”.⁶⁴⁰ Por fim, a doutrinação de Vanguardários e Pioneiros ocorreria por meio da educação militar, sendo oferecida “a educação física do 1º grau secundário para os vanguardários e a do 2º grau secundário para os Pioneiros”.⁶⁴¹

Apresentar-se enquanto jovem integralista envolvia um aspecto ritualístico que era parte constitutiva do processo de doutrinação operacionalizada pelo movimento. Uniformes, insígnias, cores, símbolos, hinos e saudações faziam parte da rotina do jovem em formação. Ao compartilhar os mesmos símbolos e rituais, o movimento acreditava que os jovens sentiriam-se parte de um grupo coeso e homogêneo, facilitando a construção de sua identidade com base nas ideias contidas na simbologia aplicada. A título de exemplo, destaca-se que o movimento instituiu um uniforme específico para a juventude integralista, composto por: Camisa Verde; Calça Branca ou Azul; Lenço branco com passador de couro ou de penno verde; Botinas pretas; Casquete integralista preto, para passeio, e chapéu para as excursões, bivaques e acampamentos; Cinto preto com o Sigma na fivella e Pellerino de pano preto, sendo este último de uso facultativo.⁶⁴²

O movimento também instituiu juramentos específicos para cada subdivisão juvenil. Ao ingressar na Juventude Integralista os Vanguardários e Pioneiros, por exemplo, prestariam

⁶³⁸ HENRIQUES, Irene de Freitas. **Regulamento do Departamento da Juventude Integralista**. Rio de Janeiro: Secretaria Nacional de Arregimentação Feminina e da Juventude, 1936.

⁶³⁹ *Ibid.*

⁶⁴⁰ *Ibid.*

⁶⁴¹ *Ibid.*

⁶⁴² *Ibid.*

o juramento a Bandeira Nacional.⁶⁴³ Já os Infantis e Lobinhos seriam recebidos pelas fileiras do sigma não só através do ritual escoteiro como também através do seguinte juramento:

Prometto ser um soldadinho de Deus, da Pátria e da Família; prometto ser obediente aos meus paes, a meus mestres e aos meus chefes; prometto ser amigo de meus irmãos, collegas e companheiros, prestando-lhes serviços, defendendo-os e amando-os; prometto ser aplicado nos estudos para tornar-me útil a Deus, a Pátria e a Família; prometo ser fiel ao código do Escoteiro Integralista.⁶⁴⁴

Por fim, é importante ressaltar que, dentre todas as ferramentas utilizadas para disseminar os ideais e a doutrina entre os jovens, uma era especialmente valorizada pelas lideranças do movimento: a imprensa. Salgado, por acreditar que o jornal era instrumento poderoso não somente para a difusão de ideias, mas para a fixação de conceitos e para o convencimento do público, elegeu a imprensa como o principal fórum para a propagação de seus ideais, especialmente no que tange à doutrinação das categorias juvenis. De acordo com o movimento, a imprensa integralista teria “uma missão superior, que precisa cumprir, custe o que custar. E essa missão é a de transladar para o plano doutrinário e ideológico os problemas sobre os quaes hoje tripudiam as opiniões dos interessados directos e o arbítrio dos políticos”.⁶⁴⁵

Nessa perspectiva, o despertar da alma nacional só ocorreria por meio de uma “arregimentação continua, em permanente doutrinação, em disciplina perfeita, em esperança renovada, em sugestão espiritual, em excitação de brios, em combate sem tréguas contra os entorpecentes liberaes”.⁶⁴⁶ A nova era que deveria ser instaurada no Brasil seria, assim, edificada por uma nova geração forte e enérgica. Conforme afirma Salgado, é “para essa geração que a imprensa deverá falar”.⁶⁴⁷

⁶⁴³ Juramento Integralista a Bandeira nacional: “BANDEIRA DA MINHA PÁTRIA, PROMETO SERVIR AO BRASIL, - NA HORA DA ALEGRIA E NA HORA DO SOFRIMENTO – NO DIA DA GLÓRIA – E NO DIA DO SACRIFÍCIO. PROMETO RESPEITAR A LIBERDADE – A JUSTIÇA – E A LEI; PROMETTO DEFENDER, NA SUA PUREZA, O ELGADO MORAL – E NA SUA INTEGRIDADE, - O PATRIMÔNIO TERRITORIAL – QUE RECEBI DOS MEUS ANTEPASSADOS. SALVE, BANDEIRA DO BRASIL!!” (HENRIQUES, Irene de Freitas. **Regulamento do Departamento da Juventude Integralista**. Rio de Janeiro: Secretaria Nacional de Arregimentação Feminina e da Juventude, 1936).

⁶⁴⁴ *Ibid.*

⁶⁴⁵ SALGADO, Plínio. **A doutrina do sigma**. São Paulo: Verde Amarelo, 1935. p. 163.

⁶⁴⁶ *Ibid.*, p. 198

⁶⁴⁷ *Id.* **Despertemos a nação**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1935. p. 160-161.

4 A DOCTRINAÇÃO DO JOVEM ATRAVÉS DA IMPRENSA

Uma educação integral para um homem integral. Seria essa a chave para a salvação nacional e para a posterior implantação de uma nova ordem no Brasil, uma ordem espiritual edificada sob os três preceitos básicos da Ação Integralista Brasileira: a trilogia *Deus, Pátria e Família*.

Guiado pela alteridade materialismo *versus* espiritualismo, o integralismo estruturava toda a lógica de seu discurso e doutrina a partir da construção da imagem de um Brasil em decadência, em que estariam em crise as ideias de fé, de família, de trabalho, de educação e de política, além das noções morais de certo e de errado, intrínsecas na cultura de cada sociedade e condicionadoras da ação dos homens. Enquanto o materialismo corruptor é apontado como o grande vilão a ser urgentemente combatido, a sociedade brasileira, entendida pelo integralismo como apática e desprovida de cultura, é colocada como mera vítima a ser salva da ameaça de colapso. Conforme aponta Salgado em *Despertemos a Nação*,

Um dos motivos determinantes da ausência de idéas e de programas políticos entre nós é, incontestavelmente, a falta de cultura. [...] O nosso grande mal é o semi-analfabetismo, essas massas de homens incapazes de raciocinar, avessos á leitura, reprisadores de duas ou três idéas que se lhe metteram na cabeça, opinadores superciciaes em todas as oportunidades, vaidosos e ôcos, de gravata e collarinho, enxameando as cidades, parasitariamente.⁶⁴⁸

A partir da estratégica construção da imagem crise/inimigo/vítima, estão lançadas as bases que legitimariam, no imaginário social, o discurso messiânico de salvação nacional defendido pelos camisas-verdes. Apresentando-se como movimento cultural guiado por uma elite dotada de capacidades morais e intelectuais necessárias para a condução do Brasil até uma nova era, o integralismo defendia que a única solução possível para a salvação nacional seria a realização de uma obra sistemática de educação e aculturação das massas. Assim, o caminho para a pretendida construção de uma ordem espiritual para o Brasil estaria somente na Educação Integral. Nas palavras do líder integralista: “Como se pode obter a “ordem espiritual”? Pela doutrinação, pela propaganda, pela educação constante, paciente, das massas populares”.⁶⁴⁹

Todavia, para que o êxito salvacionista fosse garantido, a chamada Revolução Espiritual deveria ser arquitetada *pela* juventude e *para* a juventude. A educação doutrinária promovida pela AIB, que visava a formação física, cívica, moral e espiritual do homem,

⁶⁴⁸ SALGADO, Plínio. *Despertemos a nação*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1935. p. 175.

⁶⁴⁹ *Id.* *A doutrina do sigma*. São Paulo: Verde Amarelo, 1935. p. 35.

deveria ter como enfoque primordial não as massas populares já corrompidas, de acordo com o movimento, pelo materialismo e pela lógica liberal, mas as categorias juvenis que, ao escutar e compreender os preceitos integralistas, transmitirão “para diante a palavra ouvida e ella será como um rastilho que prosseguirá irrevogavelmente para fazer explodir um dia a dynamite que deverá extinguir o immenso formigueiro dos erros e dos dólos”.⁶⁵⁰ Surgiria então uma futura geração de sujeitos moldados a partir do modelo integralista de homem e de mulher ideal. Na lógica integralista, “se o homem é o que a criança foi – é preciso na criança preparar o homem”⁶⁵¹, pois “o apostolado inicial e fundamental da educação integralista é a reforma do indivíduo, porque sem essa reforma é inútil, é contraproducente qualquer ensaio de reforma social”.⁶⁵²

Entendendo o jovem enquanto o grande plasmador do futuro da nação, a “formação pliniana” tinha, a finalidade de: “educar a criança absolutamente integrada na plenitude dos ideais do Sigma, para que seja um brasileiro consciente de suas energias vitais, [...] para o sentido de construir uma Pátria consciente, também, dos seus destinos magníficos”.⁶⁵³ O homem seria “nem apenas corpo, nem apenas espírito, mas as duas coisas intimamente ligadas”⁶⁵⁴, sendo objetivo do indivíduo enquanto ser social o da “realização plena de sua personalidade segundo sua natureza e seu destino”.⁶⁵⁵ A tarefa da AIB, assim, seria a de fornecer ao homem, através da educação, os meios que o levariam a “expansão plena ao seu desenvolvimento físico e espiritual”.⁶⁵⁶ Ao mesmo tempo, a educação integral deveria ser também uma escola de civismo, para formar “o cidadão útil, o cidadão prestante”⁶⁵⁷ para a pátria.

Nas palavras do líder, esse “período agitado de dôr e de sangue, só terminaria quando a Nação fosse despertada por uma juventude cuja consciência deveria ser longamente preparada”⁶⁵⁸ pelo integralismo, que apontaria com “mão forte e decidida o caminho que toda uma juventude deve seguir, se quisermos salvar o Brasil”.⁶⁵⁹ O caminho apontado era o da Educação Integral, que deveria ser iniciada antes mesmo da pretendida instauração do Estado

⁶⁵⁰ SALGADO, Plínio. **Despertemos a nação**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1935. p. 160-161.

⁶⁵¹ AIRES, L. O sentido da formação pliniana. In: SALGADO, Plínio *et al.* **Enciclopédia do integralismo**. Rio de Janeiro: Clássica Brasileira, 1959. p. 73-77. v. IX: O integralismo e a educação. p. 42.

⁶⁵² *Ibid.*

⁶⁵³ *Ibid.*

⁶⁵⁴ SALGADO, Plínio *et al.* **Enciclopédia do integralismo**. Rio de Janeiro: Clássica Brasileira, 1959. v. IX: O integralismo e a educação. p. 08.

⁶⁵⁵ *Ibid.*

⁶⁵⁶ *Ibid.*, p. 10.

⁶⁵⁷ BACKEUSER, Everardo. Integralismo da educação. In: SALGADO, Plínio *et al.* **Enciclopédia do integralismo**. Rio de Janeiro: Clássica Brasileira, 1959. p. 17-26. v. IX: O integralismo e a educação. p. 19.

⁶⁵⁸ SALGADO, **Despertemos a nação**, *op. cit.*, p. 12.

⁶⁵⁹ *Id.* **A doutrina do sigma**. São Paulo: Verde Amarelo, 1935. p. 41.

Integral, para que fosse lançado ao mundo “o Homem Novo dos Tempos Novos”⁶⁶⁰, conforme afirma Salgado.

Para tanto, mais do que nunca, no período de crise instaurado com o pós-guerra, fazia-se necessária “a voz nítida de uma consciência perfeita de realidades, para prevenir os incautos e mostrar através de todas as sombras de uma hora crepuscular o caminho seguro ao Brasil de Amanhã”.⁶⁶¹ E a voz integralista deveria falar às massas brasileiras especialmente através da imprensa, principal arma doutrinária do integralismo.

A obra sistemática de educação integral operacionalizada pelo movimento iniciou-se ainda em 1932, nos primórdios da sua fundação. De acordo com Salgado, considerando a grandiosidade de sua proposta de elevação dos níveis intelectuais e morais da sociedade, a doutrinação integralista não só deveria ser iniciada em concomitância com a fundação e o estabelecimento das bases da AIB, como também deveriam ser instrumentalizados todos os aparatos possíveis em prol dos objetivos do partido. Para usar as palavras do chefe integralista, “o facto é que não há tempo a perder. Como povo, temos que nos definir. A geração nova do Brasil precisa pronunciar-se. E optar por um destino”.⁶⁶²

Todo um conjunto de estratégias foi elaborado visando a propagação da doutrina integralista e a posterior arregimentação de novos adeptos, especialmente os indivíduos jovens. A mística integralista dotada de ritos, símbolos, cerimoniais e imagens discursivas era arquitetada e instrumentalizada através do rádio, dos livros, das sessões doutrinárias, das atividades de militância organizadas pelas secretarias e, principalmente, através da imprensa oficial do partido que, especialmente a partir de 1935, elevou o jovem ao patamar de alvo central de seu discurso.

Depois de analisar a juventude politicamente radical do pós-guerra e o processo de fascistização do jovem em relação ao contexto da era fascista – e a compreensão integralista acerca da figura do jovem e de seu papel perante a sociedade –, é possível analisar a estrutura doutrinária do integralismo para com as categorias juvenis através da imprensa. A partir disso se poderá apontar de que forma o jovem era utilizado ora como alvo, ora como mais um dos instrumentos propagandísticos do integralismo.

Com a análise de quatro periódicos de grande expressão do movimento – os jornais *Monitor Integralista* e *A Offensiva* e as revistas *Anauê!* e *Brasil Feminino* – este capítulo

⁶⁶⁰ SALGADO, Plínio. Panorama do Mundo Ocidental. In: SALGADO, Plínio *et al.* **Enciclopédia do integralismo**. Rio de Janeiro: Clássica Brasileira, 1959. p. 97-107. v. IX: O integralismo e a educação. p. 107.

⁶⁶¹ *Id.* **A doutrina do sigma**. São Paulo: Verde Amarelo, 1935. p. 160.

⁶⁶² *Ibid.*, p. 68-69.

propõe uma *análise qualitativa*⁶⁶³ do discurso da imprensa integralista. O objetivo é apontar: no que diz respeito ao conteúdo geral de cada periódico, qual era o espaço destinado para textos ou colunas que abordavam a questão da juventude integralista e o que isso denuncia sobre a relevância da temática para o periódico e, conseqüentemente, para o movimento; quais estratégias foram operacionalizadas na imprensa visando a formação de um público leitor jovem; de que forma o jovem foi utilizado na imprensa como instrumento político integralista visando a propagação da doutrina perante as demais categorias da sociedade; quais foram as principais estratégias adotadas pela imprensa em prol da doutrinação das categorias juvenis; e ainda, quais foram as aproximações e distanciamentos entre as estratégias adotadas pelos jornais e pelas revistas integralistas em relação a arregimentação e a doutrinação de jovens.

Todavia, antes de analisar empiricamente, é fundamental apresentar um breve histórico da imprensa integralista, demonstrando ao leitor o processo de estruturação da rede de jornais e revistas integralistas de 1932 até 1937, bem como a construção evolutiva da relação juventude e imprensa nas duas fases de vida do movimento: a fase inicial, caracterizada por um discurso de tom mais teórico e doutrinário – de 1932 a 1934; e a fase final, marcada por um discurso de cunho mais eleitoral – de 1935 a 1937. Dessa forma será possível compreender a relação e a contextualização das fontes aqui analisadas dentro da estrutura geral da imprensa integralista, buscando visualizar, além disso, a concepção integralista acerca da imprensa e de seu papel perante a sociedade e, conseqüentemente, a própria lógica de instrumentalização da imprensa a serviço da política.

⁶⁶³ Enquanto referencial metodológico, optou-se pela utilização da metodologia de *análise qualitativa*, que consiste na realização de uma análise hermenêutica interpretativa de discursos a partir da fixação de um critério de seleção previamente estabelecido através da leitura flutuante, segunda etapa da metodologia de *Análise de Conteúdo*, buscando compreender qualitativamente a relação juventude e imprensa integralista. À luz da obra *Análise de Conteúdo*, de Laurence Bardin, a etapa de análise empírica deste trabalho teve início a partir da realização de uma pré-análise das fontes, etapa metodológica em que, após um criterioso levantamento do conjunto de jornais e revistas oficialmente ligados à Ação Integralista Brasileira (AIB) e de uma posterior leitura prévia desses periódicos, tornou-se possível a seleção das fontes mais relevantes para a problemática desta pesquisa, ou seja, os periódicos integralistas que demonstraram de forma mais expressiva em seus discursos a temática da juventude. São eles os periódicos *Monitor Integralista*, *A Offensiva*, *Anauê!* e *Brasil Feminino*. Posteriormente, a segunda fase da análise deu-se a partir de uma leitura flutuante das fontes selecionadas, período em que, depois de uma leitura mais atenta do discurso de tais periódicos, foi estabelecido um critério de seleção de reportagens a serem aqui analisadas de forma mais detalhada, com base nos conteúdos que demonstram de forma mais explícita os diferentes mecanismos de doutrinação integralistas para com a categoria juvenil, bem como dos inúmeros possíveis usos da figura/símbolo do jovem enquanto instrumento propagandístico do integralismo. Durante essa etapa, optou-se pela sistematização do conteúdo desses jornais e revistas, desmembrando-o em ramificações que, de formas diferenciadas, estabelecem uma relação discursiva com a juventude: textos teórico-doutrinários; notícias; fotografias; contos literários; poemas; anúncios comerciais; e seções/colunas especificamente de cunho infantil. Por fim, realizou-se a análise qualitativa de cada uma destas amostragens, apresentando, em âmbito mais geral, de que forma operacionalizava-se a relação imprensa e juventude e, de forma mais específica, outras questões como as diferenças nesta relação nas duas fases de vida da AIB e, ainda, as aproximações e distanciamentos entre os mecanismos doutrinários arquitetados por jornais e aqueles utilizados por revistas.

4.1 A IMPRENSA INTEGRALISTA

É sabido que a intrínseca relação imprensa e poder há muito está presente na história política ocidental. “A história da imprensa é a própria história do desenvolvimento da sociedade capitalista”⁶⁶⁴, cujo processo de edificação foi significativamente marcado por tentativas de controle e de institucionalização dos meios de difusão de ideias por parte de grupos políticos que visavam a utilização do acesso à informação em benefício de seus interesses.

As décadas de 1920 e 1930 marcam o ápice do anticomunismo político e religioso em resposta ao clima de tensão instaurado no Brasil. O advento bolchevique, na Rússia; a guerra civil espanhola; a divulgação do manifesto comunista de Luiz Carlos Prestes; e as insurreições comunistas ocorridas em Natal, Recife e Rio de Janeiro⁶⁶⁵, que fizeram soar o alarme do chamado “perigo vermelho”, são algumas das principais razões que explicam a onda radical anticomunista.

Com as insurreições dos dias 23, 25 e 27 de novembro, respectivamente em Natal, Recife e Rio de Janeiro, o comunismo se torna efetivamente o grande tema nacional e, até a instalação do Estado novo, em novembro de 1937, é em seu nome e pelo temor de sua revolução que se prende, se tortura, se censura, se cerceia e se amedronta. Milhares de prisões são efetuadas em todo o país, instala-se um Tribunal de Segurança Nacional, decreta-se o estado de sítio, reforça-se a Lei de Segurança Nacional, equipara-se o estado de sítio ao estado de guerra (que será renovado três vezes consecutivas), censura-se a imprensa, fecham-se sindicatos e associações.⁶⁶⁶

O tema da ameaça comunista passou a unir os mais divergentes setores políticos e sociais em um mesmo objetivo: o combate ao comunismo. E sendo a imprensa periódica “o principal meio de comunicação na década de 1930”⁶⁶⁷, não haveria mecanismo mais apropriado para falar aos lares brasileiros não só sobre a ameaça, que se tornava cada vez mais presente, como também sobre as soluções necessárias para a salvação nacional.

Estabelecia-se, no imaginário social, “uma percepção maniqueísta da realidade, segundo a qual o mundo estaria vivendo um momento marcado pela luta irreconciliável entre duas forças opostas, bem e mal, Cristo *versus* Anti-cristo, Roma *versus* Moscou”.⁶⁶⁸

⁶⁶⁴ SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad, 1999. p. 01.

⁶⁶⁵ DUTRA, Eliana Regina de Freitas. **O ardil totalitário: imaginário político no Brasil dos anos 30**. Belo Horizonte; Rio de Janeiro: UFMG; UFRJ, 1997.

⁶⁶⁶ *Ibid.*, p. 37.

⁶⁶⁷ OLIVEIRA, Rodrigo Santos de. **Imprensa integralista, imprensa militante (1932-1937)**. 2009. 388 f. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009. p. 344.

⁶⁶⁸ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)**. São Paulo: Perspectiva; FAPESP, 2002. p. 21.

Progressivamente, a imprensa brasileira tornava-se espaço não só de combate ao comunismo como também de luta entre divergentes propostas políticas salvacionistas, cujo propósito era a conquista de legitimidade perante a sociedade. É justamente neste contexto que a imprensa integralista se insere.

Constituindo “a maior organização de imprensa político-partidária da História do Brasil”⁶⁶⁹, a Ação Integralista Brasileira foi a precursora não só “de uma concepção nacional de organização política”⁶⁷⁰ como também da organização de uma rede nacional de imprensa partidária, cuja função era ser a principal arma política do partido.

A alteridade materialismo *versus* espiritualismo perpassa toda a lógica de pensamento integralista, estando fortemente marcada em sua própria percepção de mundo. Conforme aponta Trindade, “a filosofia da história integralista apoia-se [...] numa interpretação maniqueísta da evolução da humanidade onde se defrontam continuamente o homem com o homem, o bem contra o mal, o materialismo contra o espiritualismo”.⁶⁷¹ A concepção integralista acerca da imprensa não poderia partir de outra lógica. Seu discurso é marcado pela constante presença de uma noção crítica em relação às formas de se fazer imprensa no Brasil, uma imprensa dita materialista, que se contrapunha ao conceito de verdadeira imprensa, guiada pelo espiritualismo: a imprensa integralista.

De acordo com a doutrina, a imprensa brasileira, bem como “a moda, a dança, a pintura, o teatro, o cinema, [...] a literatura”⁶⁷², quando utilizadas corretamente, “podem ser excelentes meios de instrução e de educação moral e cívica”.⁶⁷³ Conforme aponta Salgado, “salvemos a imprensa, porque ella é a columna de fogo da Nação. E ella poderá conduzir o Brasil par aos mais negros abysmos, como para as mais altas finalidades”.⁶⁷⁴ Entretanto, Salgado aponta que no Brasil, a cultura, a arte e a imprensa (leia-se a imprensa liberal) estariam sendo utilizadas como instrumentos de degradação moral e de desagregação social, negando à sociedade brasileira a tão necessária orientação rumo à elevação nacional.

Nas palavras do líder integralista: “o que estamos vendo todos os dias é o cultivo desse espírito fútil pelos nossos jornaes, que preferem dar á imprensa a missão de criada de servir ao

⁶⁶⁹ OLIVEIRA, Rodrigo Santos de. **Imprensa integralista, imprensa militante (1932-1937)**. 2009. 388 f. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009. p. 343.

⁶⁷⁰ *Ibid.*, p. 343-344.

⁶⁷¹ TRINDADE, Helgio. **A tentação fascista no Brasil**: imaginário de dirigentes e militantes. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016. p. 60.

⁶⁷² PENNA, Belisário. A mulher e a família, o lar e a escola. In: SALGADO, Plínio *et al.* **Enciclopédia do integralismo**. Rio de Janeiro: Clássica Brasileira, 1959. p. 41-59. v. IX: O integralismo e a educação. p. 42.

⁶⁷³ *Ibid.*

⁶⁷⁴ SALGADO, Plínio. **Despertemos a nação**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1935. p. 164.

público do que a de “condotieri” do povo nos rumos superiores do seu destino”.⁶⁷⁵ Ele ainda afirma:

A imprensa falhará á sua finalidade, si se alistar como soldado, ou capanga, como advogado ou como orientador de grupos ou de classes, de interesses pessoais e de conchaves de ambições. [...] Agirá como uma deseducadora das massas populares, uma mystificadora da opinião pública, um elemento de dissolução social.⁶⁷⁶

Especialmente no período de crise vivido pelo Brasil, a sociedade, de acordo com o movimento, necessitaria de uma urgente e sistemática “obra [...] de formação da consciência popular no sentido da compreensão das responsabilidades de cada qual”.⁶⁷⁷ E essa obra deveria ser assumida enquanto missão por todos os setores da sociedade: a igreja, a escola, o Estado, as facções políticas, os grupos intelectuais e, fundamentalmente, a imprensa, detentora de uma grandiosa responsabilidade de conduzir a opinião pública nacional.

Com isso, nota-se que a noção de nacionalismo presente no integralismo, ideia-força presente em toda a estrutura doutrinária do partido, aparece “essencialmente como um apelo à tomada de consciência nacional, que é simbolizada pelo slogan [...] “Despertemos a Nação””.⁶⁷⁸ Em resumo, a lógica defendida seria a de “tudo e todos a serviço da Nação”. É para corroborar essa ideia que, em um de seus textos, intitulado como *A Missão da Imprensa*, Salgado afirma:

A grande missão que o paiz tem o direito de exigir da imprensa nestes dias de confusão de valores, de desorientação doutrinaria, de violentas manifestações de interesses de classes á cuja sombra agem os appetites violentos dos exploradores de situações, a grande missão que cumpre os jornaes brasileiros é, acima de tudo, – doutrinar.⁶⁷⁹

Doutrinação. Esta era a palavra de ordem para a imprensa. E era preciso “doutrinar sem cessar, fora do terreno das competições, á margem e acima dos partidos, dos grupos, das associações, dos conchavos e dos cambalachos”.⁶⁸⁰ Missão como essa só poderia ser assumida pelo integralismo, movimento cultural contrário, teoricamente, ao partidarismo e defensor de uma obra de educação das massas a serviço da Nação. Percebe-se essa concepção de imprensa

⁶⁷⁵ SALGADO, Plínio. **Despertemos a nação**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1935. p. 162-163.

⁶⁷⁶ *Ibid.*, p. 161.

⁶⁷⁷ *Id.* Educação. In: SALGADO, Plínio *et al.* **Enciclopédia do integralismo**. Rio de Janeiro: Clássica Brasileira 1959. p. 119-127. v. IX: O integralismo e a educação. p. 119.

⁶⁷⁸ TRINDADE, Helgio. **A tentação fascista no Brasil**: imaginário de dirigentes e militantes. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016. p. 63.

⁶⁷⁹ SALGADO, **Despertemos a nação**, *op. cit.*, p. 159.

⁶⁸⁰ *Ibid.*

doutrinadora através de um dos escritos de Salgado, publicado em 1936 no periódico *A Offensiva*:

Neste paiz de vastos latifúndios onde o jornal é o único instrumento de penetração da palavra escripta, e de massas urbanas, onde o espírito de conquista e de aventura de uma civilização trepidante de acompanhamentos não permite os vagares dos estudos, a imprensa não podia abandonar a sua feição educacional, de suprema orientadora da nacionalidade.⁶⁸¹

Para tanto, “Salgado prescrevia aos jornalistas do Sigma: “Faze do jornal um órgão de educação e criação, e jamais um órgão passivo, escravizado às massas”.⁶⁸² Foi nesse sentido que, durante o Primeiro Congresso Integralista de Imprensa, realizado em Belo Horizonte no ano de 1936, Salgado elaborou um *Código de Ética Jornalística* com o objetivo de “orientar o trabalho de doutrinação a ser realizado pelos intelectuais”.⁶⁸³ Dentre as suas 21 resoluções, o artigo número IV traz à tona a seguinte orientação: “O século XIX foi o século do jornal disponível a praça pública onde se erguiam as vozes de todas as opiniões; mas este século, cheio de angústias, é o século do jornal doutrinário, porque o povo quer se orientar”.⁶⁸⁴ Reiterando ainda mais a noção de imprensa a serviço da Nação, o artigo XXI do Código fala aos jornalistas do integralismo: “Quando sentares á tua mesa para escreveres aos teus concidadãos, lembra-te que toda a tua dignidade profissional decorre de estares em função de superiores interesses nacionais”.⁶⁸⁵

Não só em seu *Código de Ética* como também em seu próprio Manifesto Programa, o partido estabelece sua concepção em relação à noção de liberdade de imprensa, afirmando que, no futuro Estado Integral, implantado no Brasil caso Plínio Salgado vencesse as pretendidas eleições presidenciais que ocorreriam em 1938, à imprensa seria atribuída a função de colaboradora direta do Estado.

Longe de suffocar a liberdade da imprensa, o Integralismo quer dar a ella uma grande missão de collaboradora directa do Estado. Quer que ella seja, ao mesmo tempo, orientadora da opinião, formadora de uma consciência nacional, esclarecedora dos órgãos do governo, acerca das questões concretas com as quaes ella está em contacto permanente.⁶⁸⁶

⁶⁸¹ A OFFENSIVA. Rio de Janeiro: Ação Integralista Brasileira, ano III, n. 364, p. 1, 15 dez. 1936.

⁶⁸² SIMÕES, Renata Duarte. **A educação do corpo no jornal *A Offensiva* (1932-1938)**. 2009. 205 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. p. 31.

⁶⁸³ *Id.* Imprensa oficial integralista: usos e ciclo de vida do jornal *A Offensiva*. In: GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte (Orgs.). **Entre tipos e recortes: histórias da imprensa integralista**. Guaíba: Sob Medida, 2011. p. 47-82. p. 55.

⁶⁸⁴ CÓDIGO de Ética Jornalística. Rio de Janeiro: Secretaria Nacional de Propaganda, 1936.

⁶⁸⁵ *Ibid.*

⁶⁸⁶ MANIFESTO-Programma: de janeiro de 1936 – concretização da doutrina do Manifesto de Outubro de 1932. Rio de Janeiro: Secretaria Nacional de Propaganda, 1936.

Em oposição à imprensa apontada como materialista, a imprensa integralista teria “uma missão superior, que precisa cumprir, custe o que custar. E essa missão é a de transladar par ao plano doutrinário e ideológico os problemas sobre os quaes hoje tripudiam as opiniões dos interessados directos e o arbítrio dos políticos”.⁶⁸⁷ Legitimava-se assim, a partir da alteridade má imprensa *versus* boa imprensa, o integralismo e o seu característico modo de pensar a imprensa como sendo as únicas soluções possíveis para o Brasil.

A obra educacional promovida pelo integralismo seria desenvolvida por uma imprensa que deveria ser dotada de capacidade não só ética como também moral, deveria ser uma imprensa de virtudes superiores. Para tanto, seria preciso que a produção desta imprensa fosse arquitetada não pelas massas inconscientes, mas pelo “homem excepcional”, que encarnaria a ideia do sigma, traduzindo a doutrina para a sociedade. Levando em consideração a já mencionada tendência integralista de supervalorizar a intelectualidade, elevando-a até um patamar de guia supremo da nação, destaca-se que esse indivíduo excepcional seria justamente o homem de letras, o cidadão pertencente à intelectualidade brasileira. Conforme aponta Trindade, “o integralismo apela às forças intelectuais e morais da sociedade com o objetivo de restaurar o prestígio da inteligência e a primazia do espírito”.⁶⁸⁸

Destaca-se o fato de que o discurso promovido pela imprensa integralista contava com a contribuição de um significativo número de renomados intelectuais brasileiros das mais diversas áreas como medicina, educação física, educação e direito. Conforme ressalta Renata Simões em relação ao periódico nacional *A Offensiva*,

Os integrantes da elite intelectual e dirigentes do movimento acumulavam, geralmente, as funções de organização da AIB e de produção de textos para os jornais, além do exercício de suas respectivas profissões. Os artigos publicados em *A Offensiva* eram produzidos por advogados (Miguel Reale, Santiago Dantas, Gustavo Barroso, Alberto B. Contrim Neto, Orlando Ribeiro de Castro); jornalistas e/ou escritores (Plínio Salgado, Luiz da Câmara Cascudo, Ernani Silva Bruno, Thiers Martins Moreira); economistas (Raimundo Padilha); médicos (Belisário Penna, Ordival Gomes, Belmiro Valverde); professores, comerciantes, militares (Olympio Mourão Filho); empresários (Roberto Simonsen) entre outros.⁶⁸⁹

⁶⁸⁷ SALGADO, Plínio. **Despertemos a nação**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1935. p. 163.

⁶⁸⁸ TRINDADE, Helgio. **A tentação fascista no Brasil**: imaginário de dirigentes e militantes. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016. p. 63.

⁶⁸⁹ SIMÕES, Renata Duarte. Imprensa oficial integralista: usos e ciclo de vida do jornal *A Offensiva*. In: GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte (Orgs.). **Entre tipos e recortes**: histórias da imprensa integralista. Guaíba: Sob Medida, 2011. p. 47-82. p. 55.

Assim, o integralismo concebia o jornal enquanto “instrumento de educação para a população menos culta”.⁶⁹⁰ A missão da intelectualidade era a de utilizar a imprensa para:

[...] educar/orientar “o homem do povo, das grandes cidades, homem que, por força de circunstâncias facilmente verificáveis, nunca teve um livro nas mãos”. Para educar/orientar, Salgado prescrevia-o à população brasileira, segundo argumentava, pela ampla possibilidade de propagação e pela velocidade de penetração nos diferentes meios e classes sociais.⁶⁹¹

Em resumo, tal ideia de uma necessária obra de doutrinação das massas dialoga com o objetivo eugênico integralista: fortalecer a “raça brasileira” através de uma formação física, moral e espiritual que, tendo como enfoque a infância e a juventude, resguardaria ao Brasil de amanhã uma sociedade formada por cidadãos fortes fisicamente, moralmente e intelectualmente, adeptos de uma filosofia espiritual de vida e conscientes de seu papel para com a pátria. Neste aspecto, seria delegada à imprensa a missão de transmitir à sociedade “valores, comportamentos e relações sociais como noções e relações de autoridade, hierarquia, disciplina, valores morais e religiosos”⁶⁹², constituindo-se enquanto instrumento de “aprimoramento da “raça”, como “meio de forjar uma nova nação”.⁶⁹³ Adentrando os lares brasileiros através do jornal, o integralismo visava cercar todas as esferas de vida do indivíduo no sentido de “submeter a vida privada à construção do Estado Integral”.⁶⁹⁴

Essa concepção de imprensa surgiu antes ainda da fundação do movimento, durante a trajetória de Plínio Salgado enquanto jornalista. Em 1916, com apenas 21 anos, o futuro líder integralista deu início à sua carreira jornalística na cidade de São Bento, em São Paulo, onde havia se tornado redator principal do jornal *Correio de São Bento*. Adquirindo rapidamente um amplo reconhecimento dos setores intelectuais da sociedade, Salgado transforma-se em uma personalidade local. Essa experiência em São Bento do Sapucaí, destaca-se, colocou “Plínio Salgado na rota jornalística”.⁶⁹⁵

Trazendo já nesse período um discurso fortemente caracterizado por aspectos literários e políticos, Salgado “criou uma forma particular de escrever seus textos, mesclando ficção

⁶⁹⁰ SIMÕES, Renata Duarte. Imprensa oficial integralista: usos e ciclo de vida do jornal *A Offensiva*. In: GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte (Orgs.). **Entre tipos e recortes**: histórias da imprensa integralista. Guaíba: Sob Medida, 2011. p. 47-82. p. 49.

⁶⁹¹ *Ibid.*, p. 47-82.

⁶⁹² ENDRICA, Geraldo. **Entre a raça e a nação**: a família como alvo dos projetos eugenista e integralista de Nação brasileira nas décadas de 1920 e 1930. 2001. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001. p. 02.

⁶⁹³ *Ibid.*, p. 02-03.

⁶⁹⁴ *Ibid.*, p. 10-11.

⁶⁹⁵ GONÇALVES, Leandro Pereira. **Plínio Salgado**: um católico integralista entre Portugal e o Brasil (1895-1975). Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2017. p. 59.

com aquilo que enxergava como realidade e tendo, como base de inspiração, o cotidiano e experiências pessoais”.⁶⁹⁶ Assim, sua atuação como jornalista, revelava aos poucos alguns aspectos de seu pensamento que, mais tarde, seria desenvolvido no integralismo. Conforme aponta Leandro Pereira Gonçalves em sua tese, intitulada *Entre Brasil e Portugal: Trajetória e Pensamento de Plínio Salgado e a Influência do Conservadorismo Português*:

O autodidatismo fez com que iniciasse de forma rápida a carreira jornalística dirigindo o jornal *Correio de São Bento*. Fundando em 1916, o periódico – que se definia como folha independente e tinha o autor como redator, ao lado do proprietário e cunhado Joaquim Cortez Rennó Pereira – realizava uma mescla editorial: a marca do intelecto de Plínio Salgado, entre cultura e política.⁶⁹⁷

Mudando-se de São Bento para a capital do Estado, Salgado consegue, através de seu amigo “Nuto Sant’Anna, que publicou alguns trabalhos do autor na seção de letras”⁶⁹⁸, o emprego “de revisor no *Correio Paulistano*, órgão oficial do PRP [Partido Republicano Paulista]”.⁶⁹⁹ A partir de então, abrem-se novas perspectivas para a sua formação cultural e política. Salgado percebeu, nessa época, que a imprensa era um “forte instrumento ideológico capaz de conquistar corações e mentes sem a necessidade de coerção, [...] ali percebeu que o consenso tinha muito mais êxito do que a força”.⁷⁰⁰

Sua chegada em São Paulo marcou, a partir de então, a consolidação intelectual de Plínio Salgado enquanto jornalista e político brasileiro.⁷⁰¹ Pouco a pouco o futuro chefe integralista traçava seu caminho “em direção ao nacionalismo cristão de cunho conservador idealizado em São Bento do Sapucaí. Assim, a formação da doutrina integralista começou a ser cristalizada”.⁷⁰²

Verifica-se, contudo, que “a importância para Plínio Salgado neste momento não era de fato a atuação nos jornais, mas o círculo de contatos” [...]. Através de relações com grupos intelectuais paulistanos, ele foi aos poucos promovendo uma inserção no meio cultural na

⁶⁹⁶ GONÇALVES, Leandro Pereira. **Entre Brasil e Portugal**: trajetória e pensamento de Plínio Salgado e a influência do conservadorismo português. 2012. 668 f. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012. p. 62.

⁶⁹⁷ *Ibid.*

⁶⁹⁸ *Id.* **Plínio Salgado**: um católico integralista entre Portugal e o Brasil (1895-1975). Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2017. p. 59.

⁶⁹⁹ OLIVEIRA, Rodrigo Santos de. A imprensa da Ação Integralista Brasileira em perspectiva. In: GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte (Orgs.). **Entre tipos e recortes**: histórias da imprensa integralista. Guaíba: Sob Medida, 2011. p. 19-46. p. 22.

⁷⁰⁰ *Ibid.*, p. 22.

⁷⁰¹ GONÇALVES, **Plínio Salgado**: um católico integralista entre Portugal e o Brasil (1895-1975), *op. cit.*

⁷⁰² *Ibid.*, p. 59.

ótica política”.⁷⁰³ Um exemplo disso é que, antes mesmo da Semana de Arte Moderna, Salgado publicou, nos anos de 1920 e 1921, no renomado periódico *Revista do Brasil*, coordenada por ninguém menos que Monteiro Lobato.⁷⁰⁴ Tendo como característica “a defesa e análise cultural de cunho nacionalista”⁷⁰⁵, a revista constituiu-se enquanto espaço adequado para a legitimação de Plínio Salgado como jornalista e também como literário.

Refletindo a intelectualidade da época, Salgado mostrava-se profundamente preocupado com os rumos da política brasileira. Vinculado desde a juventude à Velha República, devido à tradição política familiar que teria lhe transmitido “a formação religiosa, o gosto pela política e o sentimento nacionalista”⁷⁰⁶, Plínio Salgado integra o Partido Republicano Paulista até meados de 1930. Contudo, após uma fracassada tentativa de renovar o partido, emerge nele o desejo de elaborar um pensamento novo, adaptado à realidade brasileira.

Ainda em 1930, Plínio Salgado opta por desligar-se da candidatura de Júlio Prestes, dando início a uma viagem pela Europa patrocinada pelo amigo e financiador do Integralismo, Alfredo Egídio de Souza Aranha.⁷⁰⁷ Durante essa viagem, Salgado conclui que o Brasil necessitaria de uma política forte, semelhante a que estaria em voga no fascismo italiano. Conforme aponta Gonçalves,

[...] com a ambição de ser um intelectual e político, teve, em 1930, um momento chave do processo de entendimento do propósito para o Brasil: “Parte para a viagem longamente acariciada. Percorre quase toda a Europa e médio oriente: Egito, Palestina, Turquia, Grécia, Itália, Bélgica, Holanda, Suíça, Dinamarca, Espanha, Portugal e Inglaterra”, era a ida à Europa, ao encontro ao encontro da inspiração fascista.⁷⁰⁸

Arquitetando de forma mais concisa suas noções de hierarquia, autoridade, liderança, revolução e a sua própria ideia de *Deus, Pátria e Família* como sendo a tríade que daria base a uma perfeita construção Estatal, a viagem de Salgado a Europa foi a responsável por trazer à

⁷⁰³ GONÇALVES, Leandro Pereira. **Plínio Salgado**: um católico integralista entre Portugal e o Brasil (1895-1975). Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2017.

⁷⁰⁴ *Ibid.*

⁷⁰⁵ *Ibid.*, p. 61.

⁷⁰⁶ TRINDADE, Helgio. **Integralismo**: o fascismo brasileiro da década de 30. São Paulo: Difel, 1974. p. 43.

⁷⁰⁷ GONÇALVES, *op. cit.*

⁷⁰⁸ *Id.* **Entre Brasil e Portugal**: trajetória e pensamento de Plínio Salgado e a influência do conservadorismo português. 2012. 668 f. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012. p. 193.

tona elementos que marcaram de forma bastante característica a tipologia de pensamento autoritário que o futuro líder integralista pretendia instaurar no Brasil.⁷⁰⁹

De acordo com o próprio Plínio Salgado, essa viagem teria sido “o marco transformador do seu pensamento no sentido de criar uma concepção realmente prática do discurso nacionalista e reacionário no Brasil”.⁷¹⁰ Conforme o autor afirma posteriormente, em *Despertemos a Nação*, obra integralista publicada em 1935: “Depois de percorrer 14 paízes, como preceptor de um moço de uma família paulista, que me abriu um crédito suficiente para as vultuosas despesas, terminei em Paris “O Esperado” e esbocei o manifesto que pretendia lançar às novas gerações brasileiras”.⁷¹¹

Contudo, ao retornar ao Brasil, ele decide aguardar o momento certo para a fundação de seu partido, dedicando-se, no primeiro momento, justamente ao jornalismo político. Em 1931, o líder torna-se redator do jornal paulista *A Razão* (1931), periódico financiado também por Alfredo Egídio Souza Aranha, fundador do Banco Central de Crédito.

Surgido no final do primeiro semestre de 1931, o jornal tinha como um dos principais membros, Plínio Salgado, que escrevia diariamente uma *Nota Política*, visando “ativar a consciência dos meios políticos e intelectuais”.⁷¹² Através de sua circulação diária, muito embora não tenha completado nem um ano de existência, o periódico cumpriu a sua função: “estabelecer as bases ideológicas da AIB”.⁷¹³ Conforme aponta Cavalari, “O pensamento de Plínio Salgado e sua *conclamação aos moços de todo o país* já vinham sendo veiculados desde o ano anterior, pelo jornal *A Razão*, através da coluna *Notas Políticas*”.⁷¹⁴

Inspirado pelos ideais propagados por Salgado em suas notas políticas diárias, um grupo de intelectuais fundou a chamada Sociedade de Estudos Políticos (S.E.P.), da qual sairia, em 1932, o *Manifesto de Outubro*, documento que lançou oficialmente a AIB. Destaca-se que “o próprio movimento surgiu através de um jornal”⁷¹⁵, o que denuncia o relevante papel que Salgado atribuía à imprensa antes mesmo da fundação do partido.

Definindo-se inicialmente como movimento cultural e não como partido político, o integralismo afirma não acreditar na possibilidade de qualquer transformação imediata da

⁷⁰⁹ GONÇALVES, Leandro Pereira. **Plínio Salgado**: um católico integralista entre Portugal e o Brasil (1895-1975). Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2017.

⁷¹⁰ *Ibid.*, p. 195.

⁷¹¹ SALGADO, Plínio. **Despertemos a nação**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1935. p. 16.

⁷¹² TRINDADE, Helgio. **Integralismo**: o fascismo brasileiro da década de 30. São Paulo: Difel, 1974. p. 81.

⁷¹³ OLIVEIRA, Rodrigo Santos de. A imprensa da Ação Integralista Brasileira em perspectiva. In: GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte (Orgs.). **Entre tipos e recortes**: histórias da imprensa integralista. Guaíba: Sob Medida, 2011. p. 19-46. p. 23.

⁷¹⁴ CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. **Integralismo**: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937). Bauru: EDUSP, 1999. p. 13.

⁷¹⁵ OLIVEIRA, *op. cit.*, p. 22.

sociedade. Em discurso de tom crítico às agremiações políticas “que [...] tratam de, preliminarmente, conquistar o Poder, para, depois, pretender executar o plano preconcebido”⁷¹⁶, Salgado propõe reconstruir o homem de forma paciente e contínua “não pela força bruta das armas, mas pelo poder invencível das almas”.⁷¹⁷ Almejava-se o poder e a instauração de um Estado Integral para o Brasil, todavia, acreditava-se que mais urgente do que a conquista do poder seria a obra da educação integral para o homem integral: “quando pretende o Integralismo atingir o poder? Eis ahi uma coisa que nunca preocupou os camisas-verdes. Se não forem elles, serão seus filhos, porque o essencial é salvar o Brasil, transformal-o numa potência respeitada”.⁷¹⁸

De acordo com a concepção integralista, a sociedade brasileira, sendo desprovida de cultura e de educação e estando impregnada de valores materialistas e liberais, não estaria preparada ainda para receber “os arautos do advento da Idade Nova, que [...] será instaurada no Brasil sob o signo sagrado do Cristo e a flâmula bendita do Sigma”.⁷¹⁹ Mesmo assim, era preciso dar a início à obra de reconstrução do homem.

Não há, portanto, em nosso mundo político, nenhum sentido de responsabilidade. Tudo ali é flutuante, nada tem profundidade e firmeza. Numa palavra: não há caráter político. E não há caráter porque não há Educação. Por conseguinte, a obra que se nos impõe, se quisermos construir uma Pátria consciente, digna, forte nas suas convicções, é a obra urgente, imperiosíssima, da Educação.⁷²⁰

Era necessário preparar a sociedade por meio de uma sistemática e duradoura obra educacional, ou seja, uma obra de doutrinação. Para o chefe integralista, “o segredo das grandes construcções nacionaes está muito menos na combatividade impulsiva do que na estruturação da resistência moral. O povo é um monstro que se doma com a mesma paciência com que se domam os leões e os tigres”.⁷²¹ Nas palavras de Salgado, o enfoque educacional integralista era explicado a partir dos objetivos do movimento: não estamos fazendo uma campanha partidária, uma campanha com um raio de acção para cinco, dez ou vinte annos. Estamos sacudindo uma Nacionalidade, acordando um Continente, annunciando uma Nova Era”.⁷²²

⁷¹⁶ SALGADO, Plínio. **Despertemos a nação**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1935. p. 193-194.

⁷¹⁷ DELAMARE, Alcebíades. **Aos moços universitários**. Sessão solene do dia 6 de maio de 1937. p. 67.

⁷¹⁸ SALGADO, Plínio. **A doutrina do sigma**. São Paulo: Verde Amarelo, 1935. p. 185.

⁷¹⁹ DELAMARE, *op. cit.*, p. 66.

⁷²⁰ SALGADO, Plínio. Educação. In: SALGADO, Plínio *et al.* **Enciclopédia do integralismo**. Rio de Janeiro: Clássica Brasileira 1959. p. 119-127. v. IX: O integralismo e a educação. p. 124.

⁷²¹ *Id.* **Palavra nova dos tempos novos**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1936. p. 15-16.

⁷²² *Ibid.*, p. 82-83.

Mas, para um real despertar da alma nacional, seria preciso “uma arregimentação contínua, em permanente doutrinação, em disciplina perfeita, em esperança renovada, em sugestão espiritual, em excitação de brios, em combate sem tréguas”.⁷²³ Para tanto, o plano de ação prático do integralismo deveria ser colocado em prática imediatamente após a fundação do movimento através de sessões doutrinárias, da publicação de livros e, principalmente, da organização de uma rede de jornais e revistas que propagassem a doutrina do sigma, promovendo a manutenção doutrinária dos militantes já adeptos ao movimento, e arregimentando novos camisas-verdes ao partido. Nota-se, nesse sentido, que cada mecanismo doutrinário tinha um público-alvo específico. O da imprensa seria a grande massa brasileira.

Que processo usa o Integralismo para expôr a sua doutrina? Dos processos adequados a cada degráo de capacidades intellectuaes. Para os mais cultos, publica livros, tendo já lançado mais de 20 volumes contendo a philosophia, o fundamento jurídico, as bases econômicas e o schema de estrutura politica. Para os menos cultos, folhetos, boletins, artigos de jornal, pois temos já mais de 80 pequenos semanários modestos, em todo o Brasil, disseminando a nossa doutrina. E, finalmente, para os analphabetos, usamos da conversação, dirigindo-nos directamente ao seu coração e ao seu entendimento.⁷²⁴

Partindo-se do pressuposto de que o integralismo foi “o primeiro movimento político a utilizar extensivamente os modernos instrumentos de propaganda de massa”⁷²⁵, Salgado atribuiu à imprensa o papel de construir “uma concepção nacional e identidade nacionalista, através da formação da população e do controle, por meio do jornalismo e da opinião pública. Em resumo, a imprensa teria um duplo papel, teorizar a ideologia e, a partir daí, doutrinar a população”.⁷²⁶

Ao privilegiar uma série de avanços tecnológicos ocorridos nas primeiras décadas do século XX – como a expansão do fotojornalismo, o surgimento da técnica da diagramação e a popularização da iconografia – o integralismo arquitetou, em plena concomitância com o seu surgimento, estabelecimento e expansão, uma ampla rede composta por mais de 100 jornais oficialmente vinculados ao movimento.

A AIB valeu-se de um amplo aparato de divulgação do movimento, recorrendo aos mais modernos recursos disponíveis no período. O integralismo revolucionou a propaganda política brasileira nos anos 1930, valendo-se das experiências

⁷²³ SALGADO, Plínio. **Despertemos a nação**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1935. p. 198.

⁷²⁴ *Id.* **A doutrina do sigma**. São Paulo: Verde Amarelo, 1935. p. 186.

⁷²⁵ BERTONHA, João Fábio. A máquina simbólica do integralismo: propaganda e controle político no Brasil dos anos 30. **História e Perspectivas**, Uberlândia, n. 7, p. 87-110, jul./dez. 1992. p. 98.

⁷²⁶ OLIVEIRA, Rodrigo Santos de. A imprensa da Ação Integralista Brasileira em perspectiva. In: GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte (Orgs.). **Entre tipos e recortes: histórias da imprensa integralista**. Guaíba: Sob Medida, 2011. p. 19-46. p. 23.

contemporâneas de regimes autoritários de extrema direita que cresciam e se espalhavam pela Europa. Rádio, cinema, literatura, jornais, revistas, fotografias, uniformes, desfiles, panfletos, utensílios domésticos, emblemas, broches, entre outros aparatos transformaram a política em espetáculo. As estratégias se revelaram tão eficazes que o Estado Novo copiou muitas das diretrizes integralistas no campo da propaganda política.⁷²⁷

Conforme Oliveira, “no período de existência legal do movimento integralista foram editados cento e trinta e oito jornais oficialmente ligados ao movimento, sendo dois de circulação nacional, trinta de circulação regional e cento e seis de circulação local ou nuclear”.⁷²⁸ Essa rede de periódicos “orientava os militantes sobre o comportamento e comprometimento a ser assumido pelos integralistas na construção da “pátria integral”.⁷²⁹ A doutrina do sigma, assim, “mantinha-se viva para o integralista graças à materialidade do impresso”.⁷³⁰

Nesse sentido destaca-se a notável relação construída durante o período de existência legal da AIB entre a imprensa integralista e a própria expansão do movimento, haja vista que “enquanto o movimento se desenvolve (crescimento do número de adeptos e estrutura organizativa), editam-se novos jornais”.⁷³¹ De acordo com os pesquisadores do tema, “em cada núcleo integralista que se criava no país era quase automático o lançamento de um jornal”.⁷³²

[...] em todos os Estados sobre os quais tivemos acesso aos jornais das secretarias provinciais, a fundação do primeiro periódico nunca ultrapassou quarenta dias após a organização do primeiro núcleo de comando regional, elemento que nos leva a crer que uma das primeiras ações de cada chefia provincial é a fundação de um periódico para difundir a ideologia dos camisas-verdes.⁷³³

Cada núcleo integralista recebia a influência dos “jornais de circulação nacional, regional e da sua própria localidade (ou de uma localidade próxima). Desta forma, os

⁷²⁷ FIORUCCI, Rodolfo. As capas da revista *Anauê!* (1935-37): ideologia, doutrina e política através das imagens. In: GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte (Orgs.). **Entre tipos e recortes: histórias da imprensa integralista**. Guaíba: Sob Medida, 2012. v. 2. p. 21-42. p. 22-23.

⁷²⁸ OLIVEIRA, Rodrigo Santos de. A imprensa da Ação Integralista Brasileira em perspectiva. In: GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte (Orgs.). **Entre tipos e recortes: histórias da imprensa integralista**. Guaíba: Sob Medida, 2011. p. 19-46. p. 25.

⁷²⁹ SIMÕES, Renata Duarte. Imprensa oficial integralista: usos e ciclo de vida do jornal *A Offensiva*. In: GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte (Orgs.). **Entre tipos e recortes: histórias da imprensa integralista**. Guaíba: Sob Medida, 2011. p. 47-82. p. 48-49.

⁷³⁰ CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. **Integralismo: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937)**. Bauru: EDUSP, 1999. p. 79.

⁷³¹ OLIVEIRA, *op. cit.*, p. 25.

⁷³² FIORUCCI, *op. cit.*, p. 22.

⁷³³ OLIVEIRA, *op. cit.*, p. 25.

militantes ficavam a par de todas as informações e recebiam periodicamente sua carga doutrinária”.⁷³⁴

A característica utilização da imprensa enquanto instrumento político central do movimento denunciava que “a estratégia proposta pelos integralistas era inversa a dos partidos tradicionais: consenso ao invés da coerção”.⁷³⁵ Afirmando-se como um movimento de ideias e não de armas, o integralismo se esforçou na estruturação de uma ampla rede de imprensa que contava com “seus cento e trinta e oito jornais e suas quatro revistas [...] organizados como um grande conglomerado jornalístico (a *Sigma Jornaes Reunidos*)”⁷³⁶, objetivando formar “uma trama capaz de identificar o liderado com o líder, de forma que ele conquiste os militantes (e a população em geral, atraindo-a para o movimento) pela estima e não pelo medo”.⁷³⁷

Sendo a grande responsável pela legitimação do discurso integralista na sociedade brasileira dos anos 1930, a imprensa oficial do partido tinha como função, conforme aponta Salgado, “teorizar e doutrinar. Para orientar e conduzir. Para arrancar o país da confusão e elevá-lo às claras definições e às atitudes nítidas e fortes”.⁷³⁸ O papel da imprensa integralista foi “decisivo nessa obra de cultura disciplinadora para a ordem e a obediência, pois reproduzia a difusão dessas ideias e alimentava uma atmosfera que as tornavam coerentes e necessárias naquele contexto”.⁷³⁹ É possível perceber, a partir desses dados, que antes do integralismo, nenhum outro partido político havia utilizado a imprensa a serviço de seus ideais em proporções tão expressivas.

[...] foi a primeira vez que um movimento/partido utilizou a imprensa de forma sistemática e radical, pois até então as organizações políticas mantinham jornais muito mais informativos do que doutrinários. O que o diferenciava dos jornais dos partidos tradicionais era que tais organizações políticas tradicionais, cuja estrutura mantinha o poder, muitas vezes pela coerção, editavam jornais muito mais informativos do que doutrinários. Já os integralistas constituíram uma extensa rede de jornais e revistas com vistas à difusão de sua doutrina. E isto foi um dos grandes responsáveis pela inserção social do integralismo no Brasil dos anos de 1930.⁷⁴⁰

⁷³⁴ OLIVEIRA, Rodrigo Santos de. **Imprensa integralista, imprensa militante (1932-1937)**. 2009. 388 f. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009. p. 140.

⁷³⁵ *Ibid.*, p. 14.

⁷³⁶ *Ibid.*, p. 65.

⁷³⁷ BERTONHA, João Fábio. A máquina simbólica do integralismo: propaganda e controle político no Brasil dos anos 30. **História e Perspectivas**, Uberlândia, n. 7, p. 87-110, jul./dez. 1992. p. 89.

⁷³⁸ SALGADO *apud* OLIVEIRA, *op. cit.*, p. 106.

⁷³⁹ GONÇALVES, Leandro Pereira; TANAGINO, Pedro Ivo Dias. Páginas de Plínio Salgado: Estado, história e revolução na propaganda integralista de 1932 a 1937. In: GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte (Orgs.). **Entre tipos e recortes: histórias da imprensa integralista**. Guaíba: Sob Medida, 2011. p. 183-205. v: 2. p. 193-194.

⁷⁴⁰ OLIVEIRA, *op. cit.*, p. 14.

Nessa ampla rede de periódicos, quatro jornais e três revistas se destacam como sendo de maior expressão na estrutura interna da imprensa integralista, detendo um significativo papel no processo de expansão do movimento, sendo eles os jornais *O Integralista*, *Monitor Integralista*, *A Offensiva* e *Acção*; e as revistas *Anauê!*, *Brasil Feminino* e *Panorama*. A seguir, visa-se contextualizar os periódicos na estrutura geral da imprensa integralista.

O primeiro deles, surgiu um mês após a publicação do *Manifesto de Outubro*, foi o jornal *O Integralista*. Organizado pelos estudantes da Faculdade de Direito de São Paulo⁷⁴¹, o periódico “não chegou a circular de forma regular, na realidade editaram-se apenas dez números, mas durou todo o período de existência da AIB”.⁷⁴² Considerando-se que a estrutura doutrinária da AIB estava ainda em fase de estruturação neste período, o periódico em questão “não acrescenta muito àquilo que estava publicado no *Manifesto* [...]. Todavia, é interessante notar o papel que o jornal dá ao fascismo. Nele, o integralismo estaria trilhando um caminho para se tornar fascista”.⁷⁴³

O primeiro jornal integralista de circulação nacional, lançado no Rio de Janeiro em dezembro de 1933, foi o periódico *Monitor Integralista*. Estruturado como uma espécie de “diário oficial” do movimento, trazia em seu conteúdo, hegemonicamente teórico, resoluções internas e orientações da chefia nacional. Conforme aponta Oliveira,

Era nestas páginas que editavam toda a estrutura organizativa em forma de organogramas, além de como deveriam ser estruturadas as secretarias em todas as suas esferas (nacional, estadual e nuclear). Definia como deveriam ser os uniformes e as divisas. Fazia convocações para reuniões e congressos. Publicava o nome dos membros que assumiam cargos, tanto nas secretarias nacionais, quanto regionais. Além disso, transmitiam as resoluções da chefia nacional, todas elas assinadas pelo “Chefe Nacional” Plínio Salgado. Em outras palavras, era o órgão que definia como deveria ser a estrutura interna da AIB.⁷⁴⁴

Inicialmente, entre dezembro de 1933 e fevereiro de 1934, o *Monitor Integralista* tinha circulação quinzenal, passando para bimestral ainda em 1934 e a trimestral em 1935, encerrando seu ciclo de vida como quadrimestral no ano de 1937. Reconhecido enquanto único órgão oficial do partido, sua assinatura era obrigatória a todos os inscritos nas fileiras do sigma e sua função primordial, além de atualizar a militância sobre as decisões tomadas pelas chefias integralistas, era a de fixar as bases da doutrina. A título de exemplo da

⁷⁴¹ OLIVEIRA, Rodrigo Santos de. **Imprensa integralista, imprensa militante (1932-1937)**. 2009. 388 f. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

⁷⁴² *Id.* A imprensa da Ação Integralista Brasileira em perspectiva. In: GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte (Orgs.). **Entre tipos e recortes: histórias da imprensa integralista**. Guaíba: Sob Medida, 2011. p. 19-46. p. 29.

⁷⁴³ *Ibid.*, p. 149.

⁷⁴⁴ *Id.* **Imprensa integralista, imprensa militante (1932-1937)**, *op. cit.*, p. 151.

relevância dada pelo movimento a este periódico, destaca-se que, no documento Protocolos e Rituais, no Capítulo XVII – Da Imprensa, o artigo 219 traz a seguinte resolução:

Art. 219 – O Chefe Nacional, de acordo com o parecer aprovado no Congresso Integralista de Imprensa de Bello Horizonte, resolveu pôr um tempo a imprensa official do integralismo em todas as Províncias, conservando essa qualidade, a um órgão, apenas – o “Monitor Integralista”, do Rio de Janeiro – subordinado, directamente, a Chefia Nacional.⁷⁴⁵

Posteriormente ao estabelecimento do *Monitor Integralista*, em 17 de maio de 1934, foi lançado o jornal *A Offensiva*, periódico de maior expressão dentro da estrutura da imprensa integralista a partir de uma necessidade interna de maior difusão da doutrina. Essa carência, conforme destaca Oliveira, foi suprida por *A Offensiva*. “O referido periódico era o principal portal de transmissão da doutrina integralista. Tinha o caráter de órgão oficial do integralismo e era através dele que a palavra do “Chefe Nacional”, Plínio Salgado, chegava aos lares dos militantes”.⁷⁴⁶ O periódico tinha como função “a difusão da ideologia integralista, a doutrinação dos militantes e a consolidação e manutenção do poder pessoal de Salgado dentro da Ação Integralista Brasileira”.⁷⁴⁷ Assim como no caso do jornal *Monitor Integralista*, sua assinatura era obrigatória a todas as fileiras integralistas.

Segundo Renata Simões, o ciclo de vida do jornal *A Offensiva* “é marcado por três fases distintas, cujas mudanças de uma para outra são bastante expressivas e refletem os momentos da AIB”.⁷⁴⁸ Os dados levantados pela autora mostram que, em sua primeira fase, de 1934 a 1936, o periódico tinha uma tiragem semanal e seu discurso denunciava um caráter de cunho mais doutrinário; a partir de 1936 até o final de 1937, o periódico viveria sua segunda fase, dessa vez como diário matutino, com doutrinação mais velada e caráter explicitamente eleitoral⁷⁴⁹; e em sua terceira e última fase, “a partir do n. 661 até o n. 748, o jornal, precisando adequar-se às mudanças políticas no período, extingue as seções de caráter

⁷⁴⁵ PROTOCOLLOS e Rituais: regulamento. Niterói: Edição do núcleo municipal de Niterói, 1937. p. 67.

⁷⁴⁶ OLIVEIRA, Rodrigo Santos de. A imprensa da Ação Integralista Brasileira em perspectiva. In: GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte (Orgs.). **Entre tipos e recortes: histórias da imprensa integralista**. Guaíba: Sob Medida, 2011. p. 19-46. p. 31.

⁷⁴⁷ *Ibid.*, p. 33.

⁷⁴⁸ SIMÕES, Renata Duarte. Imprensa oficial integralista: usos e ciclo de vida do jornal *A Offensiva*. In: GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte (Orgs.). **Entre tipos e recortes: histórias da imprensa integralista**. Guaíba: Sob Medida, 2011. p. 47-82. p. 51.

⁷⁴⁹ *Ibid.*, p. 47-82.

explicitamente doutrinário. As ações do movimento noticiadas no jornal [...] tornam-se limitadas aos serviços de assistência e as atividades culturais”.⁷⁵⁰

Possuindo o caráter de “principal órgão do partido e uma das principais formas de inserção social dos “camisas-verdes” junto à sociedade brasileira da época”, o periódico era tido como a voz oficial não só do movimento, mas do Chefe Nacional, considerando-se que, inicialmente, o próprio Plínio Salgado ocupava o cargo de diretor do jornal. “Plínio Salgado manteve-se diretor do impresso n. 1 ao n. 54, passando, a partir desse número, a ocupar a função somente de orientador, deixando a direção a cargo de Madeira de Freitas”. Tamanha era a importância deste periódico para o movimento que, além de sua assinatura ser obrigatória a toda a militância, independentemente da posição hierárquica no partido, as folhas de circulação regional e local eram orientadas pela Secretaria a publicar grande parte do conteúdo oficial divulgado no jornal, que “servia de exemplo para outros jornais do movimento. Mesmo que não possuíssem a mesma capacidade em termos de recursos para publicação, *A Offensiva* era o norte desses periódicos”.⁷⁵¹

Por fim, um último jornal teve um papel de destaque no movimento: o periódico *Acção*, de São Paulo. Ao lado de o *Monitor Integralista* e de *A Offensiva*, este jornal, apesar do âmbito provincial e não nacional, configurava-se em mais um dos “canais de propaganda integralista por se situar em Estados estratégicos para a disputa eleitoral, na qual Plínio Salgado era candidato à Presidência da República”.⁷⁵² Fundado em 1936 por Miguel Reale, o periódico de circulação diária foi considerado “o maior investimento, em termos de imprensa, da AIB em São Paulo, tendo se tornado um dos mais importantes veículos publicitários do partido”.⁷⁵³ A fundação deste jornal, no ano que marca o ápice da transição integralista para um viés eleitoral, caracterizou-se enquanto uma das principais estratégias do partido visando as eleições de 1938, haja vista que “o Estado de São Paulo era o principal colégio eleitoral do país”.⁷⁵⁴

⁷⁵⁰ SIMÕES, Renata Duarte. Imprensa oficial integralista: usos e ciclo de vida do jornal *A Offensiva*. In: GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte (Orgs.). **Entre tipos e recortes: histórias da imprensa integralista**. Guaíba: Sob Medida, 2011. p. 47-82. p. 51.

⁷⁵¹ OLIVEIRA, Rodrigo Santos de. **Imprensa integralista, imprensa militante (1932-1937)**. 2009. 388 f. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009. p. 166.

⁷⁵² BARBOSA, Jefferson Rodrigues. A imprensa integralista e o jornal *Acção*: vínculos ideológicos entre a extrema direita no início do século XX. In: GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte (Orgs.). **Entre tipos e recortes: histórias da imprensa integralista**. Guaíba: Sob Medida, 2011. p. 133-164. p. 135.

⁷⁵³ DOTTA, Renato Alencar. *Acção*: a lenta agonia de um jornal integralista (1937-1938) In: GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte (Orgs.). **Entre tipos e recortes: histórias da imprensa integralista**. Guaíba: Sob Medida, 2011. p. 165-181. p. 165-166.

⁷⁵⁴ OLIVEIRA, *op. cit.*, p. 274.

Circulando de 1936 até 1938, o periódico *Acção* foi um “canal de divulgação da ideologia e do projeto político da AIB e deu sua interpretação “sob a visão de mundo integral”, sobre os acontecimentos marcantes do cenário nacional e internacional que ocorreram entre 1936 e 1938”.⁷⁵⁵

A partir de 1935, o movimento integralista sofre uma mudança estratégica em sua estrutura interna, mudando o seu discurso até então doutrinário e teórico para um viés de cunho essencialmente eleitoral. Nessa nova fase do partido, a imprensa oficialmente vinculada à AIB também passa por alterações sistemáticas. A principal delas foi o início da utilização não só de jornais mas também de revistas que, visando atrair mais eleitores, deveriam ter como público-alvo homens, mulheres e crianças.

Tais periódicos começaram a surgir a partir de 1935, com a função de “suprir uma parte dos membros do movimento que não eram “contemplados” pelas folhas diárias, semanais e quinzenais. Durante esta pesquisa, chegou-se ao número de sete revistas. Teve-se acesso, porém, a apenas cinco, sendo que três continham um exemplar”.⁷⁵⁶ Dentre elas, “apenas duas eram de circulação nacional, *Anauê!* e *Panorama*, e tiveram um papel de destaque. As demais ficaram restritas aos seus respectivos estados, sem possuir grande repercussão além de suas fronteiras regionais”.⁷⁵⁷ Conforme aponta Oliveira,

Estas revistas começaram a surgir a partir de 1935, período em que o integralismo já estava completamente estruturado e passou a utilizar novos meios de cooptação social. Foi neste momento que a AIB abandonou a “via” revolucionária para adotar a eleitoral, ao adquirir o registro como partido político. Com esta alteração, houve a necessidade de apresentar propostas sociais, ou pelo menos, agregar um discurso que abrangesse não só os homens, como suas esposas e filhos. Por esta razão, este tipo de publicação passou a ter destaque.⁷⁵⁸

As revistas integralistas, assim, visavam dar ao movimento uma capacidade maior de abrangência perante a sociedade brasileira, podendo ser lidas “por todos os membros da família”.⁷⁵⁹ Tinha início, a partir de então, uma maior estruturação da obra de “saneamento da

⁷⁵⁵ BARBOSA, Jefferson Rodrigues. A imprensa integralista e o jornal *Acção*: vínculos ideológicos entre a extrema direita no início do século XX. In: GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte (Orgs.). **Entre tipos e recortes**: histórias da imprensa integralista. Guaíba: Sob Medida, 2011. p. 133-164. p. 137.

⁷⁵⁶ OLIVEIRA, Rodrigo Santos de. **Imprensa integralista, imprensa militante (1932-1937)**. 2009. 388 f. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009. p. 180.

⁷⁵⁷ *Ibid.*, p. 181.

⁷⁵⁸ *Ibid.*, p. 180.

⁷⁵⁹ *Ibid.*, p. 181.

família pela educação”.⁷⁶⁰ Para tanto, houve um significativo esforço por parte do movimento no sentido de tornar o discurso veiculado pela imprensa periódica mais *representativo*.

Especialmente no que tange às revistas, o partido se utilizou amplamente de uma propaganda de natureza emocional explícita que, “para chamar a atenção do receptor, deveria estar baseada em argumentos dramaticamente convincentes e símbolos poderosamente emocionantes”.⁷⁶¹ Ao utilizar um variado conjunto de imagens e de símbolos em lugar de longos textos teóricos e de linguagem formal, o movimento visava tornar a leitura de seu discurso de fácil apreensão.⁷⁶² Nota-se que “a imprensa integralista era dividida em dois tipos de periódicos: jornais e revistas. Ambas possuíam público-alvo e objetivos distintos”.⁷⁶³

Em 1935 foi criada a Revista *Anauê!*, um periódico de circulação nacional cuja tiragem, inicialmente, foi bimensal, passando a ser mensal a partir de dezembro de 1935.⁷⁶⁴ Esse periódico tinha “o objetivo claro de atuar não só no campo da doutrina como no da sedução de novos militantes e/ou eleitores, praticando jornalismo de variedades e de forte apelo à imagem”.⁷⁶⁵ Circulando em todos os núcleos do país de 1935 até a extinção da AIB, em 1937, a revista *Anauê!* constituiu-se enquanto “a principal publicação integralista no que tange ao aspecto de popularizar o conteúdo jornalístico”⁷⁶⁶ veiculado pelo integralismo.

Estruturada como uma Revista Cultural, a primeira revista integralista apresentou um conteúdo variado com notícias, textos e matérias que abordavam “cinema, teatro, e sociedade. Tinha seções voltadas para as mulheres e crianças. Possuía notas sobre higiene e saúde. Trazia informações sobre os núcleos espalhados pelo país”.⁷⁶⁷ Com um notável investimento nas técnicas da diagramação e da iconografia, o periódico obteve destaque em relação ao restante da imprensa oficialmente ligada ao partido. Conforme aponta Fiorucci,

Foi a revista que mais se valeu de imagens e das cores para chamar a atenção. Considerando-se que o número de analfabetos brasileiros nos anos 1930 era

⁷⁶⁰ PENNA, Belisário. A mulher e a família, o lar e a escola. In: SALGADO, Plínio *et al.* **Enciclopédia do integralismo**. Rio de Janeiro: Clássica Brasileira, 1959. p. 41-59. v. IX: O integralismo e a educação. p. 48.

⁷⁶¹ BULHÕES, Tatiana da Silva. Fotografias, gênero e autoritarismo: representações do feminino pela Ação Integralista Brasileira. In: SILVA, Giselda Brito. **Estudos do integralismo no Brasil**. Recife: Editora da Universidade Federal Rural de Pernambuco, 2007. p. 219-235. p. 221.

⁷⁶² *Ibid.*

⁷⁶³ OLIVEIRA, Rodrigo Santos de. A imprensa da Ação Integralista Brasileira em perspectiva. In: GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte (Orgs.). **Entre tipos e recortes: histórias da imprensa integralista**. Guaíba: Sob Medida, 2011. p. 19-46. p. 25.

⁷⁶⁴ BULHÕES, *op. cit.*

⁷⁶⁵ FIORUCCI, Rodolfo. As capas da revista *Anauê!* (1935-37): ideologia, doutrina e política através das imagens. In: GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte (Orgs.). **Entre tipos e recortes: histórias da imprensa integralista**. Guaíba: Sob Medida, 2012. v. 2. p. 21-42. p. 25.

⁷⁶⁶ *Ibid.*, p. 25.

⁷⁶⁷ OLIVEIRA, Rodrigo Santos de. **Imprensa integralista, imprensa militante (1932-1937)**. 2009. 388 f. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009. p. 181.

expressivo, trabalhou no sentido de educar o olhar do leitor que não precisava ler as matérias da revista, desde que se familiarizasse com os ritos, os emblemas, os comportamentos e a doutrina de Plínio Salgado e seus seguidores.⁷⁶⁸

Além de *Anauê!*, outro periódico de destaque foi a revista *Panorama*, fundada em 1936 sob a direção de Miguel Reale. Indo em direção a um caminho oposto ao da revista *Anauê!*, que visava estreitar laços com as camadas mais populares da sociedade, o periódico visava “contemplar a “elite” intelectual do movimento”.⁷⁶⁹ O público-alvo eram, especialmente, os integralistas que compunham os cargos de direção dentro do partido.

Enquanto grande parte da imprensa integralista no pós-1935 voltava o seu discurso para a mulher, para o jovem e para a família como um todo, a revista *Panorama* tinha como enfoque a doutrinação de cunho mais teórico da elite brasileira. Até então, o grupo formado “pela elite dirigente e os setores mais intelectualizados”⁷⁷⁰ da sociedade não era contemplado pela imprensa integralista, em especial na fase eleitoral do movimento, período em que “os jornais objetivavam a difusão ideológica para outros segmentos. Em outras palavras, o objetivo dos jornais era difundir a ideologia do movimento da forma mais simples possível. As discussões mais aprofundadas ficavam em segundo plano”.⁷⁷¹

Além dessas duas revistas de circulação nacional, outras cinco foram organizadas pelo partido através dos núcleos provinciais.⁷⁷² Dentre estes periódicos, aquele que obteve maior expressividade foi a *Brasil Feminino*, revista de tiragem mensal editada pela Secretaria de Arregimentação Feminina e da Juventude, no Rio de Janeiro, e dirigida pela militante integralista Iveta Ribeiro.

Destaca-se que o caso deste periódico é bastante característico, tendo em vista que, diferentemente do restante da imprensa integralista, a revista *Brasil Feminino* já existia antes mesmo da fundação do partido. Apesar de desde 1932 já propagar “um discurso moral, ético e cristão, [...] até determinado período, ela ainda não apresentava quaisquer resquícios dos preceitos integralistas em suas páginas”.⁷⁷³ Após um momento de intensa crise financeira, o

⁷⁶⁸ FIORUCCI, Rodolfo. As capas da revista *Anauê!* (1935-37): ideologia, doutrina e política através das imagens. In: GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte (Orgs.). **Entre tipos e recortes: histórias da imprensa integralista**. Guaíba: Sob Medida, 2012. v. 2. p. 21-42. p. 25.

⁷⁶⁹ OLIVEIRA, Rodrigo Santos de. A imprensa da Ação Integralista Brasileira em perspectiva. In: GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte (Orgs.). **Entre tipos e recortes: histórias da imprensa integralista**. Guaíba: Sob Medida, 2011. p. 19-46. p. 42.

⁷⁷⁰ *Ibid.*

⁷⁷¹ *Ibid.*, p. 42.

⁷⁷² *Ibid.*

⁷⁷³ MANCILHA, Virgínia Maria Netto. Nas páginas da imprensa feminina: uma análise da revista *Brasil Feminino* e da participação feminina no movimento do Sigma (1932-1937). In: GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte (Orgs.). **Entre tipos e recortes: histórias da imprensa integralista**. Guaíba: Sob Medida, 2011. p. 185.

periódico decide assumir um posicionamento claramente integralista, tornando-se órgão oficialmente integralista a partir de maio de 1937. De acordo com alguns relatos publicados no jornal *Monitor Integralista*, o periódico teria recebido ajuda financeira do movimento:

Sua diretora, a jornalista carioca Iveta Ribeiro, afirmava que a revista havia passado por cinco anos muito difíceis e que recebeu o socorro do integralismo no momento em que mais precisava. É interessante também notarmos que, nesse mesmo período, Iveta Ribeiro filia-se ao integralismo e, em poucos meses, a jornalista já militava dentro do Departamento Feminino.⁷⁷⁴

Com discurso direcionado fundamentalmente à mulher, o periódico trazia notícias sobre as atividades desenvolvidas pela Secretaria Nacional de Arregimentação Feminina e da Juventude. Os textos detalhavam qual deveria ser o papel da mulher na estrutura interna do movimento e na sociedade brasileira, procurando “abordar, em seus exemplares, assuntos históricos e questões políticas, uma vez que o periódico “Da mulher, pela mulher e para a mulher” integralista tinha como função principal aprofundar a educação feminina”.⁷⁷⁵

Além destes, os periódicos *Sigma*, de Niterói, e *Única*, de Salvador, também compunham a rede de revistas oficialmente ligadas ao integralismo, compartilhando do mesmo objetivo de propagar a doutrina do sigma à grande massa brasileira. Dessa forma, as revistas “dirigiam-se aos grupos que escapavam ao discurso mais generalizado, seja por uma questão de gênero, idade ou erudição. Valendo-se desse recurso, todos os grupos acabavam sendo enquadrados dentro da rede de difusão ideológica que os integralistas construíram”.⁷⁷⁶

A imprensa integralista compunha o consórcio jornalístico *Sigma – Jornais Reunidos*, regido pela Secretaria Nacional de Imprensa⁷⁷⁷ cuja responsabilidade era a de “garantir a

⁷⁷⁴ MANCILHA, Virgínia Maria Netto. Nas páginas da imprensa feminina: uma análise da revista *Brasil Feminino* e da participação feminina no movimento do Sigma (1932-1937). In: GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte (Orgs.). **Entre tipos e recortes: histórias da imprensa integralista**. Guaíba: Sob Medida, 2011. p. 186.

⁷⁷⁵ *Ibid.*, p. 187.

⁷⁷⁶ OLIVEIRA, Rodrigo Santos de. A imprensa da Ação Integralista Brasileira em perspectiva. In: GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte (Orgs.). **Entre tipos e recortes: histórias da imprensa integralista**. Guaíba: Sob Medida, 2011. p. 19-46. p. 44.

⁷⁷⁷ A título de esclarecimento, é importante ressaltar que, de 1934 a 1936, a imprensa integralista era regida pela Secretaria Nacional de Doutrina e Propaganda. “Percebe-se que as suas atribuições, inicialmente, eram bastante simples. Não existiam, no entanto, mecanismos de controle e organização dos jornais do movimento” (*Id. Imprensa integralista, imprensa militante (1932-1937)*. 2009. 388 f. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009. p. 271). No ano de 1936, a partir de uma reestruturação interna do movimento, visando a legitimação da AIB enquanto partido político propriamente dito, foram estabelecidas uma série de novas secretarias, em substituição aos antigos departamentos. Entre elas a Secretaria Nacional de Arregimentação Feminina e da Juventude, responsável por orientar as atividades dirigidas as categorias juvenis, e a Secretaria Nacional de Imprensa, que passou a reger toda a estrutura jornalística do integralismo. A partir de então, “houve a junção entre Doutrina e Propaganda, sendo unidas em uma única seção. A imprensa era uma das suas atribuições” (*Ibid.*, p. 272). Conforme aponta Barbosa, “o ano de 1936 foi um momento importante da política de imprensa formulada pelas lideranças integralistas com a reformulação da

padronização dos jornais integralistas”⁷⁷⁸, fazendo com que a doutrina chegasse até a sociedade de forma organizada e homogênea, ou, utilizando os termos de Cavalari, para que o discurso integralista chegasse até o público em um *sentido único*. De acordo com o regulamento da Secretaria Nacional de Imprensa, seus principais objetivos eram: “orientar a produção dos jornais; preparar materiais para a imprensa do movimento; auxiliar jornais integralistas e simpatizantes do ponto de vista doutrinário; garantir a difusão da ideologia de forma linear”.⁷⁷⁹ Conforme destaca Cavalari,

Para garantir o *sentido único* das publicações integralistas, isto é, garantir a unificação do Movimento por meio do pensamento e da orientação doutrinária e garantir a padronização da forma, importantes estratégias de unificação e controle foram adotadas pela A.I.B., a saber: a criação do *Stigma – Jornais Reunidos*, a Secretaria Nacional de Imprensa (S.N.I) e as *Comissões de Imprensa*.⁷⁸⁰

A imprensa integralista era assim orientada “no sentido de veicular as mesmas ideias, mas [...] também no sentido de obedecer à mesma forma de diagramação, aos mesmos dispositivos tipográficos”.⁷⁸¹ Havia, nesse momento, um esforço de “padronização da imprensa integralista tanto com relação ao conteúdo que veiculava, quanto com relação à forma como era dada a ler”.⁷⁸² Uma das estratégias adotadas neste sentido foi a seguinte determinação do partido à imprensa integralista: “Todo jornal integralista era obrigatoriamente orientado a enviar à S.N.I. um exemplar de cada edição e outro ao Chefe Nacional”.⁷⁸³

Esses periódicos estariam, assim, sob a constante censura do partido que, através da Secretaria Nacional de Imprensa, poderia até mesmo “cassar-lhes a qualidade de órgãos

estrutura burocrática do partido. Muitas Secretarias Nacionais foram criadas, em 1936, para dinamizar a atuação da AIB e para uma maior eficiência da propaganda política dos camisas-verdes” (BARBOSA, Jefferson Rodrigues. A imprensa integralista e o jornal *Acção*: vínculos ideológicos entre a extrema direita no início do século XX. In: GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte (Orgs.). **Entre tipos e recortes**: histórias da imprensa integralista. Guaíba: Sob Medida, 2011. p. 133-164. p. 134), com vistas às eleições presidenciais que ocorreriam em 1938. A partir desta mudança estrutural, “a imprensa ganhou um caráter organizacional, que até então não possuía [...]. Sua estrutura não apenas aponta para a confecção de periódicos, como também para a fiscalização de textos publicados sobre o movimento em outras folhas. Além disso, passa a ter um setor de censura, cujo objetivo primordial era controlar os jornais do movimento” (OLIVEIRA, Rodrigo Santos de. **Imprensa integralista, imprensa militante (1932-1937)**. 2009. 388 f. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009. p. 272).

⁷⁷⁸ BARBOSA, *op. cit.*, p. 135.

⁷⁷⁹ OLIVEIRA, *op. cit.*, p. 273.

⁷⁸⁰ CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. **Integralismo**: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937). Bauru: EDUSP, 1999. p. 83.

⁷⁸¹ *Ibid.*

⁷⁸² *Ibid.*

⁷⁸³ PROTOCOLLOS e Rituais: regulamento. Niterói: Edição do núcleo municipal de Niterói, 1937. p. 68.

Integralistas”⁷⁸⁴, caso o conteúdo publicado não estivesse de acordo com a orientação do movimento. Aliadas à ação da Secretaria, as *Comissões de Imprensa*, instauradas junto ao Gabinete das Chefias Provinciais e Municipais, tinham a função de “censurar e selecionar toda matéria de caráter doutrinário ou partidário, destinada a publicação”.⁷⁸⁵ Tais mecanismos buscavam “garantir que os jornais publicassem apenas o que fosse favorável à AIB ou o que estivesse de acordo com seus ideários. Os textos encaminhados para divulgação passavam pelo crivo minucioso da *Comissão de Imprensa*, quando não eram analisados pelo próprio Chefe Nacional”.⁷⁸⁶

Dessa maneira, a doutrina integralista era transmitida “a todas as regiões do país onde houvesse núcleos, com custo de produção relativamente baixo”⁷⁸⁷, fazendo com que diferentes locais recebessem um mesmo discurso doutrinário. Um exemplo deste esforço em prol da construção de um discurso integralista único é a assinatura dos periódicos de circulação nacional *A Offensiva* e *Monitor Integralista*, obrigatória a todos os inscritos nas fileiras do sigma. Conforme aponta Oliveira, “as lideranças nas esferas nacionais, regionais e locais eram obrigadas a ter uma assinatura individual e também era recomendado que todos os militantes assinassem ou comprassem nas bancas”.⁷⁸⁸

Além da instituição da Secretaria Nacional de Imprensa e das Comissões de Imprensa, o movimento organizou uma série de outros mecanismos que denunciam o significativo papel atribuído à imprensa pelo movimento, bem como o esforço do partido em construir uma imprensa estruturada e organizada nacionalmente. Em 1936, por exemplo, a AIB promoveu o *Congresso Integralista de Imprensa*, em Belo Horizonte, ocasião em que não apenas foi elaborado o já mencionado *Código de Ética Jornalística*, como também foi apresentada a proposta de criação de uma Escola de Jornalismo, com o objetivo de orientar a formação do profissional de imprensa dentro dos preceitos do integralismo. No entanto, “o projeto não chegou a sair do papel, embora já tivesse inclusive o currículo do curso definido. É importante lembrar que nesta época não havia nenhuma faculdade que ministrasse cursos de jornalismo”.⁷⁸⁹ Além disso, de acordo com os pesquisadores do tema, ocorreram tentativas por parte do movimento de aproximação com a grande imprensa brasileira. Conforme cita Bulhões,

⁷⁸⁴ PROTOCOLLOS e Rituais: regulamento. Niterói: Edição do núcleo municipal de Niterói, 1937. p. 68.

⁷⁸⁵ MONITOR INTEGRALISTA. Rio de Janeiro: Ação Integralista Brasileira, 1933-1937. p. 07.

⁷⁸⁶ SIMÕES, Renata Duarte. **A educação do corpo no jornal *A Offensiva* (1932-1938)**. 2009. 205 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. p. 32.

⁷⁸⁷ OLIVEIRA, Rodrigo Santos de. **Imprensa integralista, imprensa militante (1932-1937)**. 2009. 388 f. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009. p. 151.

⁷⁸⁸ OLIVEIRA, *loc. cit.*

⁷⁸⁹ *Ibid.*, p. 281.

Uma das orientações da Secretaria Nacional de Imprensa às Secretarias Municipais era identificar, por meio de um questionário, os jornais não integralistas do seu município, investigando inclusive se existiam integralistas infiltrados no corpo de funcionários e qual a posição do jornal em relação ao movimento. [...] Estas orientações internas indicam a existência de esforços para aproximar a AIB da imprensa diária não integralista e que, provavelmente, textos e imagens do movimento foram enviados pelos departamentos provinciais de imprensa da AIB.⁷⁹⁰

A utilização da imprensa enquanto principal arma política do integralismo garantia que o militante não precisasse ir até um núcleo “para receber a sua carga doutrinária. Ele podia comprar a um custo baixo em uma banca ou receber em sua residência, caso os assinasse. Desta forma, quem não era membro do integralismo podia ler o jornal ou a revista e aderir ao movimento”. Os periódicos oficialmente ligados ao partido apenas instrumentos pedagógicos, mas também ferramenta de cooptação social.⁷⁹¹

4.2 JUVENTUDE E IMPRENSA

Conforme já foi aqui apontado, o cenário de crise instaurado no Brasil do pós-guerra, aliado a uma série de mudanças surgidas nas primeiras décadas do século XX, fizeram surgir a latente necessidade de “substituição das velhas formas de dominação por outras que legitimassem melhor o poder e suas políticas, dando a este poder uma eficiência maior”.⁷⁹² Pioneiro na expressiva utilização da imprensa a serviço de seus interesses e aspirações políticas, o integralismo, em seu período de existência legal, armou-se de uma ampla rede de periódicos de caráter explicitamente doutrinário, que através da estratégica implantação de um sistema discursivo carregado de símbolos e imagens, característicos da mística fascista, agiam para manipular o imaginário social, de acordo com os preceitos do sigma.

Muito embora tenha-se apontado aqui que a imprensa foi utilizada pelo integralismo como principal instrumento de educação integral, ou seja, de formação e enquadramento das massas em direção “a criação de um novo tipo de homem, apropriado à nova sociedade que deveria surgir”⁷⁹³, destaca-se que outra das fundamentais funções atribuídas à imprensa oficial do partido era a de contribuir para a legitimação do integralismo na sociedade brasileira dos

⁷⁹⁰ BULHÕES, Tatiana da Silva. Fotografias, gênero e autoritarismo: representações do feminino pela Ação Integralista Brasileira. In: SILVA, Giselda Brito. **Estudos do integralismo no Brasil**. Recife: Editora da Universidade Federal Rural de Pernambuco, 2007. p. 219-235. p. 222-223.

⁷⁹¹ OLIVEIRA, Rodrigo Santos de. **Imprensa integralista, imprensa militante (1932-1937)**. 2009. 388 f. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009. p. 15.

⁷⁹² BERTONHA, João Fábio. A máquina simbólica do integralismo: propaganda e controle político no Brasil dos anos 30. **História e Perspectivas**, Uberlândia, n. 7, p. 87-110, jul./dez. 1992. p. 92.

⁷⁹³ *Ibid.*, p. 89.

anos 1930. Todavia, para que este objetivo fosse atingido com êxito, uma série de estratégias foram adotadas pelo movimento.

Assim, após compreender a intrínseca relação estabelecida entre o movimento integralista e sua imprensa, evidenciando o relevante papel atribuído à comunicação pelo partido, torna-se possível que voltar o olhar às formas de utilização dessa imprensa, seja no sentido de legitimação do discurso integralista, seja no objetivo de “reeducação” e aculturação das massas. A partir disso, busca-se compreender a relação construída entre essa imprensa e a juventude, integralista ou não.

Inserido no contexto intelectual do pós-guerra, marcado por um forte pessimismo e pela crença na possibilidade de colapso do ocidente, o movimento integralista construiu toda a lógica de seu discurso – especialmente aquele propagado pela imprensa – a partir da imagem de um Brasil mergulhado em uma crise sem precedentes, trazendo à tona “o fantasma da desagregação social”.⁷⁹⁴

Aproveitando-se no cenário de instabilidade instaurado no Brasil nas primeiras décadas do século XX – com a intensificação dos confrontos entre integralistas e aliancistas; a promulgação da chamada “Lei Monstro” e a rápida e contínua expansão do Partido Comunista no Brasil⁷⁹⁵ –, o integralismo se utilizou amplamente da imprensa para propagar, perante à sociedade, a ideia de que a nação estaria sob a ameaça de um perigo eminente que, em um curto período de tempo, levaria o Brasil até o seu total colapso. Conforme aponta Bertonha, “tal dramaturgia acena com os riscos de [...] uma ameaça comum a todos e que é impossível ignorar. Ela mobiliza a sociedade e conclama para a absoluta necessidade de restauração da ordem e de implantação de certos valores, através da submissão aos agentes redentores fascistas”.⁷⁹⁶

Operando a partir da marca mais característica de seu discurso – a necessidade constante de uma dualidade – o discurso integralista arquitetava a imagem da crise em contraposição à noção de ordem e de harmonia social que poderia ser novamente instaurada no Brasil somente através da Revolução Espiritual, promovida pelo movimento. Constituindo-se enquanto uma das estratégias mais presentes no discurso da imprensa integralista, a alteridade crise *versus* revolução detém um objetivo bastante claro. Tal sobreposição de imagens pretende “criar no destinatário não só o sentimento da necessidade de agir, e de agir

⁷⁹⁴ BERTONHA, João Fábio. A máquina simbólica do integralismo: propaganda e controle político no Brasil dos anos 30. **História e Perspectivas**, Uberlândia, n. 7, p. 87-110, jul./dez. 1992. p. 100.

⁷⁹⁵ DUTRA, Eliana Regina de Freitas. **O ardil totalitário**: imaginário político no Brasil dos anos 30. Belo Horizonte; Rio de Janeiro: UFMG; UFRJ, 1997. p. 36.

⁷⁹⁶ BERTONHA, *op. cit.*, p. 100.

de maneira determinada, mas ainda convencê-lo de que aqueles que proferem o discurso podem ser os condutores da ação”.⁷⁹⁷

Além disso, nota-se que a elaboração de uma ameaça comum a espreitar a sociedade como um todo age diretamente no emocional do público-alvo do discurso, provocando os chamados grandes medos coletivos. Na medida em que constroem um clima de constante insegurança e instabilidade, acabam por “estreitar a união da população em torno das diretrizes do regime ou do partido”⁷⁹⁸, fornecendo, assim, uma consciência de unidade. Estando sob um mesmo clima de onipresente ameaça, a população se une em um sentimento comum, tornando-se suscetível não só a esperar a tão necessária salvação diante do cenário de crise, como também a aceitar medidas mais extremas por parte da política.

A segunda principal forma de utilização da imprensa a serviço do movimento surge em complemento à primeira. Herdando a combatividade característica dos antigos pasquins⁷⁹⁹, o integralismo constrói todo o seu discurso periódico para legitimar a doutrina a partir do apontamento dos erros e defeitos dos inimigos do sigma. Servindo-se de uma série de dualidades (integralismo x comunismo; integralismo x capitalismo; integralismo x liberalismo), o movimento arquiteta o seu discurso no sentido de personificar, em uma figura combatível, todos os problemas enfrentados pela nação.

A construção da figura do inimigo se constitui, assim, como o cerne a reger toda a lógica do discurso da imprensa integralista. Como já foi apontado nos capítulos anteriores, da mesma forma que sem ameaça não há a necessidade de salvação, sem inimigo não existe herói. Nesse sentido, “a visão do “outro” é tão fundamental quanto a imagem de si mesmo, seja do amigo ou do inimigo, do rival ou do aliado”.⁸⁰⁰ Na figura do inimigo “se personifica a doença, a morte, a guerra, ou seja, ele é o elemento sombrio responsável por todas as infelicidades da ruína moral e material, da instabilidade política e social e, sobretudo, da traição à nacionalidade e ao espírito cívico”.⁸⁰¹ Nota-se, assim, “que mais importante do que desvendar o inimigo é tê-lo enquanto um mal para onde se pode direcionar as energias da

⁷⁹⁷ CHAUÍ, Marilena. Apontamentos para uma crítica da Ação Integralista Brasileira. In: CHAUÍ, Marilena. **Ideologia e mobilização popular**. São Paulo: Paz e Terra, 1978. p. 17-149. p. 47.

⁷⁹⁸ BERTONHA, João Fábio. A máquina simbólica do integralismo: propaganda e controle político no Brasil dos anos 30. **História e Perspectivas**, Uberlândia, n. 7, p. 87-110, jul./dez. 1992. p. 100.

⁷⁹⁹ OLIVEIRA, Rodrigo Santos de. **Imprensa integralista, imprensa militante (1932-1937)**. 2009. 388 f. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009. p. 65.

⁸⁰⁰ DUTRA, Eliana Regina de Freitas. **O ardil totalitário: imaginário político no Brasil dos anos 30**. Belo Horizonte; Rio de Janeiro: UFMG; UFRJ, 1997. p. 35.

⁸⁰¹ GONÇALVES, Leandro Pereira; TANAGINO, Pedro Ivo Dias. Páginas de Plínio Salgado: Estado, história e revolução na propaganda integralista de 1932 a 1937. In: GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte (Orgs.). **Entre tipos e recortes: histórias da imprensa integralista**. Guaíba: Sob Medida, 2011. p. 183-205. v: 2. p. 198.

nação e em seu nome assegurar-se um domínio no plano social, reagrupando princípios, ideias e pessoas”.⁸⁰²

Tanto liberais como comunistas foram constantemente demonizados pela imprensa integralista, apontados como os grandes culpados pela crise instaurada no Brasil. Tal uso característico da imprensa fez com que a rede de jornais e revistas integralistas se constituíssem, fundamentalmente, enquanto um espaço de luta simbólica por legitimação. Apesar de disseminar um discurso explicitamente antiliberal, a imprensa integralista funcionou especialmente em função da propagação do anticomunismo.

De fato, a guerra entre comunismo e integralismo se travou de forma mais sistemática na arena da imprensa e propaganda. E foi nesse cenário que Salgado elaborou suas estratégias discursivas de cooptação política, estratégias essas que se constituíram como o canal mais frequentemente utilizado pelo Chefe Nacional para se comunicar com as massas e produzir uma campanha anticomunista eficaz.⁸⁰³

A imprensa integralista buscava, assim, estabelecer uma percepção maniqueísta da realidade.⁸⁰⁴ Nessa lógica, a figura inimiga é construída a partir de uma série de metáforas que apresentam o comunista como o invasor diabólico, o corruptor de lares, o estrangeiro que traz a doença e a moléstia, o anti-cristo que pretende destruir a fé cristã brasileira.

É interessante notar que a sociedade brasileira é colocada no patamar de mera vítima a ser corrompida pela figura inimiga. Fazendo parte de um Brasil Criança, desprovido de qualquer consciência política, homens, mulheres e especialmente crianças são elaborados, no discurso integralista, como seres vulneráveis a todo e qualquer tipo de corrupção inimiga. A sociedade é pintada como incapaz de realizar a revolução necessária para o Brasil, necessitando, assim, de uma força superior que assuma o papel de guia da nação em direção ao reestabelecimento da ordem. Obviamente, de acordo com a imprensa integralista, esta força estaria unicamente no movimento.

Diante da construção da imagem da crise, da figura do inimigo e da concepção de sociedade amorfa, surge a utilização da imprensa para legitimar a imagem do chefe nacional, Plínio Salgado. Sendo a exaltação do líder um dos princípios mais característicos da lógica fascista, o integralismo construía o seu discurso posicionando Salgado em oposição a todas as

⁸⁰² DUTRA, Eliana Regina de Freitas. **O ardil totalitário**: imaginário político no Brasil dos anos 30. Belo Horizonte; Rio de Janeiro: UFMG; UFRJ, 1997. p. 39.

⁸⁰³ GONÇALVES, Leandro Pereira; TANAGINO, Pedro Ivo Dias. Páginas de Plínio Salgado: Estado, história e revolução na propaganda integralista de 1932 a 1937. In: GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte (Orgs.). **Entre tipos e recortes**: histórias da imprensa integralista. Guaíba: Sob Medida, 2011. p. 183-205. v: 2. p. 193-194.

⁸⁰⁴ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Em guarda contra o perigo vermelho**: o anticomunismo no Brasil (1917-1964). São Paulo: Perspectiva; FAPESP, 2002. p. 21.

características atribuídas aos inimigos do partido. Por ser dotado de capacidades morais e intelectuais superiores, seria ele o herói nacional a salvar a população da ameaça de colapso.

Através de textos lançados com profusão pelos jornais e revistas integralistas, o Chefe Nacional, “um personagem a maio caminho entre o chefe político e o chefe religioso”, orientava a “revolução cultural” da extrema-direita, consolidando o autoritarismo num cenário de luta entre homens, de desespero econômico e instabilidade social, lançando o nacionalismo camisa-verde como a única lanterna capaz de guiar os brasileiros pela turva tempestade de incertezas da década de 1930.⁸⁰⁵

Servindo-se de todo um imaginário profético e messiânico, a edificação da imagem do chefe aparece em todos os periódicos que compõem a imprensa integralista, por meio de textos, notícias sobre as ações de Salgado ou mesmo fotografias em que o líder aparece vestindo o uniforme integralista, em postura frequentemente militar, exaltando questões como ordem e disciplina. Conforme aponta o próprio chefe integralista, a única forma de uma revolução assumir o potencial de grande força nacional é quando “uma mentalidade forte, dispondo de elementos materiais suficientes, possa impor uma coordenação, uma disciplina segundo os impositivos de uma consciência nova que se criou”.⁸⁰⁶ E esta mentalidade forte seria a de Plínio Salgado, o eleito, o predestinado a salvar a nação, guiando o caminho que levará até a regeneração da sociedade.

A imprensa integralista assume, nesse sentido, a função de legitimar a figura de Plínio Salgado enquanto “a síntese dos anseios de todos os integralistas, o intérprete e o defensor supremo da doutrina. Portanto, mais do que uma pessoa, ele é a encarnação da “ideia” integralista”.⁸⁰⁷ A partir da leitura dos periódicos, chama a atenção a função assumida pela imprensa de reafirmar a liderança de Salgado não só para a sociedade em si, que poderá adentrar as fileiras do sigma sendo simpática ao líder integralista, mas também dentro do próprio partido, em que todos os militantes eram orientados a cultuar a imagem de Salgado. No primeiro exemplar da Revista *Anauê!*, por exemplo, de janeiro de 1935, o periódico traz em suas páginas uma fotografia do líder integralista em formato de cartaz a ser recortado pelos militantes, a seguinte orientação:

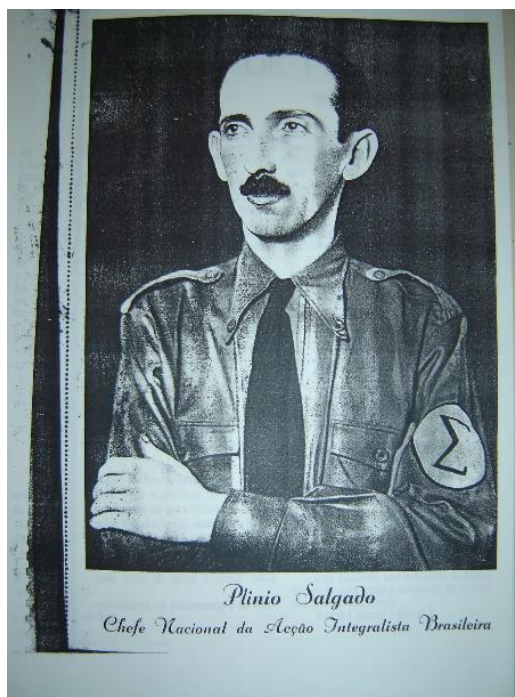
⁸⁰⁵ GONÇALVES, Leandro Pereira; TANAGINO, Pedro Ivo Dias. Páginas de Plínio Salgado: Estado, história e revolução na propaganda integralista de 1932 a 1937. In: GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte (Orgs.). **Entre tipos e recortes: histórias da imprensa integralista**. Guaíba: Sob Medida, 2011. p. 183-205. v: 2. p. 195.

⁸⁰⁶ SALGADO *apud* TRINDADE, Helgio. **Integralismo: o fascismo brasileiro da década de 30**. São Paulo: Difel, 1974. p. 97.

⁸⁰⁷ *Ibid.*, p. 173.

O Integralismo é a Revolução da Família. Por isso não deverá faltar nos lares brasileiros o retrato do CHEFE NACIONAL. Ahi o tem os leitores. Está feito de modo a ser facilmente destacado e collocado num quadro que deverá honrar a sala de visita de todo integralista.⁸⁰⁸

Figura 1 – Plínio Salgado



Fonte: *Anauê!*⁸⁰⁹

Nota-se, assim, que existia a necessidade de reafirmar a autoridade de Salgado constantemente “e de afastar toda ameaça contra seu poder exclusivo. Essa atitude é, certamente, um indicador de insegurança em relação a si próprio e de fraqueza face aos outros”.⁸¹⁰ Tendo em conta que a imprensa integralista atingia toda a militância do sigma, este seria o instrumento mais apropriado para assumir tal função.

A partir da construção de uma imagem perfeita de Salgado, arquitetava-se o cenário adequado para a legitimação do movimento integralista enquanto única solução nacional possível para o Brasil. Ao posicionar o integralismo como um movimento cultural superior aos tradicionais partidos políticos, a imprensa legitima a ideia de que, se o Brasil está sob ameaça e se a sociedade não detém as capacidades necessárias para assumir as transformações em direção à revolução, ninguém melhor do que Plínio Salgado, através do integralismo e de sua sistemática obra educacional, para assumir a missão de elevar a pátria até uma nova era, a Era Integralista.

⁸⁰⁸ ANAUÊ!. Rio de Janeiro: Ação Integralista Brasileira, ano 01, n. 01, p. 02, jan. 1935.

⁸⁰⁹ *Ibid.*

⁸¹⁰ TRINDADE, Helgio. **Integralismo**: o fascismo brasileiro da década de 30. São Paulo: Difel, 1974. p. 178.

Contudo, nota-se que, na medida em que o homem é elaborado enquanto mera vítima diante do processo de colapso, a solução proposta pelo integralismo, a da realização de uma obra de educação integral, deveria ter como enfoque primordial a única parcela de público ainda não corrompida pelo materialismo: a juventude. Conforme aponta Salgado, sobre a proposta de Estado Integralista, “o seu ponto de vista é, pois, “absolutamente novo”, e os velhos não o podem compreender justamente porque sua mentalidade é *analytica*, parcial, unilateral, isto é, do século XIX”.⁸¹¹ Afirmando ser o integralismo uma nova mentalidade política, “uma palavra nova, [...] um combate novo. Que traz um novo sentido que só entendem os cérebros libertados dos preconceitos do século XIX”.⁸¹²

Sendo a imprensa o principal instrumento para o plano da educação integral, esta deveria configurar-se como “a voz das gerações do Futuro”⁸¹³, em “cujos cérebros receptíveis se gravarão, para despertar em todo tempo e serem praticados nos respectivos futuros lares”.⁸¹⁴ A esperança no estabelecimento de uma nova ordem nacional estaria depositada, assim, fundamentalmente na juventude. Conforme aponta Leopoldo Aires em texto intitulado “O Sentido da Formação Pliniana”,

Eu vejo nesses pequeninos soldados do Sigma a grande Legião invencível de amanhã. Eles serão os dominadores e os triunfadores, não com as armas de bruteza, porque já não precisa dela quem argamassou com sacrifícios o seu prestígio moral, mas com as da individualidade que vem da educação, de uma educação íntegra, perfeita.⁸¹⁵

Ainda em 1932, na ocasião de lançamento da AIB por meio do *Manifesto de Outubro*, Salgado lança a sua proposta de realizar no Brasil uma grande obra educacional, que alcançaria o seu êxito completo no futuro, composto pela geração educada na década de 1930, dentro dos preceitos integralistas.

Pretendemos lançar as bases de um *systema* educacional, para garantia da subsistência da Nação no futuro. Pretendemos insuflar a energia aos moços, arrancar-os da descrença, da *apathia*, do *scepticismo*, da tristeza em que vivem; ensinar-lhes a lição da coragem, incutindo-lhes a certeza do valor que cada um tem dentro de si, como filho do Brasil e da América Latina. Movimentas as massas populares numa grande afirmação de rejuvenescimento.⁸¹⁶

⁸¹¹ SALGADO, Plínio. **Palavra nova dos tempos novos**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1936. p. 69.

⁸¹² *Ibid.*, p. 77.

⁸¹³ *Ibid.*, p. 40.

⁸¹⁴ PENNA, Belisário. A mulher e a família, o lar e a escola. In: SALGADO, Plínio *et al.* **Enciclopédia do integralismo**. Rio de Janeiro: Clássica Brasileira, 1959. p. 41-59. v. IX: O integralismo e a educação. p. 52.

⁸¹⁵ AIRES, L. O sentido da formação pliniana. In: SALGADO, Plínio *et al.* **Enciclopédia do integralismo**. Rio de Janeiro: Clássica Brasileira, 1959. p. 73-77. v. IX: O integralismo e a educação. 1959.

⁸¹⁶ MANIFESTO de outubro de 1932. Rio de Janeiro: Secretaria Nacional de Propaganda, 1932. p. 08.

A estrutura da imprensa integralista organizava-se a partir de uma lógica bastante característica, que partia da construção da imagem de um Brasil em crise e encerrava-se na afirmação de que a única esperança de mudança estaria nas categorias juvenis. Para tanto, a estratégia arquitetada pelos periódicos integralistas funcionava no sentido de legitimar a doutrina do sigma em contraposição à figura inimiga; reafirmar a figura de Plínio Salgado enquanto líder supremo do movimento; e, por fim, fixar um discurso doutrinário que reiterava constantemente a solução salvacionista proposta pela AIB, a da educação e aculturação do Brasil.

Visando, em duplo viés, arregimentar a população ainda não conquistada pelo integralismo e realizar a manutenção doutrinária das parcelas já inseridas nas fileiras do partido, uma série de estratégias discursivas foram instituídas pela imprensa. Trazendo um conteúdo variado de textos teóricos, colunas específicas, notícias e fotografias, os periódicos integralistas apresentavam mecanismos diferenciados para cada um destes públicos. Para os já adeptos do movimento, os jornais e revistas traziam textos doutrinários, orientações do partido, e, principalmente, notícias sobre a atividade dos núcleos integralistas em cada província ou município. Esse enfoque “que se dava a notícias sobre a expansão e realizações do Integralismo, em todos os jornais, sugere a hipótese de que o Movimento pretendia despertar a competição entre os militantes levando-os a trabalhar mais intensamente pela causa”.⁸¹⁷ O objetivo era “criar um efeito multiplicador. Os outros núcleos desdobrariam esforços na ânsia de obter os reconhecimentos das autoridades do movimento e de seus pares”.⁸¹⁸

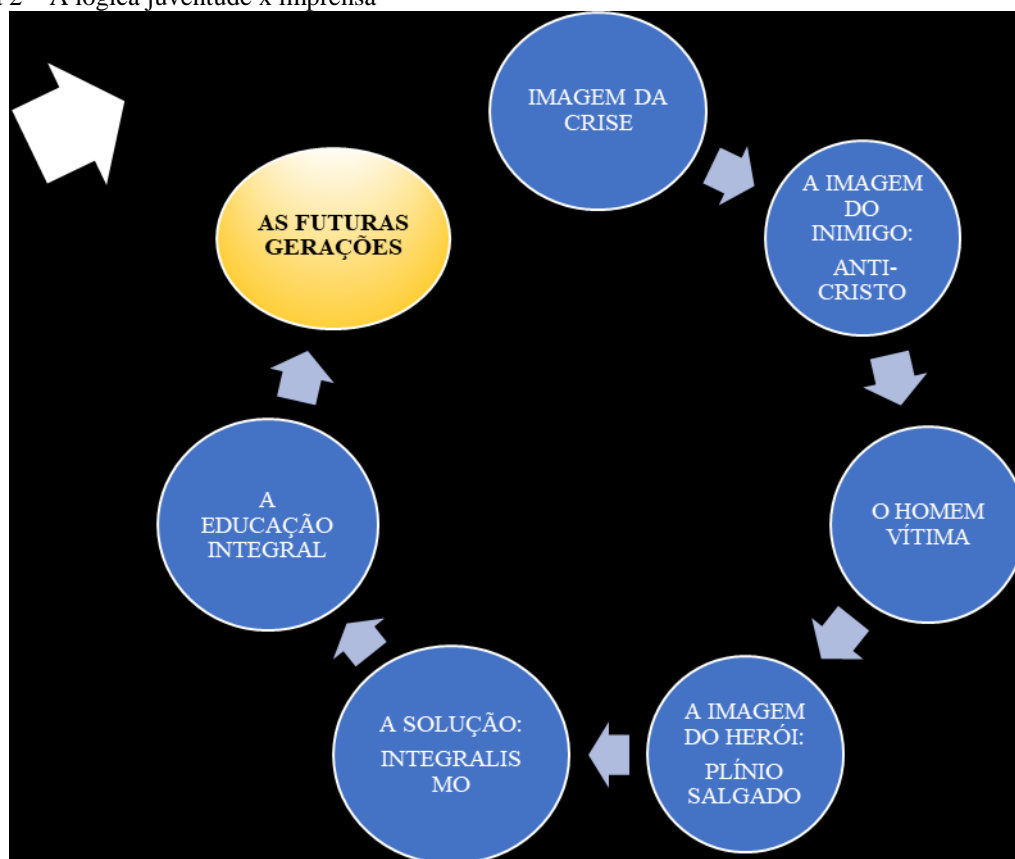
Já para o público ainda não arregimentado, a imprensa direcionava uma estratégia diferenciada. Especialmente na segunda fase do movimento, torna-se perceptível o esforço dos periódicos para tornar o discurso mais atrativo a todas as parcelas da população, de modo a gerar representatividade e identificação da sociedade para com o líder e/ou o próprio partido. Nesse contexto, uma significativa porcentagem do discurso tinha como enfoque as categorias juvenis, questão que se abordará no restante deste capítulo.

Antes disso, o esquema abaixo aponta, em resumo, a lógica imprensa *versus* juventude até aqui desenvolvida.

⁸¹⁷ CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. **Integralismo**: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937). Bauru: EDUSP, 1999. p. 93.

⁸¹⁸ *Ibid.*

Figura 2 – A lógica juventude x imprensa



Fonte: A autora (2018).

4.3 A DOCTRINAÇÃO DA JUVENTUDE ATRAVÉS DA IMPRENSA INTEGRALISTA

Conforme já mencionado anteriormente, a Ação Integralista Brasileira existiu legalmente no Brasil, primeiramente enquanto movimento e, em um segundo momento, como partido político. Seu período de vigência foi de outubro de 1932 até dezembro de 1937, ocasião em que é decretada a ilegalidade dos partidos políticos e o integralismo, adaptando-se ao novo contexto instaurado em decorrência da instituição do Estado Novo de Getúlio Vargas, transforma-se novamente em sociedade civil, “com a denominação de Associação Brasileira de Cultura (A.B.C.)”.⁸¹⁹

Os seis anos em que o movimento se manteve no Brasil, no entanto, não transcorreram, de forma alguma, linearmente. Ao contrário disso, o período que vai do lançamento oficial da AIB até a sua dissolução enquanto partido político é marcado por processos de rupturas, adaptações e mutações, que encontram eco no cenário brasileiro da época. Observa-se que, assim como é possível afirmar que o movimento se dividiu em duas

⁸¹⁹ CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. **Integralismo**: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937). Bauru: EDUSP, 1999. p. 18.

fases distintas – uma primeira de viés doutrinário, de 1932 a 1934, e uma segunda de cunho eleitoral, de 1935 a 1937 –, a imprensa oficialmente editada pelo partido também pode ser dividida nestes mesmos dois períodos.

Muito embora a Secretaria de Arregimentação Feminina e da Juventude, responsável pelo Departamento da Juventude, tenha sido criada somente no ano de 1936, o discurso do movimento integralista já demonstrava, ainda nos primórdios de fundação da AIB, uma preocupação em arregimentar o público jovem para o partido, elevando a categoria juvenil ao patamar de centro da política integralista e, conseqüentemente, da imprensa ligada ao movimento.

Nesta fase do trabalho, o objetivo é realizar uma análise da imprensa integralista, a fim de que seja possível apontar os mecanismos e estratégias utilizados pelo discurso periódico para ou arregimentar as novas gerações do Brasil para o partido ou se utilizar da figura do jovem enquanto mais uma das imagens-símbolo do movimento. Após compreender a lógica geral em que arquitetava-se a relação imprensa e juventude, pretende-se, neste ponto do capítulo, analisar mais detalhadamente as formas de operação da doutrinação da juventude através da imprensa integralista em suas duas fases, antes e depois de 1935.

Na rede de jornais e revistas oficialmente integralistas, optou-se pela escolha de quatro periódicos que demonstraram ter um papel de relevância dentro da estrutura da *Sigma – Jornais Reunidos*, denunciando ser a juventude o público-alvo de seus discursos. São eles os jornais *Monitor Integralista* (1933-1937) e *A Offensiva* (1934-1937), e as revistas *Anauê!* (1935-1937) e *Brasil Feminino* (1937). Dividindo a análise em duas partes, será apontada, primeiramente, a relação juventude e imprensa no período de 1932 a 1934, através dos jornais *Monitor Integralista* e *A Offensiva*; em um segundo momento será interpretada a relação juventude e imprensa no período pós 1935, a partir da leitura dos periódicos *Monitor Integralista*, *A Offensiva*, *Anauê!* e *Brasil Feminino*.

4.3.1 Juventude e imprensa – a primeira fase (1932 a 1934)

O ano de 1932 marca o período de surgimento oficial do Integralismo enquanto movimento político brasileiro. Sendo este o período de gênese da doutrina integralista, o surgimento de uma imprensa partidária estruturada ocorre somente no ano seguinte, com o lançamento do periódico *Monitor Integralista*, em 1933. Apesar de *O Integralista* ter surgido no mês seguinte de fundação da AIB, a rede de jornais e revistas editadas oficialmente pelo

partido se estabelece somente a partir da fundação do primeiro periódico integralista de circulação nacional, o *Monitor*.

Conforme já mencionado, o jornal em questão constituiu-se enquanto a voz oficial do partido, com uma característica mais informativa do que propriamente doutrinária. Agindo no sentido de atualizar a militância sobre a organização inicial do movimento em âmbito teórico e também prático, o periódico, nessa fase inicial que estende-se até o final de 1934, traz a temática da juventude em seu conteúdo somente em cinco de seus exemplares.

Dentre esse conjunto de exemplares que, de alguma forma, referem-se ao jovem, destaca-se que apenas dois possuem um viés mais doutrinário. O primeiro deles é o exemplar de lançamento do *Monitor Integralista*, publicado em dezembro de 1933. Na primeira página, em um texto intitulado “Em Marcha”, que aborda a crítica integralista sobre o partidarismo político, aparece a seguinte referência:

Nós, os Integralistas, não servimos aos governos, nem tão pouco aos seus opositores; desinteressamo-nos pelas soluções imediatas dos problemas administrativos ou políticos; procuramos ignorar toda essa gravitação de pretensões a cargos ou lugares de destaque, seja no cenário da Província, seja no Federal: **desdenhamos com o mesmo desprezo de geração nova, de mocidade culta, penetrada dos sentimentos e das razões superiores da Pátria**, os velhos partidos que caíram com a Revolução de 30, assim como os novos que surgem com os mesmos vícios e as mesmas misérias daqueles que caíram.⁸²⁰

Nota-se, na passagem acima, que apesar de a juventude não estar presente enquanto temática central do texto, o integralismo se utiliza de uma visão já presente na cultura política brasileira do período – a que concebe o jovem como ser social, dotado de uma energia crítica e transformadora, ou seja, indivíduo potencialmente revolucionário – a fim de exemplificar a expressiva desaprovação do integralismo ao sistema político até então vigente. Verifica-se, a partir da reprodução desta passagem, que ao longo do discurso integralista, em especial no discurso veiculado na imprensa, o jovem assumia uma dimensão exclusivamente simbólica, representando um instrumento de propaganda integralista. A frequente simbolização da juventude com fins propagandísticos e doutrinários é uma tendência bastante característica da própria lógica fascista.⁸²¹

⁸²⁰ MONITOR INTEGRALISTA. Rio de Janeiro: Ação Integralista Brasileira, ano 01, n. 01, p. 01, dez. 1933.

⁸²¹ Conforme aponta Laura Malvano em *O Mito da Juventude transmitido pela Imagem: O Fascismo Italiano*, a imagética da juventude na Itália Fascista é uma das principais simbologias fascistas, representando uma síntese de amor, beleza, força, esperança, coragem, heroísmo e virilidade. Sendo a “expressão do absoluto positivo, a noção de juventude recobre uma vasta gama de valores, ao mesmo tempo cívicos, morais e estéticos” (MALVANO, Laura. O mito da juventude transmitido pela imagem: o fascismo italiano. In: LEVI, Giovanni; SCHMITT, Jean-Claude. **História dos jovens 2 – a época contemporânea**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 259-290. p. 259). Sendo um regime que “fez dos jovens o fulcro da própria ação e o momento central do

Ao mesmo tempo em que tal utilização da imagem do jovem tem como função reiterar perante a sociedade o posicionamento crítico e questionador do integralismo, a menção à juventude enquanto categoria culta que, por estar *penetrada dos sentimentos e das razões superiores da Pátria*, mantém um posicionamento contestador da ordem, age no sentido de promover uma identificação das parcelas juvenis da sociedade para com o discurso do partido.

Torna-se possível perceber, assim, que essa tipologia de estratégia discursiva tem dupla função: uma que instrumentaliza o jovem como imagem-símbolo do movimento, e outra que, ao mesmo tempo, visa a propagação de um discurso representativo das categorias juvenis, objetivando a arregimentação deste grupo às fileiras do integralismo.

Tal utilização dúbia do discurso que aborda a temática juventude aparece de forma bastante frequente em toda a estrutura da imprensa integralista. Agindo nesse mesmo sentido, um segundo exemplar do Monitor Integralista, publicado em fevereiro de 1934, traz em seu conteúdo a letra do hino integralista que, não por acaso, voltava-se justamente à conclamação da juventude brasileira. Escrito por Plínio Salgado, o hino traz como “refrão” ou, como os integralistas se referem, “côro”, a seguinte estrofe:

Mocidade!
 Brasileira!
 Não desertes da tua geração!
 Eia! Avante! Gloriosa e altaneira!
Realisa esta grande Nação!⁸²²

Conclamando *a mocidade do sul e do norte* a unirem-se à causa integralista rumo à elevação da pátria e à instauração de um Brasil *grande e forte*, o periódico integralista age novamente no sentido de gerar identificação entre o movimento e as parcelas juvenis, visando, já nesse período, a arregimentação da juventude para o integralismo.

Já os demais exemplares do Monitor Integralista, também publicados entre 1933 e 1934, trazem referências à juventude em um sentido mais informativo e noticioso, visando a atualização da própria militância ou mesmo a orientação daqueles que ocupavam posições de chefia nos núcleos integralistas, que possuíam grupos de plinianos. O conteúdo desses

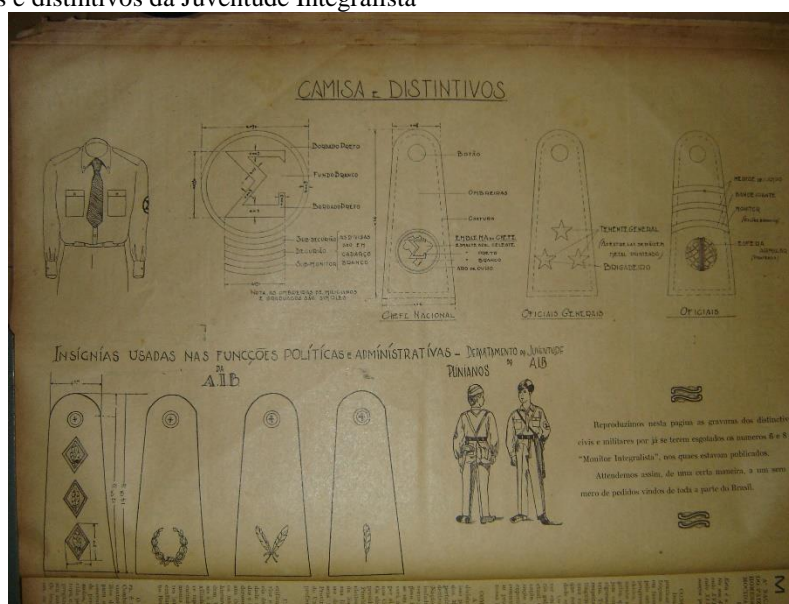
próprio sistema organizativo” (MALVANO, Laura. O mito da juventude transmitido pela imagem: o fascismo italiano. In: LEVI, Giovanni; SCHMITT, Jean-Claude. **História dos jovens 2 – a época contemporânea**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 259-290. p. 260), o fascismo italiano fez da simbologia da juventude, através de uma operação estratégica dos mais diversos significados implícitos na própria concepção de jovem, um elemento constitutivo de sua lógica e doutrina. Conforme destaca a autora, “o fascismo é juventude, portanto beleza, ardor, harmonia. Será, evidentemente, a imagem do efebo atlético e vigoroso, harmoniosamente dotado, todo beleza e juventude, a quem tocará simbolizar o *homo novus* do fascismo ou, mais precisamente, o próprio fascismo” (*Ibid.*, p. 261).

⁸²² MONITOR INTEGRALISTA. Rio de Janeiro: Ação Integralista Brasileira, ano 02, n. 05, p. 03, fev. 1934.

exemplares consistia, via de regra, na publicação de nomes indicados pela chefia nacional para a organização de atividades voltadas à juventude; no próprio regulamento do departamento da juventude, regido nessa época pela Secretaria de Organização Política; em fotografias mostrando o funcionamento de escolas integralistas ou mesmo notícias de acontecimentos integralistas como desfiles, eventos cívicos, congressos ou festas, que apontavam, em sua descrição, para a participação de estudantes, crianças e jovens.

O último exemplar de 1934, publicado no mês de dezembro, apresenta uma orientação para os integralistas em relação aos uniformes e insígnias que deveriam ser utilizados por todos aqueles que adentrassem as fileiras da mocidade integralista.

Figura 3 – Camisas e distintivos da Juventude Integralista



Fonte: *Monitor Integralista*.⁸²³

Tais exemplares de conteúdo mais informativo em relação à juventude tinham, basicamente, a função de atualizar e orientar os já adeptos ao integralismo acerca da organização juvenil do partido. Todavia, considerando-se que, no geral, a imprensa integralista apresentava um significativo esforço para mostrar, através de textos e de fotografias, que todas as gerações tinham o seu espaço nas fileiras do movimento, tem-se a hipótese de que, já neste período, mesmo os exemplares de conteúdo mais informativo do que propriamente doutrinário, operavam com o objetivo de demonstrar aos leitores do periódico, integralistas ou não, não só o quanto o partido importava-se em organizar um espaço específico em sua estrutura interna para a juventude, mas também que existia uma adesão das

⁸²³ MONITOR INTEGRALISTA. Rio de Janeiro: Ação Integralista Brasileira, ano 2, n. 8, p. 08, dez. 1934.

categorias juvenis ao integralismo. Dessa forma, os jovens e crianças ainda não adeptos ao movimento poderiam, ao fazer a leitura do jornal, interessar-se em aderir ao movimento.

Já o periódico *A Offensiva*, voz oficial do Chefe Nacional, trouxe desde as suas primeiras publicações um conteúdo mais variado, que ia desde notícias e textos teóricos/doutrinários até a colunas de cinema, esporte e teatro, revelando uma preocupação do movimento, já nessa primeira fase, em tornar o discurso da imprensa mais interessante não só à elite dirigente ou à militância do partido no geral, mas também à grande massa brasileira.

Dentre os 33 exemplares de *A Offensiva* publicados no ano de 1934, 16 tratam da temática da juventude, seja através de textos abordando explicitamente a questão juvenil, seja através de referências a esta categoria. Assim como o periódico *Monitor Integralista*, o jornal *A Offensiva* trouxe, já na sua primeira publicação, em maio de 1934, a temática da juventude. Em texto intitulado *Onde estão os artistas do futuro*, assinado por Rita Gale, o periódico traz à tona uma entrevista com o ator americano Stuart Erwin (1903-1967) que aborda o papel das novas gerações para com a arte da atuação no cinema e no teatro. Profetizando o fim da arte da atuação cômica, o texto critica uma suposta tendência da mocidade artística da época em “se preocupar com a impressão que causam as suas ações aos demais”, dando preferência somente a papéis protagonistas de heróis ou de heroínas que insuflam suas vaidades. Apontando que “a juventude moderna tem talento artístico”, o ator afirma: “O erro dos jovens da actualidade é que temem provocar gargalhadas. Se alguém se ri delles, julgam que é algo como perder seu prestígio artístico. O resultado é que os actores cômicos se extinguirão pouco a pouco a não ser que os jovens deixem de se tomar tão a sério”.⁸²⁴

Apesar de o texto apontado acima mencionar a juventude de forma indireta e dentro de uma temática mais específica, a da arte da atuação, a reprodução da entrevista demonstra o esforço integralista em tornar o seu discurso periódico menos formal e teórico, de modo que fosse possível arregimentar um novo público no qual a juventude brasileira estaria inserida. Ademais, o texto acaba por referenciar duas categorias que, na concepção integralista, teriam um importante papel de elevar a pátria até uma nova era: os intelectuais/artistas, tidos como guias da nação a assumir o papel de construir uma cultura propriamente brasileira; e os jovens, indivíduos detentores de um potencial orgânico para a mudança, para a ruptura de padrões ultrapassados e, conseqüentemente, para a revolução.

Em *A Offensiva*, grande parte do conteúdo que faz alusão à mocidade, contudo, é de textos teóricos redigidos, em sua maioria, pelo próprio Chefe Nacional. Muitos destes textos

⁸²⁴ A OFFENSIVA. Rio de Janeiro: Ação Integralista Brasileira, ano 01, n. 01, p. 08, maio 1934.

foram posteriormente compilados e organizados em livros integralistas. No exemplar de número 03, por exemplo, ainda em maio de 1934, o periódico publica o texto *Palavra Nova dos Tempos Novos*, assinado por Plínio Salgado, que aborda a posição do movimento em face da noção de uma política separada em esquerda e direita. No decorrer do texto, Salgado afirma, em resumo, que esta seria uma concepção ultrapassada, herança do século XIX que continuaria a ser reproduzida pelos mais antigos. O integralismo seria uma mentalidade nova, uma palavra nova, um combate novo, “que traz um novo sentido que só entendem os cérebros libertados dos preconceitos do século XIX”.⁸²⁵

Revelando a já mencionada dualidade juventude *versus* velhice, Salgado reafirma que a revolução promovida pelo integralismo “não pode mesmo ser compreendida pelos anachronicos socialistas, pelos mofados marxistas, pelos ante-diluvianos liberaes, pelos mais velhos ainda reaccionarios da extrema direita. E’ um estado de espírito de civilização que nasce”.⁸²⁶ Apesar do mencionado texto não se utilizar do termo juventude, jovem ou mocidade, é notável que, ao afirmar que o integralismo combate tudo o que é ultrapassado e senil, Salgado visa fazer menção ao fato de o movimento ser voltado fundamentalmente, ao público jovem que, não estando corrompido pelo século anterior, poderia, somente ele, compreender a novidade da proposta do sigma, da *palavra nova dos tempos novos*. É importante ressaltar que alguns trechos desse texto foram mais tarde reproduzidos na obra integralista de Plínio Salgado, *Palavra Nova dos Tempos Novos*, publicada pelo partido em 1936.

Outro exemplar de *A Offensiva* que, assim como o apontado anteriormente, também trouxe em seu conteúdo um texto posteriormente publicado na obra *Palavra Nova dos Tempos Novos*, foi o exemplar de número 05, publicado em julho de 1934. Logo na sua primeira página a jornal traz o texto *Mocidade Eterna!*, também de Plínio Salgado. Lançando aos militantes do integralismo a seguinte orientação: *Que os “camisas-verdes” de todas as idades não envelheçam. Essa é uma palavra de ordem*, o texto aborda novamente a questão da novidade do ideal integralista, afirmando que os mais velhos não teriam a capacidade para compreender a grandiosidade do movimento. Dessa vez, contudo, a referência à juventude enquanto centro da política integralista aparece de forma mais clara:

Mas eu não falo aos gastos, aos que já não governam os próprios movimentos, aos que acompanham a onda e já se conformaram com todas as monotonias. **Falo aos que são moços e aos que rejuvenesceram pela libertação da inteligência e pelo**

⁸²⁵ A OFFENSIVA. Rio de Janeiro: Ação Integralista Brasileira, ano 01, n. 03, p. 01-02, maio 1934.

⁸²⁶ *Ibid.*

milagre da palavra nova. Mocidade é, antes de tudo, libertação de si mesmo. [...] Mocidade é fixação de personalidade, através da perpétua transformação em que palpita a imutável essência. Mocidade é luta contra o minuto que acaba de passar. Mocidade é conveniência com o dia de amanhã.⁸²⁷

Servindo-se novamente da alteridade mocidade *versus* senilidade, o texto em questão reafirma o fato de a juventude ser o público-alvo primordial do discurso integralista, que age para conclamar a juventude brasileira às fileiras do sigma. Aqui, novamente o objetivo doutrinário da AIB ocorre em dois sentidos diferenciados, pois na medida em que a reafirmação da jovialidade da ideia integralista opera para arregimentar as categorias juvenis, funciona também na instrumentalização da figura do jovem – forte, viril e revolucionário – relacionando-a com a própria imagem que se quer construir do movimento. Conforme aponta Salgado, “um povo não deve esperar pelo Futuro. Deve marchar para elle. Deve precipital-o. A História se escreve com violência. Só a mocidade realiza esse milagre. Porque ella é força e optimismo, energia e criação”.⁸²⁸

Assim, se a mocidade simboliza o *anti-materialismo*, o *anti-scepticismo*, o *anti-commodismo* e a *anti-melancolia*, o integralismo também o faz.

Outros dois exemplares de *A Offensiva*, relativos a textos teórico-doutrinários, também se utilizam da dualidade jovem e velho. São os exemplares de número 14 e 18, publicados nos meses de agosto e setembro de 1934, que trazem, respectivamente, os textos *Velhice Versus Mocidade* e *O Reinado da Velhice*. Estes operam no mesmo sentido dos textos anteriores ao afirmar que a pátria necessitaria de um Ministério de Jovens:

Os homens novos – eis ahi principalmente o nosso credo, eis ahi a nossa fé!⁸²⁹ [...] Mas o que faria um Ministério de jovens como tão chistosamente o chama o admirador das antigualhas? Uma coisa de que se tem perdido a tradição. Havia de governar. Assim, pois, não faria da corôa, como diz o clássico Diogo do Couto, um cabide onde se dependurassem as faltas dos ministros.⁸³⁰

O trabalho grandioso de se governar uma nação necessitaria, assim, da energia e da força juvenil, já que “a história ahi está para mostrar que a mocidade foi sempre o fator dymâmico de todas as grandes mudanças políticas”.⁸³¹ Nesse texto em específico, aparecem ainda referências à ampla mobilização das categorias juvenis feita por Mussolini, na Itália Fascista, e por Hitler, na Alemanha Nazista, denunciando o caráter de inspiração fascista do

⁸²⁷ A OFFENSIVA. Rio de Janeiro: Ação Integralista Brasileira, ano 01, n. 05, p. 01, 14 jul. 1934.

⁸²⁸ *Ibid.*

⁸²⁹ *Id.* N. 14, p. 02, 16 ago. 1934.

⁸³⁰ *Ibid.*

⁸³¹ *Id.* N. 18, p. 03, 13 set. 1934.

movimento: “Hoje, [...] ella [a juventude] é que deve mostrar o caminho, porque é a mais interessada na luta entre os partidários dos vários credos sociaes. Foi o que se deu na Itália com a revolução Fascista, e na Alemanha com a revolução Hitlerista”.⁸³²

Todavia, os textos teóricos não eram a única ferramenta de exaltação da juventude. Alguns exemplares de *A Offensiva* mostram em suas primeiras páginas frases estampadas em letras garrafais, conclamando a juventude a unir-se à causa integralista. Essas frases também reafirmavam que a revolução integralista e posterior instauração de uma nova ordem se daria através das futuras gerações do Brasil. O exemplar de número 09, publicado em julho de 1934, tem a seguinte frase disposta estrategicamente no topo de sua primeira página, ao alcance do primeiro olhar do leitor.

Figura 4 – A mocidade brasileira salvará a Nação



Fonte: *A Offensiva*.⁸³³

Ao afirmar que a mocidade brasileira sairia vitoriosa na realização da Grande Revolução, o movimento reitera a concepção integralista de que a mudança necessária para o Brasil se daria pelas futuras gerações, cuidadosamente preparadas dentro dos preceitos da doutrina do sigma. É com esse mesmo viés que outros dois exemplares de *A Offensiva* agem, publicando frases como: *O Movimento Nacional Que O Integralismo Encarnou E' Hoje Uma Força Que Nada Conseguirá Deter. Único Em Toda A História Do Brasil, Elle Tem Por Si A Mocidade E O Espírito. Está Fora De Toda Politicagem, De Todo Partidarismo. E Tem Plena Certeza De Sua Victoria*.⁸³⁴ Ou ainda:

⁸³² A OFFENSIVA. Rio de Janeiro: Ação Integralista Brasileira, ano 01, n. 18, p. 03, 13 set. 1934.

⁸³³ *Id.* N. 9, p. 01, 12 jul. 1934.

⁸³⁴ *Id.* N. 24, p. 01, 25 out. 1934.

Cada Vez Mais Forte E Bella, A Idéa Integralista Fascina A Mocidade Da Pátria! A Bandeira Do Sigma, Durante O Mês Último, Presidiu A' Inauguração De Mais Duzentos e Três Núcleos Municipaes! Nem Os Próprios Chefes, Se Quizessem, Poderiam Agora Deter Esta Luminosa Marcha De Um Novo Brasil Que Despertou!⁸³⁵

Operando no claro propósito doutrinário de arregimentar as parcelas juvenis da sociedade, ao mesmo tempo em que sugere uma adesão em massa por parte da mocidade brasileira ao integralismo, tais periódicos se utilizam de frases de efeito, impressas em letras garrafais e negrito e posicionadas no topo das páginas, de modo que a primeira coisa que o público leia ao folhear o periódico sejam essas manchetes. O estratagema é uma das evidências da relevância dada pela imprensa integralista e, obviamente, pela AIB, à questão juvenil e ao seu papel na obra de reconstrução nacional.

Outra estratégia frequentemente utilizada pelo periódico no período foi a utilização de fotografias de plinianos devidamente fardados durante a realização de alguma atividade ligada ao movimento ou mesmo em suas casas, ao lado de seus familiares. No exemplar número 30, de dezembro de 1934, o periódico publicou, em uma de suas colunas intitulada *O Integralismo nas Províncias*, três fotografias de plinianos devidamente uniformizados, em postura militar, e estando organizados em filas perfeitamente alinhadas.

Sob o título “A Infância Integralista”, as fotografias são complementadas pela seguinte legenda: “Os “plinianos” de Santo André, no município de São Bernardo, São Paulo, numa demonstração da sua disciplina e entusiasmo juvenil”.⁸³⁶ Além de demonstrar o característico formato militar da educação pliniana, carregada dos princípios de ordem e disciplina, as fotografias exemplificam novamente a instrumentalização da imagem do jovem. O objetivo era demonstrar aos leitores a simpatia juvenil para com o movimento e a confiança depositada nele pelas famílias, já que os jovens retratados são crianças de, no máximo, nove anos, que têm a autorização dos pais para integrar as fileiras do partido. Dessa forma, conforme aponta Bulhões, a ampla utilização de fotografias servia ao propósito de criar, para os leitores do jornal, um *cotidiano inventado*.

As repetições de fotografias de eventos semelhantes, organizados em todo o país, e a grande frequência em que são publicadas nas páginas desses periódicos criam a sensação de algo já visto e conhecido, familiar e cotidiano para os leitores. Desse modo, um cotidiano é “inventado” por meio de textos e fotografias. Essa realidade construída foi reforçada pela afirmação constante de que a fotografia era a “prova”

⁸³⁵ A OFFENSIVA. Rio de Janeiro: Ação Integralista Brasileira, ano 01, n. 26, p. 01, 08 nov. 1934.

⁸³⁶ *Id.* N. 30, p. 05, 06 dez. 1934.

dos fatos, ou ainda a “evidência esmagadora” de atos, naturalizando uma determinada forma de ver e compreender o mundo.⁸³⁷

Em um outro exemplar, publicado em novembro de 1934, a mesma coluna, *Integralismo nas Províncias*, revela a fotografia de uma família integralista da Província de Santa Catarina, na qual três plinianos aparecem junto com pai, mãe e irmãos. Dialogando com os objetivos do uso da tipologia de fotografia analisados anteriormente, observa-se que, também esta, visa demonstrar aos ainda não adeptos do movimento que no integralismo há espaço para todas as gerações de brasileiros.

Com isso, “o olhar do leitor é direcionado para os militantes de todas as idades e gêneros, que fizeram do seu cotidiano uma série de eventos dedicados ao integralismo, e, principalmente, para a “juventude brasileira” que abraçou os ideais nacionalistas e ordeiros do movimento”.⁸³⁸ Abaixo, é possível distinguir as duas formas de utilização da imagem do jovem através da fotografia.

Figura 5 – A infância integralista



Fonte: *A Offensiva*.⁸³⁹

⁸³⁷ BULHÕES, Tatiana da Silva. Ampliando o alcance da propaganda integralista: fotografias e textos na imprensa carioca (*Fon-fon!*, *Diário de Notícias* e *A Noite Ilustrada*). In: GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte (Orgs.). **Entre tipos e recortes: histórias da imprensa integralista**. Guaíba: Sob Medida, 2011. p. 305-325. p. 100.

⁸³⁸ *Ibid.*

⁸³⁹ A OFFENSIVA. Rio de Janeiro: Ação Integralista Brasileira, ano 01, n. 30, p. 05, 06 dez. 1934.

Figura 6 – Uma família Integralista



Fonte: *A Offensiva*.⁸⁴⁰

Por fim, cabe comentar um último mecanismo utilizado por este periódico com o objetivo de demonstrar a preocupação do movimento para com a juventude brasileira: o uso da propaganda comercial. Conforme aponta Cavalari, uma das características da imprensa integralista “era o uso constante de determinadas estratégias de persuasão do militante e unificação do Movimento, a saber: a repetição, a transcrição, o uso de lembretes e a propaganda comercial aliada à doutrina”.⁸⁴¹

No exemplar de número 09, publicado em julho de 1934, o periódico traz a propaganda de um produto que parece ser um suplemento alimentar para crianças, denominado *Gordura de Côco Brasil*. A propaganda ocorre por meio do seguinte anúncio, posicionado logo acima da figura de uma criança: “Para Uma Raça Forte, Uma Boa Alimentação”.⁸⁴²

⁸⁴⁰ A OFFENSIVA. Rio de Janeiro: Ação Integralista Brasileira, ano 01, n. 27, p. 05, 15 nov. 1934.

⁸⁴¹ CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. **Integralismo**: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937). Bauru: EDUSP, 1999. p. 93.

⁸⁴² A OFFENSIVA. Rio de Janeiro: Ação Integralista Brasileira, ano 01, n. 9, p. 01, 12 jul. 1934. p. 07.

Figura 7 – Para uma raça forte

Para Uma Raça Forte

UMA BOA ALIMENTAÇÃO

GORDURA DE CÔCO

BRASIL

GIORGI PICOSSE, C.A. SÃO PAULO

REVISTAS ILLUSTRADAS

"U. E. C."

Comunicação da
da "Coligação" com a
do Ovidor 122 1º sal

"Em obediência ao di
art. 16, parágrafo 3.º
Estatuto-Programa"
em 18 do corrente da 2
meia na sede da União
à Praça Tiradentes 39-1
mente cedida a reunião
ambida dos "coligados"
tomar conhecimento de
aprovação ou não da
sançada pelo presiden
chamado em assembléa
sr. Francisco Martins
referendada depois de
exame pelo Directorio
para cuidar não só de
complementares como
que se prendam à prep
referida Chapa e a int
classe.

Da reunião que será
vamente de "coligados"
verão no acto de assign
de presença exhibir o
estado" da coligação poder
tanto particular de den
panheira socia da "U
desde que se "coligarem
na do art. 14 do "Est
gramma da "Coligação"
metam in totum as at
sições. Fora disso a
vontade indistinctamente
grosso bem como condir
tirar-se do plenário anu
se desvirtuem da boa at
tendendo os trabalhos".

**Beneficente dos
Crianças Brasileiras**

Comunicação da secretaria
do sr. presidente, são
os artigos que a com
de social à rua do Se
L. sobrado, na proxima
dia 13 do corrente, as
fim de assistir à as
sua extraordinária (em
pl) para reforma dos es
a) Argenito da Mot
1º secretario."

**FADO SYNDICAL-
CORPORATIVO**

quinta-feira, 12, ás
Largo do Barreiro,
rece o operario Com
empresado do com
Commarece, pequeno
e que succumbes aos
do governo e aos li
grande capitalismo
e Brasileiro de "Per
bem do Brasil!"

Fonte: *A Offensiva*.⁸⁴³

Além de demonstrar às famílias a preocupação do movimento com as crianças do Brasil, o anúncio dialoga com um dos preceitos mais básicos do integralismo: a concepção eugênica de que através de uma formação física, espiritual, cívica e moral, carregada de bons hábitos de higiene e de alimentação, seria possível o estabelecimento de uma obra de fortalecimento da raça brasileira, oferecendo ao país do futuro indivíduos fortes e saudáveis.⁸⁴⁴

⁸⁴³ A OFFENSIVA. Rio de Janeiro: Ação Integralista Brasileira, ano 01, n. 9, p. 01, 12 jul. 1934. p. 07.

⁸⁴⁴ Inspirados pelas discussões eugênicas em voga no contexto de intelectualidade autoritária no Brasil das primeiras décadas do século XX, caracterizado por uma série de influências cristãs e patriarcais, "os integralistas compartilhavam da concepção eugênica de família como "peça-chave da saúde da Nação e da constituição de uma 'raça' forte" e fundamentaram um programa que visava submeter a vida privada à construção do Estado Integral" (BULHÕES, Tatiana da Silva. Ampliando o alcance da propaganda integralista: fotografias e textos na imprensa carioca (*Fon-fon!*, *Diário de Notícias* e *A Noite Ilustrada*). In: GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte (Orgs.). **Entre tipos e recortes**: histórias da imprensa integralista. Guaíba: Sob Medida, 2011. p. 305-325. p. 81-82). Sendo a imprensa o principal meio de difusão da doutrina integralista entre a sociedade, os periódicos oficialmente ligados ao partido traziam um discurso fortemente marcado pela concepção eugênica integralista baseada nas ideias de família, de raça, de higiene, de educação física e/ou de esporte. O jornal *A Offensiva*, por exemplo, mantinha como uma de suas principais páginas a seção *Conselhos de Higiene* que, estando presente no conteúdo diário do periódico, "orientava as mulheres para que viessem a adotar em seus lares, com suas famílias, uma alimentação saudável, práticas esportivas, etc". Assim, a orientação integralista era a de que suas militantes, as blusas-verdes, deveriam "cuidar do seu filho "pliniano" para que ele crescesse forte e saudável, dotado de um corpo que bem representasse o integralismo" (SIMÕES, Renata Duarte. *A enfermagem e a mulher na Ação Integralista Brasileira – "Pelo bem do Brasil!"* In: GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte (Orgs.). **Entre tipos e recortes**: histórias da imprensa integralista. Guaíba: Sob Medida, 2011. p. 103-135. p. 131). Percebe-se que, de acordo com a lógica integralista, o principal meio para a regeneração eugênica pretendida para o Brasil era a educação física, moral e espiritual; através do estabelecimento de uma prática saudável de alimentação e da prática constante de hábitos higiênicos e de exercícios físicos. Este conjunto de fatores, contudo, deveria ter como enfoque as novas gerações brasileiras. Conforme destaca Renata Simões, "os cuidados com o outro que deveriam se iniciar na infância, dado que as crianças eram vistas como o futuro da AIB e da Pátria, refletiam grande parte dos esforços do integralismo na formação de uma raça forte" (*Ibid.*, p. 113-114). Nessa obra de construção de uma nova raça brasileira, a mulher teria um papel primordial, tendo em vista que, conforme afirma Salgado, "o homem é produto da mulher, dado

A partir da análise destes dois periódicos, buscando compreender a relação estabelecida na primeira fase da AIB entre a sua imprensa oficial e a juventude, tornou-se possível perceber que, durante o período, apesar de o sentido doutrinário perpassar a lógica desses jornais como um todo, o conteúdo relativo à juventude possuía um sentido mais instrumental do que propriamente doutrinador.

A hipótese é que, no período que antecede o ano de 1935, a imprensa ainda não havia estruturado uma real preocupação em utilizar os jornais para arregimentar novos adeptos ao movimento, operando mais em um sentido de doutrinar a própria militância integralista. Assim, o jovem era referido por meio de textos teóricos, fotografias, anúncios comerciais e frases de efeito com o objetivo de instrumentalizar a sua imagem enquanto mais um dos símbolos integralistas.

4.3.2 Juventude e imprensa – a segunda fase (1935 a 1937)

O segundo ciclo de vida do movimento integralista é marcado, conforme já abordado, por uma série de mudanças estratégicas advindas de uma latente necessidade de adaptação ao novo contexto brasileiro instaurado a partir de 1935, estendendo-se até 1937, com o golpe do Estado Novo.

Muito embora a ditadura estado-novista tenha sido implantada somente em 1937, os anos que a antecederam apresentam um contexto de mudanças políticas que, pouco a pouco, prepararam o terreno que, mais tarde, garantiria o êxito de Vargas na instauração de uma ditadura no Brasil. Uma das principais consequências da instabilidade política foi a promulgação a Lei de Segurança Nacional, a chamada “Lei Monstro”, promulgada por Getúlio Vargas em abril de 1935, que instituiu uma série de novas proibições aos partidos políticos da época, cujas ações haviam sido acusadas pelo governo de subversivas.

O integralismo, percebendo a necessidade de estabelecer novas estratégias de sobrevivência no novo cenário, passou por um período de mutação do cerne de sua política inicial. Nessa fase, abandona o viés explicitamente revolucionário para adotar um enfoque eleitoral, considerando-se que, já nesse período, o movimento se preparava para obter o

que é geralmente o que a sua mãe quis e, muitas vezes, o que sua esposa quer que ele seja. É dela a responsabilidade de estimular nele virtudes com a finalidade de torná-lo um homem de nobres ideais amanhã” (SALGADO *apud* SIMÕES, Renata Duarte. A enfermagem e a mulher na Ação Integralista Brasileira – “Pelo bem do Brasil!” In: GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte (Orgs.). **Entre tipos e recortes: histórias da imprensa integralista.** Guaíba: Sob Medida, 2011. p. 103-135. p. 114).

registro como partido político propriamente dito.⁸⁴⁵ Com isso seria possível o pretendido lançamento da candidatura de Plínio Salgado à presidência da República.

Sendo a imprensa o principal veículo de comunicação e de divulgação da doutrina integralista, a nova fase do movimento exigia que os jornais e revistas oficialmente ligados ao movimento também adaptassem o seu discurso. Além do estabelecimento de algumas mudanças mais estruturais, como a elevação do periódico *A Offensiva* para jornal diário e a fundação da Revista *Anauê!*, a primeira revista integralista de circulação nacional, no período que vai de 1935 a 1937 torna-se evidente o aparecimento de um novo enfoque no discurso periódico do partido.

A imprensa do período passa a visar, em síntese, a popularização da doutrina integralista a todas as camadas da sociedade, de modo a atrair o maior número possível de eleitores para o movimento. Grande parte dos jornais abandonam o antigo modelo, carregado por conteúdos majoritariamente textuais e marcados pela publicação de longos textos teóricos, cujo público-alvo era a elite brasileira. Ao invés disso, a imprensa do pós-1935 faz um expressivo investimento em fotojornalismo, na iconografia e em diferentes técnicas de diagramação, apresentando um conteúdo diversificado que, além de textos doutrinários, trazia notícias, colunas sobre esporte, cinema, literatura e teatro, jogos e uma ampla quantidade de fotografias, além de mostrar certo esforço em tornar a linguagem textual menos formal e, portanto, de mais fácil apreensão.

Tendo como foco primordial as eleições presidenciais que ocorreriam em 1938, a imprensa integralista passa então a contemplar um público até então bem pouco atingido em

⁸⁴⁵ Apesar de o integralismo ter obtido o seu registro como partido político somente em 1935, é relevante destacar que a mudança de enfoque da AIB, de um viés revolucionário e doutrinário para um de cunho explicitamente eleitoral, deu-se de forma gradual. Já em 1933, por exemplo, o movimento demonstra sinais de que mais tarde cederia ao tradicional jogo político durante a realização de “seu primeiro ato público de relevo: marcha em São Paulo com 40 mil integralistas, que marcava o lançamento de Miguel Reale como candidato dos camisas-verdes à Assembleia Constituinte” (FIORUCCI, Rodolfo. As capas da revista *Anauê!* (1935-37): ideologia, doutrina e política através das imagens. In: GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte (Orgs.). **Entre tipos e recortes: histórias da imprensa integralista**. Guaíba: Sob Medida, 2012. v. 2. p. 21-42. p. 24). Apesar disso, ao menos a mudança de enfoque da imprensa integralista torna-se perceptível somente a partir de 1935, quando os jornais e revistas editados pelo partido passam a desenvolver uma intensa campanha eleitoral que, pelo levantamento feito por alguns especialistas no tema, parece ter surtido efeitos satisfatórios. Caracterizado como o *Ano Verde* integralista, 1936 marca um grande crescimento físico do movimento não só em relação ao número de adeptos como também no que tange à própria imprensa do partido, que atinge o seu grande ápice no período, consolidando-se com mais de oitenta periódicos em circulação em todo o Brasil (OLIVEIRA, Rodrigo Santos de. **Imprensa integralista, imprensa militante (1932-1937)**. 2009. 388 f. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009). Em consequência disso, de acordo com Simões, as eleições de 1936 obtiveram o seguinte resultado: “a AIB elegeu cerca de 500 vereadores, 20 prefeitos e 4 deputados estaduais, obtendo cerca de 250 mil votos” (SIMÕES, Renata Duarte. *Imprensa oficial integralista: usos e ciclo de vida do jornal A Offensiva*. In: GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte (Orgs.). **Entre tipos e recortes: histórias da imprensa integralista**. Guaíba: Sob Medida, 2011. p. 47-82. p. 60-61).

seus discursos: os operários, as mulheres, as crianças, jovens e a população em geral. Mantendo sua estratégia inicial de promover um discurso homogêneo em todo o território de alcance da imprensa, quase todos os jornais e revistas integralistas, nessa segunda fase, passam a dar mais destaque às ações de assistência social do movimento, às notícias que apontam para o trabalho integralista em prol da alfabetização e da educação infantil, além de apresentarem orientações aos militantes, para que todos tirassem o seu título eleitoral.

Visando promover uma doutrinação velada, o movimento passa a reiterar, de forma ainda mais acentuada, a concepção de família enquanto cerne do estado. E, sendo o integralismo a “Revolução da Família”, nada mais previsível do que a imprensa oficial do partido abordar a estrutura da família brasileira como um todo. Propagando uma gama de conteúdos mais ampla, com matérias, notícias, colunas e seções direcionados especificamente à mulher e à criança, o movimento buscava não só transmitir a ideia de que no integralismo haveria espaço para todos os membros da família, como também cercar a esfera familiar por meio de uma doutrinação plena e contínua. Desse modo, se não fosse possível a arregimentação do homem, a mulher ou o jovem, sentindo-se representados pelo discurso da imprensa, passassem a integrar as fileiras do sigma, levando os seus familiares consigo.

Ora sendo utilizada como alvo, ora como instrumento de propaganda doutrinária, a figura do jovem torna-se ainda mais presente na imprensa integralista do período como um todo, sendo contemplada, inclusive, com seções específicas em periódicos como *A Offensiva*, *Anauê!* e *Brasil Feminino*. Abaixo estão apontados alguns dos exemplos mais relevantes no período de 1935 a 1937 em relação aos conteúdos que fazem referência à juventude e aos seus objetivos.

No periódico *Monitor Integralista*, por tratar-se de um jornal essencialmente informativo, sendo ele o órgão oficial do partido, não foram percebidas mudanças discursivas nessa segunda fase. Os poucos exemplares que abordam a questão juvenil, por exemplo, trazem itens como a publicação do regulamento da secretaria de educação; a notícia de que a milícia integralista, em virtude da nova lei, estaria sendo substituída pela secretaria de educação, ou ainda sobre orientações relativas aos uniformes e distintivos dos plinianos. Em 1936, o jornal publica documentos como a cartilha do pliniano e os regulamentos do Departamento da Juventude e da nova Secretaria de Arregimentação Feminina e da Juventude, fontes já analisadas no capítulo anterior. Em função disso, o foco desta análise será direcionado aos periódicos *A Offensiva*, *Anauê!* e *Brasil Feminino*, que apresentaram uma quantidade significativa de exemplares abordando as parcelas juvenis.

Muito embora *A Offensiva*, nesse momento, tenha estruturado o seu discurso sobre o jovem dando continuidade aos mecanismos já utilizados desde o início de suas publicações, como o uso de textos teóricos, de chamadas em suas primeiras páginas, de notícias, de anúncios e também de fotografias, o discurso do jornal, a partir de 1935, apresenta algumas novas estratégias.

Entre as que obtiveram um maior destaque estão: uma utilização significativamente mais ampla de fotografias de plinianos; a apresentação de notícias, dentro de colunas sociais, relativas às ações da juventude; a abordagem do jovem através de colunas mais específicas sobre higiene ou educação física, por exemplo; a utilização de histórias ou contos literários infantis de cunho doutrinário; e ainda a constituição de seções dentro do jornal especificamente voltadas ao público infantil. Nota-se que, diferentemente dos exemplares publicados em 1934, o periódico passa a demonstrar a partir de então uma ampla preocupação em tornar o seu discurso mais atraente ao público jovem.

No ano de 1935, dois exemplares de *A Offensiva*, publicados respectivamente nos meses de junho e agosto, trouxeram em seu conteúdo o mesmo modelo de textos teóricos que já desenvolviam em 1934. Estes, como de costume, referiam-se ao jovem enquanto categoria que desperta sua consciência e então direciona toda a sua energia, força e potencial revolucionário para o bem da pátria.

O primeiro deles, com o título *Aos Moços do Meu Brasil*, fala diretamente à juventude integralista para apontar a diferença dos jovens antes e depois de ingressarem no movimento. Afirmando que muitos deles nada conheciam sobre a história do Brasil antes de vestirem sua camisa-verde, o discurso do periódico reitera, de forma orgulhosa, que agora essa mocidade olha para a nação de forma patriótica, com amor, respeito, e conhecimento de sua grandiosidade.

Lança o vosso olhar para os horizontes da Pátria! Contempla-os bem! Vede como elles para vós se tornam mais límpidos, mais desanuviados! E isto por que? Por que este milagre tão admirável? Porque, para vós, os horizontes da Pátria se alargam, tornam-se maiores, mais attrahentes, mais deslumbrantes? [...] Isto se dá porque a vossa visão tende sempre a se aumentar, a se esclarecer mais, pelo fluxo poderosíssimo da Doutrina Integralista que dia vos estimula e vos eleva no terreno sacrossanto da idea.⁸⁴⁶

O sentido do texto, em suma, é demonstrar que a verdadeira e necessária paixão nacionalista só pode ser desenvolvida na juventude brasileira através da educação promovida pelo integralismo pois, nela, o homem “se completa tanto theorica quanto praticamente. O

⁸⁴⁶ A OFFENSIVA. Rio de Janeiro: Ação Integralista Brasileira, ano 02, n. 65, p. 10, 10 ago. 1935.

homem no integralismo se eleva, se sobrepõe espiritualmente, ao mesmo tempo que materialmente se humilha, se despreza e se colloca sobre a Terra, em seu verdadeiro e lógico lugar”.⁸⁴⁷ No entanto, para que a obra integralista efetivamente funcionasse, o jovem precisaria fazer a sua parte, direcionando “a esperança que sempre vos alimentou” à nobre causa do sigma. Para tanto, a orientação aos moços do Brasil era: “Trabalhae, trabalhae, sem cessar, dae tudo o que puderdes dar, a vossa boa vontade, o vosso corpo, o vosso cérebro, o vosso espírito” ao integralismo e, conseqüentemente, à nação.

Ao utilizar a figura do jovem como exemplo prático do poder de transformação da doutrina do sigma, o texto opera de forma doutrinária no sentido não só de falar de forma direta à juventude integralista, demonstrando o reconhecimento do partido em relação a sua notável transformação, como também com o objetivo de instigar o interesse ou mesmo a curiosidade nos jovens ou responsáveis, ainda não adeptos ao movimento, sobre a ação educacional desenvolvida pelo integralista em relação à juventude. Assim como a maior parte dos textos teóricos que abordam a questão juvenil, este, ao mesmo tempo em que tem a juventude como público-alvo do discurso, utiliza a sua figura como simbologia do partido para fazer propaganda doutrinária.

O segundo deles, intitulado *A Juventude Fascista*, é publicado no exemplar de número 59, na seção *Momento Internacional*. Abordando de forma saudosista a organização estrutural da Juventude Fascista e a concepção educacional do Duce, o texto argumenta que a positiva transformação da Itália se deu através da educação das categorias juvenis, assim como o integralismo pretendia fazer no Brasil. Apesar da inspiração fascista não estar presente no texto de maneira explícita, torna-se evidente que a simples reprodução desse texto revela a simpatia integralista em relação ao fascismo e à sua característica forma de arregimentação das categorias juvenis, herança que apresenta seus resquícios na estrutura organizacional da juventude integralista sob vários aspectos.

Questão interessante a ser apontada em relação aos textos teóricos sobre a juventude nesta segunda fase da imprensa integralista é que, nem sempre, são publicados para exaltar de forma positiva a imagem do jovem que, muito frequentemente, é retratado como forte, revolucionário e enérgico. O já mencionado paradoxo da autonomia/heteronomia da juventude se faz presente no discurso integralista neste período, através de alguns textos ou notícias que constroem a imagem do jovem enquanto indivíduo vulnerável às mais diferentes ameaças. No exemplar de número 49, de abril de 1935, *A Offensiva* traz o texto *Exploração*

⁸⁴⁷ A OFFENSIVA. Rio de Janeiro: Ação Integralista Brasileira, ano 02, n. 65, p. 10, 10 ago. 1935.

da Mocidade, que critica o fato dos politiquinhos sempre tentarem arregimentar a juventude em suas fileiras partidárias. No entanto, essa mobilização ocorreria por puro interesse político de manipulação, e não com os nobres interesses tidos pelo integralismo.

Com uma imagem baseada na ideia de indivíduo vulnerável e ingênuo que, por ainda não ter alcançado a sua total maturidade, não seria capaz de discernir as boas e as más intenções políticas, o jovem precisaria da proteção e do amparo integralista, que através da doutrinação transformaria a sua consciência. A partir disso, percebe-se que, sendo a imagem do jovem forte e revolucionária ou vulnerável e ingênuo, a questão a ser demonstrada pelo discurso integralista é que, de qualquer forma, seria de extrema necessidade que o movimento arregimentasse a mocidade brasileira.

Outro mecanismo praticado pela imprensa integralista nesse segundo momento foram as referências à juventude por meio de chamadas, ou seja, de frases estampadas no topo de suas primeiras páginas em negrito e em letras garrafais. No ano de 1935, um dos exemplares do periódico *A Offensiva* publica em sua primeira página a seguinte frase:

Em todas as regiões do país onde os direitos constitucionais são assegurados pelas autoridades, realizaram-se concentrações e desfiles dos “camisas-verdes” no dia da Pátria. Tendo-se mobilizado em mais de duzentas cidades, **massas integralistas que atingiram mais de 150.000 jovens**, pedimos o testemunho honesto das autoridades de todos esses lugares para que digam de público, que se se registrou o mínimo incidente de perturbação da ordem nessas grandiosas demonstrações. Estribados nessa força moral, dirigimo-nos directamente ao Sr. Presidente da República, para que faça cessar em certos estados as prisões e vexames que estão sofrendo os “camisas-verdes” pelo crime de amar o Brasil.⁸⁴⁸

Apesar da sentença não ter a juventude como temática central, nota-se que a partir da afirmação de que o movimento integralista atingiu mais de 150 mil jovens brasileiros, o periódico opera no sentido de demonstrar a dimensão da obra de arregimentação juvenil desenvolvida pelo movimento e uma suposta adesão em massa da juventude brasileira às fileiras integralistas. Falando directamente a Getúlio Vargas, em carácter explicativo que aponta o quanto o partido é inofensivo, a tipologia da frase em questão demonstra com clareza a nova fase de apreensão vivida pela imprensa integralista a partir da implantação da Lei de Segurança Nacional.

De acordo com Cavalari, uma das estratégias centrais da propaganda integralista era justamente “o recurso constante de lembretes quando se queriam fixar determinadas ideias. Esses pequenos lembretes, que obedeciam aos mesmos dispositivos tipográficos, eram

⁸⁴⁸ A OFFENSIVA. Rio de Janeiro: Ação Integralista Brasileira, ano 02, n. 71, p. 01, 14 set. 1935.

publicados em destaque em jornais das mais diferentes localidades”.⁸⁴⁹ A partir de 1935, tendo como enfoque a realização de uma estruturada propaganda eleitoral, a imprensa integralista passa a publicar chamadas com temáticas diferenciadas, sendo a maior parte delas voltada para a propagação de lembretes sobre a importância de todo integralista providenciar o seu título eleitoral.

Publicados de forma idêntica em diversos pontos dos jornais (às vezes na mesma página) lembravam aos integralistas a necessidade de não se descuidarem de determinadas práticas consideradas relevantes para o movimento, como por exemplo, assinar o jornal A Offensiva, pagar a taxa do Sigma, ler o jornal a Ação, comprar somente nas casas que anunciam em nosso jornal, corresponder-se com seus companheiros de outras províncias, **providenciar seu alistamento eleitoral e o de sua família**, usar sempre o distintivo, ter sempre pronta a tua camisa-verde e atender à convocação imediatamente, ser disciplinado, ser pontual, não faltar às reuniões.⁸⁵⁰

Outra estratégia mantida no período foi a publicação de notícias que legitimem não só a ideia de adesão em massa por parte da mocidade brasileira, mas também a própria noção de expansão do movimento em todo o território nacional. No exemplar de número 43, através de uma notícia sobre o 2º Congresso Integralista, em Petrópolis, há uma explícita referência à juventude para demonstrar que a grandiosidade da ideia integralista é tamanha que atingiria até mesmo as crianças brasileiras. No texto intitulado *Ao Rufar de 400.000 Tambôres*, o periódico faz menção à ideia de que a doutrina integralista havia tocado o coração de crianças e idosos que, cheios de esperança, entoam juntos a saudação Anauê.

Os corações áridos, os espíritos seccos, já sem nenhuma humidade sentimental no brilho dos olhos, pobres sêres sem revoltas nem esperanças, abatidos, outynicos, talvez sejam tocados pelo milagre estupendo do Integralismo, entrando num lar onde haja cabecinhas louras ou curvas cabeças brancas. **Erguendo as mãosinhas polpudas, com um sorriso que mostra os primeiros dentezinhos, mal se sustendo nas perninhas de anjos barrocos, nossos patriciosinhos gritam – “anauê!”** – E o vovô ou a vovó, na sua cadeira antiga dizem, sonhando um Brasil melhor para seus netinhos: – “anauê!”⁸⁵¹

Nota-se, assim, que, mesmo na fase eleitoral do movimento, a dualidade juventude *versus* senilidade continua sendo instrumentalizada no discurso da imprensa integralista bem como a tentativa de demonstração de que o integralismo estaria recebendo a simpatia e a aprovação de todas as gerações brasileiras, do avô ao netinho.

⁸⁴⁹ CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. **Integralismo**: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937). Bauru: EDUSP, 1999. p. 99.

⁸⁵⁰ *Ibid.*

⁸⁵¹ A OFFENSIVA. Rio de Janeiro: Ação Integralista Brasileira, ano 02, n. 43, p. 04, 07 mar. 1935.

Seguindo este mesmo viés, o exemplar de número 66 trouxe em seu conteúdo a notícia da realização da chamada *Festa Pliniana*, novamente utiliza a juventude enquanto instrumento doutrinário na medida em que afirma que a adesão das crianças brasileiras a causa do sigma seria a maior prova de que o integralismo estaria longe de ser um movimento extremista, conforme o acusam, mas sim um movimento cultural e educacional que tem como objetivo formar o jovem para que este possa, futuramente, construir uma grande nação. Assim, a notícia intitulada *O que foi a Primeira Festa Pliniana*, aponta:

Dando uma resposta clara e definitiva a todos aqueles que, erradamente ou de má fé, ainda teimam em nos considerar pittorescamente “extremismo da direita”; fez o Departamento Provincial Feminino realizar sua primeira “Festa Pliniana”, ficando patenteado no transcorrer da mesma, ser nosso movimento profundamente cultural.⁸⁵²

Destaca-se, assim, que as notícias que de alguma forma abordavam a questão juvenil na imprensa integralista funcionavam, em sua maioria, no sentido de expressar ao público leitor dos periódicos a relevância da juventude integralista na estrutura interna do movimento, a expressiva adesão da juventude ao integralismo e, por último, a própria expansão do movimento no Brasil. Neste exemplar, em específico, a juventude fora ainda instrumentalizada visando a defesa do movimento contra as acusações feitas pelo governo em relação ao caráter extremista do integralismo.

Além de dar continuidade a partir de 1935 ao uso de textos teóricos, chamadas, anúncios e notícias que enfocavam a juventude, o periódico *A Offensiva* não só manteve como também expandiu significativamente a utilização das fotografias de plinianos neste período. Quase sempre publicadas em atividades junto aos seus núcleos ou escolas integralistas, vestindo os seus uniformes e fazendo juntos a saudação Anauê!, as fotos de crianças integralistas visavam, em sua maioria, demonstrar a quantidade de plinianos já arregimentados pelo movimento. Destaca-se que no ano de 1935, de 41 exemplares que fizeram algum tipo de menção a juventude, 29 trouxeram consigo fotografias de plinianos.

Mas o que a imprensa integralista apresentava de novo a partir de 1935 foram as colunas sociais, contos literários e seções infantis que abordaram em seu conteúdo a figura do jovem de uma forma mais explícita, tendo como objetivo, ressalta-se, não a instrumentalização do jovem mas sim a elaboração de um discurso de cunho mais doutrinário e agregador das categorias juvenis. Neste sentido, alguns exemplares trouxeram em suas colunas sociais, que noticiavam casamentos, falecimentos, batizados, nascimentos e

⁸⁵² A OFFENSIVA. Rio de Janeiro: Ação Integralista Brasileira, ano 02, n. 66, p. 12, 17 ago. 1935.

aniversários de integralistas, notas fazendo referência ao nascimento de mais um pliniano para o Brasil de amanhã. Na seção *Na Sociedade*, o exemplar de número 72, trouxe a seguinte notícia sobre o nascimento do filho de dois militantes integralistas:

Mais um pliniano que vem ao mundo. E' elle o risonho José, filhinho de nossos companheiros Antonio de Almeida Maia e sua exma. esposa d. Branilla Lobo Maia, residentes em Outeiro Redondo, província da Bahia, o José, que veio ao mundo no dia 3 de corrente. A OFFENSIVA envia um anauê!⁸⁵³

Nota-se, a partir deste tipo de notícia, a tentativa de controle e enquadramento de indivíduos desde o momento de seu nascimento, considerando-se que, caso este seja filho de um militante do sigma, automaticamente ele já será considerado pelo movimento um pliniano. A imprensa opera, assim, em um sentido não só de realizar a manutenção doutrinária da própria militância integralista como também em relação a própria questão eugênica integralista que, conforme já foi mencionado, propaga a ideia de que a mulher brasileira, e ainda mais a integralista, teria a missão sublime de dar à luz aos filhos da pátria. Ser mãe seria, neste sentido, o papel a ser assumido por toda cidadã integralista.

Denunciando paulatinamente a transição de um discurso mais teórico até um de sentido mais agregador, o periódico demonstrava em seu conteúdo o esforço integralista em tornar a leitura de sua imprensa de mais fácil apreensão pois, conforme afirma Salgado em uma de suas obras publicadas em 1935, “já ninguém se illude com a solenidade de um chapéo armado e muito menos com os botões dourados de uma farda. O povo hoje exige idéas claras e energia de afirmações. Quem falar ao povo de um modo mais claro creará a grande unidade”.⁸⁵⁴

Foi neste sentido que *A Offensiva* apresentou, nos exemplares de número 54, 55 e 56, as primeiras demonstrações de colunas voltadas especificamente para a juventude. Denominada como *Seção Currupira*, o suplemento infantil de *A Offensiva* “trazia jogos, histórias, charges, conselhos comportamentais e educacionais que as crianças deveriam seguir, como o respeito aos pais, aos mais velhos, à professora, assim como a educação à mesa, numa festa, perante a amigos, parentes e desconhecidos”.⁸⁵⁵

No exemplar de número 54, publicado em maio de 1935, o periódico traz à tona uma fábula, um conto infantil e ainda uma atividade recreativa que ensinaria os plinianos mais

⁸⁵³ A OFFENSIVA. Rio de Janeiro: Ação Integralista Brasileira, ano 02, n. 72, p. 06, 28 set. 1935.

⁸⁵⁴ SALGADO, Plínio. **A doutrina do sigma**. São Paulo: Verde Amarelo, 1935. p. 143.

⁸⁵⁵ SIMÕES, Renata Duarte. Imprensa oficial integralista: usos e ciclo de vida do jornal *A Offensiva*. In: GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte (Orgs.). **Entre tipos e recortes**: histórias da imprensa integralista. Guaíba: Sob Medida, 2011. p. 47-82. p. 75.

jovens a desenhar. Sob o título *Um rato em cinco phases*, a atividade se constitui em cinco etapas de desenho, que vai desde a base de corpo que daria forma a um rato até o seu último estágio, um desenho mais elaborado do animal. Nota-se, assim, o interesse do periódico em utilizar a seção para atrair até mesmo o público de crianças mais jovens.

Figura 8 – A doutrinação lúdica



Fonte: *A Offensiva*.⁸⁵⁶

Na fábula *O Jumento e o Porco*, por sua vez, o periódico apresenta a história de um jumento que ao ver o porco, seu amigo e irmão de tanto tempo, condenado a morte em um matadouro, começa aos prantos a lamentar o cruel destino de seu companheiro. Todavia, o porco, sendo muito sábio, lhe tranquiliza dizendo: “– Estanca esse teu pranto e deixa de tolice! Adeus? Adeus por que? Por que morremos? Deixa que venha a morte... a morte é bella! Quem sabe se ainda nos encontraremos no pedaço de alguma mortadela?”⁸⁵⁷ Abordando a questão da morte de uma forma leve e de tom humorístico, a fábula age no sentido de transmitir as crianças a ideia de força, de coragem e de tranquilidade em relação a morte, chamando a atenção, dessa forma, das famílias brasileiras que poderiam interessar-se em transmitir tais valores aos seus filhos.

Já no conto infantil *O nariz de seu Antonio*, o periódico se utiliza da seção *O Currupira* para trazer a seus leitores plinianos a história de um menino chamado Pedrinho que, sendo muito guloso, roubou comida da cozinha de sua casa e decidiu comer, escondido de sua mãe. Mais tarde naquele mesmo dia, quando seus pais o questionaram sobre o sumiço da comida que haviam deixado na panela, o menino resolveu mentir, afirmando que havia sido o seu gato de estimação, *Velludo*, que comera as linguiças que a mãe de Pedrinho tinha posto a cozinhar na panela. Contudo, havia um ferreiro na cidade que provocava medo em todas as crianças do vilarejo pelo tamanho exorbitante de seu nariz. Diante disso, os pais costumavam alertar seus filhos dizendo que todos aqueles que contassem mentiras, teriam como consequência o crescimento de seu nariz. Pedrinho no início até recordou-se de seu

⁸⁵⁶ A OFFENSIVA. Rio de Janeiro: Ação Integralista Brasileira, ano 02, n. 54, p. 10, 25 maio 1935.

⁸⁵⁷ *Ibid.*

Antonio, mas optou por mentir mesmo assim, afirmando que isso deveria ser uma dessas histórias inventadas pelos pais para assustar as crianças. Porém, naquela mesma noite, o nariz de Pedrinho começou a crescer fazendo com que ele, assustado, enfim confessasse a sua mentira.

Agindo em sentido semelhante ao da fábula, o conto infantil trazido nesta primeira edição da seção pliniana, visa transmitir princípios as crianças os valores de certo e errado, a gravidade de se contar mentiras, e a importância do respeito aos pais.

Os exemplares de número 55 e 56 também trouxeram a *Seção Currupira*, apresentando em seus conteúdos contos infantis, anedotas, jogos recreativos, como o jogo dos sete erros, uma história em quadrinhos e ainda um texto intitulado *A revolução da boneca*, contando a história da indústria responsável pela fabricação de bonecas. Assim como a primeira seção, estes suplementes também buscam transmitir valores educativos e morais, visando trazer crianças e familiares enquanto públicos leitores do periódico.

Nota-se, assim, que a transmissão de valores integralistas como as noções de ordem, disciplina, respeito e hierarquia se fazia presente até mesmo nestas seções infantis cujo interesse não deixava de ser o mesmo do restante do conteúdo do jornal: doutrinar e arregimentar. A *Seção Currupira*, no entanto, conforme concluiu Renata Simões através de sua catalogação, “foi uma das poucas que apareceu e desapareceu sem qualquer justificativa”.⁸⁵⁸

Tal tipologia de mecanismo denuncia também um dos aspectos centrais da concepção da AIB sobre educação. De acordo não só com Salgado mas também com grande parte dos intelectuais integralistas a educação integral da juventude deveria, em primeiro lugar, despertar-lhe interesse para que as crianças e jovens tornem-se adeptos do integralista não pela força da coerção, pela violência ou através da obrigação dos pais, mas através da força da ideia integralista que deveria gerar identificação e representação em seus leitores infantis. Conforme afirma Everardo Backeuser, “de diferente ordem da do adulto, há na vida da criança um interesse qualquer que ela deseja realizar ou adquirir: um brinquedo, um passeio, uma guloseima. Dentro do quadro de agitação normal da criança, a escola precisa despertar-lhe interesse”.⁸⁵⁹

⁸⁵⁸ SIMÕES, Renata Duarte. Imprensa oficial integralista: usos e ciclo de vida do jornal *A Offensiva*. In: GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte (Orgs.). **Entre tipos e recortes: histórias da imprensa integralista**. Guaíba: Sob Medida, 2011. p. 47-82. p. 75.

⁸⁵⁹ BACKEUSER, Everardo. Integralismo da educação. In: SALGADO, Plínio *et al.* **Enciclopédia do integralismo**. Rio de Janeiro: Clássica Brasileira, 1959. p. 17-26. v. IX: O integralismo e a educação. p. 25.

No sentido de intensificar a ação em prol da juventude desenvolvida por *A Offensiva*, o integralismo fundou, no mesmo ano de 1935, a Revista *Anauê!*. Caracterizada como a “principal publicação integralista no que tange ao aspecto de popularizar o conteúdo jornalístico”⁸⁶⁰, o periódico apresenta um conteúdo diferenciado de cores, emblemas, fotografias e desenhos arquitetados pelo movimento enquanto como estratégia para chamar a atenção do olhar do leitor das mais diferentes categorias e classes sociais. Conforme afirma Fiorucci,

Considerando-se que o número de analfabetos brasileiros nos anos 1930 era expressivo, trabalhou no sentido de educar o olhar do leitor que não precisava ler as matérias da revista, desde que se familiarizasse com os ritos, os emblemas, os comportamentos e a doutrina de Plínio Salgado e seus seguidores.⁸⁶¹

Já em seu primeiro exemplar, de Janeiro de 1935, o periódico traz um texto explicativo afirmando que a *Anauê!* estaria sendo lançada “com o objetivo de divulgar, em linguagem acessível a todos, a doutrina integralista”.⁸⁶² A primeira revista integralista constituía-se, assim, como “a netinha do Chefe Nacional, o periódico dos camisas-verdes de todas as profissões, de todas as classes e de todas as idades”.⁸⁶³ A relação do periódico com a juventude estabelece-se através de fotografias, notícias, notas, seções específicas, contos infantis e, em menor escala, através de textos teóricos.

De forma bastante frequente a revista traz em seu conteúdo textos e colunas voltados especificamente para a mulher, trazendo orientações sobre o papel da classe feminina no integralismo ou mesmo noticiando a ação das blusas-verdes nos núcleos integralistas. Nestas publicações, a questão da juventude aparece geralmente de forma indireta. Ainda neste primeiro exemplar de 1935 o texto *Sublime Missão* apresenta a concepção integralista sobre a grandiosidade da missão da mulher brasileira para com o integralismo e, conseqüentemente, para com a Pátria. A função fundamental da mulher, de acordo com o texto, seria a de ser mãe para ensinar seus filhos o amor e o dever que estes devem ter com a nação. Assim, o texto afirma: “Vêde, mulher brasileira, como é incomparável o vosso papel! Sois vós que ides criar o espírito de brasilidade na grande geração de amanhã. [...] Lembrae-vos sempre mulher do meu Brasil que: – “A mão que embala o berço governa o mundo”.⁸⁶⁴

⁸⁶⁰ FIORUCCI, Rodolfo. As capas da revista *Anauê!* (1935-37): ideologia, doutrina e política através das imagens. In: GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte (Orgs.). **Entre tipos e recortes: histórias da imprensa integralista**. Guaíba: Sob Medida, 2012. v. 2. p. 21-42. p. 25.

⁸⁶¹ *Ibid.*

⁸⁶² ANAUÊ!. Rio de Janeiro: Ação Integralista Brasileira, ano 01, n. 01, p. 01, jan. 1935.

⁸⁶³ *Ibid.*

⁸⁶⁴ *Ibid.*, p. 19.

Referenciados nestas publicações sempre neste mesmo sentido – os futuros heróis do Brasil, aqueles que seriam responsáveis pela construção de uma pátria forte, e de uma raça brasileira forte – os jovens aparecem de forma frequente no conteúdo destes textos, reafirmando a concepção integralista sobre os papéis da mulher e do jovem para a construção de um novo Brasil. A recorrência de textos e colunas deste tipo denunciam, destaca-se, o interesse integralista, maior ainda a partir de 1935, em arregimentar o público feminino para o movimento, tendo em vista que a mulher havia conquistado o seu direito de voto recentemente tornando-se, assim, potenciais eleitoras para o integralismo.

Verifica-se, assim, que a série de conquistas sociais alcançadas pela mulher neste período “fizeram a AIB – que buscava o apoio irrestrito e “obediente” de seus membros e a ampliação de seus quadros através da arregimentação de novos adeptos – assim como o restante da intelectualidade, adaptar seu discurso repressor de forma que atraísse a mulher”.⁸⁶⁵ Todavia, apesar de trazer constantemente a questão da importância política da mulher através de um amplo esforço na demonstração das atividades da militância feminina da AIB junto aos núcleos integralistas, torna-se explícito no discurso do partido a concepção de que o papel fundamental da mulher para com o partido e para com a pátria seria a sua função maternal que, na lógica integralista, seria uma função cívica e também moral. Conforme traz à tona um dos escritores integralistas no texto *A Mulher e o Integralismo*, publicado na imprensa e, posteriormente, na obra *Integralismo e Educação*:

Sem retroceder a situações hoje impossíveis, após as conquistas sem dúvida interessantes feitas pela mulher, na sociedade e na vida cultural – eis que poderíamos realizar aquele ideal típica e essencialmente feminino de ser senhora do nosso lar, esposa do nosso marido, mãe de nossos filhos, numa palavra, anjo tutelar do futuro. Tendência congênita, porque, se o “homem representa um momento da história, a mulher representa a sucessão das gerações”; se “o homem encarna o valor eterno do tempo, a mulher encarna o infinito da raça”.⁸⁶⁶

Destaca-se, ainda em relação a este primeiro número da *Anauê!*, que a revista traz já nesta publicação a sua primeira *Secção Pliniana*, com o texto *Deveres do Pliniano*, que, tendo sido escrito pelo militante Mauricio Braz de Araujo, Chefe do Departamento da Juventude da Secretaria Nacional de Organização Política, traz como tema a importância da obediência e da disciplina pliniana para com seus pais, professores e mestres tendo em vista que “em casa ou

⁸⁶⁵ SIMÕES, Renata Duarte. A enfermagem e a mulher na Ação Integralista Brasileira – “Pelo bem do Brasil!” In: GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte (Orgs.). **Entre tipos e recortes**: histórias da imprensa integralista. Guaíba: Sob Medida, 2011. p. 103-135. p. 107.

⁸⁶⁶ DIAS, Carmen Pinheiro. A mulher e o integralismo. In: SALGADO, Plínio *et al.* **Enciclopédia do integralismo**. Rio de Janeiro: Clássica Brasileira, 1959. p. 81-93. v. IX: O integralismo e a educação. p. 87.

no collegio, se não obedecermos sem discussão aos nossos paes e aos nossos mestres, perturbaremos a vida de ambos, roubando-lhes o socego de espirito e impedindo que elles se entreguem, como desejavam, a nossa educação”.⁸⁶⁷ O mesmo das anteriores. Além destes, outras questões são apontadas como a responsabilidade, a coragem, a lealdade, a honestidade e a gentileza, princípios que deveriam ser seguidos com seriedade e rigidez por todos os plinianos que vestem a sua camisa verde em nome da pátria.

O texto traz como ilustração a fotografia de alguns jovens integralistas, devidamente legendadas com o nome do pliniano ou pliniana e a indicação de qual militante integralista o jovem é filho. Destacaremos abaixo uma destas fotos, em que aparece um pliniano de apenas 18 meses de idade já vestindo seu uniforme integralista.

Figura 9 – Um jovem pliniano



Fonte: *Anauê!*.⁸⁶⁸

A fotografia demonstrada acima bem como a sua legenda, nota-se, operam no sentido não só de demonstrar a questão da abrangência do movimento e de sua capacidade de conquista de todas as gerações, como também visando atrair o interesse de crianças ainda não adeptas ao integralismo que, caso queiram também deixar seus pais orgulhosos vestindo a sua camisa verde, seriam bem vindas. Como de costume em relação ao uso de fotografias de plinianos, o mecanismo doutrinário estrutura-se para arrematar novos jovens as fileiras do

⁸⁶⁷ ANAUÊ!. Rio de Janeiro: Ação Integralista Brasileira, ano 01, n. 01, p. 63, jan. 1935.

⁸⁶⁸ *Ibid.*

sigma ao mesmo tempo em que utiliza a imagem do jovem de forma instrumental. Assim, a “noção de juventude, graças a uma hábil manipulação do discurso, assume uma dimensão exclusivamente simbólica, privando-se de qualquer conotação histórico ou sociológica”.⁸⁶⁹

Desde o início de suas publicações, em 1935, a revista *Anauê!* traz um número expressivo de fotografias de plinianos, frequentemente agrupadas em páginas sob títulos como *O Brasil de Amanhã* e *O Amanhã da Pátria*. Em relação a temática da juventude, este foi o mecanismo mais recorrente da revista ao longo do ano de 1935.

Ao que tange os anos de 1936 e 1937, a relação imprensa e juventude estreita ainda mais seus laços. O periódico *A Offensiva*, tornando-se um jornal diário em 1936, em decorrência da nova demanda integralista em utilizar cada vez mais os órgãos editados pelo partido em função da conquista de novos eleitores, apresenta um significativo esforço em demonstrar a preocupação do movimento com a mocidade brasileira.

Dando continuidade aos mesmos mecanismos utilizados até então, os exemplares de 1936 e 1937 trazem à tona a temática da juventude especialmente através de textos teórico-doutrinários e de fotografias. No exemplar de número 124, de março de 1936, o jornal publica o texto *Avante Mocidade!*, afirmando que o dever dos integralistas enquanto patriotas seria o de “fazer surgir na mocidade de hoje uma mentalidade nova para as lutas do futuro”.⁸⁷⁰ A juventude brasileira, então, o texto lança um pedido: “Trabalhemos, pois, mocidade em prol de um Brasil unido e forte, porque de nós depende a Pátria de amanhã”.⁸⁷¹ Nota-se, assim que os textos teóricos que falam aos jovens continuam agindo no sentido de reafirmar a esperança integralista em relação as futuras gerações. O caminho para o soerguimento de uma nova pátria estaria na mocidade, que deveria, assim, adentrar as fileiras do partido a fim de que sejam preparadas para a hora de seu triunfo dentro dos preceitos do sigma.

Seguindo este mesmo viés, o exemplar de número 177, de maio de 1936, publica em sua *Crônica do Dia* o texto *Preparemos a Mocidade*, assinado por Hollanda Loyola⁸⁷²,

⁸⁶⁹ SIMÕES, Renata Duarte. Imprensa oficial integralista: usos e ciclo de vida do jornal *A Offensiva*. In: GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte (Orgs.). **Entre tipos e recortes: histórias da imprensa integralista**. Guaíba: Sob Medida, 2011. p. 47-82. p. 74.

⁸⁷⁰ A OFFENSIVA. Rio de Janeiro: Ação Integralista Brasileira, ano 02, n. 124, p. 12, 08 março 1936.

⁸⁷¹ *Ibid.*

⁸⁷² De acordo com Renata Simões, em seu artigo intitulado “Educação Física e esportes na Ação Integralista Brasileira: Hollanda Loyola e a educação do corpo”, o intelectual Francisco de Assis Hollanda Loyola foi designado pela Chefia Nacional do movimento para coordenar os trabalhos da Milícia Integralista no Distrito Federal, ocupando o posto de Mestre de Campo até meados de 1935, período em que “a Milícia foi extinta em cumprimento a Lei de Segurança Nacional, que definia os crimes contra a ordem política e social e conferia ao Governo Federal poderes especiais para reprimir atividades políticas ditas subversivas” (SIMÕES, Renata Duarte; GOELLNER, Silvana Vilodre. Educação Física e esportes na Ação Integralista Brasileira: Hollanda Loyola e a educação do corpo. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 26, p. 263-272, 2012. p. 267). A partir de então, entrando em sua fase de viés mais eleitoral, o partido transfere a estrutura de sua Milícia

“mestre de Campo da Milícia no Distrito Federal (RJ) e diretor da Escola Technica de Instructores de Educação Física integralista”⁸⁷³, intelectual integralista responsável pela assinatura de uma série de colunas e seções presentes em periódicos como *A Offensiva* e *Anauê!* que abordavam a questão da educação física e da importância das práticas da higiene. Neste texto, Loyola afirma que o trabalho integralista de educação física, cívica e espiritual da mocidade brasileira é a obra integralista mais sã e de mais bela finalidade, pois somente as nações que preocupam-se com o fortalecimento de sua raça através da educação “poderão manter íntegros o patrimônio de suas tradições e o domínio de seu território”.⁸⁷⁴ Contudo, o autor aponta de forma crítica que o poder vigente, através do Ministério da Educação, estando preocupado somente com “a luta ingloriosa e mesquinha da política regional”⁸⁷⁵, estaria agindo de forma descuidada em relação a educação cívica e física da mocidade brasileira. Deixando explícita a sua preocupação, ele lastima: “Como poderemos ter um povo forte, coeso pela doutrina na unidade nacional, disciplinado pela força immanente de uma raça vigorosa, capaz de manter a sua soberania, e enfrentar com dignidade as crises tremendas da época que atravessamos?”⁸⁷⁶

Torna-se possível percebermos, a partir de tal texto, a concepção integralista de educação relacionada ao plano eugênico do movimento, de formar brasileiros fortes e saudáveis física e moralmente para o futuro da pátria e a garantia da herança cultural brasileira. Neste sentido, legitima-se o enfoque educacional assumido pelo integralismo a partir do característico uso da alteridade, onde se acusa o errado e o ruim de forma a reafirmar o bom e o certo. Em suma, se o governo não teria a capacidade necessária para organizar um verdadeiro plano educacional, preocupando-se seriamente com a formação da nova geração do Brasil, o integralismo teria essa capacidade. Conforme aponta Renata Simões, a notável

para a Secretaria Nacional de Educação “cuja missão era prosseguir com o trabalho de organização e disciplinamento. Nessa unidade, Loyola passou a ocupar o cargo de Secretário Provincial de Educação e iniciou a publicação de uma série de artigos “tecnicos sobre Educação Physica, com a finalidade de orientar as atividades dos soldados do Sigma”” (SIMÕES, Renata Duarte; GOELLNER, Silvana Vilodre. Educação Física e esportes na Ação Integralista Brasileira: Hollanda Loyola e a educação do corpo. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 26, p. 263-272, 2012. p. 267). Ainda de acordo com a autora, destaca-se que Loyola, durante o seu período de atuação no movimento, fora o escritor que mais publicou textos sobre a temática da Educação Física e do Esporte na imprensa integralista. Especificamente no periódico *A Offensiva*, tais publicações integravam a coluna *Chronica do dia*, seção sobre Educação Física assinada pelo intelectual, que visava, em suma, a elaboração de um “Plano Geral de Educação Física” para o Brasil, que consistia na elaboração de uma metodologia de educação física adaptada a questões como a cultura, os costumes e o clima brasileiro (*Ibid.*).

⁸⁷³ *Ibid.*, p. 264.

⁸⁷⁴ A OFFENSIVA. Rio de Janeiro: Ação Integralista Brasileira, ano 02, n. 177, p. 07, 09 maio 1936.

⁸⁷⁵ *Ibid.*

⁸⁷⁶ *Ibid.*

noção de um necessário enquadramento do corpo através da prática da educação física integrou grande parte dos debates educacionais da década de 1930.

Na década de 30, sobre o corpo foi dirigida a atenção de médicos, educadores, engenheiros, professores e instituições como o exército, a Igreja e a escola. A compreensão que perpassava os discursos desses profissionais e os espaços em que atuavam era de que o corpo precisava ser educado física e moralmente, pois, convenientemente educado, favoreceria o desenvolvimento do espírito, operando também como um instrumento útil a serviço dos interesses da Nação.⁸⁷⁷

Já no ano de 1937 o jornal *A Offensiva* muda significativamente o enfoque dos textos teóricos que trazem a juventude como tema, trazendo à tona um enfoque explicitamente mais eleitoral. Além de investir na publicação de uma série de notícias abordando os trabalhos não só de educação mas também de assistência social realizados pelo integralismo em prol das crianças pobres e abandonadas do Brasil, os textos doutrinários do periódico passam a ter como objetivo central de demonstrar que a juventude brasileira apoia a candidatura de Plínio Salgado a presidente da nação.

Os exemplares de número 548, 569, 603 e 654 trazem notícias com textos como: “A Mocidade Brasileira lança a candidatura de Plínio Salgado; A palavra da Juventude Feminina pela candidatura de Plínio Salgado; Mocidade ao lado de Plínio Salgado” ou, ainda, “Homenagem de 5 mil crianças ao Chefe Nacional”, Plínio Salgado. Instrumentaliza-se, neste sentido, mais uma vez a simbologia relacionada a imagem do jovem. A mensagem que se quer transmitir é a de que se o jovem, sendo ele crítico, contestador e enérgico, defensor da realização de mudanças, está apontando para Plínio Salgado para presidente da república, então todos devem confiar na escolha da juventude e também escolher o líder integralista para chefiar a nação.

Ao que compete a Revista *Anauê!*, os anos de 1936 e 1937 denunciam um interesse ainda maior do periódico em abordar a questão da juventude através de textos, seções específicas, anúncios, notícias, mas, principalmente, por meio de um conteúdo desta vez mais imagético, interativo e informal. Ocorreu, por exemplo, um exacerbado uso de fotografias de plinianos em quase todos os exemplares da revista neste período, que apareciam em grupos, uniformizados, muito frequentemente em frente a escolas ou núcleos integralistas. Todavia, este período é marcado por uma ênfase maior não só em demonstrar a simpatia juvenil para com o partido, mas em manifestar, através da evidência da fotografia, que o integralismo

⁸⁷⁷ SIMÕES, Renata Duarte; GOELLNER, Silvana Vilodre. Educação Física e esportes na Ação Integralista Brasileira: Hollanda Loyola e a educação do corpo. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 26, p. 263-272, 2012. p. 263.

estaria abarcando todas as gerações de brasileiros. No exemplar de número 09, de abril de 1936, o periódico traz logo no início de seu conteúdo a seguinte fotografia sob o título *Quatro Gerações de Integralistas*.

Figura 10 – As gerações integralistas



Fonte: *Anauê!*.⁸⁷⁸

Aparecendo em ilustração da matéria de capa do exemplar, um texto de Plínio Salgado intitulado *Os primeiros – os que acreditaram*, recordando uma das primeiras manifestações públicas do integralismo, ocasião em que a maioria ainda duvidosa sobre o sucesso da AIB, optou por não sair as ruas ao lado de Plínio Salgado. Portanto, um grupo de operários e estudantes paulistas acreditaram na palavra do chefe e saíram as ruas vestindo a sua camisa-verde. De acordo com Salgado, aqueles passos integralistas que começaram naquela ocasião, em 1933, ainda com tão poucas pernas, estariam agora a multiplicar-se por toda a nação, arregimentando homens e mulheres, jovens e adultos a unirem-se em uma força única em prol da elevação nacional. O objetivo do periódico, nota-se, neste sentido, é essencialmente o de demonstrar que todos, de todas as gerações, teriam o seu espaço reservado dentro do partido.

Outra estratégia apresentada pela revista no sentido de instrumentalização do jovem fora a apresentação de notícias de cunho doutrinário, que enfocavam alguma ação realizada por um pliniano enquanto exemplo a ser seguido pela nação. É justamente neste sentido que opera o exemplar de setembro de 1936, através da notícia intitulada *Pliniano a Muque*. Escrito por um militante, em resposta ao pedido feito pela *A Offensiva*, para que todos

⁸⁷⁸ ANAUÊ!. Rio de Janeiro: Ação Integralista Brasileira, ano 02, n. 09, abril 1936.

enviassem notícias e fotografias de plinianos para a secretaria de imprensa, o texto conta a história de uma pliniana de apenas 2 anos de idade chamada Arezia Bastos Figueira que, “no muque”, consegue convencer o seu vizinho, Luiz, de 03 anos a adentrar para as fileiras da juventude integralista. Ao ver o menino fazendo a saudação Anauê e cantando o hino integralista, a menina teria o repreendido, afirmando que só o podem fazer aqueles que são verdadeiramente integralistas. O menino então chama por seus pais e pede por uma camisa-verde. Mais tarde, ele volta a casa de sua amiga vestido sua camisa enquanto diz: “agora também sou integralista – aqui – ó! E levantando o braço vira-se para Arezia e dá Anauê!”⁸⁷⁹ Ao final do texto o autor, mencionado que o menino seria o único integralista de sua família, afirma: quem sabe agora ele não consiga convencer os seus pais e irmãos? Tudo é possível!

Além de notícias, a revista também arquitetava o seu discurso através de contos infantis que detinham o claro objetivo de arregimentação de jovens ao partido. No exemplar de número 13, de março de 1937, a Anauê! traz, juntamente de sua Seção Teatral, o conto infantil *O Chefe Nacional Mandou*. Este aborda a história de um pliniano que estava doente mas não queria de forma alguma tomar o seu remédio, afirmando que este teria um gosto desagradável. Depois de muito trabalho por parte da família na tentativa de convencer a criança, o pai do menino teve uma ideia que acabou fazer o menino tomar o remédio de forma rápida e sem reclamações:

- Telinho, toma o remédio. Foi o Chefe Nacional que mandou!
 - O Chefe Nacional?
 - Sim, meu filho. Para você ficar forte e trabalhar pelo bem do Brasil...
 Não terminara o discurso e Telinho já havia tomado o óleo de rícino sorrindo e fazendo caretas simultaneamente. Ordem do Chefe Nacional não se discute...⁸⁸⁰

Assim como os demais contos aqui já analisados, este visava transmitir a criança que lesse a revista as noções de hierarquia, respeito e obediência. Através de tal linguagem o discurso do periódico poderia atrair não só jovens e crianças como também pais ainda não integralistas, que podem interessar-se em inscrever seus filhos nas fileiras do partido.

Durante o ano de 1937 a revista *Anauê!* trouxe o total de sete exemplares que apresentaram em seu conteúdo um suplemento infantil denominado de *Seção Currupira*, assim como a seção de *A Offensiva*. Em sua primeira edição, no exemplar de número 13, de março de 1937, a revista apresenta os principais objetivos da *Seção Currupira*.

⁸⁷⁹ ANAUÊ!. Rio de Janeiro: Ação Integralista Brasileira, ano 02, n. 12, set. 1936.

⁸⁸⁰ *Id.* Ano 03, n. 13, mar. 1937.

A nossa revista, sendo um reflexo do movimento do Sigma, também tem, companheirinho, essa secção que é sua. Ella estampará a actividade dos pequenos que se dedicam com ansiedade e alegria aos trabalhos da intelligência. Será a oficina em que o aprendiz ensaia os primeiros passos, os primeiros voos para poder, logo tornar-se hábil operário das letras nacionaes.⁸⁸¹

Torna-se perceptível, assim, que a instalação de uma seção especificamente voltada a juventude detinha fins essencialmente doutrinários e relacionava-se com a concepção integralista de imprensa como instrumento educacional, de formação de mentalidades dentro dos preceitos do sigma. No caso da juventude, eles estariam sendo formandos não só para serem bons cidadãos, ou bons militantes integralistas, mas também para serem a nova geração de intelectuais brasileiros que poderá, mais tarde, escrever inclusive para a Revista *Anauê!*.

No exemplar de abril de 1937, a *Seção Currupira de Anauê!* traz um conto infantil sobre uma integralista de apenas 03 anos de idade que, mesmo após a proibição do uso de uniformes e distintivos integralistas, continuaria caminhando pelas ruas e fazendo a saudação Anauê, sem medo de ser presa. Na história a menina estaria caminhando a passeio juntamente de um familiar, brincando e fazendo a saudação Anauê pelas ruas de sua cidade quando sua acompanhante percebe o seu gesto e diz: “Minha filha, não faça assim que o delegado lhe prende!”⁸⁸² Mas a menina, erguendo mais uma vez seu braço afirmou: “E’ pá sê pása mesmo que eu tou fazendo!”⁸⁸³

Nota-se, assim, que o conto exalta a coragem e a força da pliniana que mesmo estando inserida em um clima de apreensão política juntamente do integralismo, não perdera a sua paixão pelo ideal integralista. Instrumentaliza-se o jovem, neste sentido, de forma semelhante as notícias anteriormente aqui analisadas, visando apresentar a força e a energia juvenis como exemplos a serem seguidos pelo restante da pátria, especialmente pelo público jovem ainda não inscrito no partido. Operando neste mesmo sentido os demais exemplares que trazem a *Seção Currupira*, apresentam contos, poemas, fotografias e notícias que ao passo que objetivam atrair novos eleitores ao movimento, agem essencialmente em um sentido de formação pliniana a partir dos princípios integralistas de Deus, Pátria e Família.

Por fim, destaca-se que no ano de 1937, conforme já foi mencionado, a Revista *Brasil Feminino* tornou-se oficialmente integralista aliando-se ao restante da imprensa integralista na obra de arregimentação da juventude. Em seu primeiro exemplar, em meio de 1937, a revista divulga o seu plano de ação afirmando ter como objetivo *propugnar pela educação moral e intelectual da mocidade feminina do Brasil*. Como seu próprio nome já diz o periódico

⁸⁸¹ ANAUÊ!. Rio de Janeiro: Ação Integralista Brasileira, ano 03, n. 13, mar. 1937.

⁸⁸² *Id.* N. 14, abr. 1937.

⁸⁸³ *Id.* N. 14, abr. 1937.

destina o seu discurso mais especificamente ao público feminino, trazendo em seu conjunto de colunas sobre moda até a publicação de notícias comprovando a atividade das blusas-verdes pelos núcleos integralistas do Brasil. A revista, destaca-se, traz já neste primeiro exemplar sinais de sua preocupação em arregimentar e doutrinar as categorias juvenis.

Trazendo em seu conteúdo a seção infantil *Suplemento Pliniano*, o periódico não só demonstra a doutrinação integralista para com a mocidade como também apresenta a notável diferenciação de gênero da concepção integralista. O *Suplemento Pliniano* apresenta em sua primeira página o texto *Para a Infância e Juventude do meu Brasil*, em que afirma os objetivos da seção infantil.

Estas páginas vos pertencem, creanças do Brasil!
Não pertencem, porém, só as creanças que já fazem parte da Legião Integralista, como futuros “camisas-verdes” da Pátria, mas a todas as creanças que, por esse Brasil imenso tenham, um dia, nas mãos inocentes, esta revista, em que palpita e vibra a grande alma feminina da nossa terra.⁸⁸⁴

Além disso, o texto anuncia o lançamento de dois concursos organizados pela Secretaria Nacional de Arregimentação Feminina e da Juventude, um voltado para meninos e outro para meninas.

No “concurso de aviação”, voltado não só para os jovens inscritos da juventude integralista – especificamente aqueles pertencentes as categorias de Pioneiros e Vanguardeiros – como também para os demais jovens brasileiros, seria realizado um sorteio no qual seriam distribuídos

cem valiosos modelos de aviões ultra-modernos para armar, desde os simples planadores aos acionados por molas e mesmo por miniaturas de motores, tudo de construção semelhante aos verdadeiros aparelhos de caça, de observação, de bombardeio, e de passageiros.⁸⁸⁵

Objetivava-se escolher, assim, o mais belo e mais bem construído avião dentre os nomes sorteados a participarem do concurso. De acordo com o movimento, a finalidade do concurso era a de incutir nos jovens brasileiros o gosto pelos assuntos referentes a aviação, pois esperava-se que os homens se tornassem pilotos, engenheiros, construtores e líderes de maneira geral.

⁸⁸⁴ BRASIL FEMININO. Rio de Janeiro: Ação Integralista Brasileira, n. 35, p. 59, maio 1937.

⁸⁸⁵ *Ibid.*

Figura 11 – Concurso de aviação – plinianos

CONCURSO DE AVIAÇÃO

Para Filianas, em particular Plinianas e Infancia e Juventude do Brasil e da Infância e Juventude Brasileira em geral.

ORGANIZAÇÃO

"BRASIL FEMININO", incluindo o presente "Concurso de Aviação", teve, em sua organização, entre as Plinianas em particular, (Filianas e Varigamétricas da A. I. B.) e da Infância e Juventude Brasileira em geral, o gosto pelas coisas aviações, que ministrando-lhes as mais variadas informações sobre a matéria da aviação, que proporcionando-lhes prêmios valiosos e facilitando-lhes a aquisição do material mais moderno ao gênero e destinando-lhe ao a construção de modelos de aeronaves com a utilização das que já existem sido idealizadas.

"BRASIL FEMININO" distribuirá pelo Natal do corrente ano, com calhaus auxílios de artigos aeronáuticos para construção de modelos práticos, que poderão ser montados por quaisquer de nossos, tudo de construção sobe-lhe aos verdadeiros aparelhos em casa, de observação, de bombardeio ou de passageiros.

Como complemento ao "Concurso de Aviação" e para construção perfeita da organização do mesmo, tornou-se necessário a criação de uma entidade denominada "Clube de Aviação", cujas atividades relessem dos dirigentes centrais e dos dos membros os entusiastas independentes ao Curso Prático cujas lições seriam ministradas pelos membros do Staffamento das Plinianas do "BRASIL FEMININO".

Assim, tendo sido já criado o "Clube de Aviação Santa Damascena", cuja Realização, está publicada na página em BRASIL FEMININO.

Neste Regulamento serão adotadas todas as regras relativas à vida social do clube, e que constituirão uma surpresa formidável para os nossos leitores.

Será feita pela primeira vez no mundo uma tentativa cuja finalidade seria de causar imutabilidade à educação moderna da infância e juventude do Brasil.

Tudo o infantil ou juvenil que se possa constituir a Socio-Permanente do "Clube de Aviação Santa Damascena", deverá desde já ir colacionando os "coupons" que serão publicados em "BRASIL FEMININO", para:

O "Concurso de Aviação" se regerá pelo seguinte REGULAMENTO:

1) Seis copias dos postulados em "BRASIL FEMININO" são distribuídas a um cartão numerado que constituirá ao cartão que será realizado pela primeira extração da Loteria Federal de Descontos do corrente ano.

2) Os seis copias deverão ser remetidas à redação de "BRASIL FEMININO", Seção do "Concurso de Aviação", acompanhadas de 2000 em notas de Correio ou em selos postais a ordem de Extrato das da Mesa Diretora-Geral do "Comitê de Publicidade, Tapes Limitada", Editora do "BRASIL FEMININO".

Tudo é imprescindível que, para isso, a 4ª edição que o direito ao cartão numerado, com o nome e endereço exato do participante e a indicação se está filiado à Ação Integralista Brasileira e qual o Clube em que é Pliniano. Se o contrário, não se aceita a filiação à A. I. B., e é lógico que esta exigência não poderá ser cumprida.

Pela falta do Correio poderá o participante e pagador cartão numerado e com o qual deverá aguardar o resultado do Sorteio, sempre com o "coupon" do "Concurso de Aviação".

Verjam em outro local o Regulamento do "Clube de Aviação Santa Damascena", sempre atualizado.

Um avião com motor, dos semelhantes ao que BRASIL FEMININO irá distribuir ao Concurso, em prelo de voo.

Verificando a estabilidade do avião com motor, antes do início do voo. Tipos idênticos serão distribuídos por BRASIL FEMININO por ocasião do concurso.

CONCURSO DE AVIAÇÃO DO SUPPLEMENTO DOS PLINIANOS E DA INFANCIA E JUVENTUDE DO BRASIL.

COUPON N. 1

CONCURSO DE AVIAÇÃO DO SUPPLEMENTO DOS PLINIANOS E DA INFANCIA E JUVENTUDE DO BRASIL.

COUPON N. 1

Fonte: *Brasil Feminino*.⁸⁸⁶

Já as meninas participariam do "Concurso da Boneca e do Berço", no qual seriam sorteadas "cinquenta bonecas e berços de perfeição impecável". Venceria o concurso a menina que apresentasse a mais bela boneca no berço, ganhando ela o direito de associar-se ao Clube de Trabalhos Domésticos, onde poderiam aprender, gratuitamente, todos os trabalhos necessários para tornarem-se as mais perfeitas donas de casa futuramente. O concurso visava, através do culto ao cuidado pela boneca, inculcar nas meninas o mais nobre instinto materno, tendo em vista que, na concepção integralista, a maternidade seria não "apenas uma função física porque é, principalmente, uma função moral. Eis porque tôdas as relações da mulher com a sociedade devem revestir-se de um sentido maternal".⁸⁸⁷

⁸⁸⁶ BRASIL FEMININO. Rio de Janeiro: Ação Integralista Brasileira, n. 35, p. 59, maio 1937.

⁸⁸⁷ DIAS, Carmen Pinheiro. A mulher e o integralismo. In: SALGADO, Plínio et al. *Enciclopédia do integralismo*. Rio de Janeiro: Clássica Brasileira, 1959. p. 81-93. v. IX: O integralismo e a educação. p. 92.

Figura 12 – Concurso da boneca e do berço – plinianas

Sendo assim, como não existam concursos de bonecas e berços, descrevendo nela o seguinte modo:

Seis coupons dão direito a um cartão numerado, cujo sorteio será efetuado pela 1ª extração de Dezembro da Loteria Federal.

Os coupons deverão ser remetidos acompanhados de réis 2500 em selos ou vale postal, dirigidos ao Sr. Everardo Dias da Metta, Diretor-Gerente da "Organização Publicitaria Tupan Limitada", editora de "BRASIL FEMININO", constando o nome, idade e endereço exato da concorrente; com a referência especial se faz parte ou não da Arregimentação Feminina e Plinianas da A. I. B. e, no caso afirmativo, a qual Nucleo pertence.

Serão sorteadas cinquenta bonecas de perfeição impecável com 50 berços.

Todos os pedidos de informação sobre este Concurso deverão ser dirigidos à Secção "Concursos" de BRASIL FEMININO.

CLUB DE TRABALHOS DOMESTICOS

Este Club, cujo Regulamento publicaremos no proximo numero, destina-se a facultar às concorrentes do "Concurso da Boneca e do Berço", as sedes na capital e filiais por todo o Brasil e onde possam aprender gratuitamente todos os trabalhos necessarios para tornarem-se perfeitas donas de casa.

Adiantamos, entretanto, que só poderão ser socias do "Club de Trabalhos Domesticos" as concorrentes ao "Concurso da Boneca e do Berço", com sede na capital e filiais por todo o Brasil e nesta pagina o primeiro.

No proximo numero, além do Regulamento do "Club de Trabalhos Domesticos", publicaremos clichés das bonecas e berços a serem sorteados.

guinte maneira:

Concurso da Boneca e do Berço



COUPON
N. 1

Brasil Feminino n.º 35

Pagina 57

Fonte: *Brasil Feminino*.⁸⁸⁸

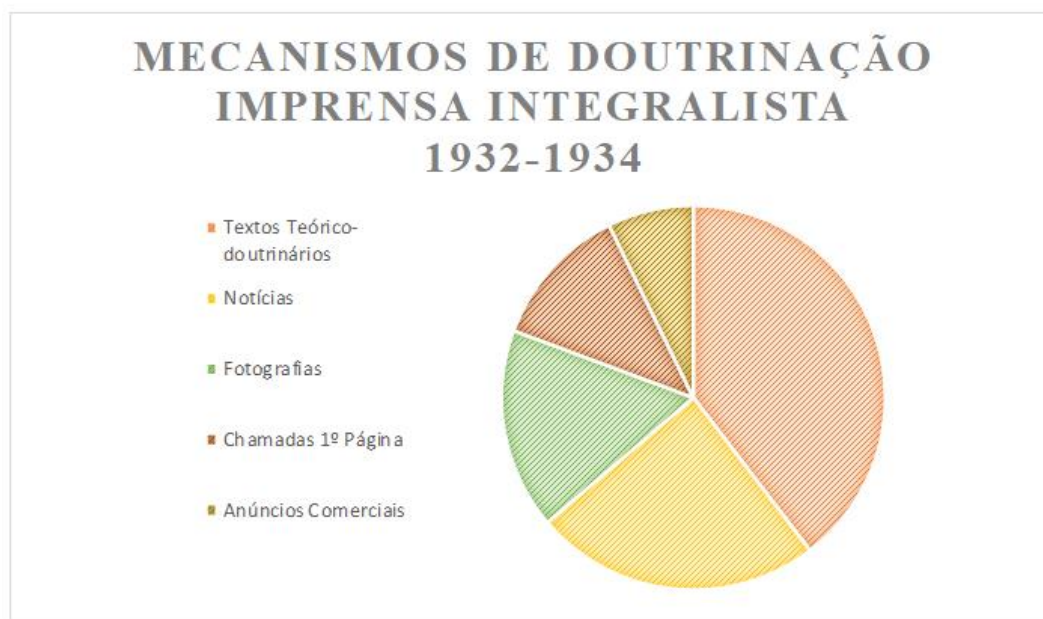
Nota-se, assim, que já no momento da escolha dos temas, os papéis esperados do feminino e do masculino dentro do espectro integralista ficavam muito claros. Ao passo que esperava-se que os homens assumissem posições de líderes na sociedade, sobrava às mulheres os papéis domésticos, do cuidado com a casa e da geração e criação da prole. De acordo com Salgado, sendo a mulher e o homem biologicamente e psicologicamente diferentes, reclamar para os dois sexos os mesmos direitos, deveres e funções sociais não seria adequado.

Os demais exemplares de *Brasil Feminino* não apresentam um conteúdo de grande relevância em relação ao jovem, trazendo apenas notícias de escolas e lactários integralistas e colunas de Medicina Infantil destinada a orientar a mulher sobre os cuidados de saúde e de higiene que estas deveriam ter para com a sua prole.

Em conclusão, trazemos abaixo dois gráficos que demonstram de forma mais explicativa as diferenças das formas de doutrinação operacionalizadas pela imprensa integralista em sua primeira fase, de 1932 a 1934, período em que o diálogo para com a categoria jovem se deu especialmente por meio dos periódicos *Monitor Integralista* e *A Offensiva*; e em seu segundo ciclo de vida, de 1935 a 1937, fase em que ganham destaque em relação ao discurso sobre a juventude os periódicos *A Offensiva*, *Anauê!* e *Brasil Feminino*.

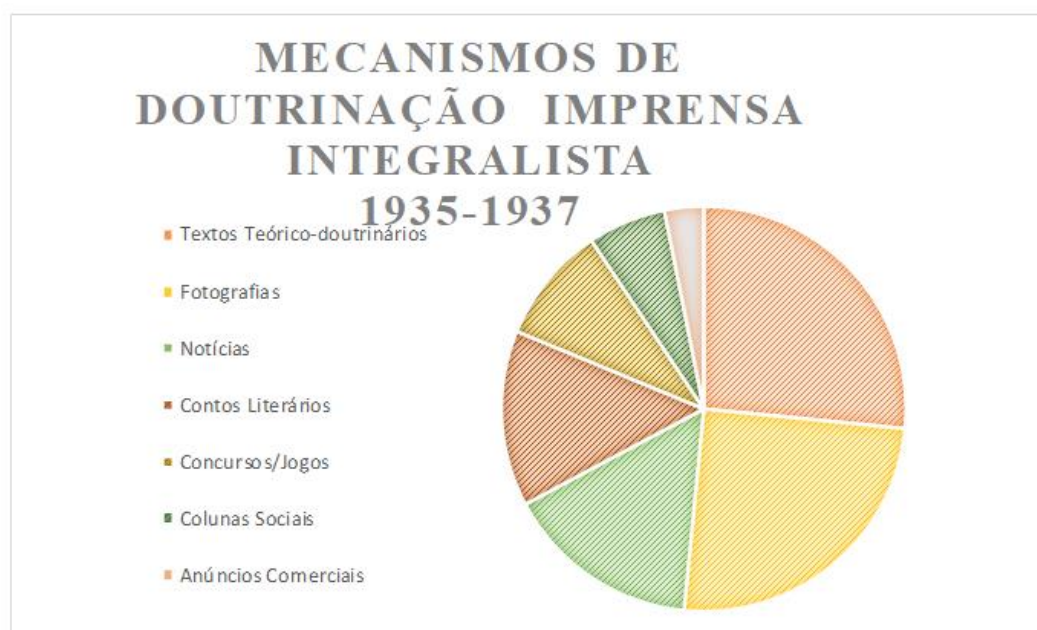
⁸⁸⁸ BRASIL FEMININO. Rio de Janeiro: Ação Integralista Brasileira, n. 35, p. 57, maio 1937.

Gráfico 1 – Os principais mecanismos de doutrinação da juventude na imprensa integralista entre os anos de 1932 e 1934



Fonte: A autora (2018).

Gráfico 2 – Os principais mecanismos de doutrinação da juventude na imprensa integralista entre os anos de 1935 e 1937



Fonte: A autora (2018).

A partir da análise de alguns dos principais exemplares de *Monitor Integralista*, *A Offensiva*, *Anauê!* e *Brasil Feminino*, em relação ao conteúdo da temática juvenil, tornou-se possível apresentar os principais mecanismos de doutrinação integralistas voltados a

juventude ou operando através dela. Dentre estes, obtiveram destaque o uso de textos teóricos, de fotografias e de contos infantis que, a um só tempo, agiam no sentido de doutrinar a juventude já inscrita no partido; construir a imagem de uma aprovação em massa do integralismo por parte das categorias juvenis, visando assim arregimentar novos jovens ao movimento; e, por fim, se utilizar da figura do jovem como instrumento de doutrinação e propaganda.

Destaca-se, que a imprensa integralista, de 1935 a 1937, apresentou a temática da juventude de forma mais expressiva neste segundo período, em que existia uma maior preocupação do partido em arquitetar um discurso representativo de jovens, mulheres, crianças e operários de modo a arregimentar um maior número de eleitores para o partido.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo-se compreendido o processo de institucionalização das categorias juvenis enquanto um dos mecanismos mais característicos da lógica fascista, cristalizada a partir do estabelecimento de um novo contexto inaugurado pela Primeira Grande Guerra, trazendo à tona a emergência de uma intelectualidade significativamente mobilizada em torno da ideia de cerceamento das parcelas juvenis enquanto técnica de controle social, chegamos ao final desta análise com a compreensão de que a prática de arregimentação da juventude a serviço do Estado-Nação constituiu-se como um dos principais fundamentos da modernidade. Como consequência da legitimação desta nova ideia de juventude, a educação adquiriu um papel protagonista nos círculos políticos e intelectuais das primeiras décadas do século XX.

A Ação Integralista Brasileira (AIB), movimento político cujas fileiras eram compostas por parcelas intelectuais da sociedade brasileira, solidificou em sua doutrina um conjunto de concepções de caráter autoritário e conservador que emergiam no contexto das décadas de 1920 e 1930. Visando a realização de uma obra de educação das massas brasileiras, tidas pelo integralismo como ingênuas, imaturas e desprovidas de todo e qualquer tipo de consciência política, o movimento empenhou-se na tentativa de fascistizar as parcelas juvenis da sociedade a seu favor.

Elegendo a “educação integral” como único caminho possível para a salvação nacional, a AIB operacionalizou, ao longo de seu período de existência legal, uma série de conjuntos e práticas em torno da temática da juventude objetivando ora a arregimentação do público jovem para o movimento ora a instrumentalização do mesmo como imagem-símbolo a reger toda a sua lógica propagandística.

Conforme destacamos ao longo do trabalho, de acordo com a noção integralista de jovem, a realização de uma obra sistemática de preparação destas parcelas dentro dos preceitos defendidos pelo movimento estabeleceria as bases para a instauração de uma Nova Era no Brasil, uma Era de homens e de mulheres integrais conscientes de seu papel para com o Estado e, conseqüentemente, para com a pátria. Para tanto, seria necessária realização de um trabalho paciente de doutrinação operacionalizada fundamentalmente através da imprensa, principal arma política do integralismo.

A partir de tais pressupostos, tornou-se possível a realização de uma análise qualitativa do discurso de alguns dos principais veículos da propaganda integralista – os periódicos *Monitor Integralista*, *A Offensiva*, *Anauê!* e *Brasil Feminino*, que apresentaram em seus conteúdos uma porcentagem significativa de espaço destinado a abordagem da temática

juvenil. Trazendo a representação do jovem por meio de textos teóricos, notícias, fotografias, colunas sociais, anúncios comerciais, seções específicas, concursos, jogos lúdicos e contos literários destinados ao público infanto-juvenil a imprensa integralista denuncia não só a expressividade da juventude no contexto da doutrina integralista como também o papel fundamental tido pelo jovem para a própria funcionalidade da proposta salvacionista defendida pelo integralismo.

Em suma, as concepções de inimigo nacional, herói nacional, educação integral, perigo eminente e revolução integralista, ideias base que compunham o discurso do partido, adquiriam sentido justamente a partir do conceito de juventude arquitetado pela AIB, considerando-se que, para o movimento, o jovem era a vítima a ser protegida da ameaça de colapso ao mesmo tempo em que era a única força redentora que garantiria o futuro da pátria.

Inspirando-se nas noções concebidas pelo fascismo e pelo escotismo, a categoria juventude era definida pela AIB tendo como base um critério etário previamente definido. Este determinava que os jovens integralistas, também chamados de *plinianos*, eram todos aqueles com idade entre 04 e 15 anos (ou entre 05 e 18 – até 1936). As ações destinadas aos jovens eram divididas em subcategorias também selecionadas por um critério etário, a fim de organizar as atividades e os deveres de cada grupo. Sendo regida, a partir de 1936, pela *Secretaria Nacional de Arregimentação Feminina e da Juventude (SNAFJ)*, cujo objetivo era educar a juventude brasileira promovendo o seu aperfeiçoamento moral, físico, intelectual e espiritual, a juventude integralista constituía-se enquanto uma das fileiras de maior expressão dentro da militância do partido.

Enquanto a doutrinação prática das parcelas juvenis era arquitetada pela SNAFJ, através da realização de passeios, acampamentos, reuniões, festas e rituais integralistas, a doutrinação prática, tendo como base a ideia de educação integral para o homem integral, ficava a cargo das escolas integralistas, do estudo da cartilha do pliniano e, fundamentalmente, dos jornais e revistas oficialmente ligados ao movimento.

Dentro da rede de periódicos integralistas, foi possível observar que diferentes mecanismos em prol da arregimentação da juventude eram utilizados por jornais e revistas. Enquanto os jornais *Monitor Integralista* e *A Offensiva*, especialmente na primeira fase integralista, de 1932 a 1934, se utilizavam especialmente de textos teóricos, de notícias e de fotografias para retratar a juventude, as revistas integralistas, fundadas já na fase de transição do movimento para partido político, de 1935 a 1937, operacionalizaram um conjunto mais amplo e diversificado de estratégias doutrinárias que iam desde ao uso de textos e de

fotografias até a extensa utilização de notícias, colunas sociais, anúncios comerciais, contos literários e jogos recreativos.

Destaca-se que esta diferenciação dialoga com os objetivos traçados pelo movimento durante os seus dois ciclos de vida: o primeiro deles visava divulgar da doutrina integralista atualizando a própria militância do movimento acerca dos aspectos mais teóricos estruturados pelo movimento, enquanto o segundo, marcando por objetivos explicitamente eleitorais, objetivava a arregimentação de um público mais amplo de eleitores para o partido, dentre eles, mulheres, operários e jovens.

Interessado na realização de uma campanha eleitoral em prol da candidatura de Plínio Salgado a presidência da república nas eleições que ocorreriam em 1938 e reagindo a uma necessidade latente em se adaptar politicamente ao novo contexto de instabilidade que instaurava-se no Brasil, especialmente por consequência da promulgação da Lei de Segurança Nacional, o movimento integralista elabora uma nova estratégia discursiva a partir de 1935 levando a sua imprensa a adotar uma postura mais informal e agregadora, dando continuidade doutrinária já iniciada, porém, de uma forma mais velada a partir de então. Dessa forma, seria possível não só a elaboração de jornais e revistas mais atrativas ao público em geral, aumentando a legitimação de Salgado como candidato a presidência, como também objetivava-se demonstrar ao poder vigente que o integralismo não seria um partido extremista e subversivo mas sim um movimento cultural.

A partir da análise da imprensa integralista divulgada entre 1935 até 1937, ano em que, após a instituição do Estado Novo de Getúlio Vargas foi decretada a ilegalidade dos partidos políticos, fazendo com que a AIB fosse reformulada em Associação Brasileira de Cultura (ABC), verificou-se que uma das estratégias centrais do partido com vistas a tornar o seu discurso mais atrativo fora a instrumentalização da cultura a serviço da doutrinação integralista. Tal conclusão pode ser percebida pelo fato de que nesta segunda fase a imprensa integralista deixa de ter um conteúdo majoritariamente textual e teórico para, a partir de então, contar com colunas e seções específicas sobre cinema, teatro e literatura que, longe de abandonar suas pretensões doutrinárias, operavam no sentido de difundir os ideais integralistas sob o disfarce da temática cultural. Neste sentido, torna-se notável o esforço do partido em tornar o discurso integralista representativo das mais divergentes camadas sociais.

Tem-se enquanto hipótese, considerando-se o sucesso integralista nas eleições municipais de 1936, que o novo modelo discursivo adotado pelo movimento engordou as fileiras do partido não só com parcelas intelectuais e masculinas, mas também com mulheres, jovens e crianças. Todavia, especificamente em relação a militância juvenil, destaca-se que

por conta da escassez de fontes documentais que demonstrem numericamente a quantidade real de jovens inscritos no integralismo, não foi possível chegarmos a conclusões efetivas neste sentido. Tendo em vista que a presente pesquisa configurava-se enquanto um trabalho inédito, certamente permanecem na historiografia algumas lacunas a serem preenchidas futuramente por pesquisadores interessados em investigar mais sobre o tema.

Por fim, concluímos este trabalho destacando que o movimento integralista se constitui enquanto pioneiro na mobilização tão expressiva das parcelas juvenis, inspirando inclusive outras agremiações partidárias do período a conceberem a figura do jovem como instrumento útil a nação. A partir das inovações propostas pelo integralismo, a política brasileira, nos anos que se seguem, foi fortemente marcada não só pela tentativa de institucionalizar as parcelas juvenis como também pelo uso da imprensa como arma de legitimação de discursos.

REFERÊNCIAS

FONTES DOCUMENTAIS

CARTILHA do pliniano. Rio Claro: Edição do núcleo municipal de Rio Claro, 1934.

CÓDIGO de Ética Jornalística. Rio de Janeiro: Secretaria Nacional de Propaganda, 1936.

SALGADO, Plínio. Estatutos da Ação Integralista Brasileira: 1º Congresso Integralista Brasileiro. In: SALGADO, Plínio. **O integralismo perante a nação**. 2. ed. Rio de Janeiro: Livraria Clássica Brasileira, 1950.

MANIFESTO de outubro de 1932. Rio de Janeiro: Secretaria Nacional de Propaganda, 1932.

MANIFESTO-Programma: de janeiro de 1936 – concretização da doutrina do Manifesto de Outubro de 1932. Rio de Janeiro: Secretaria Nacional de Propaganda, 1936.

PROTOCOLLOS e Rituaes: regulamento. Niterói: Edição do núcleo municipal de Niterói, 1937.

HENRIQUES, Irene de Freitas. **Regulamento da Secretaria Nacional de Arregimentação Feminina e da Juventude**. Rio de Janeiro: Secretaria Nacional de Arregimentação Feminina e da Juventude, 1936.

_____. **Regulamento do Departamento da Juventude Integralista**. Rio de Janeiro: Secretaria Nacional de Arregimentação Feminina e da Juventude, 1936.

FONTES PERIÓDICAS

A OFFENSIVA. Rio de Janeiro: Ação Integralista Brasileira, 1934-1937.

ANAUÊ!. Rio de Janeiro: Ação Integralista Brasileira, 1935-1937.

BRASIL FEMININO. Rio de Janeiro: Ação Integralista Brasileira, 1937.

MONITOR INTEGRALISTA. Rio de Janeiro: Ação Integralista Brasileira, 1933-1937.

OBRAS INTEGRALISTAS

AIRES, L. O sentido da formação pliniana. In: SALGADO, Plínio *et al.* **Enciclopédia do integralismo**. Rio de Janeiro: Clássica Brasileira, 1959. p. 73-77. v. IX: O integralismo e a educação.

BACKEUSER, Everardo. Integralismo da educação. In: SALGADO, Plínio *et al.* **Enciclopédia do integralismo**. Rio de Janeiro: Clássica Brasileira, 1959. p. 17-26. v. IX: O integralismo e a educação.

CÂMARA, Helder. Pedagogia integralista. In: SALGADO, Plínio *et al.* **Enciclopédia do integralismo**. Rio de Janeiro: Clássica Brasileira, 1959. p. 29-37. v. IX: O integralismo e a educação.

CORBISIER, M. C. A. Integralismo e educação feminina. In: SALGADO, Plínio *et al.* **Enciclopédia do integralismo**. Rio de Janeiro: Clássica Brasileira, 1959. p. 63-69. v. IX: O integralismo e a educação.

DELAMARE, Alcebíades. **Aos moços universitários**. Sessão solene do dia 6 de maio de 1937.

DIAS, Carmen Pinheiro. A mulher e o integralismo. In: SALGADO, Plínio *et al.* **Enciclopédia do integralismo**. Rio de Janeiro: Clássica Brasileira, 1959. p. 81-93. v. IX: O integralismo e a educação.

FURTADO, Antônio. **A significação da mulher brasileira no integralismo**. Fortaleza: Oficina Gráfica do Atelier Royal, 1933.

PENNA, Belisário. A mulher e a família, o lar e a escola. In: SALGADO, Plínio *et al.* **Enciclopédia do integralismo**. Rio de Janeiro: Clássica Brasileira, 1959. p. 41-59. v. IX: O integralismo e a educação.

SALGADO, Plínio. Panorama do Mundo Ocidental. In: SALGADO, Plínio *et al.* **Enciclopédia do integralismo**. Rio de Janeiro: Clássica Brasileira, 1959. p. 97-107. v. IX: O integralismo e a educação.

_____. Educação. In: SALGADO, Plínio *et al.* **Enciclopédia do integralismo**. Rio de Janeiro: Clássica Brasileira 1959. p. 119-127. v. IX: O integralismo e a educação.

_____. As causas da irresponsabilidade. In: SALGADO, Plínio *et al.* **Enciclopédia do integralismo**. Rio de Janeiro: Clássica Brasileira, 1959. p. 129-134. v. IX: O integralismo e a educação.

_____. **Enciclopédia do integralismo**. Rio de Janeiro: Clássica Brasileira, 1958. v. 1: O integralismo na vida brasileira.

_____. **Palavra nova dos tempos novos**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1936.

_____. **Psicologia da revolução**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1935.

_____. **Despertemos a nação**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1935.

_____. **A doutrina do sigma**. São Paulo: Verde Amarelo, 1935.

_____. **O sofrimento universal**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1934.

_____. **Cartas aos camisas-verdes**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1934.

_____. **A quarta humanidade**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1934.

_____. **O que é o integralismo**. Rio de Janeiro: Schmidt, 1933.

_____. **Como eu vi a Itália**. São Paulo: Sociedade Editora Latina, 1932.

_____. *et al.* **Enciclopédia do integralismo**. Rio de Janeiro: Clássica Brasileira, 1959. v. IX: O integralismo e a educação.

BIBLIOGRAFIA

ACTON, Lord. **Nacionalidade. Um mapa da questão nacional**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.

ANDERSON, Benedict; BOTTMAN, Denise. **Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ATHAIDES, Rafael. O fascismo genérico e o integralismo: uma análise da Ação Integralista Brasileira à luz de recentes teorias do fascismo. **Diálogos**, v. 18, n. 3, p. 1305-1333, 2014. doi: 10.4025/dialogos.v18i3.929.

BACZKO, Bronislaw. A imaginação social. In: LEACH, Edmund *et al.* **Anthropos-homem**. Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 1985. p. 296-332.

BARBOSA, Jefferson Rodrigues. A imprensa integralista e o jornal *Ação*: vínculos ideológicos entre a extrema direita no início do século XX. In: GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte (Orgs.). **Entre tipos e recortes: histórias da imprensa integralista**. Guaíba: Sob Medida, 2011. p. 133-164.

BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa: Brasil, 1900-2000**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2009.

BARTOLETTI, Susan Campbell. **Juventude hitlerista: a história dos meninos e meninas nazistas**. Rio de Janeiro: Relume Sumará, 2006.

BAUER, Otto. A nação. In: BALAKRISHNAN, G. (Org.). **Um mapa da questão nacional**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000. p. 227-238.

BAUMER, Franklin. **O pensamento europeu moderno**. Lisboa: Edições 70, 1990. v. 2: séculos XIX e XX.

BERSTEIN, Serge. A cultura política. In: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François. (Dir.). **Para uma história cultural**. Lisboa: Estampa, 1998. p. 349-363.

BERTONHA, João Fábio. A política cultural da Itália fascista no Brasil: o *soft power* de uma potência média em terras brasileiras (1922-1940). In: SEMINÁRIO MODERNIDADE LATINA: OS ITALIANOS E OS CENTROS DO MODERNISMO, 2014, São Paulo. **Anais...** MAC/USP, 2014.

_____. **Bibliografia orientativa sobre o integralismo: 1932-2007**. Jaboticabal: Funep, 2010.

_____. Divulgando o Duce e o fascismo em terra brasileira: a propaganda italiana no Brasil, 1922-1943. **Revista de História Regional**, v. 5, n. 2, 2007. Disponível em: <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rhr/article/view/2105/1586>. Acesso em: 10 dez. 2017.

_____. Entre a bombacha e a camisa negra: notas sobre a ação do fascismo italiano e do integralismo no Rio Grande do Sul. **Estudos Ibero-Americanos**, v. 24, n. 2, p. 247-268, 1998. doi: <http://dx.doi.org/10.15448/1980-864X.1998.2.27264>.

_____. O Brasil, os imigrantes italianos e a política externa fascista, 1922-1943. **Revista Brasileira de Política Internacional**, v. 40, n. 2, p. 106-130, 1997. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-73291997000200005>.

_____. A máquina simbólica do integralismo: propaganda e controle político no Brasil dos anos 30. **História e Perspectivas**, Uberlândia, n. 7, p. 87-110, jul./dez. 1992.

BICALHO, Maria Fernanda Baptista; GOUVÊA, Maria de Fátima Silva (Orgs.). **Culturas políticas: ensaios de história cultura, história política e ensino de história**. Rio de Janeiro: Mauad, 2005.

BONAZZI, Tiziano. Conservadorismo. In: BOBBIO, N.; MATTEUCCI, N.; PASQUINO, G. **Dicionário de política**. Brasília: Editora da UnB, 1992. p. 242-246.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

_____. **A distinção: crítica social do julgamento**. 2. ed. Porto Alegre: Zouk, 2011.

_____. A “juventude” é apenas uma palavra In: BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. p. 112-121.

BULHÕES, Tatiana da Silva. **Integralismo em foco: imagens e propaganda política**. Rio de Janeiro: Imprensa oficial do Estado do Rio de Janeiro, 2012.

_____. Ampliando o alcance da propaganda integralista: fotografias e textos na imprensa carioca (*Fon-fon!*, *Diário de Notícias* e *A Noite Ilustrada*). In: GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte (Orgs.). **Entre tipos e recortes: histórias da imprensa integralista**. Guaíba: Sob Medida, 2011. p. 305-325.

_____. Fotografias, gênero e autoritarismo: representações do feminino pela Ação Integralista Brasileira. In: SILVA, Giselda Brito. **Estudos do integralismo no Brasil**. Recife: Editora da Universidade Federal Rural de Pernambuco, 2007. p. 219-235.

CALHOUN, Craig. **Nacionalismo**. Espanha: Libros del Zorzal, 2007.

CAPELATO, Maria Helena R. Propaganda política e controle dos meios de comunicação. In: PANDOLFI, Dulce Chaves (Org.). **Repensando o Estado Novo**. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getulio Vargas, 1999. p. 167-178. Disponível em: http://cpdoc.fgv.br/producao_intelectual/arq/142.pdf. Acesso em: 12 dez. 2017.

_____. **Multidões em cena: propaganda política no varguismo e no peronismo**. Campinas: Papirus; FAPESP, 1998.

CAPELATO, Maria Helena R.; DUTRA, E. R. F. Representação política. O reconhecimento de um conceito na historiografia brasileira. In: CARDOSO, C. F.; MALERBA, J. (Orgs.). **Representações: contribuição a um debate transdisciplinar**. Campinas: Papirus, 2000. p. 227-267.

CATROGA, Fernando. Pátria, nação, nacionalismo. In: PIMENTA, Fernando Tavares; TORRALBA, Luís Reis; SOUSA, Julião Soares (Coords.). **Comunidades imaginadas. Nação e nacionalismo em África**. Coimbra: Editora da Universidade de Coimbra, 2008. p. 9-39.

CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. **Integralismo**: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937). Bauru: EDUSP, 1999.

CAVALCANTE, Maria Juraci Maia. O mito da rebeldia da juventude – uma abordagem sociológica. **Revista Educação em Debate**, v. 13, n. 1, p. 11-23, jan./jun. 1987. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/14043>. Acesso em: 12 dez. 2017.

CHAMPAGNE, Patrick. **Formar a opinião**: o novo jogo política. Porto Alegre: Vozes, 1998.

CHARTIER, Roger. **À beira da falésia**: a história entre certezas e inquietude. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2002.

_____. Diferenças entre os sexos e dominação simbólica. **Cadernos Pagu**, n. 4, p. 37-47, 1995. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1761/1816>. Acesso em: 12 dez. 2017.

_____. **A história cultural. Entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990.

CHASIN, José. **O integralismo de Plínio Salgado – forma de regressividade no capitalismo hipertardio**. São Paulo: Ciências Humanas, 1978.

CHAUÍ, Marilena. Apontamentos para uma crítica da Ação Integralista Brasileira. In: CHAUÍ, Marilena. **Ideologia e mobilização popular**. São Paulo: Paz e Terra, 1978. p. 17-149.

CHRISTOFOLETTI, Rodrigo. **A enciclopédia do integralismo**: lugar de memória e apropriação do passado (1957-1961). 2010. 254 f. Tese (Doutorado em História) – Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/10162>. Acesso em: 10 dez. 2017.

_____. Breves comentários sobre a historiografia do integralismo no pós-guerra e o cinquentenário da publicação da Enciclopédia do Integralismo. In: SILVA, Giselda Brito; GONÇALVES, Leandro Pereira; PARADA, Mauricio B. Alvarez (Orgs.). **Histórias da política autoritária: integralismos, nacional-sindicalismos, nazismo, fascismos**. Recife: Editora da UFRPE, 2010.

COELHO, Ligia Martha Coimbra da Costa. Educação integral e integralismo nos anos 30: a vez (e a voz) dos periódicos. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, XIII, 2005, Londrina. **Anais...** Londrina, 2005.

CROSSLEY, Nick. The phenomenological habitus and its construction. **Theory and society**, v. 30, n. 1, p. 81-120, 2001.

DAMASCENO, Joana. **Museus para o povo português**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2010. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/8941.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2017.

- DIETRICH, Ana Maria. Narrativas orais da juventude hitlerista e neonazista no Brasil: breve análise comparativa In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA (ANPUH), XXVI, São Paulo, 2011. **Anais...**, São Paulo, 2011.
- DOTTA, Renato Alencar. Acção: a lenta agonia de um jornal integralista (1937-1938) In: GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte (Orgs.). **Entre tipos e recortes: histórias da imprensa integralista**. Guaíba: Sob Medida, 2011. p. 165-181.
- DUBY, Georges; PERROT, Michelle (Orgs.). **História das mulheres no Ocidente**. Porto: Edições Afrontamento, 1998. v. 5.
- DUTRA, Eliana Regina de Freitas. **O ardil totalitário: imaginário político no Brasil dos anos 30**. Belo Horizonte; Rio de Janeiro: UFMG; UFRJ, 1997.
- ENDRICA, Geraldo. **Entre a raça e a nação: a família como alvo dos projetos eugenista e integralista de Nação brasileira nas décadas de 1920 e 1930**. 2001. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.
- FELICE, Renzo. **Explicar o fascismo**. Lisboa: Edições 70, 1976.
- FERREIRA, Vitor Sérgio. O “jovem radical” contemporâneo: novos sentidos de um qualificativo juvenil. **Crítica e Sociedade: Revista de Cultura Política**, v. 1, n. 2, jan./jun. 2011, p. 107-127.
- FIORUCCI, Rodolfo. **A trajetória da revista Anauê! (1935-1937): o jornalismo partidário e ilustrado da Ação Integralista Brasileira – a “netinha” que não cresceu**. Goiânia: UFG, 2014.
- _____. As capas da revista *Anauê!* (1935-37): ideologia, doutrina e política através das imagens. In: GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte (Orgs.). **Entre tipos e recortes: histórias da imprensa integralista**. Guaíba: Sob Medida, 2012. v. 2. p. 21-42.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2014.
- FREIRE, Silene de Moraes. Pensamento autoritário e modernidade no Brasil. **Revista da Faculdade de Serviço Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro**, v. 6, n. 23, jul. 2009. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistaempauta/article/viewFile/455/563>. Acesso em: 10 dez. 2017.
- GERTZ, René. Pesquisas sobre o integralismo na década de 70. In: SILVA, Giselda Brito. **Estudos do Integralismo no Brasil**. Recife: Editora da Universidade Federal Rural de Pernambuco, 2007. p. 13-26.
- _____. **O perigo alemão**. Porto Alegre: EDUFRGS, 1991.
- GIRARDET, Raoul. **Mitos e mitologias políticas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- GONÇALVES, Leandro Pereira. **Plínio Salgado: um católico integralista entre Portugal e o Brasil (1895-1975)**. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2017.

_____. **Entre Brasil e Portugal:** trajetória e pensamento de Plínio Salgado e a influência do conservadorismo português. 2012. 668 f. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte (Orgs.). **Entre tipos e recortes:** histórias da imprensa integralista. Guaíba: Sob Medida, 2011. v: 2.

GONÇALVES, Leandro Pereira; TANAGINO, Pedro Ivo Dias. Páginas de Plínio Salgado: Estado, história e revolução na propaganda integralista de 1932 a 1937. In: GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte (Orgs.). **Entre tipos e recortes:** histórias da imprensa integralista. Guaíba: Sob Medida, 2011. p. 183-205. v: 2.

GONÇALVES, Leandro Pereira; VIEIRA, Samuel Mendes. Plínio, com que roupa eu vou!?: as roupas como elemento unificador da Ação Integralista Brasileira. **CES Revista**, v. 24, p. 175-187, 2010.

GONÇALVES, Leandro Pereira. A trajetória dos papéis da direita do Rio Grande do Sul: de associação cívico-cultural minuíano a acervo AIB/PRP (DELFO/PUCRS) In: NASCIMENTO, José Antonio Moraes do (Org.). Centros de Documentação e Arquivos: acervos, experiências e formação. São Leopoldo: Oikos, 2016.

GRIFFIN, Roger. **Modernismo y fascismo:** la sensación de comienzo bajo Mussolini y Hitler. Madrid: Ediciones Akal, 2010.

_____. The primacy of culture: the current growth (or manufacture) of consensus within fascist studies. **Journal of Contemporary History**, v. 37, n. 1, p. 21-43, 2002.

GRIFFIN, Roger; FELDMANN, Mathew (Orgs.). **Fascism:** Critical Concepts in Political Science. Londres: Routledge, 2004. v: 1.

GROPPO, Luís Antonio. **Juventude:** ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000.

HALL, Stuart *et al.* **Policing the crisis – Mugging, the State, and Law, and Order.** New York: Holmes & Meier Publishers Inc., 1978.

HEROLD JR., Carlos; VAZ, Alexandre Fernandez. Educação corporal, escotismo e militarismo (1908-1941). **Movimento – Revista de Educação Física da UFRGS**, Porto Alegre, v. 21, n. 4, p. 1011-1023, out./dez. de 2015. doi: <http://dx.doi.org/10.22456/1982-8918.53323>.

HORTA, José Silvério Baia. A educação na Itália fascista (1922-1945). **Revista Brasileira de História da Educação**, v. 9, n. 1 [19], p. 47-89, 2012. Disponível em: <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/38558/20089>. Acesso em: 10 dez. 2017.

_____. A mobilização da juventude na Itália (1922-1945), em Portugal (1936-1974) e no Brasil (1937-1945). In: ARAÚJO, Marta Maria de (Org.). **História(s) comparada(s) da Educação.** Brasília; Natal: Liber Livros; UFRN, 2009. p. 53-98.

JANCSÓ, István. **Brasil:** formação do Estado e da Nação. São Paulo: Hucitec, 2003. v. 50.

KOHN, Hans. **A era do nacionalismo**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1963.

KOSELLECK, Reinhart. Sobre a teoria e o método da determinação do tempo histórico. In: KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006. p. 97-188.

LEVI, Giovanni; SCHMITT, Jean-Claude. **História dos jovens 2 – a época contemporânea**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

LIEBEL, Vinícius. Uma educação (in)sensível – a questão judaica na sala de aula durante o terceiro Reich. In: PARADA, Maurício; GONÇALVES, Leandro Pereira (Orgs.). **Políticas educacionais e regimes autoritários: intelectuais, projetos e instituições**. Rio de Janeiro; Porto Alegre: Autografia; EDUPE; EDIPUCRS, 2017. p. 52-73.

LOPES, Daniel Henrique. **As experiências femininas na AIB, 1932-1938. Revendo o passado, gênero e representações**. 2007. 177 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Estadual Paulista, Marília, 2007.

LORIGA, Sabina. A experiência militar. In: LEVI, Giovanni; SCHMITT, Jean-Claude. **História dos jovens 2 – a época contemporânea**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 17-47.

MALVANO, Laura. O mito da juventude transmitido pela imagem: o fascismo italiano. In: LEVI, Giovanni; SCHMITT, Jean-Claude. **História dos jovens 2 – a época contemporânea**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 259-290.

MANCILHA, Virgínia Maria Netto. **Vozes femininas: um estudo sobre a Revista Feminina e a luta pelo direito ao voto ao trabalho e à instrução**. 2012. 152 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

_____. Nas páginas da imprensa feminina: uma análise da revista *Brasil Feminino* e da participação feminina no movimento do Sigma (1932-1937). In: GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte (Orgs.). **Entre tipos e recortes: histórias da imprensa integralista**. Guaíba: Sob Medida, 2011.

_____. Nas páginas da *Revista Feminina*: a imprensa como espaço de visibilidade e atuação feminina (1920-1930). In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – ANPUH 50 ANOS, XXVI, São Paulo, 2011. **Anais...** São Paulo, 2011.

_____. Nos caminhos da emancipação: as mulheres nas páginas da *Revista Feminina* e nas campanhas pelo trabalho, voto e instrução (1920-1930). In: SEMINÁRIO NACIONAL, XIV; SEMINÁRIO INTERNACIONAL MULHER E LITERATURA PALAVRA E PODER: REPRESENTAÇÕES LITERÁRIAS, V, Brasília, 2011. **Anais...** Brasília, 2011.

_____. Mulheres na imprensa: a *Revista Feminina* e a luta pelo direito ao voto, trabalho e instrução (1920-1930). In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA CULTURAL, BRASÍLIA 50 ANOS. LER E VER: PAISAGENS SUBJETIVAS E PAISAGENS SOCIAIS, V, Brasília, 2010. **Anais...** Brasília, 2010.

_____. *Brasil Feminino*: uma visão social sobre a participação feminina no movimento integralista. In: ENCONTRO DE PESQUISA DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA, I, 2008, Campinas. **Anais...** Campinas, 2008.

_____. **Brasil Feminino**: uma visão social sobre a participação feminina no movimento integralista. 2007. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

MANNHEIM, Karl. Funções das gerações novas. In: PEREIRA, Luiz; FORACCHI, Marialice M. (Orgs.). **Educação e sociedade. Leituras de sociologia da educação**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1978.

_____. O problema da juventude na sociedade moderna. In: MANNHEIM, Karl. **Diagnóstico de nosso tempo**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967.

MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de (Orgs.). **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008.

MARTINS, Luciano. A gênese da intelligentsia – os intelectuais e a política no Brasil 1920-1940. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 4, n. 2, jun. 1987.

MARTINS, Wilson. **História da inteligência brasileira**. São Paulo: SDP; Edusp; Cultrix, 1978. 6v.

MATOS, Izilda Maria. Estudos de gênero: percursos e possibilidades na historiografia contemporânea. **Caderno Pagu**, Campinas, v. 6, n. 11, p. 67-75, 1998. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8634463>. Acesso em: 10 dez. 2017.

MATZA, David. As tradições ocultas da juventude. In: BRITO, S. (Org.). **Sociologia da juventude**. Rio de Janeiro: Zahar, 1986. p. 81-106.

MONTEIRO, Marco Antônio Corrêa. Poder social da imprensa: relações com a democracia, com o processo político e com o poder econômico. **Revista Jus Navigandi**, Teresina, ano 17, n. 3.414, nov. 2012

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. Desafios e possibilidades na apropriação de cultura política pela historiografia. In: MOTTA, Rodrigo Patto Sá (Org.). **Culturas políticas na história: novos estudos**. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2009. p. 13-37.

_____. **Em guarda contra o perigo vermelho**: o anticomunismo no Brasil (1917-1964). São Paulo: Perspectiva; FAPESP, 2002.

_____. O mito da conspiração judaico-comunista. **Revista de História**, n. 138, p. 93-105, 1998. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/viewFile/18845/20908>. Acesso em: 10 dez. 2017.

NASCIMENTO, Adailson de Oliveira. Movimento escoteiro e cultura política nacionalista no Brasil na primeira metade do século XX. In: MOTTA, Rodrigo Patto Sá (Org.). **Culturas políticas na história: novos estudos**. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2009. p. 39-58.

_____. **Sempre Alerta! O movimento escoteiro no Brasil e os projetos nacionalistas de educação juvenil, 1910-1945**. 2004. 149 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.

NAZZARI, Rosana Katia. Capital social e socialização política dos jovens no Brasil. **Educação Unisinos**, v. 9, n. 2, p. 145-154, maio/ago. 2005. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/educacao/article/view/6312>. Acesso em: 10 dez. 2017.

OLIVEIRA, Rodrigo Santos de. A imprensa da Ação Integralista Brasileira em perspectiva. In: GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte (Orgs.). **Entre tipos e recortes: histórias da imprensa integralista**. Guaíba: Sob Medida, 2011. p. 19-46.

_____. **O inimigo mortal do sigma: o anticomunismo da Ação Integralista Brasileira (1932-197)**. Rio Grande: Pluscom, 2010.

_____. **Imprensa integralista, imprensa militante (1932-1937)**. 2009. 388 f. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

ORTIZ, Renato José P. **A moderna tradição brasileira. Cultura brasileira e Indústria Cultural**. 3. ed. São Paulo, Brasiliense, 1991.

PASSERINI, Luisa. A juventude: metáfora da mudança social. Dois debates sobre os jovens: a Itália fascista e os Estados Unidos da década de 1950. In: LEVI, Giovani; SCHMITT, Jean-Claude (Orgs.). **História dos jovens 2: da época contemporânea**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 320-382.

PAXTON, Robert. **A anatomia do fascismo**. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

PAYNE, Stanley G. **A History of Fascism – 1914-1945**. Madison: The University of Wisconsin Press, 1995.

_____. **Historia del fascismo**. Barcelona: Editorail Planeta, 1995.

PÉCAUT, Daniel. **Intelectuais e a política no Brasil. Entre o povo e a nação**. São Paulo: Ática, 1990.

PEREIRA, Luiz; FORACCHI, Marialice M. (Orgs.). **Educação e sociedade. Leituras de sociologia da educação**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1978.

PITKIN, Hanna F. O conceito de representação. In: CARDOSO, Fernando; MARTINS, Carlos. **Política e sociedade**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1972. v. 2.

POCOCK, J. G. A; MICELI, Sergio (Org.). **Linguagens do ideário político**. Tradução de Fábio Fernandez. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

POSSAS, Lídia Maria Vianna. As cartas femininas: relações de gênero na escrita das blusas verdes. In: ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA, XVII, 2004, Campinas. **Anais...** Campinas, 2004.

_____. Estudo da correspondência: a invenção e representação na escrita autorreferencial: a militância integralista (1932-1938). **Revista do Arquivo de Rio Claro**, n. 2, p. 89-111, 2004.

_____. Integralismo e a mulher. In: DOTTA, Renato Alencar; POSSAS, Lídia Maria Vianna; CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro (Orgs.). **Integralismo: novos estudos e reinterpretções**. Rio Claro: Arquivo Público e Histórico de Rio Claro, 2004. p. 108-122.

_____. Vozes femininas na correspondência de Plínio Salgado (1932-38). In: GOMES, Ângela de Castro. **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2004. p. 257-277.

REZENDE, Claudia Barcellos. Identidade: o que é ser jovem? **Revista Tempo e Presença**, n. 240, ano 11, 1989.

ROSA, Cristina Souza da. Pequenos soldados do fascismo: a educação militar durante o governo de Mussolini. **Antíteses**, v. 2, n. 4, p. 621-648, jul.-dez. 2009. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses/article/viewFile/2704/3929>. Acesso em: 15 dez. 2017.

ROSANVALLON, Pierre. Por uma história conceitual do político. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 15, n. 30, 1995.

SACCOMANI, Edda. Fascismo. In: BOBBIO, N.; MATTEUCCI, N.; PASQUINO, G. **Dicionário de política**. Brasília: Editora da UnB, 1992. p. 466-475.

SANTANA, Márcio Santos de. A categoria juventude na pesquisa histórica: notas metodológicas. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – ANPUH, XXVI, São Paulo, 2011. **Anais...** São Paulo, 2011.

SARTORI, Giovanni. **Homo videns**: televisão e pós-pensamento. Lisboa: Terramar, 2000.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, jul./dez. 1995.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. Os fascismos. In: FILHO, Daniel Aarão Reis; FERREIRA, Jorge; ZENHA, Celeste (Orgs.). **O século XX – O tempo das crises. Revoluções, fascismos e guerras**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. p. 109-164.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da; MEDEIROS, Sabrina Evangelista; VIANNA, Alexander Martins (Orgs.). **Dicionário crítico do pensamento da direita**. Rio de Janeiro: FAPERG/MAUAD, 2000.

SIMÕES, Renata Duarte. A educação do corpo feminino na Ação Integralista Brasileira. In: CAMPOS, Maria Teresa de Arruda; DOTTA, Renato Alencar (Orgs.). **Dos papéis de Plínio Salgado**: contribuições do Arquivo de Rio Claro para a Historiografia Brasileira. Rio Claro: Oca Editora, 2013. v. 1. p. 93-111.

SIMÕES, Renata Duarte. A enfermagem e a mulher na Ação Integralista Brasileira – “Pelo bem do Brasil!” In: GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte (Orgs.). **Entre tipos e recortes**: histórias da imprensa integralista. Guaíba: Sob Medida, 2011. p. 103-135.

_____. Imprensa oficial integralista: usos e ciclo de vida do jornal *A Offensiva*. In: GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte (Orgs.). **Entre tipos e recortes**: histórias da imprensa integralista. Guaíba: Sob Medida, 2011. p. 47-82.

_____. **A educação do corpo no jornal A Offensiva (1932-1938)**. 2009. 205 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

_____. **Integralismo e ação católica**: sistematizando as propostas políticas e educacionais de Plínio Salgado, Jackson de Figueiredo e Alceu Amoroso Lima no período de 1921 a 1945. 2005. 161 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.

SIMÕES, Renata Duarte; GOELLNER, Silvana Vilodre. Educação Física e esportes na Ação Integralista Brasileira: Hollanda Loyola e a educação do corpo. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 26, p. 263-272, 2012.

SIMÕES, Renata Duarte; SOUZA, J. E. Simbologia e ritualização na Ação Integralista Brasileira. In: SOUZA, Josefa Eliana; JUNIOR, Hamilcar Silveira Dantas (Orgs.). **Instituições e práticas educativas no Brasil**: teoria e História. Sergipe: Editora UFS, 2012. v. 1. p. 169-214.

SMITH, Anthony. **A identidade nacional**. Lisboa: Gradiva, 1997.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

SOUZA, Rosa Fátima de. A militarização da infância: expressões do nacionalismo na cultura brasileira. **Cadernos Cedes**, ano XX, n. 52, p. 104-121, nov. 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v20n52/a08v2052.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2017.

STEIN, Cristiane Antunes. **Por Deus e pelo Brasil**: a juventude brasileira em Curitiba (1938-1945). 2008. 172 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2008.

TAVARES, José Antônio Giusit. **A estrutura do autoritarismo brasileiro**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

THOMÉ, Nilson. Movimento escoteiro: projeto educativo extraescolar. **Revista HISTEDBR**, Campinas, n. 23, p. 171-194, set. 2006. Disponível em: http://www.escoteiros.org.br/wp-content/uploads/2016/02/movimento_escoteiro_projeto_educativo_extra_escolar-1.pdf. Acesso em: 15 dez. 2017.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo. Porque as notícias são como são**. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2005.

TRENTO, Ângelo. Relações entre fascismo e integralismo: o ponto de vista do Ministério dos Negócios Estrangeiros Italiano. **Ciência e Cultura**, v. 34, n. 12, p. 1601-1613, 1982.

TRINDADE, Helgio. **A tentação fascista no Brasil**: imaginário de dirigentes e militantes. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016.

_____. **Integralismo**: o fascismo brasileiro da década de 30. São Paulo: Difel, 1974.

VASCONCELLOS, Gilberto Felisberto. Trinta anos depois: ideologia Curupira. **Locus: Revista de História**, Juiz de Fora, v. 30, n. 1, p. 11-15, 2010. Disponível em: <https://locus.ufjf.emnuvens.com.br/locus/article/view/988/840>. Acesso em: 15 dez. 2017.

_____. **Ideologia curupira**: análise do discurso integralista. São Paulo: Brasiliense, 1979.

VIANA, Giovanni Noceti. “Educar quer dizer: educar brincando!” – aspectos da prática educacional na juventude integralista de Joinville 1934/1937. In: GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte (Orgs.). **Entre tipos e recortes: histórias da imprensa integralista**. Guaíba: Sob Medida, 2011. 2v. p. 323-340.

_____. “Um cadinho de caracteres”: aproximações sobre a juventude integralista. In: VICTOR, Rogério Lustosa (Org.). **À direita da direita: estudos sobre o extremismo político no Brasil**. Goiânia: Editora da PUC Goiás, 2011. p. 65-81.

_____. **Orientar e disciplinar a liberdade: um estudo sobre a educação nas milícias juvenis integralistas – 1934/1937**. 2008. 134 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

_____. **Os soldadinhos da Pátria: organização e ideologia dos Departamentos de juventude integralistas do nordeste catarinense, 1934-1937**. 2004. Trabalho de Conclusão de curso (Graduação em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

VIANA, Luís. **A mocidade portuguesa e o liceu: lá vamos contando... (1936-1974)**. Lisboa: Educa, 2001.

VICTOR, Rogério Lustosa. **O integralismo nas águas do Lete: História, memória e esquecimento**. Goiânia: UCG, 2005.

VIEIRA, Joaquim. **Mocidade portuguesa**. Lisboa: A Esfera dos Livros, 2008.

VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo. **Em busca do sigma: estudo sobre o pensamento político de Plínio Salgado às vésperas da fundação da AIB**. 1978. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1978.



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Pró-Reitoria de Graduação
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 1 - 3º. andar
Porto Alegre - RS - Brasil
Fone: (51) 3320-3500 - Fax: (51) 3339-1564
E-mail: prograd@pucrs.br
Site: www.pucrs.br